

Dom Bosco:
profundamente homem
profundamente santo

Pietro Brocardo, salesiano, nos dá uma visão de Dom Bosco deliciosa e intensa, plenamente atraente. O texto transcorre com o estilo imediato da conversação familiar.

De Dom Bosco surgiu, a juízo do padre Brocardo, uma verdadeira “escola de espiritualidade”: uma espiritualidade da ação, informada pela plenitude da caridade pastoral.

Quem, como nós, se inspira na figura de Dom Bosco, quem pretende seguir seus passos, encontrará nesta obra uma leitura agradabilíssima e fácil, além de um indubitável estímulo à imitação, justamente dos traços característicos da sua espiritualidade. Por isso se recomenda a leitura meditativa para salesianos e leigos.

Pe. Francesco Cereda
Na Apresentação



Dom Bosco: profundamente homem, profundamente santo

Pietro Brocardo
Dom Bosco
profundamente
profundamente
santo



Dom Bosco: profundamente homem, profundamente santo

Pietro Brocardo

**Dom Bosco:
profundamente homem,
profundamente santo**

2005 © Pietro Brocardo

Título original: *Don Bosco: profundamente uomo, profundamente santo*

Tradução: Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva

Direção geral: Ailton A. dos Santos

Direção administrativa: Essetino Andrezza

Coordenação editorial: Dimas A. Künsch

Assistentes: J. Augusto Nascimento

João Luis Fedel Gonçalves

Bianca Fincati

Revisão: Cristina Kapor

Projeto gráfico e capa: Gledson Zifssak

Secretaria editorial: Márcia de Moraes

Impressão e acabamento: Escolas Profissionais Salesianas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brocardo, Pietro

Dom Bosco : profundamente homem, profundamente santo / Pietro Brocardo; tradução Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. – 2. ed. revista e ampliada – São Paulo : Editora Salesiana, 2005.

Título original: Don Bosco : profundamente uomo, profundamente santo.

Bibliografia.

1. João Bosco, Santo, 1815-1888 2. Santos cristãos – Biografia I. Título.

04-7660

CDD-282.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Santos : Igreja Católica : Biografia 282.092

1ª Edição: 1986

2ª Edição: 2005

Todos os direitos reservados:

EDITORA SALESIANA

Rua Dom Bosco, 441 – Mooca

03105-020 São Paulo - SP

Fone: (11) 3277-3211 – Fax: (11) 3209-4084

vendaslivros@editorasalesiana.com.br

www.editorasalesiana.com.br

Sumário

Apresentação da quarta edição italiana5

Apresentação da segunda edição brasileira7

Introdução11

Primeira parte

Traços de uma vida22

I Esforço para se fazer santo25

II Guinada espiritual33

III Profundamente homem43

IV Profundamente santo58

V Taumaturgo que não amedronta68

VI Um santo fundador77

VII Santo astuto86

VIII Santo da alegria95

IX Santo com algumas sombras107

X Lágrimas de um santo116

XI Como Dom Bosco morre122

Segunda parte

Nos caminhos de Deus134

I A mística do *Da mihi animas*137

II Trabalho colossal149

III Trabalho a dois160

IV Forte mensagem de castidade172

V Ascese da temperança e da mortificação186

VI Vida intensa de fé, esperança e caridade	198
VII Com Deus na oração.....	209
VIII Com Deus na ação.....	225
IX Dons superiores	236

Terceira parte

Nossas mãos o tocaram	244
I Battistin	249
II Giovanni Roda	259
III Doutor Albertotti e o seu filho.....	265
IV O professor Annibale Pastore	269
V Dom Luigi Cassani.....	273
VI Padre Eugenio Ceria.....	288
VII Francesco Piccolo	296
VIII Padre Giovanni Vallino.....	304
IX Ludovico Costa	306
Conclusão	309

Apresentação da quarta edição italiana

O livro *Dom Bosco: profundamente homem, profundamente santo*, publicado pela LAS, de Roma, em 1985 [primeira edição brasileira: Editora Salesiana, 1986], encontrou nesses anos boa acolhida e um inesperado sucesso de público, como demonstram as traduções em várias línguas.

Na apresentação da primeira edição se afirmava que, ao evidenciar alguns dos traços mais característicos da santidade de Dom Bosco, se delineava também, como em filigrana, os elementos essenciais da santidade cristã que a tornam atual, numa adesão fiel ao chamado de Deus, conforme as variadas situações em que cada pessoa se encontra.

A segunda edição, de 1986, sofreu pequenos retoques. Esgotada em pouco tempo, se preparou uma terceira, publicada três anos depois, em 1989. Esta quarta edição, além da riqueza dos conteúdos das edições anteriores, ganha uma fisionomia atualizada pelos melhoramentos e pelas novas páginas, nas quais não faltam testemunhos vivos e inéditos.

É preciso acrescentar ainda uma outra motivação: a celebração do segundo milênio do nascimento de Cristo e o excepcional Ano Jubilar, dois acontecimentos de máximo alcance espiritual e histórico. Trata-se de celebrações carregadas de fé, de salvação e de alegria, para as quais o Sumo Pontífice João Paulo II chama a atenção nos discursos e nas corajosas iniciativas que envolvem a santidade salesiana em todas as suas formas.

Entre essas iniciativas cabe recordar o Dia do Perdão, celebrado em 12 de março de 2000, na Basílica de São Pedro, em Roma, e que pode ser considerado uma verdadeira “revolução copernicana”.

“O perdão feito em voz alta, em rede mundial de tevê, do altar de Bernini, em um clima de espiritualidade tão vasto, a ponto de reconduzir a liturgia dentro de trilhos solenes”, comoveu o mundo, nas palavras de Igor Mann.

Essa purificação da memória, que não encontra precedentes nos dois mil anos de história da Igreja, tem também o mérito, pela lei dos contrários, de colocar em evidência a “glorificação” da memória cristã, na qual brilham figuras extraordinárias de mártires, santos e bem-aventurados.

Vistos dessa forma, os caminhos de santidade trilhados por Dom Bosco numa perspectiva de futuro podem ser considerados sementes que certamente irão fecundar o terceiro milênio.

Como a de outros santos, a santidade de Dom Bosco é um mistério insondável, na qual transparece um fascínio, único e irrepetível, que não cessa de apaixonar o homem moderno.

Gostaria de concluir com a afirmação de Walter Nigg, hagiógrafo de fama internacional, respeitoso da santidade, que, citando Michele Baumgarten, notava como, “nesta noite de autodissolução do Ocidente, a cristandade dos santos significará luz que ilumina cada um no seu caminho e desperta uma inextinguível sede de santidade nova”. Nigg afirma ainda:

Existem épocas nas quais discursos e escritos não são suficientes. Em tempos assim, as ações e os sofrimentos dos santos devem criar um novo alfabeto, para desvelar novamente o segredo da verdade. Vivemos esse tempo.

Desejamos que a leitura deste pequeno ensaio sobre Dom Bosco torne atraente e familiar o seu alfabeto.*

Pietro Brocardo

*Agradeço sinceramente a todas as pessoas que me deram uma ajuda indispensável na revisão deste livro. Em particular, agradeço a Massimo Bianco, Luigi Fiora e Giuseppe Roggia.

Apresentação da segunda edição brasileira

Dom Bosco: profundamente homem, profundamente

santo tem como finalidade aproximar o leitor de Dom Bosco e sua espiritualidade. Escrito pelo padre Pietro Brocardo, salesiano, apresenta-se agora na sua quarta edição italiana, segunda brasileira, atualizada e ampliada.

O livro é um interessante e original *documento de espiritualidade salesiana*. Pela sua rica história pessoal, o autor, recentemente falecido, pertence à geração que conheceu os salesianos formados por Dom Bosco e os seus primeiros colaboradores. Cheio do espírito do fundador, era jovial e austero ao mesmo tempo, inteiramente apaixonado por Deus e pelos jovens, imerso naquela aura carismática e entusiasta, geradora de heróico e fecundo empenho apostólico, que caracterizou a fase da primeira e surpreendente expansão da obra salesiana.

O padre Brocardo nos dá uma visão de Dom Bosco deliciosa e intensa, plenamente atraente. Evitando a retórica pietista e os artifícios jornalísticos, valoriza com inteligência os dados historiográficos. Preocupa-se em sondar a rica fisionomia humana e a profunda personalidade espiritual do santo, colhendo todos os sinais úteis, os que emergem de suas obras e os aqui recolhidos pelas testemunhas. A leitura é envolvente. Capítulo após capítulo, somos introduzidos num mundo vital, constituído pelos quadros mentais de Dom Bosco, pela sua humanidade e pela sua tensão espiritual, mas

também impregnado da vida espiritual e da experiência salesiana do próprio autor, tão intensamente enamorado do seu e nosso fundador.

O texto transcorre com o estilo imediato da conversação familiar. O leitor atento descobre referências a muitos estudos, debates, tentativas de compreensão de Dom Bosco e de atualização do seu carisma, que têm caracterizado a Família Salesiana a partir dos anos pós-conciliares. O autor o faz com a delicadeza e a doçura de quem participou, amou, sofreu e atingiu uma síntese tranqüila de grande intensidade. A falta de referências bibliográficas e de notas não compromete a qualidade do trabalho que, nas várias edições, documenta o prolongar-se nos anos de uma entusiasta e incansável reflexão interior e de um grande conhecimento de fontes e estudos.

O autor encontra-se por certo entre os que mais aprofundaram o perfil espiritual de Dom Bosco. Em 1977 tinha dedicado um ensaio sobre “Dom Bosco, profeta de santidade para a nova cultura”, que apareceu no volume *Spiritualità dell'azione: contributo per un approfondimento*. No nosso querido pai tinha ele especificado a “graça de unidade”, uma síntese vital de trabalho e oração, de ação apostólica e vida espiritual.

Por insistência de muitos irmãos salesianos, o padre Brocardo escreve, em 1980, um livro de lembranças e de confidências inéditas sobre Dom Bosco. Depois, em 1985, com a primeira edição do volume *Dom Bosco: profundamente homem, profundamente santo*, tenta um novo estudo do nosso pai “sob o perfil da santidade e da humanidade”. Resultou uma figura que, heróica e canonizada, pode ser proposta a todo cristão. De Dom Bosco surgiu, a juízo do padre Brocardo, não somente

uma “corrente espiritual”, mas uma verdadeira “escola de espiritualidade”: uma espiritualidade apostólica pela precisão, vale dizer, uma espiritualidade da ação, informada pela plenitude da caridade pastoral.

Na edição atual, o livro está subdividido em três partes. A primeira, “Traços de uma vida”, mostra a variedade de aspectos e matizes da profunda humanidade e da autêntica santidade de Dom Bosco; depois do capítulo inicial sobre o “Esforço para se fazer santo”, o autor traça os lineamentos da sua figura espiritual. A segunda parte, “Nos caminhos de Deus”, apresenta novos núcleos ou aspectos característicos da espiritualidade do santo. A terceira, “Nossas mãos o tocaram”, traz as impressões de algumas testemunhas diretas, que nos restituem, na diversidade de suas visões e lembranças, o fascínio e a paternidade de Dom Bosco.

Daí emerge um mosaico acabado do santo turinense, que embora apresentado em muitas facetas, é reconhecível na sua síntese de santidade e humanidade, de místico e de trabalhador, de personagem rico de virtudes teologais, mas por certo não privado das humanas. Quem, como nós, se inspira na figura de Dom Bosco, quem pretende seguir seus passos, encontrará nesta obra uma leitura agradabilíssima e fácil, além de um indubitável estímulo à imitação, justamente dos traços característicos da sua espiritualidade. Por isso se recomenda a leitura meditativa para salesianos e leigos.

Dom Bosco é verdadeiramente uma obra-prima do Espírito Santo, um fruto da graça de Deus, um presente de Maria à Igreja e ao mundo de nossos tempos. No clima jubilar da “purificação da memória” cristã, nas intenções do padre Brocardo a apresentação das várias expressões da santidade resulta uma “glorificação da memória”.

Enquanto agradecemos a Deus pela santidade de Dom Bosco, ele mesmo, na simplicidade da sua vida, aponta a todos um verdadeiro caminho de santificação.

Pe. Francesco Cereda

Conselheiro geral para a Formação
dos Salesianos de Dom Bosco

Roma, 8 de dezembro de 2004.

Solenidade da Imaculada Conceição de Maria

Fascínio dos santos

Para quem deseja abordar o tema da santidade cristã, se faz necessária a referência aos santos, a sua mais viva encarnação. Referência seja àqueles inúmeros santos não canonizados que marcaram a vida e a fé do povo de Deus, seja àqueles que a Igreja registra no álbum dos santos pela heróica resposta que deram à iniciativa de Deus.

É fato incontestável que “há alguns anos a hagiografia voltou à moda”, não apenas na obra de autores secundários, mas também entre os pesquisadores universitários. A. Vauchez explica que o retorno desse interesse pelos santos “é ainda mais interessante por não ter nada a ver com fenômenos devocionais”:

(...) Não é sob esse aspecto, mas antes no nível de um fascínio exercitado de modo geral por grandes homens – os heróis e os santos – que é preciso procurar as motivações do crescente interesse suscitado pelos textos hagiográficos: mais ou menos confusamente os pesquisadores científicos, como o grande público, percebem que esses documentos ainda não disseram a última palavra e veiculam uma mensagem que, na sua essência, ainda não foi decifrada.

Essa citação, que poderá ser partilhada total ou parcialmente, torna ainda mais atual uma reconsideração da vida de Dom Bosco¹ sob o perfil específico da santidade.

¹ João Bosco nasce em 1815, no vilarejo dos Becchi, região do Piemonte, na Itália. Perde o pai, Francisco, com apenas 2 anos. Recebe toda a educação da mãe, Margarida Occhiena, que cuida também dos outros dois filhos: Antônio, do primeiro casamento de Francisco, e José.

Entretanto, é necessário reconhecer que nesta época de mudanças de dimensões planetárias, caracterizada por uma nova visão do homem, do mundo e da história – e, nos países opulentos, por uma difusa indiferença religiosa –, o discurso sobre a santidade, ainda que de um santo simpático e cativante como o “santo dos jovens”, não é fácil. Hoje, a palavra “santidade”, como escreveu o padre Egidio Viganò,² “pode ser mal compreendida por uma mentalidade defasada, bastante comum e fruto de um contexto que opõe uma espécie de barreira cultural aos conteúdos genuínos do seu significado”. Ele continua:

Poderia ser identificada com um espiritualismo de fuga do concreto, com um ascetismo para heróis excepcionais, com um sentimento de êxtase do real que subestima a vida ativa, com uma consciência antiquada acerca dos valores da atual virada antropológica. É de se lamentar tal caricatura.

Entretanto, todas as vezes que nos confrontamos com um santo autêntico, essa representação confusa, distorcida e caricatural se dissolve no nada. “Os santos têm seu próprio reino, seu próprio esplendor, suas próprias vitórias e majestade”, escreveu Pascal (1623-1662).

O mistério dos santos é tão fascinante que se impõe frequentemente até aos incrédulos.

Muito se escreveu e muito se disse sobre a santidade. Deixando de lado as discussões acadêmicas, diremos, simplesmente, que a santidade, dom de Deus e empenho do homem, é a “vida transfigurada em Cristo” (Rm 8,29) – o “somente santo”, o “santo de Deus” (Mc 1,24) – por meio do dinamismo das virtudes teologais e dos dons do Espírito Santo.³ Santidade é a vida de Deus-Trindade em nós e a nossa vida nele. Todos os batizados são “santos”; não, porém, no mesmo grau e nível.

² O padre Egidio Viganò (1920-1995) foi o sétimo sucessor de Dom Bosco. [n.e.]

³ São três as virtudes teologais: fé, esperança e caridade. E sete, os dons do Espírito Santo: temor de Deus, piedade, fortaleza, conselho, ciência, inteligência e sabedoria. [n.e.]

Quando dizemos que Dom Bosco é “santo”, entendemos afirmar que ele, se destacando da fileira dos cristãos comuns, viveu a vida batismal com maior determinação e intensidade. Ele alcançou a meta que a Constituição dogmática *Lumen Gentium* propõe para todos os fiéis: a “plenitude de vida cristã”, “a caridade como vínculo de perfeição e plenitude da lei”, a “perfeita união com Cristo” (LG 40, 42 e 50).

Tal plenitude comporta um verdadeiro martírio, o heroísmo cristão do qual o Mártir divino é arquétipo. Depois dele e em comunhão com ele vêm os outros mártires que, com o derramamento do próprio sangue, deram o supremo testemunho de fé e caridade.

Todavia, conforme conceitos e critérios amplamente elaborados e atualizados nos processos de beatificação e canonização, há séculos é reconhecido como herói o fiel – pensemos em Dom Bosco – que tenha praticado, ao menos por um longo período antes da morte, as virtudes teologais e morais em grau máximo, isto é, em medida superior ao modo de agir dos cristãos comuns, em situações árduas e difíceis. Hoje se reconhece que a prática perfeita, fiel e perseverante dos deveres inerentes à própria condição de vida e ao próprio estado comporta um verdadeiro heroísmo e, por isso, é critério de santidade. “As coisas mais comuns podem se tornar extraordinárias quando são cumpridas com a perfeição da virtude cristã”, afirmou o papa Pio XI. Dom Bosco é santo porque a sua vida foi plenamente heróica.

Escola de santidade turinense

A santidade não é quantificável. Só Deus conhece a sua profundidade e o seu segredo. Há santos, porém, cujo destino parece ter sido permanecer na sombra, enquanto outros, pelos grandes serviços prestados à Igreja e à sociedade, se impuseram e se impõem à atenção dos fiéis como homens extraordinários. Entre estes se encontra Dom Bosco. O padre Giuseppe De Luca,

erudito e literato insigne, profundo conhecedor da religiosidade italiana, escreveu a seu respeito:

Na história da Itália do século XIX, João Bosco representa para a santidade não menos que Alexandre Manzoni para a literatura ou Camillo di Cavour para a política. Vale dizer: o máximo.

Pode-se discutir a comparação, mas será sempre verdade que Dom Bosco é uma das figuras mais representativas da “escola de santidade turinense”, como a chamou o papa Paulo VI. Em pouco mais de um século essa escola, que abarca todo o Piemonte, na Itália, viu florescer inúmeros santos, beatos, veneráveis e servos de Deus, como revelam pesquisas recentes. Trata-se de pessoas de origem piemontesa ou que ali trabalharam, juntas ou não, cujo anelo comum nos parece poder se exprimir nestas duas palavras: rezar e fazer. Uma escola em sentido amplo, que, segundo especialistas, foi marcada pelo sincretismo, fruto de um pragmatismo característico do temperamento piemontês; pelo equilíbrio prático feito de bom senso; pela prudência e apartidarismo político ou ideológico; pelo tradicionalismo que não exclui, de modo especial em Dom Bosco – o mais exposto de todos pela corajosa tomada de posição contra o anticlericalismo liberal dominante –, audácia criativa, grande espírito de iniciativa, capacidade de abrir construtivamente as fronteiras dos novos tempos às necessidades da Igreja. Os protagonistas dessa história são, na maioria, sacerdotes. Paulo VI, no discurso pronunciado durante a beatificação de Leonardo Murialdo,⁴ em 3 de novembro de 1963, lhe traçou um lúcido perfil:

A escola de santidade turinense do século XIX deu à Igreja um tipo de eclesástico santo, fidelíssimo à doutrina ortodoxa e ao costume

⁴ São Leonardo Murialdo nasce em Turim, Itália, em 1828. Ordenado sacerdote em 1850, dedica-se à educação da juventude pobre, sobretudo dos aprendizes e operários. Funda a Congregação de São José. Morre em 1900. O papa Paulo VI declara-o santo em 1970. Os outros, citados pelo papa, são o Venerável Pio Brunone Lanteri (1759-1830), São José Cottolengo (1786-1842), São José Cafasso (1811-1860) e o Beato José Allamano (1851-1928). [n.e.]

canônico. Homem de oração e de mortificação, aderiu perfeitamente ao esquema habitual de vida que se requeria de um sacerdote, que, entretanto, exatamente por causa dessa generosa e íntima adesão, sente na própria alma energias novas e potentes, percebendo ao seu redor necessidades graves e urgentes que exigem a sua intervenção. Não buscaremos nele novidade de pensamento, mas encontraremos novidade de obras. A ação o qualifica. Impulsionado pelo interior do seu espírito, chamado do exterior pelas novas vocações de caridade, esse sacerdote ideal se entrega aos problemas práticos do bem, iniciando assim, sem outros cálculos que não o do abandono à Providência, a aventura imprevisível, a novidade, a fundação de um novo instituto, modelado conforme o gênio da fidelidade original e conforme as indicações experimentais das necessidades humanas, que o amor torna evidentes e exigentes. Da mesma forma Cottolengo, Cafasso – já declarados santos –, Lanteri e Allamano, que lhe seguem os passos, mas especialmente Dom Bosco, cuja grande figura representativa conhecemos. E assim Murialdo.

O ar de família que se respira na escola turinense e as diversas semelhanças entre os servos de Deus, que induziram os estudiosos a falar de uma *koiné* – de afinidade comum e parentela espiritual –, não são, entretanto, indício de uniformidade. Cada santo tem o seu perfil, o seu estilo, a sua índole, exerce uma missão específica, é igual e diferente. Dom Bosco, por exemplo, não é Cafasso, quer pelas qualidades pessoais e históricas, quer por ser fundador. Esta última característica comporta uma configuração diferente de santidade e um carisma especial, isto é, um “novo dom” à Igreja.

Memória e profecia

Dom Bosco é, simultaneamente, santo do passado e profecia viva daquilo que, na história, Deus quer. Faz-se necessária, então, tanto uma abordagem histórica como profética. Histórica porque apenas esta é capaz de ressuscitar o passado sem deformá-

-lo. Dom Bosco é e será sempre um típico santo piemontês da Itália que ressurgia, como Santo Inácio de Loyola é um típico santo basco da Espanha do século XVI. Ele foi sensível aos valores da cultura emergente, necessitada de fermentação evangélica, e aos desvalores, ambigüidades e males a combater, defender e prevenir. Foi ainda mais sensível às urgências da juventude carente e abandonada, às novas necessidades da vida religiosa e da Igreja do seu tempo, duramente combatida no seu chefe e nas suas instituições. A aproximação a Dom Bosco deve desembocar no conhecimento do “Dom Bosco total”, tal como o forjaram os seus 72 anos de vida e o trabalho intenso que realizou sobre si mesmo. Compreender-se-á, então, por exemplo, como ele se nutriu da teologia e da espiritualidade do seu tempo, como participou da consciência que a Igreja tinha de si, sob o pontificado de Pio IX, e como determinadas disposições suas são reflexo da formação eclesiástica recebida no tempo da Restauração.⁵

Mas memória não é arqueologismo. Para ser significativa e fiel ao Deus da história, deve ler o passado também em perspectiva profética, portadora de futuro, de valores insuperáveis e perenes. Entre esses valores, recordamos: as intenções permanentes de Deus sobre a sua vida; os elementos essenciais da sua índole e do seu espírito, dinamicamente aberto para o futuro; a realidade vital e essencial da sua missão; os aspectos positivos do seu tempo – a Igreja sempre se apropriou de quanto há de bom na vida dos povos –, relançados como profecia em nossa cultura. Afirmou Paulo VI: “Os princípios humanos e cristãos nos quais se baseia a sabedoria educadora de Dom Bosco carregam em si valores que não envelhecem”, pois “esse

⁵ Após a derrota militar de Napoleão Bonaparte (1769-1821), em 1815, representantes dos países europeus tentaram abafar os ideais liberais da Revolução Francesa e restaurar as monarquias locais. Uma das medidas foi a criação da Santa Aliança, cujo objetivo era fortalecer os governos de natureza cristã. Marcam esse período o retorno a Roma do papa Pio VII, que se encontrava exilado, e o restabelecimento do Estado Pontifício. [n.e.]

incomparável exemplo de humanismo pedagógico cristão (...) está enraizado no Evangelho”.

O discernimento entre memória e profecia não é fácil. Empenha a autoridade dos sucessores de Dom Bosco e dos Capítulos Gerais. Porém, a garantia suprema é sempre, em última instância, a autoridade da Igreja, guardiã vigilante dos carismas que Deus faz desabrochar no seio dela.

As páginas seguintes se propõem a evidenciar alguns elementos perenes da santidade de Dom Bosco, sublinhando particularmente o seu dinamismo apostólico e a “graça de unidade”, com a qual soube unir vitalmente oração e ação. De fato, inegavelmente, Dom Bosco foi um santo ativo.

Santo ativo

À distância de anos, podemos constatar que Dom Bosco está na origem não apenas de uma numerosa posteridade espiritual, mas também de uma verdadeira e típica “corrente espiritual” da Igreja, que permeia o mundo, e de uma “escola de espiritualidade”, como pesquisas em andamento estão demonstrando. Uma espiritualidade apostólica, ou como se diz, da ação, modelada pela plenitude da caridade pastoral onipresente.

A espiritualidade da ação, no contexto cultural de hoje, pode induzir a uma série de ambigüidades. De fato, muitos pensam que a ação é a única categoria com a qual o ser humano se interpreta e age sobre si mesmo, sobre os outros, sobre o mundo. Práxis e ortopráxis são sempre um ponto polêmico da teologia espiritual, que é ciência do agir humano vivificado pelo Espírito.

A Igreja não é alheia a esses problemas, como o demonstra a história dos grandes apóstolos dos séculos passados. Em um tempo que enfatiza fortemente palavras como práxis, trabalho, atividade e ação, a vida de Dom Bosco, dominada, por assim dizer, pela vertigem da ação, pode ser paradigmática para quem

deseja se empenhar na edificação de um mundo na medida do Evangelho. O agir dele está fortemente vinculado e dependente do agir salvífico de Deus. O agir é uma noção primária da existência, não se deixando circunscrever em uma definição rigorosa. Menos ainda o agir cristão.

Podemos, entretanto, distinguir nisso um duplo movimento: o imanente, que justifica e comanda as ações e as obras externas, e o movimento diretamente voltado à transformação das coisas. Apenas o primeiro leva, de fato, à perfeição da pessoa e dos seus valores. Dom Bosco vale por aquilo que faz ou leva a fazer, mas muito mais por aquilo que é e deseja. Eis o modo correto de considerá-lo.

Eixo da vitalidade espiritual

O cristão de hoje, desafiado pela dificuldade de conjugar numa unidade vital o ser e o agir, o amor a Deus e o amor ao próximo, a oração e o trabalho, a ação e a contemplação, encontrará em Dom Bosco um modelo concreto. Ele soube viver a unidade espiritual no redemoinho da vida ativa.

Não há nele dicotomia ou dilaceração interior, mas perfeita “graça de unidade”. Deus é verdadeiramente o sol, o eixo da sua vida. Santo da ação, ele não abafa a oração, mas sabe fazer da atividade o “lugar habitual” de encontro com Deus. Valoriza a oração como caminho de perfeição, mas considera da mesma forma a ação. Seu modo sacramental de ser Igreja consiste exatamente no empenho em “agir como Igreja”. Sabe que entre oração e trabalho existe uma relação dialética permanente: uma conduz ao outro e vice-versa. Mas sabe também que essa relação é regulada pela vontade de Deus, norma suprema. São conceitos que retomaremos no momento oportuno.

Santo de sempre

Por causa da sua união radical com Cristo, que é de “ontem, hoje e sempre”, Dom Bosco é também um santo de todos os tempos. Sem dúvida, o santo de amanhã terá traços e modulações inéditas, será diferente daquele do passado. Mas uma coisa é absolutamente certa: essa diversidade nunca será substancial. Com o cardeal De Lubac podemos dizer, com segurança, que o santo de amanhã, como o de ontem, será “pobre, humilde, desapegado”. E ainda:

Terá o espírito das bem-aventuranças. Não amaldiçoará nem se vangloriará. Amará. Tomará o Evangelho ao pé da letra, isto é, no seu rigor. Dura ascese o terá libertado de si mesmo. Herdará a fé de Israel, mas se recordará de que essa fé passou por Jesus Cristo. Tomará a cruz do Salvador e procurará segui-lo.

Os santos não envelhecem, disse João Paulo II: “São sempre homens e mulheres de amanhã, homens do futuro evangélico das pessoas e da Igreja, testemunhas do mundo futuro”. O fato de que Dom Bosco ainda hoje atraia para si fileiras de jovens e de fiéis demonstra que ele possui em si algo que desafia os séculos. Os que vivem na sua órbita ou se sentem desejosos de entrar em familiaridade com ele podem colher, sem medo de errar, a sua mensagem de santidade, simples e profunda, cativante e simpática, ainda que muito exigente. Dom Bosco, tão amável e compreensivo, quer os salesianos “não mundanos, ainda que no mundo; não estranhos, mas com identidade própria; não antiquados, mas modernos profetas da realidade escatológica da Páscoa; não simples imitadores da moda, mas corajosos cultivadores de uma renovação exigente; não desertores das vicissitudes humanas, mas protagonistas de uma história de salvação”, como lembra E. Viganò. E conclui:

O nosso seguimento de Cristo segundo o espírito de Dom Bosco utiliza todas as circunstâncias, eventos e sinais dos tempos, além

das situações mais negativas e injustas, para crescer e fazer crescer na santidade.

Não diversamente, conclamou à santidade J. Vecchi,⁶ quando escreveu, no comentário à Estréia de 2000:⁷ “Novamente, partamos de Deus. Pode ser um conselho que se dá em época de eclipse, de experiência religiosa fragmentada e subjetiva, de queda do senso de pecado, de confusão de consciência”. Nas suas publicações, e recentemente no livro *Educadores na era da informática*,⁸ o padre Vecchi não hesitou em enfrentar os problemas mais candentes e atuais da educação e formação juvenil, como as formas inéditas do conflito de gerações, as desigualdades sociais e o pluralismo cultural (plurirreligiosidade, pluralismo étnico etc.), o mundo perturbador da internet, o erotismo, a bioética, a ecologia.

Essa vertiginosa mudança cultural leva necessariamente a adequar e repensar a forma do Sistema Preventivo e da sua espiritualidade, do seu ímpeto apostólico etc.

O padre Vecchi não evita essa temática, conforme atesta o seu entrevistador, C. Di Cicco:

No final de um século que celebrou os cem anos da morte do fundador João Bosco (1888) e o início de um novo século, que em breve celebrará os duzentos anos do seu nascimento (1815), os salesianos são guiados por um sucessor seu, o primeiro não italiano e o primeiro, na série de oito, que se chama João como Dom Bosco.

Um outro João que não ama os profetas da desgraça e aponta para a atualização do patrimônio educativo em vista de obter bom êxito no desafio feito aos educadores pelos novos tempos.

⁶ O padre Juan E. Vecchi (1931-2002) foi o oitavo sucessor de Dom Bosco. [n.e.]

⁷ Mensagem que o reitor-mor dos salesianos dirige no início de cada ano a todos os membros da Família Salesiana. “Em nome de Cristo, nossa paz, deixai-vos reconciliar” foi a Estréia de 2000 [n.e.].

⁸ J. Vecchi, *Educadores na era da informática: entrevista a Carlo di Cicco*. São Paulo, Editora Salesiana, 2001.

Padre Vecchi propõe fundar sobre a compreensão reencontrada e recíproca o novo pacto entre gerações, necessário para garantir a qualidade da vida de cada um, libertando-o da pressão indevida de medo do futuro que uma sociedade envelhecida pode gerar.

É a opção – que não se fez nos anos 60 – de dialogar com os jovens, numa passagem de época em que a juventude corre o risco de extinção.⁹

Hoje como ontem, como se deduz de quanto estamos dizendo, o laborioso discernimento que se impõe por toda a parte será sempre mais fácil, à medida que a *vis ab intra* [força interior], isto é, a vida divina for, sem concessões, a força dominante da existência dos membros da Família Salesiana. Em uma palavra, permanece sendo verdadeiro que o maior dom de nós mesmos aos demais é a nossa santidade.

Primeira parte

Traços de uma vida

⁹ J. Vecchi, *Educadores na era da informática*, p. 181.

A breve descrição da vida de Dom Bosco que apresentamos aqui pode ajudar – cremos – a explicar a enorme simpatia e a fascinante atração que ele continua a exercer sobre as pessoas do nosso tempo, crentes e não-crentes. Como veremos, essa atração nasce, paradoxal-

mente, das esplêndidas antinomias complementares e positivas, humanas e divinas, de que foi dotado numa medida excepcional.

Na Igreja, há santos reconhecidamente grandes diante de Deus, mas esquecidos pelos homens. Há outros, ao contrário, aos quais é reservada também uma grandeza terrena. Dom Bosco pertence a esta constelação. Grande de vida natural, isto é, homem entre os homens, tão profundamente homem que, para muitos contemporâneos seus, o comum pareceu esconder o que há nele de extraordinário.

Grande em humanidade, Dom Bosco foi igualmente grande em vida sobrenatural, antes, imensamente grande, porque a graça o alcançou com qualidades humanas superiores às das pessoas comuns e encontrou nele correspondência plena, total, heróica.

Quando a Igreja o elevou à glória dos santos, dom De Luca escreveu: “Essa glória, mais semelhante e mais próxima da glória de Deus, estejamos certos, Dom Bosco a atingiu com a máxima grandeza que um homem pode atingir”.

Recordemos, entretanto, que a Igreja não cria a santidade, reconhece-a. Não lhe acrescenta nada, mas assegura que o santo se aproximou do Deus-Trindade o máximo possível, pela mediação de Cristo e do seu Espírito. Do amor de Deus fluíu o seu amor pelos homens.

A partir do momento em que estamos certos de que Dom Bosco foi uma “das obras mais esplêndidas do Divino”, é lógico deduzir que ele tenha exercido uma poderosa força de atração e tenha suscitado energias proféticas que fizeram história. De fato, como afirmou W. Nigg, um dos seus biógrafos, os santos “são comparáveis a símbolos incandescentes, portadores de luz, que agitam o homem submerso no limo de cada

dia, apontando para a meta suprema". Dom Bosco foi, sem dúvida, um "pólo luminoso", um "símbolo incandescente", como homem e como santo.

Dissemos que a sua intimidade com Deus permaneceu, com freqüência, um segredo impenetrável, como em geral ocorreu com outros santos piemonteses. Mas alguma coisa se via, se podia intuir. De sua existência mágica algo lhe iluminava o rosto, irradiava do seu olhar penetrante, do seu sorriso constante, apenas esboçado. Alguma coisa de sobre-humano se desprendia do seu comportamento, da sua calma soberana de homem extraordinariamente empreendedor. É o que as páginas seguintes se propõem a revelar.

Capítulo I

Esforço para se fazer santo

“O que queremos conhecer em um beato, em um santo?”, se pergunta Paulo VI no discurso da beatificação de Leonardo Murialdo. O papa responde:

Se a nossa mentalidade fosse de curiosidade exterior, de certa devoção medieval ingênua, poderíamos propor buscar os fatos extraordinários no homem exaltado pelo extraordinário: os favores singulares, (...) os fenômenos místicos e os milagres. Mas hoje

somos menos ávidos dessas manifestações excepcionais da vida cristã. Agrada-nos conhecer a figura humana mais que a figura mística ou ascética. Queremos descobrir nos santos aquilo que têm em comum conosco, mais que aquilo que os distingue de nós. Queremos trazê-los para o nosso patamar de gente profana e imersa na experiência nem sempre edificante deste mundo. Queremos encontrá-los como irmãos no nosso esforço e na nossa miséria, para nos sentir próximos deles e participantes da mesma difícil condição humana.

A vida de Dom Bosco é cheia de fatos maravilhosos e sobrenaturais. Preferimos, no entanto, considerá-lo sobretudo na sua condição de gente, “homem como nós”, quase um de nós. Também sua existência está marcada pelas deficiências da natureza e pelo seu jugo, tentada pelo mundo do pecado e pelo maligno.

Essa perspectiva, em que se confrontam limitação humana e graça divina correspondida, já é um encorajamento à nossa fraqueza.

Dom Bosco, como todo mundo, não nasceu santo. Tornou-se santo ao se entregar ao poder do Espírito Santo e, se contradizendo a si mesmo, escalar passo a passo o cume da santidade.

Desse seu esforço para se tornar santo, apresentamos, aqui, apenas algumas rápidas seqüências.

Temperamento difícil

Embora dotado de inúmeras qualidades humanas, Dom Bosco não era, por natureza, o homem paciente, manso e amável que conhecemos. Dos dois filhos de Margarida, José e João, dir-se-ia que o primeiro, não o segundo, era mais salesiano. José é recordado como uma criança mansa, afetuosa, dócil e paciente: assim permanecerá durante toda a vida. Corria ao encontro dos hóspedes, conversava prazerosamente com eles e logo se fazia estimado. Já a respeito de Joãozinho, antigos testemunhos o descrevem como uma criança séria, um pouco taciturna, quase desconfiada. Não concedia familiaridade a estranhos, não se deixava acariciar, falava pouco, era observador atento.

“Eu era ainda muito pequenino, e já estudava o caráter dos meus companheiros. Olhando para o rosto de um deles, quase sempre descobria os propósitos que tinha no coração”, Dom Bosco escreve nas *Memórias do Oratório*.¹⁰

No sonho que teve entre 9 e 10 anos – ao qual retornaremos –, ele se mostra uma criança reflexiva e generosa, sensível e zelosa na defesa dos direitos de Deus, mas se revela também um temperamento feroso, impulsivo e até violento, quando se lança aos socos, impetuosamente sobre os pequenos blasfemadores para fazê-los calar.

Sentia também – ele confessa – “grande repugnância à obediência, à submissão”. Era levado naturalmente a defender com obstinação os próprios pontos de vista: desejava “sempre fazer as minhas infantis reflexões a quem me comandava ou me dava bons conselhos”, comentava. Digamos claramente: era orgulhoso e tinha um forte amor-próprio. Ele mesmo o afirmava.

As suas belas qualidades o inclinavam naturalmente à soberba: vontade enérgica, inteligência superior, boa memória, vigor físico, são qualidades que permitiam a Joãozinho se impor

¹⁰ As *Memórias do Oratório* (trad. bras. São Paulo, Editora Salesiana, 2005. 3ª ed.) foram escritas por Dom Bosco entre 1873 a 1875 e ainda depois. Trata-se, na realidade, como bem o demonstra P. Braido, de “memórias do futuro”. [n.e.]

facilmente aos seus companheiros. Nas *Memórias do Oratório*, Dom Bosco registra esta condescendente afirmação: “Todos os meus companheiros, também os de mais idade e maior estatura, tinham medo de mim por causa da minha coragem e da minha força”.

As testemunhas dos processos de beatificação e canonização falam de suas belas qualidades, mas também de alguns traços de personalidade nada positivos. O seu pároco em Castelnuovo, teólogo Cinzano, o chama de “extravagante e cabeçudo”. O cardeal Cagliero recorda o seu temperamento “fugoso e altivo”, a ponto de não “poder sofrer resistências”. O seu companheiro, padre Giacomelli, atesta: “Pode-se compreender que, sem virtude, teria se deixado dominar pela cólera. Nenhum dos nossos companheiros – e eram muitos –, tendia como ele a esse defeito”. Dom Bertagna, moralista insigne e grande amigo de Dom Bosco, confirma:

Creio verdadeiro que o servo de Deus tinha um temperamento facilmente inflamável e, ao mesmo tempo, muito duro e inflexível (...) diante dos conselhos que lhe eram dados, quando estes não estavam de acordo com os seus desejos e com o seu modo de ver.

O padre Cerruti evidencia a “forte tendência à ira e ao afeto; (...) era dado ao orgulho”. Dirá, por sua vez, o padre Cafasso: “É inútil, quer fazer ao seu modo; é preciso deixá-lo fazer. Mesmo quando um projeto não é aconselhável, Dom Bosco tem sucesso”. Ressentida por não o ter conquistado para a sua causa, a marquesa Barolo o tratará de “cabeçudo, obstinado, orgulhoso”.

O doutor G. Albertotti que, de 1872 até à morte, cuidou de Dom Bosco, também sublinha, na sua breve biografia, “a inata e vivaz impetuosidade” do seu cliente, o seu caráter “pronto e fugoso” e a “profunda convicção das próprias idéias”.

O padre Girolamo Moretti, pioneiro da grafologia,¹¹ reco-

nhece, no seu célebre livro *I santi dalla scrittura*, que o temperamento de Dom Bosco é “bem difícil de ser definido”. É um santo que, para ser moral, “tem necessidade de se submeter a várias renúncias a que se rebelam as suas tendências inatas”, as quais querem e pretendem agir sem qualquer obstáculo. Conclui: “É um condutor que, para fazer o bem, precisa contrariar a si mesmo em grau máximo, a fim de se concentrar na retidão de intenções e de obras”.

Esses testemunhos não nos dão, obviamente, a imagem completa de Dom Bosco. Excluem muitos outros aspectos da sua riquíssima personalidade. Entretanto, recolhem aspectos como a inclinação à ira e à impetuosidade, como a tendência à autonomia, à demasiada estima de si, à afirmação obstinada das próprias convicções, à impetuosa irascibilidade etc. Se tivesse se descuidado um pouco, teria sido um homem falido e um santo frustrado. “Se o Senhor não me tivesse conduzido por essa estrada [do trabalho com os jovens], temo que teria corrido o risco de tomar um caminho errado.”

Sem essas fortes tendências não teríamos a espessura da santidade de Dom Bosco. As inclinações naturais, em si, não são boas nem más; não são vícios nem virtudes. A moralidade dos atos depende da intenção do sujeito, do uso bom ou mal que faz das próprias energias. Não há dúvida de que ele tenha endereçado da melhor forma as suas qualidades naturais, mas a custa de quanto esforço e de quantas lutas vitoriosas, só Deus sabe. É um aspecto que vale a pena sublinhar.

Caminho ascendente

A respeito da vida de São Francisco de Sales¹² se disse que, no seu curso, no seu aperfeiçoamento e na sua plenitude, ela

¹¹ Grafologia é o “estudo da forma das letras e do aspecto geral da escrita manuscrita, esp. com objetivo de obter dados sobre a pessoa, como caráter, personalidade, grau de instrução, tipo de inteligência, características emocionais” (Dicionário Houaiss). [n.e.]

parece uma verdadeira obra-prima, na qual o escultor trabalhou lentamente, com reflexão, segurança e alegria, até uma intangível beleza, própria de obras excepcionais.

O mesmo se pode dizer de Dom Bosco: o senso da medida, a progressão e a harmonia caracterizam o seu itinerário de santidade. Mas é necessário considerar que o caminho foi mais árduo para ele, por causa do seu temperamento mais obstinado e inflexível. O santo savoiese era um nobre, educado com refinamento desde a infância. O santo dos Becchi tinha a índole rude e instintiva do camponês que precisava enfrentar as asperezas da vida e com um tipo de educação muito diferente. Apesar de humilde e simples, era uma educação digna de admiração pelos altos ideais humanos e cristãos que a distinguem.

Os primeiros passos na virtude, Joãozinho os aprendeu na escola da sua mãe, mulher analfabeta, porém rica em sabedoria divina. Margarida sabia atingir o coração do seu filho com delicadeza materna, mas também com firmeza inarredável. Auxiliava-lhe a índole naquilo que podia. Mais tarde, quando o vê empenhado em fazer o bem aos seus pequenos amigos, o encoraja e ajuda. No momento oportuno, no entanto, quando o menino punha as manguinhas de fora, sabia corrigi-lo com intervenções decisivas, mas arrazoadas e motivadas por pensamentos de fé, de um modo que ele as aceitava.

O amor a Deus, a Jesus Cristo, a Maria Virgem; o horror ao pecado; o temor dos castigos eternos; a esperança no paraíso: essas e muitas outras coisas ainda, Dom Bosco as aprendeu dos lábios maternos. Na casinha dos Becchi, a religião era coisa natural. Detestava-se o mal por instinto e se amava o bem por instinto. O ditado “Lembra-te que Deus te vê” penetrava profundamente na alma sensível de Joãozinho. Ele não se cansará,

¹² Nascido na Savóia (ou Sabóia), hoje região pertencente à França, de família nobre, Francisco de Sales (1567-1622) foi feito bispo de Genebra, Suíça. Mas não pôde assumir a diocese devido à guerra entre católicos e calvinistas. Por causa de sua bondade no trato com as pessoas e do respeito por todos, é chamado “Doutor da caridade”. [n.e.]

por sua vez, de repeti-lo aos jovens. O amor materno que alegrou e educou a sua infância permaneceu, por toda a sua vida, uma daquelas profundas raízes de que o Senhor se serviu para fazê-lo santo. Deve-se à educação materna o fato de a personalidade de Dom Bosco ter podido se expandir plenamente, sem complexos nem ansiedades.

Dele afirmou o cardeal Cagliero:

Nos trinta e cinco anos em que vivi com ele, nunca ouvi uma expressão de temor ou dúvida. Nunca vi nele qualquer inquietação acerca da bondade e da misericórdia de Deus para com ele. Nunca pareceu perturbado por angústias de consciência.

Diferentes, sob esse aspecto, foram, por exemplo, São José Cafasso, São Leonardo Murialdo e outros.

Quando foi que Joãozinho se converteu à santidade? Quando disse a si mesmo, como São Domingos Sávio: “Quero ser santo, e rapidamente!”? É o seu segredo. Uma antiga tradição salesiana, porém, o quer santo em todas as fases da sua vida: santo jovem, santo clérigo, santo sacerdote, santo educador. Teria assim ensinado um caminho de “santidade jovem”, experimentado e vivido por ele. A sua primeira juventude é exemplar: caracterizam-na o profundo senso do divino e da oração, a atividade apostólica entre os seus companheiros, a capacidade de autodomínio, a coragem ao enfrentar os incômodos da pobreza e as pretensões do meio-irmão Antônio, a humilhação de passar dois anos como empregado na casa da família Moglia.

A expressão piemontesa “*ndé da servitù*” tem sabor amargo. Evoca trabalho escravo, superior às forças, maus-tratos, distanciamento do ninho familiar. A ele eram forçados, para sobreviver, moços e moças de famílias numerosas e pobres. Sabemos que João Bosco foi bem tratado pelos patrões, cristãos convictos, e também admirado pelas suas virtudes. Porém, nas *Memórias do Oratório* ele não menciona esse período da sua

vida. Talvez por respeito à mãe. Os anos passados com a família Moglia não foram, como sublinha oportunamente o P. Stella, “inúteis, um parêntesis”.

São anos nos quais se enraizou mais profundamente nele o sentido de Deus e da contemplação, nos quais pode se iniciar na solidão e no diálogo com Deus durante o trabalho do campo. Anos que podem ser definidos como de espera absorta e suplicante: de Deus e dos homens. Nesses anos se deve colocar a fase mais contemplativa, na qual o seu espírito deveria estar mais predisposto aos dons da vida mística, do estado de oração e de esperança.

Na escola do padre Calosso, que freqüentou de novembro de 1829 a novembro de 1830, João, agora adolescente, progride na virtude. O santo sacerdote o proíbe de fazer certas penitências, inadequadas à sua idade. Elas revelam, porém, uma tendência clara para a santidade. O sacerdote o inicia no exercício da meditação e na leitura espiritual, e o encoraja a freqüentar os sacramentos. Escreve nas *Memórias do Oratório*: “Desde então, comecei a saborear a vida espiritual”. “Saborear” não é apenas conhecer teoricamente Deus e as coisas divinas, mas experimentar. É o efeito do dom da sabedoria, o mais perfeito dos dons do Espírito Santo, pois aperfeiçoa a caridade, compêndio de todas as virtudes. A sabedoria compreende a inteligência, mas principalmente o amor, que vai mais longe e a supera. Para um adolescente de 15 ou 16 anos, isso não é pouco.

Capítulo II

Guinada espiritual

Estudante em Chieri,¹³ João estreita uma forte amizade com Luigi Comollo, uma pérola de jovem e depois de clérigo, morto prematuramente. Dele Dom Bosco escreveu mais tarde uma breve biografia. A amizade com Comollo constitui uma guinada na vida espiritual do santo. Marca o início de uma

intensa emulação, de um caminho autêntico para a santidade sacerdotal. Deles se podia verdadeiramente dizer com Kalil Gibran: “A aurora não os encontrava nunca onde o pôr-do-sol os deixara”. Nasceram para se integrar e se complementar, em

primeiro lugar no plano espiritual, mas não apenas neste.

Escreve Dom Bosco: “Precisávamos um do outro: eu de ajuda espiritual, ele de ajuda física”. Havia, de fato, estudantes mal-intencionados que se aproveitavam da timidez e da bondade

de Comollo e o aborreciam. João fremia. Um dia, alguns deles dão dois tapas violentos no rosto pálido e amedrontado do pobre Comollo, que suporta a afronta sem reagir. Mas Bosco está presente e, diante daquele fato, fica cego de raiva, o sangue ferve nas suas veias e ele provoca quase um massacre, como ele mesmo conta:

Nesse momento perdi as estribeiras, e recorrendo não à razão mas à minha força brutal, não tendo à mão nem cadeira nem bastão, segurei com as mãos um colega pelos ombros e me servi dele como bastão para bater nos adversários. Quatro deles rolaram por terra, e os outros fugiram, gritando.

O amigo não aprova: “Meu amigo, a tua força me apavora. Lembra-te, porém, que Deus não a deu para você massacrar os colegas. Ele quer que nos amemos e nos perdoemos”.

A influência de Comollo sobre Dom Bosco foi notável, como se deduz das *Memórias do Oratório*. “Impressionava-o” o “amigo perfeito” e “modelo de virtude”, com quem João havia aprendido “a viver como um verdadeiro cristão”, isto é, a levar uma vida de forte entonação sacramental e mariana, de exercício intenso da caridade, de senso do dever e de tensão voltada para o ideal do sacerdócio. Esse ideal estava de acordo com o

¹³ Em 1831, João Bosco se muda para Chieri, a 10 quilômetros de Turim, a fim de continuar os estudos. Em 1834 é admitido no Seminário de Chieri, para os estudos de filosofia e teologia. Deixará a cidade após dez anos, para se mudar definitivamente para Turim. [n.e.]

modelo de sacerdote da reforma tridentina e da Restauração, mais dedicado à liturgia que ao apostolado, mais retirado da realidade humana que nela mergulhado, homem do eterno mais que do temporal. O sacerdote é, seguramente, tudo isso, mas é muito mais.

Na realidade, Dom Bosco será um padre diferente. Sempre terá, no entanto, a consciência aguda e incisiva da grande dignidade e responsabilidade sacerdotal, que lhe foi inculcada no seminário. Considerará a condição de sacerdote não um privilégio, mas um ministério perigoso, no qual, se descuida dos próprios deveres, ainda que um pouco, coloca em risco o destino eterno. O padre Cafasso costumava falar aos jovens padres: “Infelizmente, é certo que alguém, entre os sacerdotes, vai se perder, e cada um de nós pode correr esse risco se não estiver bem atento”.

Quero ser um bom padre

O jovem Bosco entra no seminário com o propósito de mudar radicalmente de vida: “Aquela vivida até então deveria ser radicalmente mudada”. Por isso toma o propósito de renunciar às “encenações públicas” e aos “jogos de mágica, de destreza”, que julga “contrários à seriedade e ao espírito eclesiástico”. Viverá “retirado e com sobriedade”. Lutará “com todas as forças” contra tudo o que possa, ainda que de longe, ofuscar “a virtude da castidade”. Dedicar-se-á à oração e ao apostolado entre os colegas. Em uma palavra, lutará contra si mesmo também nas tendências em si legítimas, se dedicando, como se exprime P. Stella, a um contínuo “esforço ascético”:

Esse o levava pelo caminho dos jejuns, das abstinências e da raiva de si mesmo quando se surpreendia, algumas vezes, sendo indulgente em relação à antigas habilidades mundanas, tais como se exibir em jogos de destreza ou tocar violino. Essa tensão ascética contribuiu para levar à morte o seu amigo Comollo, e Dom Bosco,

ao extremo limite das forças físicas.

A violência exercida sobre si mesmo nos anos de seminário foi uma das causas do enfraquecimento físico, que atingiu Dom Bosco repentinamente, e da enfermidade grave que se seguiu. Confirma-o o testemunho do doutor Albertotti:

Dando-se conta de que o seu espírito impulsivo era um mal, fez esforços tão grandes, como já havia feito no passado durante o ginásio, para se corrigir, que, como depois contava de vez em quando para os seus discípulos, entrou em crise e caiu doente, correndo o risco de morrer.

Esse episódio da vida de Dom Bosco nos dá a medida do duro corpo a corpo em que se lançou, para corrigir as tendências erradas da natureza e para se tornar dono de si mesmo, todo de Deus e dos outros, especialmente dos jovens.

“Toda vida realizada na beleza, ó Senhor, dá testemunho de ti. Mas o testemunho do santo é como que arrancado da carne viva com uma tenaz em brasa.” Com essa imagem, que recorda o inferno de Dante Alighieri (1265-1321), G. Bernanos exprime uma lei verdadeira da santidade cristã. Dom Bosco a viveu na sua própria pele. O heroísmo cristão, cujo destino é duradouro, não desponta de repente como o amanhecer do dia.

Nos três anos passados no Colégio Eclesiástico São Francisco de Assis, em Turim (1841-1844), Dom Bosco molda a si mesmo e remolda ainda, trabalha e volta a trabalhar continuamente sobre o seu sacerdócio. Mas o faz numa linha pastoral e prática: “Aqui se aprende a ser padre”. O padre Luigi Guala e o padre Cafasso, “duas celebridades daquela época”, além do colega Felice Golzio, eram “os três modelos que a divina Providência me oferecia e dependia somente de mim lhes seguir as pegadas, a doutrina, as virtudes”, afirma Dom Bosco.

O padre Cafasso se torna o seu confessor e diretor espiritual.

Escreve nas *Memórias do Oratório*: “Se fiz alguma coisa boa, sou devedor a esse digno eclesiástico, em cujas mãos entreguei cada decisão, estudo e ação da minha vida”. Obstinado e quase teimoso nas suas idéias, “obedeceu sempre e sem discussão ao padre Cafasso”, conta dom Bertagna. Foi por “obediência ao padre Cafasso que me estabeleci em Turim” dirá aos seus religiosos:

Por seu conselho e orientação comecei a reunir, nos dias festivos, os moleques da rua para a catequese; com o seu apoio e ajuda, comecei a recolher no Oratório de São Francisco de Sales os mais abandonados, para que fossem preservados dos vícios e formados para a virtude. Lembrem-se disso!

A virtude de Dom Bosco, padre jovem, brilha como nova luz na fundação e direção do Oratório festivo, antes no Colégio Eclesiástico, depois no Refúgio e, finalmente, na sede permanente de Valdocco, inaugurada em 12 de abril de 1846, festa da Páscoa. Nesse lugar, o santo teve de enfrentar dificuldades enormes, e de vários tipos. Havia dificuldades externas: as angústias da pobreza, o abandono dos seus colaboradores, as perseguições por parte das autoridades municipais. As internas eram provocadas pela heterogeneidade ou pelo caráter dos frequentadores do Oratório, que provinham dos bairros pobres da cidade ou eram andarilhos sem trabalho, verdadeiros desqualificados que não toleravam a ordem nem a disciplina. Era preciso controlar os nervos e ter muita, muita paciência.

Uma idéia do que era o Oratório de Valdocco naqueles inícios, temos nesta realista e tardia evocação de Dom Bosco:

Quando o meu pensamento confronta os tempos presentes com os tempos passados, fico estarecido. O que era Valdocco há trinta e cinco ou trinta e seis anos? Nada, realmente nada. Eu corria para lá e para cá atrás dos jovens mais irrequietos e dissipados. Mas eles não queriam saber de ordem e de disciplina. Riam das coisas da religião, em que eram muito ignorantes, e blasfemavam contra o

nome santo de Deus, e eu não podia fazer nada. Eram meninos de rua e faziam guerras de pedra, brigando continuamente. As coisas, naquela época, estavam mais no pensamento do que nos fatos.

Para “ficar com Dom Bosco”, virão mais tarde ótimos jovens: Miguel Rua,¹⁴ Francesia, Cagliero, Domingos Sávio e outros. Mas quanta violência ele terá de se impor, ao tratar com tipos tão teimosos e difíceis, para permanecer fiel ao programa da sua primeira missa: “A caridade e a doçura de São Francisco de Sales me guiem em cada coisa!”.

O salesiano deve ter – era uma das suas máximas – “a doçura de São Francisco de Sales e a paciência de Jó”. Uma doçura sem languidez, sem debilidade, fruto da caridade pastoral, que é “benigna e paciente, tudo sofre, tudo espera, tudo suporta” (cf. 1Cor 13,4-7). Para conservá-la, “será necessário suar e suar muito, talvez até derramar sangue”. Dom Bosco dirigiu essa admoestação a todos os salesianos no chamado “sonho dos confeitos”, mas antes ele a experimentou e comprovou em sua própria vida.

Um dia, o amigo padre Giacomelli vai a Valdocco e encontra Dom Bosco muito vermelho, correndo atrás de um grupo de meninos. Era o momento de oração, e eles queriam fugir. “É a segunda vez que o vejo alterado”, lhe diz o amigo. “Esses benditos meninos!”, foi a sua resposta. Mas quão eloqüente!

Acontecia também de o surpreenderem prestes a bater em meninos que brigavam entre si, mas as mãos permaneciam firmes no ar. Ele não batia nos meninos, ainda que o costume da época levasse a agir assim em muitos casos, e não tolerava que outros o fizessem. Sabemos, pelo testemunho do padre Rua e do cardeal Cagliero, que algum tapa escapou das mãos de Dom Bosco, quando ainda jovem sacerdote. Mas se trata de casos raros e que se referem a situações particulares. Porém, quando

¹⁴ O padre Miguel Rua (1837-1910) foi o primeiro sucessor de Dom Bosco. [n.e.]

isso acontecia, ele não ficava contente. Sabia, ao contrário, ser compreensivo, tolerante, paciente, ainda quando sentia o sangue lhe ferver nas veias.

Isso custa também para mim

Na terceira idade, já na maturidade completa, Dom Bosco possui realmente um heróico e seguro domínio de si, uma paciência e uma calma superiores a todo elogio, e uma delicadeza de trato sem igual. É como o artista que esboçou a sua obra-prima e a conclui agora com cuidado. Mas o “fundamento que a natureza põe”, apesar de domado, não se extinguiu. Tem ainda os seus sobressaltos, como ele mesmo disse aos salesianos que faziam retiro em Lanzo Torinese, na manhã de 18 de setembro de 1876:

Não creiam que não custe também para mim, depois de ter pedido a alguém uma tarefa, ou depois de lhe ter encarregado de algo importante, delicado ou premente, não ver a tarefa executada em tempo ou malfeita. Custa-me manter a calma. Asseguro-lhes que algumas vezes o sangue ferve nas veias, um formigamento domina todos os sentidos. Mas como? Impacientar-me? Não se consegue que o não-feito seja feito, e não se corrige o súdito com a fúria.

Assim fazia, assim ensinava: “Quando estiverem nervosos ou agitados, evitem repreender ou corrigir”. E acrescentava:

Haverá casos em que serão obrigados a “gritar um pouco”. Façam-no, mas pensem um momento: como São Francisco de Sales se comportaria neste caso? Posso lhes assegurar que, se fizermos assim, obteremos o que falou o Espírito Santo: *In patientia vestra possidebitis animas vestras* [Pela vossa perseverança conseguireis salvar a vossa vida (Lc 21,19)].

O seu primeiro biógrafo fez esta penetrante observação a respeito: “Quando Dom Bosco sentia em si algum conflito de

paixão, parecia que a natureza se lamentava, e o tom de voz tinha algo tão suave e afetuoso, que se dobrava à sua vontade quem o escutava”.

Um reflexo da capacidade de autocontrole se encontra na sua correspondência, numerosíssima e variada. Alguém que não estivesse habitualmente unido a Deus dificilmente teria resistido à tentação de responder com as mesmas armas a certas cartas provocantes e injuriosas. Ao contrário, ele sabia ser conciliador e delicado. Era lei sua não responder quando se sentia agitado: rezava, deixava passarem as horas e os dias, e não respondia enquanto não tivesse voltado à calma absoluta.

Na carta que escreve ao padre Valinotti, para tratar de problemas sobre as *Letture cattoliche*,¹⁵ comenta:

Muitas vezes ontem tentei responder, mas a agitação não me deixou. Apenas esta manhã, depois de ter celebrado o sacrifício da Santa Missa e recomendado cada coisa ao Senhor, respondo simplesmente narrando as coisas em seus aspectos reais...

Dirá um dia ao padre Ruffino: “Estou furioso! Esta carta não seria ditada por mim, mas pela indignação. Não é o momento de escrever”. Tentará novamente mais tarde e várias vezes: nada feito! Acabará rasgando tudo e não respondendo nada. Terá a alegria de dizer a si mesmo: “Fiz bem”.

O cardeal Cagliero lembrou, nos processos canônicos, um episódio da vida do santo que dá a medida da sua capacidade heróica de reagir com calma às contrariedades. Era janeiro de 1875, Dom Bosco almoçava tranqüilamente com os confrades, quando se aproxima padre Rua para lhe comunicar que deveria pagar a quantia de 40 mil liras, soma muito elevada naquela época. O santo era avalista de uma promissória assinada em

¹⁵ *Leituræ católicas*, coleção de livros populares, com temas católicos. Com as primeiras publicações em 1853, a coleção alcançou grande repercussão e foi publicada em vários países, inclusive no Brasil. [n.e.]

favor de um amigo, morto repentinamente, e cujos herdeiros se negavam a pagar. Qual foi a sua reação? Relata uma testemunha: “Estava tomando a sopa e vi que, entre uma colherada e outra – era inverno e a sala não tinha aquecimento –, da sua testa pingavam no prato gotas de suor, mas sem afobação e sem interromper a refeição modesta”.

É totalmente verdadeira esta afirmação do teólogo Ascanio Savio:

Tinha conseguido dominar o seu caráter bilioso a ponto de parecer tranqüilo e tão manso que se mostrava sempre condescendente com os seus alunos, desde que não se comprometesse a glória de Deus e o bem das almas.

Assim como nesta outra, do bispo dom Bertagna:

A meu juízo, ao vê-lo sempre tranqüilo nos últimos oito ou dez anos, já cheio de achaques, sobrecarregado de ocupações, sempre assediado por todo tipo de pessoas, sem dar nunca sinais de impaciência, ainda que mínimos, sem mostrar pressa, sem nunca se precipitar na tarefa que lhe era entregue, existem motivos abundantes para afirmar que, se não era um santo, de um santo mostrava as feições. O êxito da sua obra principal (como de toda a sua vida), isto é, a sua Congregação, é o que mais me leva à convicção de que Dom Bosco foi um santo.

O esforço para se tornar santo emerge de maneira emblemática nas obras mais desafiadoras da sua vida. Pensemos, por exemplo, nos trinta anos de obstinados esforços para obter de Roma o reconhecimento da Congregação. Tendo alcançado o resultado, pôde afirmar com plena verdade: “Se tivesse sabido antes quanta dor, cansaço, oposições e contradições custa fundar uma sociedade religiosa, talvez não tivesse tido coragem de me dedicar a essa tarefa”.

Pensemos no árduo empreendimento missionário dos últi-

mos doze anos da sua existência. Com esse empreendimento Dom Bosco podia pagar, por meio dos seus religiosos, a promessa que trazia gravada no coração desde os tempos de jovem padre: plantar a Igreja em terras longínquas, para a salvação de todos. Mas isso significou preocupações e dificuldades sem-fim. Mais uma vez a sua ousadia exigiu o equilíbrio próprio do santo. Contudo, no espaço de vinte anos, a Congregação passou a figurar, a pleno título, entre as grandes sociedades missionárias da Igreja. A lógica dos santos não é a dos homens comuns, porque provém das regiões superiores.

Pensemos, enfim, no contínuo peregrinar em busca de ajuda e apoio para as suas obras, marcado por grandes humilhações, e que culminou com o “cansaço mortal” da sua viagem à Barcelona, na Espanha, em março de 1886, já no limite das forças. Durante a extenuante viagem de volta, parou em Montpellier, na França, onde foi várias vezes visitado pelo doutor Combal, médico famoso, que já o havia anteriormente encontrado e que quis submetê-lo a três minuciosos exames. O diagnóstico, transmitido ao padre Rua e ao padre Viglietti após os exames, é um hino elevado ao espírito de imolação de Dom Bosco, ao seu heroísmo cristão:

Se Dom Bosco não tivesse nunca feito milagre algum, eu acreditaria ser este o maior de toda a sua existência. É um organismo desfeito. É um homem morto pelo cansaço, e todos os dias continua trabalhando. Come pouco e vive. Esse é para mim o maior dos milagres.

O esforço feito por Dom Bosco para se tornar santo foi verdadeiramente grande, ainda que não alardeado e pouco manifesto. Referindo-se à perfeição da sua santidade, Pio XI, no discurso aos alunos dos Pontifícios Seminários Romanos, em 17 de junho de 1932, a sintetizou nestas vigorosas afirmações:

A sua vida cotidiana era uma oferta contínua de caridade, um ininterrupto recolhimento na oração. É essa a impressão mais

viva que se tinha nas suas conversações (...). Poder-se-ia afirmar que ele não prestava atenção em nada do que se falava ao seu redor. Poder-se-ia dizer que o seu pensamento estava em outro lugar: com Deus, em espírito de união. Mas, logo depois, estava pronto para responder a todos e tinha a palavra certa para tudo e para si mesmo, a ponto de causar maravilha. Antes, de fato, surpreendia e depois causava maravilha. Essa vida de santidade, de recolhimento e de assiduidade à oração, o beato cultivava nas horas noturnas e no meio de todas as ocupações contínuas e implacáveis das horas diurnas.

Capítulo III

Profundamente homem

Sobre os santos, escreveu o famoso pregador J.-B. Bossuet (1627-1704):

Se Deus quer fazer santos, alguém que seja digno dele, precisa revirá-los de todos os lados, para moldá-los inteiramente à sua maneira, e respeitar as suas disposições naturais somente o tanto necessário para não lhes fazer violência.

Na santidade tudo é dom de Deus, inclusive a resposta heróica ao seu chamado. Mas Deus respeita infinitamente a personalidade dos santos, mais do que Bossuet dá a entender. A sua graça, isto é, a sua ação divina em nós, perpassa a natureza e a respeita, não lhe impõe limitações. Com certeza Deus pode

fazer coisas grandes em criaturas limitadas. É o caso, por exemplo, de São José Copertino. Privado de dotes humanos básicos, Deus fez dele uma pessoa eleita. Mas as grandes obras-primas da graça nascem normalmente em pessoas muito dotadas, como

no caso de Dom Bosco, que Jörgensen define, não sem ênfase, como “um dos homens mais completos e mais absolutos que a história conheceu”. É a mesma impressão que teve Pio XI, nos três dias de visita ao Oratório de Valdocco, em 1883:

Nós vimos de perto essa figura, numa visão atenta, numa prolongada conversação. Uma figura magnífica, que a imensa e insondável humildade não conseguia esconder... Uma figura dominante e atraente, muito além do comum. Uma figura completa, uma daquelas almas que, qualquer que fosse o caminho escolhido, teria, com certeza, deixado uma marca, pois estava magnificamente equipada para a vida.

Também L. Hertling, conhecido estudioso da História da Igreja, associa o nome de Dom Bosco aos espíritos humanamente mais capazes: “Agostinho, Francisco, Catarina de Sena e Dom Bosco devem ser incluídos entre as flores e cumes da humanidade”. Apreciação semelhante exprimiu recentemente C. Wackenheim: “O apóstolo Paulo, Agostinho de Hipona, Francisco de Assis, Vicente de Paula e João Bosco foram, evidentemente, pessoas excepcionais pelos seus dotes e qualidades humanas”.

O que impressionava à primeira vista em Dom Bosco era o homem, não o santo. Se a sua profunda união com Deus não podia ser objeto direto de observação, as suas brilhantes qualidades humanas, perpassadas e purificadas pela graça, podiam. Eram verdadeiramente muitas, contrárias e com-

plementares, entrelaçadas e harmoniosamente fundidas em misteriosa simbiose.

Dom Bosco era, ao mesmo tempo, alegre e austero, franco e respeitoso, preciso e de espírito livre, humilde e magnânimo, tenaz e flexível, tradicional e moderno, otimista e previdente, diplomático e sincero, pobre e caridoso. Cultivava a amizade, mas não tinha preferências; era rápido nas idéias, mas prudente na execução; amava as coisas bem-feitas, mas não era perfeccionista. Tinha visão ampla e senso do concreto. Audaz até à temeridade, procedia com cautela. Sabia conquistar a amizade do adversário, mas não renunciava aos seus princípios. Dinâmico sem extroversão, cheio de coragem mas não temerário, fazia convergir tudo para as suas finalidades, sem manipular as pessoas. Educava prevenindo e previnha educando. Avançava com o mundo – quer estar na vanguarda do progresso – mas não era do mundo.

Essas e outras antinomias positivas dão a medida da verdadeira grandeza de Dom Bosco. A ele cabem bem as palavras de H. Petitot:

Para medir a abertura das asas da águia, é preciso estendê-las e reparar nas extremidades opostas. Só então se pode julgar a sua força. O mesmo acontece com as virtudes dos santos, cuja extensão não se consegue medir sem as contrapor.

As antinomias que delineiam a figura humana de Dom Bosco, transfiguradas pela caridade pastoral, formam uma maravilhosa concordância de natureza e de graça. A sua riqueza humana estava tão harmoniosamente integrada à santidade, que se tornava quase o sacramento desta, e os dons da graça, quando se manifestavam, eram como a glorificação da sua humanidade.

A natureza é, em primeiro lugar, a forma que Deus dá à sua graça. E quando o ser humano corresponde, isso transparece

também no seu exterior. Daniel-Rops disse: “Tudo é humano em Dom Bosco e, ao mesmo tempo, de tudo emana misteriosamente uma luz sobrenatural”.

A este respeito não podemos ignorar uma citação muito expressiva, de dom De Luca:

Dom Bosco merece amor e estudo, não somente enquanto São João Bosco, mas como João Bosco, isto é, como ser humano entre os seres humanos. Algumas vezes sinto o desejo de escrever a vida de Dom Bosco – todos os santos são raros, mas santos como ele, inclusive profanamente admiráveis, são raríssimos – ... escrever, dizia, a vida de Dom Bosco em termos e de modo que os não-crentes também possam entendê-la e admirá-la. Escrever a vida de um santo de tal forma que a leitura envolva quem não acredita na santidade. Mostrar a estes, inclusive a quem ignora e quer ignorar a vida interior e a graça, inclusive a quem não se apercebe nem aprecia que a natureza tenha formado um homem como Dom Bosco, tão extraordinário, que é mister inclinar a fronte diante dele e, talvez, os joelhos também.

Estou certo de que, escrevendo assim do santo, se eu soubesse escrever, acabaria por levar os incrédulos a crerem também. À força de penetrar na alma do gigante disfarçado de gente normal, como foi Dom Bosco, se acabaria por gerar a dúvida de que ele, embora sendo tão grande, não podia estar sozinho, vivendo a vida que vivia e criando a vida que criava. Com ele devia estar, com ele certamente estava Deus.

Ao sair em busca do ser humano, somente do humano, encontrar-se-ia Deus. Este é exatamente o motivo pelo qual nasceram os santos, é exatamente o que o próprio Jesus fez: se tornou homem para nos conduzir, aliás, para nos carregar até Deus.

Entre as suas antinomias positivas, nos limitamos a sublinhar brevemente três: vontade indomável e flexível, bondade paterna e exigente, sensibilidade profunda unida a uma grande força de caráter.

Vontade indomável e flexível

Dom Bosco foi, no seu tempo, segundo o escritor francês J.-K. Huysmans,¹⁶ “um incrível homem de negócios de Deus”. É difícil não concordar com esse parecer, que exalta o talento organizador e realizador do santo e, implicitamente, a sua vontade férrea “indômita e indomável”, como afirmou Pio XI. É a marca de fábrica da gente da região de Asti, que ele herdara em medida fora do comum.

Ele a levava, por assim dizer, gravada no vigor da sua mente – “tinha uma inteligência sutil”, atesta dom Bertagna, comparando com as feições que revelavam a sua origem camponesa, no vigor dos seus músculos, na capacidade inata de ação, na forte segurança de si. Uma vontade que não parecia conhecer a palavra “impossível”. Desde pequeno a exercitara na rudeza da lavoura, destruindo os obstáculos que se opunham aos seus estudos e à sua vocação. Vai exercitá-la, de maneira grandiosa, quando adulto. Preocupado com o agir, se afastava das abstrações acadêmicas. Dirá um dia ao bispo de Casale, que queria arrastá-lo para uma disputa filosófica:

Dom Ferré, eu não tenho tempo para me dedicar a essas coisas, porque o campo a mim confiado por Deus não está nas idéias, mas nas obras. Embora seja verdade que, da maneira correta de pensar, derive um correto agir, para agir retamente basta pensar e sentir com o papa.

Forte no querer, Dom Bosco era lento no decidir. Meditava longamente sobre os seus projetos, os comparava com a sua experiência, se aconselhava, interrogava o Senhor na oração contínua. Mas depois de ter tomado uma decisão, obstáculo

¹⁶ J.-K. Huysmans (1848-1907) publicou, em 1902, o livro *Esquisse biographique de Don Bosco* (Esboço biográfico de Dom Bosco). [n.e.]

algum parecia detê-lo. Costumava dizer: “Dom Bosco não é pessoa que pare na metade do caminho quando coloca as mãos em um empreendimento”. E ainda:

Quando encontro uma dificuldade, me comporto como um caminhante barrado por uma rocha: eu a tiro da estrada ou dou a volta pelo lado. Quando começo a fazer algo e surge um obstáculo, paro e inicio outra coisa, mas fico sempre atento. Nesse meio tempo, as ameixas amadurecem e as dificuldades se aplanam.

O fato de ter sempre se inspirado no “critério do possível” não significa que ele tenha sido um pragmático puro ou que tenha feito unicamente da praxe a lei da sua vida. A sua ação é sempre avaliada à luz de sólidos princípios sobrenaturais e de profundas convicções religiosas, ou tomadas de modo racional, simplesmente, mais do que dos livros, da experiência. Seu sincero otimismo – outro critério de ação – se enraíza em regiões superiores. Sabe e sente que Deus está com ele.

Determinado ao extremo, Dom Bosco também é flexível e condescendente, não apenas em perseguir devagar as metas prefixadas, mas também no exercício do seu próprio querer e não querer. O seu sistema pedagógico é uma obra-prima de “moderação, ternura e religiosidade”. Não há espaço para a vontade intransigente, para a lei da inflexibilidade. Sobre a “frieza do regulamento” devem prevalecer as razões da bondade e do coração.

Para Dom Bosco a educação é, de fato, “coisa do coração”. Sabia, por longa experiência, que o espírito dos jovens “é uma fortaleza sempre fechada ao rigor e à aspereza”. Só é possível cativá-los por meio do coração e da vontade livre.

Nele não há nada de rude ou de duro, como o seu temperamento obstinado poderia levar a pensar, mas atitudes paternas, amáveis, capazes de compreender e se adaptar aos gostos dos

pequenos, para fazê-los amar as coisas que os adultos amam, ainda que não gostem.

Mas, além de referências explícitas ao Sistema Preventivo, existe o vasto campo da obediência. Dom Bosco nunca recusou obedecer nem às autoridades religiosas – recorrendo, em caso de desacordo, à autoridade superior, nas coisas que eram contrárias à sua missão de fundador – nem às disposições legítimas das autoridades civis. Temperamento de “resistência ou de ataque”, como alguém o definiu, não era naturalmente levado à submissão.

Na canonização, a Igreja proclamou que a sua obediência foi heróica, como o prova, por exemplo, a aceitação incondicional da famosa “Concórdia”, disposta pela Santa Sé para aplinar os desentendimentos que se arrastavam havia anos entre ele e o seu arcebispo, dom Gastaldi.¹⁷ O documento impunha a Dom Bosco retratações pesadas, sem que houvesse motivo para isso. Quando leu o texto do documento para os seus conselheiros, o desalento foi geral. Todos, exceto Cagliero, o aconselharam a ganhar tempo e a mostrar as suas boas razões. Mas Roma havia falado e, para o santo, o assunto estava encerrado. A “Concórdia” foi aceita e observada integralmente.

Mais tarde, Dom Bosco confidenciará que aquela obediência lhe havia custado muito. O sumo pontífice havia exagerado na dose, pois sabia que podia contar com a sua santidade. Em Dom Bosco, vontade férrea e flexibilidade se complementavam.

Paternidade amável e exigente

Escreveu o teólogo R. Guardini: “Nenhuma das grandes realidades da vida humana surgiu do simples pensamento: todas do coração e do seu amor”.

Não é possível pensar em Dom Bosco e na sua obra sem lembrar a sua bondade paterna, o grande “coração oratoriano”,

fundamento da sua pedagogia.

Não se trata do coração “monumental dos filantropos, que é mármore e bronze”, como precisa o biógrafo de Dom Bosco A. Caviglia. É o coração no qual vibram a “bondade paterna e a ternura materna para com os pequenos e os pobres”. Dom Bosco dizia: “Sinto tanta compaixão por esses pobres garotos que, se fosse possível, daria a eles o meu coração dividido em pedacinhos”. Era a imagem real daquela que São Gregório de Nissa chama de “filantropia de Deus”.

A liturgia evoca Dom Bosco como “pai e mestre dos jovens”. Mestre porque pai. Ele gostava do nome “pai” porque encerrava uma aspiração e preocupação constantes na sua vida: construir uma família dos “sem família” ao redor de si.

Testemunha o padre Filipe Rinaldi:¹⁸

Dom Bosco, mais do que uma sociedade, queria formar uma família fundada quase unicamente sobre a paternidade suave, amável e vigilante do superior, e sobre o afeto filial e fraterno dos súditos. Aliás, ainda que mantendo o princípio da autoridade e da respectiva submissão, não queria distinções, mas igualdade entre todos em tudo.

Gostava de ser chamado de pai: “Chamem-me sempre de pai e vou ficar feliz”. Os primeiros salesianos e os ex-alunos só o tratavam assim. Também hoje é freqüente as pessoas se dirigirem a Dom Bosco como “pai e fundador”. A paternidade, assim como o paternalismo, era uma das características do seu tempo. A centralidade do pai e o respeito dos filhos representavam, ao mesmo tempo, um fato cultural e uma atitude virtuosa.

¹⁷ A causa entre Dom Bosco e o arcebispo de Turim foi discutida no Vaticano, em dezembro de 1881. Após debate com os cardeais, o papa Leão XIII decidiu enviar uma carta ao santo com as condições para a “Concórdia”. O conteúdo era claro: Dom Bosco devia escrever uma carta pedindo perdão ao arcebispo e este devia responder que estava feliz por esquecer o passado. Mas as razões para essa exigência não foram explicitadas. [n.e.]

As ideologias do nosso tempo, que impuseram pesadas hipotecas à figura paterna, estão hoje em dificuldade. O pai volta à cena atual, não como personagem a ser removido, mas figura central e necessária para o crescimento harmônico e equilibrado dos filhos, ainda que isso signifique novas formas de presença, que parecem pôr em crise os papéis clássicos. O pai deve ser mais autorizado que autoritário, mais próximo do modelo que da lei, mais amigo e irmão que personagem.

Nessa perspectiva, Dom Bosco, sob vários aspectos, se revela nosso contemporâneo. O seu modo de ser pai está em sintonia com as aspirações modernas. Ele recomendava aos seus diretores: “Mais do que superiores, sejam pais, irmãos, amigos”. Sem dúvida, a sua paternidade encontra a razão de ser mais profunda na paternidade que nasce da fé, de que fala com frequência São Paulo (1Ts 2,7-8.10-11). Também aqui não falta o brilho humano.

Órfão de pai aos 2 anos, Dom Bosco teve de um pai natural – exceto a carne e o sangue – praticamente tudo: o amor terno e forte para com os filhos de adoção, a resistência ao cansaço e aos sofrimentos próprios do pai, o sentido claro da responsabilidade do chefe de família e a dedicação sem limites, que tem correspondente somente no heroísmo materno. A sua vida inteira é prova disso, e o são também afirmações extremamente sinceras como as que seguem:

Qualquer dia, a qualquer hora, contem comigo, mas especialmente para as coisas da alma. Da minha parte, me dou a mim mesmo a vocês: parece mesquinho, mas quando dou tudo para vocês, não guardo nada para mim.

Dizia para os jovens em dificuldade: “Farei qualquer sacrifício; daria até o meu sangue para salvá-los”.

Aos superiores e aos jovens do Colégio de Lanzo escreve:

¹⁸ O padre Filipe Rinaldi (1856-1931) foi o terceiro sucessor de Dom Bosco. O papa João Paulo II o declarou beato em 1990. [n.e.]

A carta de vocês, assinada por duzentas mãos amigas e caríssimas, tomou conta do meu coração. Nada sobrou, a não ser o vivo desejo de amar vocês no Senhor, de lhes proporcionar o melhor, de salvar a alma de todos.

Expressão sublime de ternura paterna são, entre outras, as duas famosas cartas enviadas de Roma, uma aos jovens e a outra aos salesianos, no ano de 1884.¹⁹ Há nelas, se pode dizer, quase uma síntese do seu espírito, da sua experiência pedagógica, da sua espiritualidade. Nelas se encontra, sobretudo, o seu “coração”. Transcrevemos apenas duas frases: “Estar distante de vocês, não poder vê-los nem ouvi-los, me causa uma dor que vocês não podem imaginar”; “Quem quer ser amado precisa mostrar que ama”. De que maneira? Com a familiaridade, a doçura, a caridade, a intimidade, a confiança. Um bom testemunho desse “saber se deixar amar” é oferecido pelo seu secretário, o seminarista C. Viglietti.

A curiosidade levara o jovem a ler algumas cartas confidenciais. Sentiu remorso e confessou tudo a Dom Bosco. Qual foi a reação do santo? “Apertou-me comovido contra o coração, recolheu todas as cartas que estavam na sua mesa, confidenciais ou não, e as entregou a mim.”

A vida de Dom Bosco é entrelaçada de episódios semelhantes, com esse mesmo grau de afetuosidade. Conta E. Ceria:

Este fato é inédito. Confidenciou-a para mim o nonagentário padre Francesia, no final de 1929. Na época de Domingos Sávio, ele era um seminarista ainda muito jovem. Um dia ficou de cama, com febre. À tarde, Dom Bosco foi visitá-lo e o animou, com amabilidade. Ao se despedir, lhe perguntou se desejava algo. Francesia respondeu: “Gostaria de tomar um pouco da água do balde dos pedreiros”. Tratava-se de um balde de água fresca, usado

¹⁹ A carta dirigida aos salesianos ficou conhecida como “Carta de Roma”. Considerada um dos escritos pedagógicos de Dom Bosco, procurava traçar o perfil ideal do Oratório. Cf. *Escritos pedagógicos de Dom Bosco*. São Paulo, Editora Salesiana, 2004. [n.e.]

para a cal. Havia pedreiros trabalhando na casa. Será que Dom Bosco riu daquilo? Não, como também não riu em outra circunstância quando, perguntando a Sávio se sofria algum mal, o ouviu responder: “Antes, sofro um bem”. Dom Bosco compreendeu que ele estava com a saudade da santidade. Compreendeu, igualmente, o desejo de uma pessoa febril, que queria atenção. O que ele fez? Saiu do quarto e voltou pouco depois, trazendo uma caneca com aquela água. Acostou-se ao enfermo e aproximou a caneca dos lábios dele, que bebeu à vontade. Quando viu o bom pai se afastar, o jovem chorou de ternura.

Nos primeiros tempos do Oratório, quando Dom Bosco notava algum dos jovens doente, sofria tanto que pedia ao Senhor a graça de assumir para si tal enfermidade. Isso aconteceu várias vezes. Um dia, foi atingido pela dor de dentes de um jovem, que não a agüentava mais. Durante a noite, porém, a dor se tornou tão insuportável, que o santo, se levantando às duas horas da madrugada, teve de ir em busca de um dentista que lhe extraísse o dente. Mais tarde, devido aos muitos trabalhos, interrompeu essa prática. Isso mostra como ele assumia os sofrimentos, inclusive físicos, dos seus jovens.

Essa bondade, assumida como sistema pedagógico, chegava diretamente ao coração dos jovens e deixava, nos mais sensíveis, traços indeléveis.

São Leonardo Murialdo pode afirmar com segurança: “A caridade que Dom Bosco tinha para com os jovens permitia que eles correspondessem ao seu amor com afeto sincero e incomparável”.

Recordando o tempo vivido com Dom Bosco, o padre Luís Oriane²⁰ terá a ousadia de dizer: “Caminharia sobre brasas ardentes para vê-lo novamente e lhe dizer obrigado”.

O padre Paulo Albera²¹ deu este maravilhoso testemunho:

Devo dizer que Dom Bosco tinha por nós especial predileção, própria dele, pelo que sentíamos fascínio irresistível. Eu me sentia

como que preso por uma força afetiva que mexia com pensamentos, palavras e ações. Sentia que era amado de um modo que nunca tinha experimentado antes, de uma maneira singular, superior a qualquer afeto. Ele nos envolvia a todos em uma atmosfera de felicidade e alegria. Tudo nele tinha um poder de atração. Agia nos nossos corações juvenis como um ímã, ao qual era impossível resistir. E ainda que pudéssemos, não o teríamos feito em troca de todo o ouro do mundo, tamanha era a felicidade que experimentávamos por causa dessa influência excepcional sobre nós. Isso era algo muito natural nele, sem planejamento e sem esforço algum. E não podia ser diferente, porque de cada palavra ou ato seu emanava a santidade da união com Deus, que é a caridade perfeita. Ele nos atraía para si pela plenitude do amor sobrenatural que lhe ardia no coração. Dessa singular atração brotava a ação que conquistava os nossos corações. Nele, os dons naturais se tornavam sobrenaturais pela santidade da sua vida.

“Sempre pai”, Dom Bosco nunca foi um pai permissivo e fraco, nunca abdicou das suas responsabilidades. Deixava os seus colaboradores resolverem as questões mais conflituosas. Mas todos sabiam que ele era intransigente e firme, especialmente quanto ao furto, à blasfêmia e ao escândalo. Costumava dizer: “Dom Bosco é a pessoa mais bondosa do mundo: destruam, quebrem, façam molecagens. Ele saberá compreendê-los. Mas não arruinem as almas, porque nesse caso ele será inflexível”. O cardeal Cagliero conta:

Quando eu era seminarista, um garoto simples e inocente foi vítima de escândalo por parte de um adulto. Dom Bosco, logo que soube do fato, sentiu uma dor muito grande, se perturbou e chorou na minha presença. Com doçura paterna reparou a

²⁰ O padre Luís Orione (1872-1940) foi aluno no Oratório de Valdocco de 1886 a 1889. Ordenou-se sacerdote diocesano em 1895 e logo começou a se ocupar de jovens pobres. Fundou uma família religiosa, chamada Pequena Obra da Divina Providência, com várias congregações e grupos leigos. Faleceu em 1940 e foi declarado santo por João Paulo II em 2004. [n.e.]

²¹ O padre Paulo Albera (1844-1921) foi o segundo sucessor de Dom Bosco. [n.e.]

inocência traída, mas depois, com igual firmeza, fez com que o culpado fosse afastado.

Mesmo nesses casos, não lhe faltava o grande amor de pai. Não castigava o culpado, mas chamava a sua atenção e o levava a compreender a gravidade da ação. Exortava-o ao arrependimento e, depois, com pesar, o devolvia aos familiares ou aos benfeitores. Conservava, porém, a amizade. Era particularmente severo com quem desobedecia voluntária e obstinadamente. Dissolveu imediatamente, em 1859, uma banda musical, que era o orgulho do Oratório, porque os membros não haviam obedecido às suas repetidas e firmes orientações. Todos, exceto quatro, foram expulsos do oratório.

Também com os seus colaboradores diretos era paternal, mas intransigente. O padre C. Durando, conselheiro da escola, havia mudado o programa da assim chamada “escola de fogo”, transgredindo uma sua ordem. Os mais fracos, desanimados, desistiram. Dom Bosco, chateado, manifestou seu desapontamento: “Se tivessem obedecido, isso não teria acontecido”. A pessoa envolvida tentou se justificar. Dom Bosco o interrompeu com veemência: “A questão não é essa! Combinamos de um jeito, e a obediência deveria ter levado a fazer como havíamos combinado”. De quem tinha obrigação de maior perfeição, o santo exigia mais.

Nunca exploraríamos suficientemente a profundidade da bondade paterna de Dom Bosco. Mas, se no seu interior não encontrássemos unidas, numa complementaridade positiva, doçura e firmeza, bondade e severidade, não estaríamos diante de uma verdadeira paternidade.

Sensível e forte

Esta é a terceira antinomia positiva sobre a qual queremos chamar a atenção. Dom Bosco era de uma profunda sensibili-

dade, capaz de intensa vibração. Emocionava-se e se enternecia, regozijava-se e sofria com os outros. Seu médico disse que ficou impressionado, durante as conversas freqüentes que teve com Dom Bosco, “com a sua extrema sensibilidade, própria dos gênios mais sublimes”, nunca separada do “extraordinário primor da sua sensibilidade moral”. Uma sensibilidade natural, que possuía algo de delicado e de materno, aprendido na escola da sua mãe e da Virgem Maria, presença sempre ativa na sua vida.

Essa sensibilidade, que com os anos vai se tornando mais refinada, se manifesta claramente desde a juventude.

Todas as crianças choram com facilidade, mas também esquecem rapidamente. Joãozinho, ao contrário, chora a morte do seu pequeno melro e sofre durante vários dias. Mais tarde, a morte repentina do padre Colosso e, depois, a do amigo Comollo lhe causam um desalento duradouro e profundo. Quando jovem padre, se comove profundamente ao ver jovens abandonados nas estradas e nas praças de Turim, ou atrás das grades da prisão. Não agüenta acompanhar a agonia da própria mãe, e se retira para rezar no quarto vizinho. Anos depois, ao ler a sua biografia, escrita pelo padre G. B. Lemoyne, não consegue conter as lágrimas. A simples lembrança de Domingos Sávio o comove: “Toda vez que corrijo o esboço desse livro [*A vida de Domingos Sávio*], tenho que pagar o preço das lágrimas”.

Participa intensamente dos sofrimentos dos seus jovens por causa de doença, de morte de familiares, de desgraças. Emociona-se com as menores manifestações de afeto, com as acolhidas depois de longas ausências do Oratório e com os gestos de bondade dos benfeitores e dos amigos.

A ternura se torna mais forte na velhice. Comove-se com a lembrança dos missionários que estão longe: “Vocês partiram e despedaçaram o meu coração”. Despontam lágrimas dos seus olhos quando lhe dizem que ele não precisa de orações, e responde: “Preciso muito!”. Chora também quando o padre

Rua prega sobre o tema do amor de Deus.

Além de uma ternura natural, Dom Bosco teve também o dom espiritual das lágrimas, como se lê de outros santos. Hoje simpatizamos pouco com esses aspectos da ascese cristã, porque a humanidade se tornou adulta. Mas, pensando melhor, o dom das lágrimas, quando é verdadeiro, é sinal de grande santidade. Ele nasce na alma cheia de Deus, quando medita maravilhada sobre a sua infinita grandeza, quando contempla o seu amor salvífico, a sua misericórdia, a sua bondade e a sua justiça, e quando reflete sobre a paixão do Senhor, a gravidade do pecado, a condenação eterna e os outros mistérios da fé cristã.

Sobre esse tema, testemunha o cardeal Cagliero:

Quando Dom Bosco pregava sobre o amor de Deus, a perda das almas, a paixão de Cristo, na sexta-feira santa, a santíssima Eucaristia, a boa morte e a esperança do paraíso, notamos várias vezes, eu e os meus companheiros, que ele derramava lágrimas, seja de amor, de dor, ou de felicidade. Pudemos ver seu entusiasmo quando falava da Virgem Santíssima, da sua bondade e da sua imaculada pureza.

A sensibilidade de Dom Bosco era tão intensa, que o seu delicado equilíbrio interior se teria rompido caso não tivesse possuído, como virtude complementar, o pleno domínio dos seus sentidos e das suas faculdades espirituais, e uma comprovada fortaleza de ânimo.

É conhecida, em pessoas muito sensíveis, a extrema vulnerabilidade do amor próprio, a instabilidade de humor, a irritabilidade e a perturbação diante de pequenas coisas, e a facilidade com que perdem o controle.

Já lembramos o heroísmo com que Dom Bosco soube dominar e orientar para o bem os aspectos frágeis do seu temperamento, que poderiam ter feito dele uma pessoa ruim e perigosa, ou um santo fracassado. Não vamos repetir. Lembramos

apenas que, sem a sua profunda sensibilidade, teria faltado à *amorevolezza* salesiana – que é a capacidade de amar e de se deixar amar por meio de sinais visíveis – algo essencial. Tudo isso seria impossível sem a sua ilibada pureza e sem o respeito extremo para com a personalidade do jovem.

Também aqui, sensibilidade e domínio de si, ternura e fortaleza são virtudes complementares: não é possível isolar uma delas sem se defrontar com a outra.

Capítulo IV

Profundamente santo

Quando o jornalista inglês D. Hyde manifestou a I. Silone o propósito de escrever a vida do padre Orione, foi esta a resposta do escritor:

Qualquer que seja a sua decisão, quando escrever sobre ele, lhe peço que não o transforme em uma espécie de Beveridge [conhecido economista inglês] católico. Seria diminuir-lhe a estatura. O padre Orione, como muitos outros, se ocupou de obras de caridade e de justiça social. A sua força excepcional se apóia, porém, no fato de que, em tudo o que fazia, contava única e completamente com Deus.

O mesmo se deve pensar de Dom Bosco. A sua existência se explica apenas em Deus, apenas à luz da sua santidade, que é, ao mesmo tempo, escondida e revelada.

Santidade escondida

Durante a sua vida terrena, Dom Bosco ocultou, mais do que revelou, a sua santidade. Muitos se aproximaram dele sem se dar conta disso e, mesmo quando a sua fama de santo já havia ultrapassado as fronteiras da Itália e da Europa, houve sempre

quem o julgasse, paradoxalmente, mais intrigante que virtuoso. É o que afirmou dele o cardeal Ferrieri:

Dom Bosco! Dom Bosco é um mentiroso, um impostor, um

prepotente que quer se impor à Sagrada Congregação (...). Afinal, o que quer Dom Bosco? Ele não tem inteligência nem santidade. Teria sido melhor ficar sob a direção de um bispo, sem se obstinar em querer fundar uma congregação.

Era considerado “demasiadamente esperto”, “obstinado”, “ávido de dinheiro”, alguém que gostava “de falar e de fazer falar de si mesmo”.

No mundo dos santos vige a lei da gravidade: os santos se atraem reciprocamente e logo se compreendem mutuamente. São Murialdo, que conheceu Dom Bosco por volta de 1851, confessa que custou para acreditar na sua santidade. Só mudou de idéia quando “começou a estabelecer com ele uma relação confidencial”, quando se deu conta de que “as suas obras, que revelavam um homem extraordinário”, falavam em seu favor.

No ambiente do Oratório, porém, logo cedo se firmou a sua fama de santidade. Mas, mesmo para quem viveu com ele desde o início, adverte o cardeal Cagliero, a sua “vida parecia tão comum como a de todo sacerdote exemplar”. O padre Ceria escreveu:

Poucos homens foram tão extraordinários sob aparência tão ordinária. Nas coisas grandes como nas pequenas, sempre a mesma naturalidade, que à primeira vista não revelava nele nada além de um bom padre.

Um “bom padre”, certamente, mas não a ponto de se pensar em grande santidade, em santidade canonizável. Confidenciou

o padre Gresino:

Eu via e sabia que Dom Bosco era um ótimo padre, que trabalhava exclusivamente por nós e era querido por todos. Mas a idéia de possíveis processos ou de santidade canônica não me afluava à mente.

Assim pensavam também o padre Rinaldi e outros. A essência mais verdadeira da sua santidade permanecia escondida no seu jeito simples, afável e natural de fazer. Isso vinha do desejo de não manifestar aos outros o segredo de Deus, do profundo senso de humildade, mas também da sua natureza. Geralmente, o temperamento piemontês foge das efusões intimistas. Quando o marido, ainda hoje, se dirige à mulher, dificilmente a chama pelo nome. Dirige-se a ela por “tu”, mas um “tu” que, como escreve F. Piccinelli, “no dialeto de Asti, na alta Langa, significa ‘escuta’, significa laços profundos”.

Dom Bosco sempre falou muito dos seus projetos e das suas obras. Ele sempre se abriu com simplicidade aos seus filhos: “Para vocês não tenho segredos!”. Mas não revelava a ninguém a sua vida íntima. Escreve o padre Stella:

As páginas da sua autobiografia, as suas recordações pessoais, não são como as de Santa Teresa D’Ávila, e menos ainda como as de Teresa de Lisieux. São, em grande parte, tardias e, raras vezes, fugazmente, é possível surpreendê-lo exprimindo os seus sentimentos religiosos íntimos ou as motivações do seu agir.

Não era apenas o temperamento que estava em jogo. Quem olhava Dom Bosco externamente se impressionava com a atividade incessante, com o talento organizador, com a imponência das obras. O exterior, a fachada, escondia a profundidade interior, como observa o padre Ceria:

Diríamos que, nos anos de maior atividade, nem todos se deram conta do homem de oração que era Dom Bosco. Ousamos afirmar

que nem sempre aqueles que escreveram a seu respeito, solicitados a narrar os fatos grandiosos, penetraram profundamente no seu íntimo espírito de oração.

A aparente desordem que nos anos mais difíceis reinava nas casas de Dom Bosco também não depunha em favor da sua santidade. Quem não conhecia a vida de família que se levava em Valdocco, onde confraternizavam superiores e alunos, e onde o temor a Deus e a caridade evangélica reinavam soberanos, ou quem tinha em mente outros modelos educativos, podia duvidar de que o modelo adotado por Dom Bosco fosse de fato válido e formativo. O futuro cardeal Parocchi, aborrecido com o barulho que os meninos faziam na sacristia, reclamou: “Se Dom Bosco tivesse realmente espírito de piedade deveria impedir essa desordem”.

O padre Tortone, responsável oficial da Santa Sé junto ao governo italiano, no relatório enviado à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares sobre o andamento do Oratório, em 6 de agosto de 1868, não esconderá a “impressão desagradável” que teve ao ver, durante a recreação, clérigos e jovens “correrem, brincarem, saltarem e até trocarem alguns safanões, com pouco decoro por parte de alguns e pouco ou nenhum respeito por parte de outros. O bom Dom Bosco, contente com o recolhimento dos clérigos na igreja, não procura formar o coração deles no verdadeiro espírito eclesiástico”.

Dom Bosco gostava das coisas bem-feitas, mas nunca foi um perfeccionista. Tolerava, com bondade e paciência, a exuberância juvenil dos seus colaboradores, satisfeito de ver neles o espírito de verdadeira piedade, o amor ao trabalho, a moralidade a toda prova. Ninguém mais do que ele estava convencido de que as coisas não nascem perfeitas nem adultas; se tornam assim com o tempo. “As obras de Deus geralmente acontecem aos poucos”, era a sua máxima. Os fatos lhe davam razão: em

geral, os seus empreendimentos começavam na desordem e terminavam na ordem. Em 1875, afirmou:

Nos primeiros tempos do Oratório não era pouca a desordem exterior (...). Eu via aquela desordem, advertia de que não era necessária, mas deixava que tudo caminhasse como podíamos, pois não se tratava de ofensa a Deus. Se tivesse desejado acabar de uma só vez com os inconvenientes, teria que mandar embora todos os jovens e fechar o Oratório, pois os seminaristas não teriam se adaptado a um novo regime. Permanecia sempre um certo ar de independência que tornava odioso qualquer freio.

O padre Bonetti desejava que no seu colégio tudo fosse perfeito. Dom Bosco lhe escreveu: “Buscamos o ótimo, entretanto, em meio a muito mal, devemos nos contentar com o mediano”, acrescentou realisticamente.

O padre Cafasso, seu diretor espiritual, não compartilhava desse modo de ver. Um dia, na praça do santuário de Santo Inácio, em Lanzo, discutiram longamente a respeito, passeando de um lado para outro. O padre Cafasso insistia: “O bem deve ser feito bem”. “O bem às vezes basta fazê-lo como se pode, em meio a muitas dificuldades”, sustentava seu discípulo. Cada um permaneceu na própria posição. O padre Cafasso não compartilhava totalmente do estilo de vida levado em Vadocco, e aconselhou a sua irmã a não mandar os filhos estudarem lá. No processo para a causa de beatificação de Dom Bosco, em dezembro de 1916, Giuseppe Allamano confirmou a veracidade desse episódio:

Padre Cafasso queria mais rigor na escolha dos jovens, mais vigilância e ordem. Isso se deduz do conselho que padre Cafasso deu à minha mãe e que me foi transmitido por ela: que os meus irmãos e eu fôssemos estudar, mas não no Oratório, pois ali havia pouca disciplina e pouca ordem.

Mas a mãe não seguiu o conselho do irmão santo. Allamano concluiu os estudos ginasiais na escola de Dom Bosco.

A sua recorrente afirmação “o ótimo é inimigo do bom”

interpreta realmente uma das convicções mais firmes na sua vida. A mania de perfeição nunca paralisou as suas iniciativas. Considera sempre mais útil à causa do Reino fazer o bem, ainda que mais ou menos, antes que ceder em vista de um hipotético “melhor”. Com o bagaço de um limão se pode ainda fazer uma limonada aceitável. Com meias personalidades o santo sabia fazer milagres.

Diremos, finalmente, que alguns modos de fazer do santo, arguto e desenvolto, não davam sempre a medida exata da sua santidade.

A senhora Beaulieu de Nice, tendo conhecido São João Maria Vianney, estava convencida de ter formado uma idéia adequada sobre a santidade. Ficou surpresa quando, participando de um banquete em homenagem a Dom Bosco, o viu se levantar com o copo na mão e brindar em honra dos convidados. “Esse é um santo?”, pensou consigo mesma. Mudou de idéia quando o ouviu dizer benevolmente: “Quer comamos, quer bebamos, que seja em nome do Senhor”.

Quando o monge beneditino francês A. Mocquereau o viu com “barba por fazer, cabelos longos e despenteados, batina surrada...”, se decepcionou: “Aquele primeiro instante foi para mim puramente natural”.

De fato, tanto nas ruas de Turim como nas de Paris, a nobreza do seu espírito podia permanecer ofuscada pela aparência do homem humilde e simples, que ao andar “balançava o corpo de um lado para o outro como o amigo do camponês, o boi, do qual parecia imitar a mansidão de caráter, a força e a constância ao puxar o arado”, conforme o testemunho de um antigo aluno. Era natural que algo da têmpera do antigo camponês permanecesse nele para sempre.

Quem, porém, não se deixasse levar pela primeira impressão e o observasse atentamente, sobretudo no último período da sua vida, não teria precisado se esforçar para descobrir nele, como escreveu Saint Genet, correspondente

do jornal francês *Le Figaro*, “a marca de um homem criado por Deus para alguma coisa (...). O que nele impressiona é a fineza do sorriso, o olhar arguto, um ar de bondade superior e de vontade férrea”.

Santidade revelada

Santidade escondida e ao mesmo tempo revelada: eis outro dos muitos paradoxos da vida de Dom Bosco. Por temperamento e por deliberado espírito de humildade ele foi levado a esconder o seu mundo interior, a ocultar o melhor de si. Mas a santidade resplandecia nos seus olhos, se filtrava através de toda a sua pessoa como a luz através do alabastro, e podia ser percebida no conjunto do seu comportamento.

Como o artista que imprime a sua marca na própria obra, Dom Bosco havia deixado impressa a sua santidade no que havia pensado, dito, escrito, feito e levado a fazer. Os bons frutos indicavam a qualidade da árvore. A confirmação disso está, entre outras coisas, nas milhares de páginas dos atos processuais – que tiveram passagens difíceis –, nos quais a vida de Dom Bosco foi escrupulosamente passada no cadinho dos parâmetros oficiais de santidade que, a partir do início do século XX, se tinham refinado, se tornando mais científicos e rigorosos.

Estudando a sua causa, consultores e juízes não demoraram a se dar conta de que, se aparentemente a sua vida parecia dispersa em mil atividades exteriores, na realidade havia unicamente Deus, apenas Deus, como supremo centro de gravidade. Era verdadeiro o que escrevia o padre Albera a seu respeito:

Se trabalhar sempre até a morte é o primeiro artigo do código salesiano de Dom Bosco, escrito mais com o exemplo do que com tinta, lançar-se nos braços de Deus e nunca se afastar dele foi o seu ato mais perfeito.

Igualmente verdadeira era a afirmação do padre Rua:

O que pude continuamente discernir foi a sua contínua união com Deus. (...) Eu aproveitava muito mais observando Dom Bosco, mesmo nas pequenas ações, do que lendo ou meditando tratados de ascética.

Insistia, por sua vez, o cardeal Cagliero:

O amor divino transparecia no seu rosto, em toda a sua pessoa e em todas as palavras que brotavam do seu coração quando falava de Deus no púlpito, no confessionário, nas homilias ou nas conferências privadas. Eu o ouvia repetir milhares de vezes: “Tudo pelo Senhor e pela sua glória!”. Estava em contínua união com Deus.

Testemunhos como esses, autorizados e dignos de crédito, evidenciam que o impulso colossal que parecia multiplicar do nada as suas obras benéficas saía da profundidade da sua vida interior, da adesão total à vontade do Pai, a Cristo, ao Espírito e à Igreja. Brotava, da forma sempre mais absoluta e transparente, da sua excepcional capacidade de união com Deus. “Uma vida movida pelo sobrenatural”, se diz a partir de uma imagem pitoresca de outros tempos. A força do exemplo, da luz, da santidade que, especialmente nos últimos dez anos de vida, se desprendia da sua pessoa, se tornava, aos poucos, irresistível.

Por terem se encontrado com Dom Bosco, às vezes apenas de passagem, foram literalmente lançados no caminho da santidade heróica – como se deduz das suas biografias – salesianos como os veneráveis Augusto Czarторыski, príncipe polonês, e André Beltrami; os servos de Deus Luís Variara e Vicente Cimatti; os beatos Miguel Rua, Filipe Rinaldi e Luís Orione; o santo Luís Versiglia, mártir na China. E esses não são os únicos exemplos. A santidade de Dom Bosco era verdadeiramente contagiante.

Foi dito que todos os santos são, em sentido figurado, filhos do período gótico: plenos de infinita aspiração pelo outro, para

os quais o suficiente não é nunca suficiente. Assim se revela Dom Bosco. O postulador da causa de canonização, cardeal Vives y Tuto, escreveu:

Sou feliz porque pude conhecer um grande santo. Toquei-o com as mãos: que tesouros de virtude! Um amor por Maria equivalente a dos grandes santos; um amor pela paixão que lhe sufocava o peito; e, sinal infalível de santidade, era extraordinário no ordinário, de modo que, na vida comum, nada transparecia externamente. Estudei muito a vida de Dom Bosco e a sua figura me parece sempre mais providencial.

Dirá ainda: “Folhee tantos processos de causas de santos, mas nunca encontrei outro tão transbordante de sobrenatural”.

O promotor da fé, futuro cardeal Salotti, tendo, por sua vez, se aprofundado no conhecimento da vida de Dom Bosco, confessou ter se impressionado não tanto com o seu “prodigioso apostolado”, mas com o “edifício sábio e sublime da sua perfeição cristã”. E acrescentava, se dirigindo ao papa Pio X:

Santo Padre, se todos tivessem conhecimento íntimo e completo desse outro lado da figura de Dom Bosco, como esse homem teria sido mais apreciado, embora já seja profundamente estimado no mundo todo.

Diz o salmo: “Deus é admirável no seu santuário”. Mais admirável e variado, porém, é o templo que Ele edifica para si mesmo com as pedras vivas e eleitas que são os santos. Dom Bosco é uma dessas pedras, pedra angular pelo papel de fundador e arquétipo de uma grande descendência espiritual. Afirma o cardeal Schuster: “Para encontrar outra figura da mesma estatura de Dom Bosco é preciso recuar séculos na história da Igreja e alcançar os santos fundadores das grandes ordens religiosas”. E acrescentava, dirigindo-se ao padre E. Vismara, pioneiro do movimento litúrgico na Itália: “Talvez vocês salesianos não conheçam plenamente toda a riqueza de virtude e de vida interior que animava Dom Bosco”. Vale lembrar que o grande arcebispo

de Milão tinha no seu criado-mudo um volume das *Memorie biografiche*,²² e todas as noites lia alguma página.

A afirmação de J. Guittou, da Academia Francesa de Letras, é paradoxal. À pergunta: “O que seria a religião sem a fé?”, o filósofo dá a seguinte resposta:

A fé é a adesão à verdade revelada por Jesus Cristo, Deus feito homem: de repente me vêm à mente duas testemunhas clamorosas, a de São Paulo e a de São João Bosco.

De Dom Bosco se pode destacar a audácia, a coragem, a imaginação criativa, “mas não se pode nunca separar essas qualidades tão admiráveis do homem Dom Bosco, da riqueza interior sustentada por rigorosa ascese, pelo profundo senso de fé e pela contínua dedicação ao ministério da Igreja”, afirma o cardeal Ballestrero.

A vida interior de Dom Bosco, de uma riqueza intensa e ininterrupta, é proposta aos fiéis em intervenções memoráveis dos sumos pontífices.

Sobre ele escreveu João Paulo II: “A sua estatura de santo o coloca, com originalidade, entre os grandes fundadores de institutos religiosos na Igreja”. O papa destaca “principalmente o fato de que [Dom Bosco] realiza a sua santidade pessoal por meio do empenho educacional vivido com zelo e coração apostólico, propondo, ao mesmo tempo, a santidade como meta concreta da sua pedagogia”. E continua:

Um intercâmbio entre “educação” e “santidade” é o aspecto característico da sua figura: ele é um “educador santo”, se inspira em um “modelo santo” – Francisco de Sales –, é discípulo de um mestre espiritual santo – José Cafasso –, e sabe formar entre os seus jovens um “educando santo” – Domingos Sávio (*Iuvenum*

²² *Memórias biográficas*. Obra em 29 volumes, escrita por G. Lemoyne (I-IX), A. Amadei (X) e E. Ceria (XI-XIX). [n.e.]

Patris, n. 5).

Nessa breve síntese, as palavras “santo” e “santidade” aparecem sete vezes, interligadas ao nome de três santos que sempre contaram com a atenção de Dom Bosco, também ele homem e santo dentre os mais significativos. Nele igualmente se observa a lei espiritual segundo a qual as criaturas mais plenas de Deus são as que mais têm sede dele.

Capítulo V

Taumaturgo que não amedronta

Nas últimas décadas da sua vida, Dom Bosco viu crescer a sua fama de taumaturgo, com repercussões além da Europa. Na realidade, a convicção de que, sob a aparência comum, se ocultavam virtudes e fatos extraordinários, tinha de tal forma se imposto aos seus colaboradores mais fiéis, que estes criaram, em 1861, uma “comissão” encarregada de anotar as palavras e os fatos mais significativos do pai e fundador. O cronista Domenico Ruffino nos transmite os relatos da primeira sessão:

Os grandes e luminosos dotes que acontecem com ele, e que sempre admiramos, o modo singular como conduz os juvenzinhos, os grandes projetos que arquiteta para o futuro, revelam que há nele algo de sobrenatural. (...) Tudo isso nos impõe a obrigação de impedir que aquilo que pertence a Dom Bosco caia no esquecimento.

Seguem as assinaturas dos salesianos de maior prestígio nas origens da Congregação: Alasonatti, Rua, Cagliero, Durando, Francesca, Cerruti, Ruffino, Bonetti etc.

Dos seus escritos, dos seus testemunhos e, posteriormente, das inumeráveis narrativas recolhidas ao longo do tempo, emerge com vigor o perfil de Dom Bosco taumaturgo. Ele é, de fato, o padre que lê os segredos das consciências, adivinha

qual será o curso de uma vida, tem sonhos ou visões misteriosas, profetiza, age à distância, possui o dom da cura e dos milagres, experimenta a perseguição diabólica e tem, no fim da vida, fenômenos místicos.

Ainda que uma certa aura lendária tenha ampliado certos episódios e ainda que algumas narrativas não sejam suficientemente confiáveis, ninguém pode pôr em dúvida os fatos extraordinários criticamente seguros que abundam na vida de Dom Bosco.

Acrescentemos que a hagiografia moderna valoriza plenamente o muito ou o pouco de lendário que floresce em torno da figura dos grandes santos. Neles, de fato, “Deus de maneira viva manifesta a sua presença e a sua face aos homens” (LG n. 50). Essa irradiação do alto determina no sentimento religioso individual e coletivo uma sensação de estupor, de veneração, de estima, que podem transcender o fato objetivo e desembocar em ampliações mais ou menos lendárias. O hagiógrafo deve considerá-las a partir do vigor espiritual que a lenda veicula. Sobre isso, escreve A. Vauchez:

A aproximação positivista da vida e dos milagres dos santos que se limitasse a romper a casca para extrair o núcleo das informações “históricas”, deixando cair, aos olhos dos especialistas, a retórica hagiográfica, com os seus lugares-comuns, hipérboles e interpretações *a posteriori* dos seus méritos e dos seus atos, se revela, a esse efeito, particularmente danosa e redutiva.

A conseqüência imediata dessa premissa é clara: a vida dos santos, com o que nela existe de maravilhoso, e a leitura dos textos que a transmitem têm a sua especificidade: “Não podem ser tratados como documentos – diplomas, textos –, nos pren-

dendo na problemática do verdadeiro e do falso, do autêntico e do apócrifo”. Está em jogo uma dinâmica espiritual que a supera, ainda que uma hagiografia que se respeite não possa desconsiderar os cânones da crítica histórica. A ciência humana é chamada a desenvolver uma tarefa muito elevada. Escreve, a propósito da hagiografia, o teólogo R. Guardini: “Não podemos lhe atribuir mais valor do que tem. Não podemos nos deixar intimidar por ela naquilo que não lhe diz respeito”.

Esse grande pensador cristão já havia sublinhado que a orientação íntima do santo, como toda conduta conseqüente, exerce um efeito também sobre os acontecimentos, enquanto instrumento das disposições divinas:

Daí a impressão que os acontecimentos dão à vida dos santos, e que a lenda interpreta normalmente com o conceito do prodígio, ainda que este não exista no caso em exame. Mas ela quer significar algo que é verdade: na vida do homem que se entrega totalmente a Deus, as coisas caminham de modo diverso daquele que vive segundo a própria vontade.

O fato de o homem de hoje, diferentemente daquele da Idade Média, ser excessivamente desconfiado em relação a tudo quanto pareça extraordinário, não é razão suficiente para não se falar a respeito. Entre a credulidade ingênua e a incredulidade sistemática há espaço para a averiguação respeitosa. Disse o papa Paulo VI:

Se a Igreja com freqüência se mostra cauta e desconfiada em relação às possíveis ilusões espirituais de quem manifesta fenômenos singulares, ela é e quer ser extremamente respeitosa em relação às experiências sobrenaturais concedidas a algumas almas e aos fatos prodigiosos que, às vezes, Deus se digna miraculosamente inserir na trama das vicissitudes naturais.

Não se justifica, então, a desconfiança apriorística em rela-

ção ao “maravilhoso” que transborda na vida de Dom Bosco. Certamente nem os milagres, nem as profecias, nem outros fatos extraordinários podem se confundir com a santidade, que é dinamismo heróico da vida teologal e fato completamente interior. Esses dons, essencialmente necessários para o bem da Igreja, podem, entretanto, manifestá-la e estimulá-la.

Ora, o taumaturgo é um santo que incute, geralmente, reverência e medo, pela sua proximidade de Deus, pelo poder divino que atravessa a sua pessoa; um santo solene e grave. Esse tipo de representação não se adequa, absolutamente, a Dom Bosco, “um taumaturgo que não amedronta”.

Extraordinário do mais suave esplendor

A potência divina que irrompe silenciosa e quase escondida na vida de Dom Bosco é tal, que nem todos a percebem. Ele manifestava o extraordinário – escreve Lemoyne – “com tanta simplicidade, que este parecia de suave esplendor, mais fácil de a nossa pobre natureza compreender”.

Se, por exemplo, as hóstias consagradas se multiplicam nas suas mãos, ele é o único a saber. Se os pãezinhos do café da manhã se multiplicam às centenas, o único a se dar conta é F. Dalmazzo, que ao suspeitar o prodígio, tinha se escondido atrás do santo. Se, para tornar os seus filhos felizes, multiplica as castanhas e as avelãs – tão apreciadas naquele tempo –, o faz com a naturalidade do antigo prestidigitador que tira do copo uma coisa após outra. E quando a notícia do fato extraordinário se espalha, ou algum jovem lhe pergunta com simplicidade como fez aquilo, o santo, entre sério e faceiro, faz uma piada e desvia o assunto.

Se possui, em medida extraordinária, o “dom da cura”, é fácil para ele convencer que a verdadeira e única realizadora dos prodígios é Maria: “É ela a taumaturga, a realizadora das

graças e dos milagres, pelo grande poder que obteve do seu divino Filho”. Disso está tão convencido, que não hesita em publicar as graças obtidas no nome dela.

Não poucos fatos, pela natureza deles, estavam destinados a ficarem esquecidos: a manifestação dos pecados, a leitura dos pensamentos ocultos, certas profecias destinadas a pessoas em particular. Podia-se viver durante anos ao lado de Dom Bosco e nada saber a respeito. É o caso de A. Sávio, que, em 1860, declarou no processo:

Alguns dos meus confrades me garantiram que Dom Bosco recebera de Deus dons especiais, como perscrutar os corações e o dom da profecia: eu não estou em condições de me pronunciar a respeito.

O bispo dom Bertagna afirma a mesma coisa: “Eu nunca tive um firme argumento para crer nessas coisas”.

Dom Bosco era dotado de penetrante intuição psicológica. Por isso, nem sempre era fácil estabelecer uma linha que separasse, nele, carisma e natureza. Na afirmação surpreendente que ele faz ao doutor Albertotti – “Dê-me um jovem menor de 14 anos e farei dele o que quiser” –, cabe perguntar se está falando o carismático ou o homem. Provavelmente um e outro.

Consideração especial merecem os seus “sonhos”. Sabe-se que o sonho é o reino da fantasia desenfreada, produto do inconsciente. O sonho é essencial para o homem: não é possível viver sem sonhar. Como todos, Dom Bosco sonhava todas as noites, mas alguns deles se distinguiam dos sonhos comuns.

Às vezes – ele mesmo afirma –, se “formavam” na sua mente “fábulas”, “histórias” ou “apólogos”, de conteúdo moralizante ou formativo, que de boa vontade ele contava para os jovens e para os salesianos: “A historinha que vou lhes contar vai ensinar alguma coisa”.

Outros sonhos se caracterizavam não apenas pela lógica per-

feita, mas por anteciparem acontecimentos futuros. Iluminavam o seu destino de fundador, prenunciavam mortes iminentes e assim por diante. No início, “não lhes dava crédito”, os exorcizava como insídias sutis do demônio, mas por fim teve de ceder, pois se revelavam verdadeiros. Na maturidade não hesitará em qualificá-los de sobrenaturais.

Sonhos-visões, cuja palheta reproduz o que está por trás da sua vida de camponês e da sua experiência em Valdocco. Sonhos com estranhas representações, mas sempre de denso conteúdo moral e espiritual, que o santo educador soube utilizar habilmente para manter longe da sua casa a ofensa a Deus, para exaltar a beleza da vida na graça e na amizade com Deus e para inflamar de entusiasmo todos os que haviam acreditado na sua palavra sobre o futuro glorioso da sua obra.

Ao lado desses sonhos, que podemos considerar menores, pois dizem respeito preferencialmente à vida do Oratório, se deve recordar o grande afresco dos sonhos maiores, relativos à origem e ao desenvolvimento da Congregação. Nele se encontram sonhos como o dos 9 anos, nas suas diversas versões, e como os que se referem às missões, ao carisma e ao espírito salesiano: do caramanchão de rosas, dos dez diamantes, dos diabos em congresso para discutir o melhor modo de destruir a obra salesiana e assim por diante. Esses sonhos maiores não são muitos, mas a sua importância é incalculável. São, sob o véu do símbolo e da visão, verdadeiros compêndios de ascética e de espírito salesiano. A tradição nunca deixou de se referir a eles como fonte de importância primordial.

Os aproximadamente cem sonhos de Dom Bosco contados nas *Memórias biográficas* – embora sejam ainda mais numerosos – formam um conjunto com a sua vida, o seu ensinamento, a sua espiritualidade, o seu apostolado. Não há nada comparável na biografia dos santos piemonteses contemporâneos. São típicos da sua existência, e cada estudioso de salesianidade precisa se

confrontar com eles, talvez sem nunca conseguir alcançar o segredo de Deus que se esconde neles e o do homem que os narra.

É ímpar o fato de que se, por um lado, Dom Bosco dá a máxima importância aos seus sonhos em geral, por outro, uma vez mais parece recorrer às imagens dos sonhos para ocultar os seus carismas. Parece dizer, e de fato diz: “Os sonhos se fazem dormindo”, são apenas “sonhos”, no entanto, podem ensinar muitas coisas; “Não dêem a esse sonho mais importância do que têm”; “Esse é o meu sonho: cada qual o interprete como quiser, mas saiba lhe dar sempre o peso que um sonho merece”.

Dom Bosco, como se vê, é um taumaturgo que tem jeito de não o ser, que sabe se ocultar habilmente.

Avaliação correta

O extraordinário, o sobrenatural, ocupa amplo espaço na vida de Dom Bosco. Trata-se de avaliá-lo corretamente: não exagerar nem subestimar. Não exagerar porque Dom Bosco, como se exprime A. Caviglia, “não é um santo cujos milagres escapem das mãos, como São José de Copertino ou Francisco de Paula, nem um Cottolengo que, confiante na Providência, segue o próprio coração caso por caso”.

O que mais conta na sua vida não são os milagres, as profecias, as visões, mas a sua virtude heróica, o esforço cotidiano para promover as inumeráveis turmas de jovens pobres e de gente humilde, tanto no plano humano como no espiritual. Conta o empenho constante pelo advento do Reino e a preocupação contínua em agir, como se tudo dependesse dele, mesmo contando unicamente com Deus, convencido de que “a Providência quer ser ajudada pelos nossos imensos esforços”.

Não devemos subestimá-lo. Escreveu P. Stella: “O extraordinário impregnou a religiosidade de Dom Bosco e do seu ambiente e estimulou um tipo de ascética e de ação apostólica”. Marcou

de modo significativo, sobretudo, a sua obra de fundador.

Quando, por exemplo, depara com dificuldades insuperáveis para obter em Roma a aprovação das Constituições, Dom Bosco realiza de imediato dois milagres humanamente inexplicáveis: cura o sobrinho do cardeal Berardi e cura o cardeal Antonelli, preso a uma cadeira por graves achaques. A intervenção desses dois prelados é determinante para a sua causa.

“Digam-me o que poderia ter feito o pobre Dom Bosco, se do céu não lhe chegasse a cada momento uma ajuda especial?”, confienciava um dia aos salesianos.

Olhando para o sucesso dos seus empreendimentos, dizia: “Aqui se vê a mão de Deus e a proteção de Nossa Senhora”. Estava tão convencido de viver sob uma ação particular do divino, que afirmava: “A Congregação não deu um passo sem que algum fato sobrenatural o aconselhasse; não houve mudança, aperfeiçoamento ou crescimento que não tenha sido precedido por uma ordem do Senhor”.

Podemos nos perguntar: qual foi a sua reação interior diante do sobrenatural que atravessou a sua vida? Foi uma reação de adoração, profundamente humilde. Como o servo fiel que se sente instrumento, apenas instrumento, nas mãos de Deus, o único herói dos seus prodígios: “Eu não passo de humilde instrumento dessas obras”. Confiou ao padre Felice Giordano, dos Oblatos de Maria Virgem:

É nosso Senhor quem faz tudo. Se Ele tivesse encontrado na arquidiocese de Turim um sacerdote mais pobre, mais mesquinho, mais desprovido de qualidades, teria escolhido aquele, e não outro, como instrumento das obras das quais me está falando, e deixado de lado o pobre Dom Bosco.

Nas páginas do seu testamento espiritual encontramos esta significativa declaração:

Eu recomendo calorosamente a todos os meus filhos que sejam vigilantes quer no falar como no escrever, nunca contando ou afirmando que Dom Bosco obteve graças de Deus ou, de algum modo, realizou milagres. Isso seria cometer um erro terrível. Ainda que Deus, na sua bondade, tenha sido generoso comigo, eu nunca pretendi conhecer ou realizar coisas sobrenaturais.

A repercussão do maravilhoso na sua vida pessoal determinou um duplo movimento. O primeiro é o do profeta assustado diante do poder divino que o investe: “Essas coisas fazem crescer de modo assustador a responsabilidade de Dom Bosco diante de Deus”; “Estremeço ao pensar na minha responsabilidade pela posição em que me encontro. As coisas que vejo acontecer são tais, que me impõem imensa responsabilidade”.

O segundo movimento é o de Maria que glorifica o Senhor pelos prodígios que nela se cumpriram. Para as pessoas mais íntimas e para os benfeitores, Dom Bosco não hesita em contar, com humildade, os fatos extraordinários que pontilham a sua vida de educador e de fundador guiado pelo princípio: “É necessário que as obras de Deus se manifestem”. Sentia que a sua vida estava intrinsecamente unida à da Congregação. Por essa razão costumava dizer:

Vejo que a vida de Dom Bosco se confunde com a vida da Congregação: por isso falemos a respeito. É necessário para a maior glória de Deus, para a salvação das almas e para o incremento da Congregação que muitas coisas sejam conhecidas.

As coisas conhecidas são as *magnalia Dei*: os sinais extraordinários, os sonhos proféticos, as curas prodigiosas que acompanham a sua vida de educador e fundador, que lhe arrancavam expressões plenas de confiança e de abandono em Deus: “Deus está conosco!”; “É obra sua tudo o que se fez e se faz”; “Deus faz as suas obras com magnificência”; “A nossa Congregação é

conduzida por Deus e protegida por Maria Auxiliadora”.

Capítulo VI

Um santo fundador

Dom Bosco pertence à constelação dos santos fundadores. É o pai de uma grande posteridade espiritual. Os salesianos, as Filhas de Maria Auxiliadora e os cooperadores salesianos foram fundados diretamente por ele. Outros grupos, suscitados pelo Espírito Santo, vivem o seu espírito e realizam a sua missão com funções específicas diversas, dando origem à Família Salesiana.

Concentraremos agora a nossa atenção na experiência carismática de Dom Bosco fundador, refletindo sobre os elementos que estão na raiz da vocação salesiana e do seu desenvolvimento, e determinando a sua natureza e finalidade.

Para uma compreensão correta do carisma fundacional de Dom Bosco, se faz necessário precisar e esclarecer melhor a terminologia, nem sempre unívoca. Inspirando-nos em F. Ciardi, chamamos a atenção apenas para alguns conceitos úteis à nossa reflexão.

Assumimos a distinção que esse autor faz entre carisma *de* fundador, dado ao fundador em vista da fundação, e carisma *do* fundador, que se revela como uma experiência do Espírito, transmitida aos seus discípulos para que a possam viver.

O primeiro é aquele “dom particular conferido pelo Espírito a um homem ou a uma mulher, em vista da criação de uma nova instituição de vida consagrada na Igreja”. Esse carisma

tem uma estrutura específica: comporta a irrupção do Espírito do Pai e do Ressuscitado na alma do fundador, com aquele conjunto de dons particulares, graças místicas e provações interiores, absolutamente pessoais e, por isso, intransmissíveis.

Toma totalmente a pessoa e a guia irresistivelmente à realização do projeto de Deus para a sua vida.

O segundo é uma experiência que “contém, como em código genético, as intenções fundantes e o projeto, fruto da inspiração originária, e que é destinada a ser revivida e ritualizada pelos seguidores de ontem, de hoje e de amanhã”.

Os conteúdos ou os componentes da experiência carismática de Dom Bosco são múltiplos: a sua predileção pelos jovens, especialmente os necessitados; o método educativo próprio, que sabe evangelizar educando e educar evangelizando; o modo particular de viver a comunhão fraterna e a prática dos conselhos evangélicos; o sentido de Igreja; a promoção das vocações sacerdotais e religiosas; a urgência missionária, entre outros. Surge então, espontaneamente, a pergunta sobre a relação entre carisma e espírito salesiano. São realidades indissociáveis. O primeiro acentua o dom do Espírito. O outro é propriamente o estilo de vida e de ação dos salesianos, ou seja, o conjunto das motivações, atitudes e comportamentos com os quais se vive a realidade carismática.

Os discípulos crescidos diretamente na escola do fundador têm uma presença e um significado relevantes enquanto contribuem, com a própria vida, para expressar conteúdos e obras do seu carisma e, por isso, são considerados participantes do processo e quase co-fundadores.

Como se trata de uma realidade viva e dinâmica, o carisma no seu caminho histórico deve se manter fiel à própria identi-

dade e, ao mesmo tempo, se adaptar aos sinais dos tempos, para desenvolver as suas capacidades imprevisíveis. É quanto afirma o documento *Mutuae Relationes*: a experiência do fundador não seja apenas vivida, mas sempre “guardada, aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em crescimento perene” (n. 11).

Declara explicitamente a Exortação apostólica *Vita Consecrata*:

O mesmo Espírito, longe de subtrair à história dos homens as pessoas que o Pai chamou, as coloca a serviço dos irmãos, segundo a modalidade própria do seu estado de vida, e as orienta a desenvolver tarefas particulares, conforme as necessidades da Igreja e do mundo, por meio dos carismas próprios dos vários institutos (n. 19).

Sem essa contínua adequação e crescimento conforme as necessidades, o carisma do instituto corre o risco, como precisou com autoridade João Paulo II, de “se autocondenar ao desaparecimento”.

Referindo-nos ao carisma de Dom Bosco, não podemos prescindir do fato de que esse carisma o qualifica como sinal e portador do amor de Cristo para com os pequenos, princípio e fonte de fecunda posteridade espiritual (a Família Salesiana) e iniciador de uma corrente de espiritualidade que está entre as mais ricas e atuais na Igreja.

O germe divino, presente nele desde o nascimento, permanece durante quase trinta anos em estado germinal. Nesse período, o Espírito Santo, por meio de um duro itinerário ascético e místico, o eleva a graus sempre mais altos de perfeição. Fala-lhe por meio de múltiplas mediações: pessoas, acontecimentos, coisas; com inspirações interiores, visões e sonhos. Suscita nele o desejo da vida religiosa.

Não podemos silenciar sobre o sonho dos 9 anos, que teve

nos Becchi: é a primeira centelha que o Espírito Santo faz brilhar na sua mente e no seu coração, ilumina o seu futuro, lhe dá coragem e confiança, e o enche de alegria. Em 1880, Dom Bosco está com o Capítulo Superior em San Benigno. Fala-se no perigo de supressão das casas salesianas fundadas na França, como já acontecera com outras congregações religiosas. O santo afirma que os seus filhos não correm qualquer perigo, porque Nossa Senhora estendeu sobre eles o seu manto protetor. O padre Rua o interrompe para dizer que Nossa Senhora protege a todos, especialmente os seus religiosos. Dom Bosco responde:

Nossa Senhora faz o que quer. Por outro lado, as nossas coisas começaram de modo extraordinário desde quando eu tinha 9 ou 10 anos. Parecia que eu via no terreiro de casa muitos, muitos garotos. Então, uma pessoa me disse: “Por que não vai instruí-los?”. “Porque não sei.” “Vá, vá, eu estou mandando.” Depois disso eu fiquei tão contente que todos perceberam.

Parece que apenas esse sonho se renovará muitas vezes com novas particularidades, lhe dando coragem mas não o socorrendo nos momentos mais críticos da sua aspiração ao sacerdócio. Não se trata de um sonho como outros. Dom Bosco o sentiu como uma comunicação do alto, como um novo caráter divino estampado indelevelmente na sua vida, que condicionou todo o seu modo de ver e de pensar.

Por volta dos 60 anos, ao narrar o sonho nas *Memórias do Oratório*, poderá interpretá-lo no luminoso afresco que conhecemos e desenhá-lo à luz das maravilhas de Deus – *mirabilia Dei* – realizadas ao longo da sua vida. Agora, finalmente, poderá clarear a zona de sombra ainda obscura, integrá-la às luzes e às obras que aos poucos a inspiração divina lhe foi sugerindo, nos deixando, assim, o patrimônio de uma sugestiva síntese, ainda que incompleta, da sua missão educativa, pastoral e espiritual.

Qual é, portanto, a iluminação fundamental, com a qual o Espírito entra na sua existência, manifestando-lhe o projeto de Deus na sua vida?

Não foi fácil, para Dom Bosco, determinar esse momento. Porém, podemos situá-lo entre a sua ida para o Refúgio da marquesa Barolo (1844) e a tomada de posse da casa Pinardi (1846).²³

Quando os seus mais íntimos colaboradores, um dia, em 1876, lhe perguntaram se era verdade que havia feito um pouco de noviciado com os rosminianos, Dom Bosco, como observa padre Giulio Barberis em uma das suas *Cronachette autobiografiche*, deu esta resposta: “Não, tive a idéia de me inscrever entre os oblatos aqui de Turim ou entre os rosminianos”. E acrescentou:

Olhando bem o modo de pensar deles, preferi não fazer parte. (...) Eu tinha um plano feito, preestabelecido, do qual não podia nem queria me distanciar. Poderia tê-lo executado em alguma congregação já existente. Mas me dei conta de que não podia, e não me inscrevi em nenhuma instituição, pois pensava em me rodear de irmãos nos quais pudesse infundir o que eu sentia.

A crônica continua afirmando que os seus projetos já estavam maduros na sua mente por volta de 1843-1844. Mas as coisas não batem. Naquele ano, o santo estava no Colégio Eclesiástico e não tinha ainda uma idéia precisa de qual seria a sua missão. Podemos, porém, completar essa clara consciência a respeito do seu carisma de fundador com as palavras de abertura da conferência aos diretores reunidos em Valdocco, em fevereiro de 1876. Exorta-os nestes termos:

Um pobre padre tinha uma vaga idéia de fazer o bem, aqui neste lugar mesmo, aos rapazes pobres. Essa idéia me dominava, e eu não sabia como efetivá-la. Entretanto, ela não me deixava nunca, dirigia cada um dos meus passos, cada uma das minhas ações. (...) Isto eu sei: que Deus queria.

Qualquer que seja, pois, o tempo e o momento no qual Dom Bosco teve a segurança da sua vocação específica de fundador, é clara a percepção de que a sua vida era um instrumento, apenas um instrumento, do projeto de Deus. Sentia-se chamado a efetivar empreendimentos sempre mais audazes, superiores às suas forças. Muitos estavam persuadidos de que ele estava sob pressão divina muito especial, que dominava a sua vida e que estava na raiz das suas decisões mais corajosas, pronta para explodir em gestos incomuns.

Mas o caminho estava semeado por obstáculos e dificuldades de toda sorte. Mesmo os célebres sonhos, que aos 60 anos deixou impressos nas *Memórias do Oratório* e pode reler à luz da própria experiência, “apesar de lhe indicarem o êxito do seu empreendimento, não lhe disseram nunca como alcançá-lo, nem como devia fazer e com que meios”, escreve A. Caviglia. Essa ignorância luminosa que nunca o abandonou era a prova objetiva de que o plano estava nas mãos de Deus e, por isso, chegaria a bom termo.

A aprovação definitiva das Constituições Salesianas pela Santa Sé, em 3 de abril de 1874, sancionou oficialmente a Regra de vida dos salesianos, mas custou a Dom Bosco, podemos dizê-lo com segurança, sangue e lágrimas.

Eu tinha uma outra idéia da Congregação

Não é nossa tarefa contar a história da aprovação da Congregação Salesiana, das suas Regras, dos seus privilégios, história que tem os contornos de um prolongado martírio.

Nem sempre as suas idéias se ajustaram às da autoridade

²³ Depois de ordenado sacerdote, em 1841, Dom Bosco permanece três anos no Colégio Eclesiástico para continuar os estudos. Em 1844, padre Cafasso o envia ao Refúgio, para dar assistência espiritual às meninas órfãs. Ali começa a reunir meninos e jovens aos domingos, e por isso é obrigado a deixar o Refúgio. Depois de passar por vários lugares, consegue finalmente comprar um terreno no bairro de Valdocco, onde estabelece definitivamente o Oratório. [n.e.]

eclesiástica, como se depreende dos longos relatórios enviados à autoridade competente.

Que essas idéias vinham de longe e eram fruto de uma lenta evolução, que ele desenvolveu pouco a pouco, sob pressão dos acontecimentos, podemos deduzir das suas afirmações, como a que fez em 18 de outubro de 1878:

Eu havia posto os votos trienais porque, no início, tinha em mente formar uma Congregação que ajudasse os bispos. Mas como não foi possível e me obrigaram a fazer diferentemente, os votos trienais se tornaram mais uma desvantagem que uma vantagem.

A mesma opinião ele exprimiu aos diretores reunidos em Alassio, no ano seguinte:

Introduziram-se os votos trienais quando eu tinha uma outra idéia da Congregação. Eu desejava estabelecer algo bem diferente daquilo que é, mas me obrigaram a fazer assim e assim seja.

Estas asserções de Dom Bosco põem em causa a história da Congregação e das suas Regras, aprovadas em 1874. Foi um caminho gradual e cansativo, desde o primeiro esboço do projeto e dos seus sucessivos desenvolvimentos, até a forma definitiva da Congregação, configurada às exigências e legislação canônica então vigentes. A respeito disso, escreve P. Stella: “Dom Bosco é conduzido pela sabedoria romana a introduzir muitos ajustes, quer quanto à natureza da Sociedade, quer quanto aos deveres e direitos recíprocos dos superiores e dos súditos”.

Será que a Igreja distorceu o carisma de Dom Bosco? Não é possível pensar nisso, pois a tarefa dela não é “extinguir o Espírito, mas examinar tudo e reter o que é bom”, como diz a Constituição dogmática *Lumen Gentium* (n.12). O Espírito que faz nascer os carismas é a alma da Igreja; não se contradiz. Reconduzindo a instituição de Dom Bosco ao curso das congregações clássicas, a Santa Sé a colocou na condição de

se expandir melhor, permanecendo ela mesma. Sob o efeito dos fatos e das indicações da Igreja, o santo esclarece e precisa aspectos ainda não bem definidos. É, de fato, o desenrolar dos acontecimentos, portadores de graça, que, como diz P. Stella, “configuram a Congregação não como ele a teria desejado, ou como acreditava que devia se tornar. E isto não quer dizer que ele não a tenha desejado como vem a se formar, e menos ainda que tenha ficado descontente”.

Não significa que a Congregação, como se foi definindo, não tenha conservado a sua originalidade e modernidade, ou não reflita o verdadeiro perfil e o pensamento de Dom Bosco. A autorizada confirmação vem do padre Rinaldi:

Ele havia idealizado uma pia sociedade que, embora sendo verdadeira congregação religiosa, externamente não tivesse o aspecto convencional: lhe bastava que o espírito religioso, único fator da perfeição dos conselhos evangélicos, estivesse presente. No mais, acreditava poder muito bem se dobrar às exigências dos tempos. Essa capacidade de adaptação a todas as formas de bem que vão surgindo continuamente no seio da humanidade é o espírito próprio das nossas Constituições. No dia em que nela se introduzisse uma variação contrária a esse espírito, a nossa Pia Sociedade teria terminado.

Ainda não foi plenamente ilustrado o conceito que o nosso venerável fundador teve ao criar a sua sociedade religiosa. Ele lhe atribuiu uma genial modernidade que, conservando rigidamente o espírito substancial do seu método educativo, ao mesmo tempo a impedisse de se fossilizar nas coisas acessórias e sujeitas a mudanças, com o passar dos tempos. As nossas Constituições são permeadas por um sopro daquela perene vitalidade que emana do santo Evangelho, que é, exatamente por isso, de todos os tempos e sempre rico de novas fontes de vida.

Aquele seu “obrigaram-me a fazer assim e assim seja” não é um ato de sofrida resignação, mas o amém jubiloso do profeta

que chega ao fim da corrida. Prova-o a solene declaração com a qual abre a sua introdução às Constituições Salesianas:

As nossas Constituições, ó diletísimos filhinhos em Jesus Cristo, foram definitivamente aprovadas pela Santa Sé em 3 de abril de 1874. Esse fato deve ser comemorado por nós como um dos mais gloriosos da nossa Sociedade. Ele nos assegura que, observando as nossas Regras, nos apoiamos em bases estáveis, seguras e, podemos dizer também, infalíveis, pois é infalível o juízo do Chefe Supremo da Igreja que as sancionou.

As Constituições não são para o santo apenas a via estável que conduz ao amor, mas também a púrpura de ouro que cobre o seu carisma e o seu espírito, realidade viva e dinâmica em perene crescimento. Apenas assim se explica a sua constante recomendação sobre a importância e a prática das Constituições: “Façam com que cada ponto da Regra seja uma recordação minha”; “O único meio para propagar o espírito da Congregação é a observância das Regras”; “Nem mesmo coisas boas sejam feitas contra ela”.

Só no fim de uma longa caminhada Abraão está em condições de perceber a amplitude e a profundidade da vontade de Deus a seu respeito. O mesmo se deve dizer, no seu grau e nível, de Dom Bosco. Celebrando a santa missa na igreja do Sagrado Coração, em Roma, em maio de 1887 – poucos meses antes de morrer –, quinze vezes os seus olhos se encheram de lágrimas. Estava absorto em um mundo longínquo: se revia na casinha dos Becchi e lhe voltavam à memória as palavras do primeiro sonho: “A seu tempo você compreenderá tudo”.

Capítulo VII

Santo astuto

As palavras “astuto” e “astúcia” podem ter, no uso corrente,

um significado pejorativo. Nesse sentido a *Gazzetta operaia*, em um venenoso artigo de 15 de outubro de 1887, intitulado “Astuto Dom Bosco”, o apresentava como um padre intrigante, ladino, capaz de manipular tudo em benefício próprio.

Mas existe também a conotação positiva. A astúcia, escreve o padre E. Viganò, “pode ser expressão de um bom senso inteligente, de aguda prudência no aproveitar-se santa e sanamente das situações”. Portanto, astuto é o homem previdente, cauteloso, sagaz, que sabe se desvencilhar das dificuldades usando a cabeça. É o homem que não se deixa enganar e sabe alcançar os próprios objetivos usando meios honestos, embora imprevisíveis.

É sob essa ótica que devemos olhar a astúcia de Dom Bosco, sem esquecer que, por se tratar de um santo, ela remete ao dom da ciência, cuja propriedade é aperfeiçoar, pela ação iluminadora do Espírito Santo, a virtude da fé, que leva a julgar retamente as coisas criadas nas suas relações com Deus, mas de modo superior ao do cristão comum.

Fazer-se de ingênuo

A fama de padre santamente astuto sempre acompanhou Dom Bosco. Escreve o padre Lemoine: “Muitas vezes ouvimos pessoas estranhas, que não o conheciam de perto, dizer: ‘É realmente único: esse homem adivinha tudo. Que espertalhão!’”. Permaneceu sempre com ele a antiga habilidade do prestidigitador que encantava o pequeno público e algo da refinada sabedoria do camponês que sabe defender muito bem os próprios interesses.

Amava o provérbio piemontês: *Fé 'l bonom sensa eslo* [Fingir-se de bobo, sem o ser]. Disse um dia a um dos seus sacerdotes:

Sabe o que significa ser esperto? Saber se fingir de bobo. Eu faço o seguinte: deixo que digam tudo, escuto, presto bem atenção às

palavras, mas, na hora de decidir, pondero tudo e consigo conhecer perfeitamente cada coisa.

A casa de Nice atravessava um período de grave dificuldade econômica. O diretor, padre Roncalli, não tinha mais coragem de se apresentar aos benfeitores, já incomodados com tanta insistência. Disse-lhe Dom Bosco: “Banque o esperto. O dinheiro é para os seus filhos; as mortificações, reserve-as para si”. E repetia: “Não aborreça; insista, mas com santa esperteza”.

Para fazer o bem, seu bem – observa A. Caviglia – ele tem necessidade de todos, “sejam guelfos ou gibelinos”.²⁴ A sua habilidade reside exatamente “no aproveitar o que de inconsciente há neles e o lado bom que existe em cada pessoa – se não se quiser ser totalmente pessimista –, mesmo quando ela está envolvida com um partido que parece ter bem pouco de bom”.

Para liberar o bem que há no coração de toda pessoa – nota seu primeiro biógrafo –, ele sabia apelar, com meios honestos, ao amor-próprio dos seus interlocutores. Se tivesse de tratar com pessoas que lhe eram hostis e maldispostas, quando “percebia que razões de conveniência, de caridade ou de dever tinham levado a nada, ele, com delicadeza e sem sombra de adulação, apelava ao amor-próprio delas”.

Ele sabia tocar de modo especial essa corda e fazer soar a nota que tinha em mente. Uma palavra de louvor, uma recordação honrosa, um ato e um gesto de estima, de confiança, de fé ou de respeito fazia desaparecer, na maioria das vezes, toda dificuldade ou aversão.

Costumava ser pródigo em louvor tanto com os salesianos como com os benfeitores e outras pessoas. Quando atribui à mãe a idade da filha, ou quando elogia a empregada avara de um pároco amigo seu, sabe fazer elogios dos quais só resulta o bem, e é isso o que ele quer.

As suas profecias contra a casa real, conhecidas como “funerais na corte”, desencadearam a ira do conde general d’Angrogna, que foi até Valdocco e cobriu Dom Bosco de insultos, ameaçando-o. O santo reagiu com muita calma: apelou ao senso de honra do homem de armas, que não poderia golpear um indefeso, elogiou a sua coragem e bravura e acabou se tornando seu amigo. No fim, os dois fizeram um brinde juntos.

A mensagem telegráfica com que agradece à condessa Girolama Uguccioni, que lhe preparou o necessário para a viagem de Florença a Roma, demonstra com quanta graça e simplicidade sabia conquistar os seus benfeitores: “Minha boa mãe, nossa viagem estupenda. Galeto ótimo, fez serviço estupendo. Vinho excelente: garrafa ficou inteiramente vazia”.

À condessa Bonmariti Mainardi, de Pádua, escreve:

A última vez em que nos falamos, não recordo exatamente a cifra, mas me parece que a senhora queria me fazer um presente de 10 ou 12 mil liras para me deixar contente. Não me lembro bem, mas aceito uma ou outra das cifras: melhor a segunda.

Ao padre Baggio Foeri, cooperador de Lanzo, não hesita em dizer:

A expedição de missionários está anunciada, mas me faltam os meios para efetuá-la. Dizer-lhe para ir parece coisa estranha. Mande, então, um missionário por sua conta, e as almas que ele ganhará para Deus serão merecimento seu.

²⁴ Guelfos e gibelinos eram facções rivais da Europa medieval. Os primeiros eram aliados da Santa Sé. [n.e.]

Nesses, como em tantos outros pequenos trechos da sua correspondência, vemos simplicidade e bom humor, mas não podemos deixar de destacar a pitada de inocente esperteza que lhe era tão natural.

Não se deixava enganar

Santamente esperto, Dom Bosco não era homem de se deixar enganar ou ao qual se pudessem contar patranhas ou urdir armadilhas. Ao padre Dalmazzo, escreveu uma vez: “O cardeal te esperava para te fazer mudar de idéia. Mas sairemos também dessa [situação]”.

O ministro do exterior lhe promete “céus e terra” para a viagem dos seus missionários. Dom Bosco desconfia: “Veremos se, deixando a ele a propriedade dos céus e da terra, me dará algo para passar a vocês”.

Em Roma, a construção da igreja do Sagrado Coração devora quantias altíssimas, que não dão sossego ao pobre Dom Bosco. Muitos querem meter a mão, e tudo se complica. O santo resolve encarar a situação e escreve ao padre Dalmazzo:

Acho imprescindível que o cardeal vigário não quebre mais a cabeça com coisas materiais e deixe ao encarregado de pagamentos o encaminhamento dos negócios. (...) Em vez de censurar o que fazemos em Roma, queria que alguns senhores pensassem em nos dar dinheiro.

Quando acontece em Turim, em 1884, a Exposição Nacional da Indústria, Dom Bosco participa com a melhor máquina tipográfica de que o mercado dispunha à época, “a rainha das máquinas”, como foi logo batizada. Os visitantes podiam assistir à transformação da polpa em papel, do papel à impressão, da impressão ao acabamento do livro. Todos, especialistas e visitantes, achavam que Dom Bosco merecia o primeiro prêmio. A comissão, anticlerical e maçônica, lhe conferiu apenas a

medalha de prata. O santo a recusou com dignidade e altivez. Impôs também o silêncio à imprensa. Na sua carta de protesto declarava, entre outras coisas:

Para mim já foi muito bom ter podido concorrer com uma obra minha para a grandiosa exposição da inventividade e da indústria italiana, e ter demonstrado com isso o empenho que, no curso de mais de quarenta anos, sempre dediquei a fim de promover, junto com bem-estar moral e material da juventude pobre e abandonada, o verdadeiro progresso das ciências e das artes.

Quando interesses maiores estão em jogo, Dom Bosco se revela não apenas um hábil diplomata, mas também um lutador audaz: “Nas coisas que são para o bem da juventude em perigo [como as suas instituições] ou servem para ganhar almas para Deus, avanço até a temeridade”. Ao teólogo Rho, seu companheiro, irmão do secretário da Instrução Pública e seu aliado no projeto de fechamento das escolas de Valdocco por problemas na habilitação dos professores, escreve em linguagem insolitamente dura, quase cortante:

Teólogo Rho [sic!] (...) Tu apelas à lei que é superior a tudo e todos. Eu diria que a justiça deve regular todas as leis... Tu acrescentas que já são três anos que o senhor secretário insiste para que eu me conforme à lei. Respondi que todos os secretários, todos os ministros da Instrução Pública sempre louvaram, aprovaram, ajudaram e subsidiaram este Instituto durante mais de trinta anos. *Era necessário um amigo, um colega de escola* para propor o fechamento, e propor o fechamento justamente quando, com muito incômodo, eu me conformara do modo mais obediente à lei.

O homem mais compreensivo do mundo não tolerava que os seus jovens fossem vítimas de vexações inúteis.

Beneficência com charme

Dom Bosco foi acusado de astúcia descarada, de manipulação dolosa e outras coisas mais. Não só a imprensa – determinada imprensa – estava contra ele, mas também pessoas bem-intencionadas, que não conseguiam compreender a grandeza de seus sentimentos e a retidão de intenção com a qual agia, movido exclusivamente pelo desejo da glória de Deus e da salvação das almas. Quem não o conhecia bem, observando apenas os seus gestos mais audazes e a sua desenvoltura em se expor à opinião pública, podia julgá-lo um padre temerário, até mesmo exibicionista. As loterias públicas são um exemplo disso. Não as loterias internas, com finalidade educativa, mas as que ele organizava movido por necessidades extremas. De fato, as suas contas estavam sempre no vermelho.

A loteria de 1861 não podia cair em momento mais inadequado: as relações entre Estado e Igreja andavam tensas como nunca. A sua própria casa fora objeto de dois mandatos de busca e apreensão (1860-1861). Mas havia tantas bocas a alimentar, tantas faturas inadiáveis. Arregaçou as mangas e pôs mãos à obra. Mobilizou meia Itália, para não dizer toda: o prefeito de Turim, o marquês Rorengo Rorà, que assumiu a presidência, os prefeitos das províncias anexas, os prefeitos do Piemonte, os membros da Casa Real. Interessaram-se pela causa Pio IX, inúmeros bispos, muitos do clero, leigos abonados, amigos. Os bilhetes foram distribuídos aos milhares, tanto para quem queria como para quem não queria. Depois de ter mandado um primeiro bloco ao barão Feliciano Ricci di Ferres, enviou um segundo, que foi recusado. Mas Dom Bosco não desistiu, como se percebe nesta simpática cartinha:

A Senhora Baronesa nos devolveu os bilhetes. Pense bem: se eu vier a me encontrar em absoluta necessidade, recorrerei do mesmo modo à sua caridade e ela, na sua bondade, não saberá recusar. Assim, o senhor mandará depois dinheiro sem que eu possa lhe

dar bilhetes de loteria.

Foi um trabalho colossal, recorda o biógrafo, feito em grande parte pelo esforço de Dom Bosco e dos seus colaboradores: “O trabalho para enviar cartas e bilhetes de loteria a certo número de pessoas, não só em Turim, mas nas províncias, assumiu proporções colossais”. É claro que está em jogo o talento empresarial do santo, mas também a sua atenta visão de futuro, seu modo sagaz e original de desenvolver “em tempos muito difíceis” uma atividade de característica claramente religiosa, mas em nada contrária ao clima patriótico do tempo. De fato, todos viam que as somas recolhidas eram em favor dos jovens e das classes mais necessitadas. Todos podiam se dar conta de que os padres, atuando abertamente, não eram nem ociosos nem retrógrados, como alguns pensavam.

Por meio dessas loterias e das incessantes solicitações de ajuda, o santo oferecia aos políticos, crentes e não-crentes, aos filantropos contrários à Igreja, a todos, em suma, um “modo de fazer uma beneficência, por assim dizer, charmosa” – como bem escreveram –, isto é, bem-aceita, não comprometedora. E não se pode chamar isso de ingenuidade.

Cândida esperteza

A esperteza de Dom Bosco se exprime ainda em gestos simples, quase irrelevantes, mas que têm seu significado. Para mostrar a sua gratidão ao arcebispo de Buenos Aires, lhe envia, da Itália, duas caixas dos melhores vinhos: Bordeaux, Málaga, Grignolino etc. Mas as garrafas precisam ter a aparência de um vinho muito maduro. Que faz Dom Bosco? Escreve ao seu secretário que espalhe sobre as garrafas um pouco de poeira “para enobrecer o nascimento do vinho e dar uma existência um tanto antiga”, pois desse modo o presente será mais bem acolhido.

O objeto mais valioso de uma das suas tantas loterias não

fora retirado pelo ganhador. Dom Bosco, segundo alguns testemunhos, organizou uma miniloteria, mas guardou o número premiado no bolso... O prêmio ficou para ele.

Quando passava pela costa da Ligúria, depois de uma frutuosa viagem à França em busca de auxílio, os diretores da região, sempre no vermelho como ele, foram ao seu encontro na ilusão de receber algum auxílio do bom pai. Mas ele lhes fez ver, com toda simplicidade e franqueza, que não tinha dinheiro. E não mentia: prevendo o assalto dos seus filhos, já tinha mandado o dinheiro para Turim, por meio de uma pessoa de confiança, diretamente ao padre Rua.

Para demonstrar gratidão aos benfeitores mais insignes, Dom Bosco se esforçava para conseguir honrarias eclesiásticas ou civis, mas queria ser ele a lhes oferecer. Escreveu ao padre Dalmazzo: “Se houver despesas em Roma, sejam feitas, mas desejo fazê-las eu mesmo para poder dizer que é um presente. Isso dará bem mais resultado”. Desejava que, nos limites do possível, a entrega dos diplomas ocorresse com solenidade, com detalhes que, no clima cultural de hoje, podem fazer até rir, mas que tinha à época uma eficácia psicológica infalível. Escreveu ao padre Cagliari:

Quando receber o breve de Benítez e o diploma do padre Carelli, tu te entendas com o padre Fagnano. Levarás tudo pessoalmente. Convidarás a comissão do Colégio e os amigos de um e de outro. Pede ao padre Tomatis para preparar um belo discurso para a ocasião. Dois juvenzinhos levem o breve sobre um disco ao comendador, e sobre outro o diploma. Mas tu e o padre Fagnano acompanhareis os alunos, tomareis etc. e os entregareis pessoalmente a eles. Há coisas às quais se deve dar toda a importância.

A sua perspicácia – ele fala também de “santa engenhosidade” – não era santa por eufemismo. Nada tinha de tortuoso ou de turvo, e não descambava para a malícia. Ele tinha um sadio senso prático, que o levava a usar todo meio lícito para atrair a

atenção sobre a sua obra.

E queria os seus jovens santamente espertos. Dizia-lhes, adotando as palavras de São Filipe Néri: “No mundo há muitos loucos e espertos. Os espertos são os que se afadigam e sofrem um pouco para ganhar o paraíso. Os loucos são os que se encaminham para a condenação eterna”.

Tendo falado das “astúcias” usadas por Santo Atanásio para afastar as insídias dos inimigos, terminava a sua pregação com esta exortação convicta:

Quero que todos vocês se tornem santos dessa espécie. Sim, meus caros, busquem seriamente se fazer santos, mas santos que, quando se trata de fazer o bem, sabem buscar os meios, não temem a perseguição, não poupam esforços. Santos espertos que buscam prudentemente todos os meios de alcançar os seus objetivos.

Esperteza sim, mas como caminho para a santidade.

Capítulo VIII

Santo da alegria

Escreveu o padre Viganò:

O primeiro aspecto que nos chama a atenção na santidade de Dom Bosco, e que está ali quase a esconder o prodígio da intensa presença do Espírito, é a sua atitude de simplicidade e de alegria, que faz parecer fácil e natural o que na realidade é árduo e sobrenatural.

O júbilo, cuja manifestação ou explosão externa é a alegria, faz parte da santidade cristã. É realmente, como se exprime Paulo VI na Exortação *Gaudete in Domino*, “participação espiritual no júbilo insondável, simultaneamente humano e divino, que está no coração de Cristo glorificado (...). Neste mundo,

deriva da celebração conjunta da morte e da ressurreição do Senhor”.

É o júbilo que o Espírito Santo infundiu em Maria Santíssima, em sua prima Isabel, em Simeão, em Jesus. Não existem santos tristes, dizia São Francisco de Sales. “O demônio tem medo de gente alegre”, repetia por sua vez Dom Bosco.

Mas nem todos os santos manifestaram a alegria do mesmo modo. A vida de Santo Tomás Morus, de São Filipe Néri e de Dom Bosco transmitem tanta alegria que poderiam oferecer matéria para uma “teologia da alegria”.

Quando brinca, quando fala de coisas sérias ou quando reza, Dom Bosco dá cor à vida e difunde alegria. Era possível ler o júbilo nos seus olhos luminosos e profundos, no seu rosto “invariavelmente sorridente, fascinante e inesquecível”, como descreve o padre Albera. Era possível percebê-lo nas tiradas engraçadas, cheias de argúcia e de bom humor. Depois do tiro que por pouco não o mata, exclama: “Pobre batina, você é que pagou o pato”. Também costumava dizer: “Vá do jeito que vá, desde que vá bem”; “Enquanto encontremos um boi sem dono,

é preciso que estejamos alegres”; “*Laetare et benefacere* [alegrar-se e fazer o bem] e deixar cantar os pássaros”.

A um jovem descalço diz: “Venha a Turim, lá vou fazer você colocar os pregos na sola dos sapatos”. Nem mesmo no leito de

morte deixou de ser brincalhão: “Viglietti, me dê um pouco de café gelado, mas que esteja muito quente”.

A alegria ampla e profunda que se desprende da pessoa de Dom Bosco é, como escreve o padre Viganò, muitas coisas ao mesmo tempo:

É a alegria de viver testemunhada no cotidiano; é a aceitação dos acontecimentos como estrada concreta e ousada para a esperança; é a intuição das pessoas com seus dons e seus limites para constituir família; é o senso agudo e prático do bem na íntima convicção de que ele é (em nós e na história) mais forte que o mal; é o dom de predileção pela juventude, que abre o coração e a imaginação ao futuro, e infunde uma flexibilidade inventiva para saber assumir com equilíbrio os valores dos novos tempos; é a simpatia do amigo que se faz amar para construir pedagogicamente um clima de confiança e de diálogo que leva a Cristo; é um jardim de rosas que se percorre cantando e sorrindo, mesmo que bem munidos de botas de defesa contra numerosos espinhos.

A juventude sente com maior ímpeto o anseio da felicidade. Dom Bosco tinha compreendido isso, desde o tempo de acrobata e saltimbanco improvisado, quando sabia manter alegres os seus jovens amigos para torná-los bons.

Estudante em Chieri, fundou a Sociedade da Alegria. Objetivo: manter longe a “melancolia e estar sempre alegres”, e cumprir com “exatidão os deveres escolares e religiosos”. Mas todo oratório ou instituto se tornará uma “sociedade da ale-

gria” e em cada reunião ele mesmo tomará a direção da alegria. Despedirá os seus amigos com um “Seja alegre!” que os levava a exultar de contentamento.

Escreve o padre Lemoyne:

Pode-se dizer que não se passou um dia sem que, com maneiras divertidas ou histórias amenas, ele provocasse risos em reuniões públicas, nas falas para os alunos e nas rodas que os salesianos e os jovens faziam ao redor dele, nas viagens, nas casas e palácios dos senhores de sociedade, em suma, onde quer que aparecesse.

Mesmo que estejamos certos de que a sua vida tenha sido um silencioso martírio, ele sempre manteve a alegria no rosto. Quanto mais sofria, mais se mostrava contente.

Décimo primeiro mandamento

A alegria é o “décimo primeiro mandamento das casas salesianas”, afirma o padre Caviglia. Esse é um dos grandes segredos do Sistema Preventivo. Como São Filipe Néri, Dom Bosco nunca se cansou de repetir aos jovens: “Fiquem sempre alegres”; “Sirvam ao Senhor com alegria”; “Vivam o mais possível alegres, para não cometer pecado”.

Guiado pela experiência e por uma intuição pedagógica segura, sabia que, para bem crescer tanto no espírito como no corpo, os jovens têm tanta necessidade de júbilo e de alegria quanto de pão. Como afirma M. Keilhacker, “a alegria corresponde, em grau máximo, ao tom geral da vida da criança e do jovem. Meninos e adolescentes só crescem bem em ambientes onde haja muita alegria e uma atmosfera de serenidade geral”. O santo compreendeu bem isso, como confirma P. Braidó:

Dom Bosco, muito mais compreensivo e intuitivo do que muitos pais, sabe e compreende que o adolescente é adolescente e permite e quer que o seja. Sabe que a forma de vida do adolescente é a alegria, a liberdade, a brincadeira, a Sociedade da Alegria. Ele sabe

que, para uma ação educativa normal e profunda, o adolescente precisa ser respeitado e amado na sua naturalidade, sem opressões, constrangimentos, violências.

Durante um verão, entre 1850 e 1855, ou um pouco antes disso, Dom Bosco levou consigo à casa de campo do barão Bianco di Barbania, em Caselle, para umas breves férias, quatro ou cinco adolescentes, escolhidos dentre os mais destacados. À noite, quando subiam a escadaria que os conduzia aos quartos, eram precedidos por um empregado que levava um candelabro aceso. Num movimento rápido, o vivaz Cagliero se aproximou dele e, com um sopro, apagou as duas velas, deixando todos no escuro. O barão não escondeu a sua contrariedade. Dom Bosco, com voz doce e confiante, o acalmou murmurando ao seu ouvido: “*A son masmà!* [São crianças!] Tenhamos compaixão”. Esse relato foi contado por antigos salesianos. Mas há muitos outros, mais significativos, que estão registrados na sua vida.

Na sua exortação, Paulo VI afirma que a alegria cristã supõe uma pessoa capaz de alegrias naturais:

Haveria ainda necessidade de paciente esforço de educação para aprender ou reaprender a gozar simplesmente as múltiplas alegrias humanas que o Criador põe no nosso caminho: alegria arrebatadora da existência e da vida (...); alegria e satisfação do dever cumprido, alegria transparente da pureza, do serviço, da participação, alegria arrebatadora do sacrifício. O cristão poderá purificá-las, completá-las, sublimá-las: não pode desdenhá-las.

Dom Bosco pode ser identificado nessas palavras, ele que sempre se desdobrou para que não faltasse aos jovens a alegria intensa dos recreios rumorosos, do esporte, dos passeios, da música, do canto, do teatro, da ginástica. Enquanto as suas forças lhe permitiram, quando estava em casa, ele mesmo era a alma da diversão. O último desafio de corrida da qual tomou parte

data de 1868. Tinha 53 anos, as pernas um pouco inchadas, mas ainda capaz de uma agilidade maravilhosa.

No dia do carnaval, o oratório enlouquecia de alegria. A crônica do padre Ruffino descreve o andamento da jornada: santa missa logo cedo, depois café da manhã e uma hora e meia de brincadeiras; almoço especial, com vinho e fruta; à tarde, recreação com a clássica quebra de potes, classe por classe; no começo da noite, as vésperas, animadas pelo divertido diálogo entre o teólogo Borel e o padre Cagliero, e a bênção do Santíssimo. A sessão de teatro e o jantar especial fechavam o dia. Após as orações da noite e a palavra paterna de Dom Bosco, os jovens iam dormir mortos de cansaço, mas com a alma cheia de felicidade.

Diferentemente do Beato Allamano, que durante o carnaval nunca permitia a mais leve distração, Dom Bosco adorava mostrar com os fatos que podemos estar santamente alegres, sem ofender o Senhor.

Acompanhando os jovens nas coisas que agradavam a eles, o santo conseguia levá-los a amar as coisas para as quais não se inclinavam por natureza, como o estudo, o trabalho, o cumprimento do dever, a piedade. Estava convencido de que o destino da pessoa se decide na juventude, e advertia em *Il giovane provveduto*:²⁵ “O caminho que o homem começa na juventude continua até a velhice. Se começamos uma boa vida agora que somos jovens, seremos bons no avançado dos anos”. No Regulamento para o Oratório escreveu: “Lembrem-se de que a idade de vocês é a primavera da vida. Quem não se habitua ao trabalho no tempo da juventude será sempre um poltrão até a velhice”.

Queria que eles fossem operosos, dispostos, ativos, sempre empenhados. Não dava sossego aos acomodados. Sabia educar os jovens a saborear a satisfação e a alegria interior pelo dever cumprido, e a perceber a verdade do trinômio que ele sempre privilegiou: alegria, estudo-trabalho e piedade. Esses são três

grandes valores inseparáveis na sua pedagogia. Dom Bosco não acreditava em uma piedade que não levasse ao compromisso, nem em um compromisso desconectado da piedade. Nessa síntese, ele via a fonte da felicidade: “Piedade, estudo e alegria lhes darão muitas satisfações, doces como o mel”.

Na biografia do jovem Francesco Besucco escreveu:

Se quiserem ser bons, pratiquem apenas três coisas e tudo irá bem. São elas: alegria, estudo e piedade. É esse o grande programa. Se o praticar, você poderá viver feliz e fazer muito bem à sua alma.

Com razão comenta o filósofo F. Orestano: “Se São Francisco santificou a natureza e a pobreza, São João Bosco santificou o trabalho e a alegria. Ele é o santo da euforia cristã, da vida cristã operosa e alegre”.

Ele queria que até os exercícios espirituais e a própria relação com Deus fossem marcados pela euforia cristã. Por isso, baniu as prolixidades monótonas e repetitivas, que geram nos jovens tédio e rejeição. Até mesmo o tempo passado na igreja deveria ser “uma hora de alegria”, de “festa”. “Coisas fáceis que não espantam nem cansam, e não orações prolongadas”, escrevia. As práticas de piedade “são como o ar, que não oprime, nunca cansa, mesmo que levemos às costas uma coluna muito pesada”.

O ano letivo era constelado de festas litúrgicas, exercícios devotos, tríduos, novenas, mas nada disso era pesado. Dom Bosco sabia preparar os jovens para a festa. Sabia fazer vivê-la como um jubiloso encontro sacramental com Cristo, desfrutá-la como prelúdio da felicidade eterna, com a magia do canto e o esplendor das cerimônias e dos ritos. As celebrações que se faziam em Valdocco se tornaram, com o tempo, um verdadeiro

²⁵ Publicado em 1847, foi um dos primeiros escritos de Dom Bosco. A obra, uma espécie de manual para os jovens do Oratório, é dividida em três partes. A primeira traz orientações de cunho pedagógico e espiritual; a segunda, orientações para as práticas de piedade; e a terceira, ofício de N. Senhora, novenas, cantos, salmos e outras fórmulas de piedade. No Brasil, esse manual foi traduzido com o título *O jovem instruído*. [n.e.]

centro de atenção para os fiéis da cidade de Turim.

Da igreja, a alegria desembocava na vida, nos recreios despreocupados, na alegria da comida mais abundante. Dom Bosco, que nunca admitiu dicotomias entre a alma e o corpo, queria que “até o corpo estivesse alegre”. A melancolia devia ser banida. “O barulho dos pratos e dos copos” devia formar “uma bela harmonia”. Como se pode ver, todos os elementos positivos não destruídos pelo pecado eram assumidos com otimismo pelo seu método educativo.

Giuseppe Brosio, o famoso “soldado” que dirigia fantásticas batalhas oratorianas combatidas com fuzis de madeira, fez um minucioso relato da festa de São Luís, celebrada no oratório em 29 de junho de 1852. É um testemunho precioso, que reproduz ao vivo, no estilo exaltatório e cerimonioso do tempo, o decorrer de uma cerimônia religiosa, organizada e preparada por Dom Bosco com cuidado e imaginação criadora.

A festa, diz o cronista, foi incomparável: a igreja, atapetada dentro e fora, “parecia um paraíso”; confissões e comunhões a não acabar – mais de 300 sobre um total de cerca de 700-800 adolescentes e jovens –; depois da celebração, presidida por um bispo, o “santo espetáculo de uma bela procissão” com muitos convidados ilustres – clero, autoridades, nobres da cidade –; e, após a função, o tradicional “pão e salame” para todos. Brosio descreve como a alegria dos corações plenificados pela graça e em paz com todos explodia pelos átrios, num grande júbilo:

Todos os colégios e oratórios passados, presentes e futuros não tiveram e não terão nunca tantas diversões quanto tivemos nós depois do almoço daquele dia. Simples, sim, mas motivo de grande união, de grande vivacidade e cordialidade em quem as desfrutava. Havia a corrida de saco, jogos de copos, evoluções militares, ginástica, fontes no átrio que lançavam jatos vermelhos e brancos, por causa de substâncias misturadas à água, e globos aerostáticos. E havia um sem-número de pequenas diversões.

E continua: sob uma tenda, “balas, confeitos, frutas, refrigerantes, cerveja, água doce e assim por diante”. Por ordem de Dom Bosco e de outros senhores, ele próprio, sozinho e devagar, distribuiu 10 liras de balas. Deu uma também a Dom Bosco, “prostrado pelo calor sufocante”, para que molhasse a garganta. “Mas ele deu metade da bala para um jovem. Tudo para nós, nada para si”, eis o pai e o santo.

O padre dos Becchi realmente levou a sério o jovem na sua extrovertida naturalidade.

A alegria: caminho de santidade

Falando da alegria na vida dos santos, o papa Paulo VI coloca Dom Bosco “entre os que fizeram escola no caminho da santidade e da alegria”. E merecidamente. Apesar de a alegria ser inseparável da mensagem cristã, nem todos os santos a exprimiram univocamente, nem todos fizeram dela “um caminho explícito” de santidade, voltado preferentemente para os jovens, como ele fez. Essa “escola”, esse “caminho”, não são uma idéia abstrata para Dom Bosco. Ele os escreveu com a sua vida, com a força do exemplo, inspirando-se em princípios simples e sólidos, cujas raízes se aprofundam no húmus da tradição cristã.

“Só a religião e a graça podem tornar o homem feliz” dizia, e era uma das suas convicções mais arraigadas. Já na primeira edição de *O jovem instruído* escreveu: “Quem vive na graça de Deus é sempre alegre e, até mesmo na oração, mantém o coração contente”; ao passo que “quem se entrega aos prazeres vive enraivecido (...), está sempre mais infeliz”. Ele quer que os jovens compreendam que a felicidade terrena e a eterna se decidem na relação com Deus.

Por isso só existe um caminho para atingir a felicidade e a alegria: o que passa pela religião do amor e da salvação, e pela amizade e

intimidade com Cristo e seu Espírito como acesso ao Pai.

A pedagogia de Dom Bosco é, nas palavras do padre Caviglia, “radicalmente e por essência uma pedagogia espiritual das almas”. Ou seja, é uma pedagogia da vida de graça, do crescimento e do amadurecimento em Cristo, uma pedagogia da santidade e da alegria, porque a alegria é elemento constitutivo da santidade. A escola turinesa acreditava na vocação universal à santidade. São José Cafasso falava dos seus “santos enforcados”. São Leonardo Murialdo estimulava à santidade até mesmo as moças desviadas do Retiro do Bom Pastor. Dom Bosco a propunha como meta suprema tanto aos seus *birichini*²⁶ e aos seus *barabba* quanto aos seus jovens mais destacados. Uma santidade “na medida dos jovens”, mas exigente e até mesmo heróica.

À época em que a práxis romana considerava improponível a causa de beatificação e de canonização dos jovens, baseada no pressuposto de que só uma pessoa adulta podia praticar a virtude em grau heróico, o santo afirmava, se referindo a Domingos Sávio: “Eu lhes asseguro que teremos jovens do Oratório elevados à honra dos altares”. A Igreja lhe deu razão.

É mérito de Dom Bosco ter acreditado na santidade juvenil, mas o merecimento maior é o de tê-la apresentado aos jovens na estimulante perspectiva da alegria, não como obstáculo, mas como caminho para a santidade: “Fico contente que vocês se divirtam, joguem, estejam alegres. Este é um método para fazer de vocês santos como São Luís, a fim de que busquem não cometer pecados”.

Do famoso sermão sobre a santidade, em 1855, só conhecemos os enunciados mais incisivos: “É vontade de Deus que nos tornemos *todos* santos; é muito *fácil* se fazer santos; um grande *prêmio* está preparado no céu para quem se torna santo”. Logo depois, Domingos Sávio se apresenta a Dom Bosco e lhe diz:

Não pensava que poderia me tornar santo com tanta facilidade. Mas agora que compreendi que isso pode ser feito mesmo estan-

do alegre quero plenamente e tenho absoluta necessidade de me fazer santo.

Transportado pela sua fantasia de adolescente, Domingos queria imitar os grandes ascetas, jejuando rigidamente e se dedicando a longas orações. O mestre louva seu propósito de se fazer santo, mas freia o excessivo idealismo e traça um programa de santidade adaptado à sua idade e condição: “antes de tudo, uma constante e moderada alegria”; depois, o exato cumprimento “dos seus deveres de piedade e de estudo”; “a recreação com os companheiros”; e “o esforço para conquistar almas para Deus, visto que nada há de mais santo no mundo”, lhe sugere.

A proposta da caridade apostólica como projeto de santidade feita aos jovens era, então, podemos dizer, um gesto bastante inesperado, inovador e audaz. Esses conselhos, Dom Bosco os desenvolve nas biografias de Domingos Sávio, Magone e Besucco, onde se torna evidente o esforço de demonstrar como a vida dos jovens protagonistas foi, do princípio ao fim, um caminho progressivo e gradual rumo à plenitude da santidade.

Mais uma vez, tudo se reporta, em síntese, ao trinômio recorrente: alegria, estudo-trabalho, piedade. A frase “Fazemos a santidade consistir no estar sempre alegres”, dita por Domingos Sávio ao amigo Camillo Gavio, é convicção profunda, um toque do Espírito. É, segundo o padre Viganò, “um tesouro divino, mesmo revestido de simplicidade e de alegria, quase a ocultar o prodígio”.

A santidade proposta por Dom Bosco nada tem de complicado, de arcano, de extraordinário. É a santidade do cotidiano, dos gestos ordinários vividos de modo incomum, como fazia Domingos Sávio, a quem o santo louva “o teor de vida exemplar e a exatidão no cumprimento dos seus deveres, além dos quais

²⁶ *Birichino* significa criança vivaz, esperta, ou também mal-educada, delinqüente. O termo era usado para os meninos que vagavam pelas ruas de Turim no tempo de Dom Bosco. *Barabba* é termo sinônimo. [n.e.]

difícilmente se pode ir”.

A proposta de santidade encerrada no trinômio não exclui, antes implica evidentemente as outras virtudes cristãs que o santo educador sempre inculcou. Quando falamos que a grande santidade que floresceu em Valdocco foi o mais belo fruto do Sistema Preventivo, pensamos imediatamente na ação do Espírito Santo, autor da santidade. Não podemos, no entanto, esquecer que o Espírito se serviu da ação delicada e discreta do servo fiel Dom Bosco, e da extraordinária habilidade dele como diretor espiritual dos jovens. Um dos maiores de todos os tempos.

O padre Caviglia revela, em uma síntese feliz, e que merece ser recordada, em que critérios o santo baseava a sua missão de guia e acompanhante espiritual:

Liberdade de espírito e de movimento, respeito à liberdade da graça, prática santificante do dever, atenção a Deus, direcionamento para Jesus Sacramentado e Maria, mortificação da vida. Acima de tudo, confiança em Deus, serenidade, alegria, sem terrores e desencontros amedrontadores, mas com a visão no paraíso: tudo com amor e por amor, tanto no interior como no exterior.

Isso certamente não é todo o Dom Bosco, mas é certamente Dom Bosco.

Por fim, acrescentemos que a proposta de santidade feita por Dom Bosco nunca se separa da idéia de “prêmio”, do paraíso: “Um grande prêmio está preparado no céu para quem se torna santo”. No firmamento de Valdocco, escreve o padre Viganò, “se via sempre, de dia e de noite, com nuvens ou sem nuvens, o paraíso”. O santo, tomando frases do padre Cafasso ou da sua criação, diz sempre: “Um pedaço do paraíso conserta tudo”; “Nas fadigas e nos sofrimentos jamais esquecer que temos um grande prêmio preparado no paraíso”; “Pão, trabalho e paraíso”. Por três noites consecutivas, de 3 a 5 de abril de 1861, ele sonha dar um “passeio” com os seus jovens ao paraíso. Nas biografias dos seus meninos, mesmo quando descreve a agonia deles,

gosta de ressaltar que, para além dos horrores da morte, eles viveram a expectativa do paraíso. Era essa a perspectiva própria da espiritualidade daquele tempo.

O pensamento do paraíso é um dos frutos da presença do Espírito Santo, e Dom Bosco é “uma alma do Espírito Santo”. Caminha nesta terra, mas o coração e a mente estão voltados para o céu.

Capítulo IX

Santo com algumas sombras

O rigor com o qual a Igreja procede nos processos de beatificação e de canonização é tanto, que bastaria qualquer culpa grave cometida no último período de vida para comprometer a causa de qualquer candidato à glória dos altares.

Mas a Igreja não pretende dos santos a perfeição absoluta que, evidentemente, é própria só de Deus. Nem aquela perfeição de que gozam os beatos compreensores, completa no seu gênero. Nesta terra, a perfeição, mesmo nos estágios mais elevados, ainda implica, como escreve o teólogo jesuíta J. De Guibert, “algo de incompleto, de carente, talvez de precário, sempre de inacabado”.

Em outras palavras, os santos e as santas permanecem sempre, na admirável variedade dos seus carismas, filhos e filhas de Adão e de Eva, às voltas com a sua natureza, com os seus limites e – podemos até dizer – com os seus defeitos, que sabem expiar e corrigir. Mesmo depois de um longo tirocínio ascético, para mantê-los firmes na humildade e na oração, Deus permite pequenas imperfeições, fraquezas repentinas, arroubos temperamentais e outras fragilidades – geralmente resgatadas de imediato pela delicadeza de consciência – que fazem parte da natureza de que somos feitos. Santa Bernadete Soubirous,

afirma F. Trochu, “no seu refinado senso de espiritualidade, se admirava de que a maior parte das biografias [dos santos] não passava de panegíricos”. O biógrafo continua:

Teria preferido que os historiadores dessem mais destaque às imperfeições desses grandes amigos de Deus. Acho que se deveriam assinalar os defeitos dos santos e indicar os meios que usaram para se corrigir. Isso seria de muita utilidade.

É claro! Mas isso também comporta algumas conseqüências práticas que devem ser levadas em conta. Segundo Guibert, quando a Igreja “propõe como exemplo a ser imitado a vida dos santos e beatos, de fato não pretende sancionar a perfeição

de cada um dos seus atos e, menos ainda, a sua imitabilidade ou seu valor formativo”. O autor segue afirmando:

Só o conjunto dessas vidas é proposto como modelo, unido a esse ou àquele aspecto enfatizado pelos decretos pontifícios, a essa ou

àquela virtude particularmente destacada por eles. Esses mesmos santos, bem o sabemos, tiveram leves fraquezas, das quais pessoa alguma é imune. Depois de se entregar a Deus, não chegam de imediato ao cume. Em muitos deles poderemos notar “santas loucuras”, admiráveis quando são consideradas segundo o espírito que as determinou, mas pouco imitáveis sem uma inspiração muito extraordinária da graça.

Algumas poucas imperfeições

Essas considerações devem ser levadas em conta quando falamos de Dom Bosco e o propomos como modelo de vida. Em um quadro de beleza irretocável, algumas poucas imperfeições, logo resgatadas por atos de caridade intensa, não estragam o todo.

São Jerônimo reprovava em Santa Paula o apego obstinado às penitências, mas ele próprio, devido ao seu temperamento difícil e arrebatado, não poucas vezes se chocou com vários dos seus contemporâneos. São Bernardo usava com seus monges um rigor julgado excessivo; sabemos, pela sua primeira biografia, que usou expressões muito duras com o seu médico. Tendo sido roubado, em Roma, por gente do ofício, se referiu a ela em termos não exatamente “suaves”. São Vicente de Paulo reconhecia em certas características comportamentais de Santa Joana de Chantal traços de culpa. Não admira, portanto, que se possam ler na vida de Dom Bosco sombras de fragilidade não-consentidas.

O cardeal Salotti, promotor da fé na causa do santo, escreve:

Se em um homem tão extraordinário encontramos algumas sombras – de resto mais amplificadas do que seria normal –, elas não obscurecem a luz esplêndida que promana das suas muitas virtudes ou das suas santíssimas ações.

Dom Bertagna, testemunha autorizada da santidade de Dom Bosco, declara por sua vez:

Se olho para alguns traços da sua vida, para a tenacidade com a qual às vezes tentava alcançar o seu objetivo, me parece ver nele quando menos um pouco de humanidade. Desse modo, no que se refere ao primeiro aspecto, às vezes parece um tanto inoportuno ao pedir esmolas, um pouco ardoroso e além do conveniente para obtê-las, chegando a ser muito fácil em prometer recompensas do Senhor a quem as dava e a provocar temor de que as coisas não andariam bem se lhe negavam. Do mesmo modo, parece algumas vezes muito renitente a abandonar as próprias opiniões.

É um juízo equilibrado e grave, mas que não chega ao ponto – como já se disse – de fazê-lo duvidar da santidade heróica de Dom Bosco. O santo partilha, como é natural e como o demonstram os seus escritos, os erros comuns da ciência profana e religiosa do seu tempo. Delicadíssimo de consciência, não deu trégua, como se viu, ao seu temperamento irascível, obstinado, rico de exuberante sensibilidade. Para padre Berto, seu fidelíssimo secretário, Dom Bosco era um verdadeiro sol, mas reconhecia que, como o sol, tinha as suas manchas. Ocorria a ele, assim como a todos os santos, que a natureza, em certas circunstâncias, prevenisse a graça com ligeiras imperfeições – alguma impaciência, algum ímpeto, alguma variação de humor etc. –, das quais humildemente logo se arrependia, reconquistando a paz.

Dizem as *Memórias biográficas* que, uma vez, ao retornar

de Roma, perdeu o trem em uma pequena estação e teve de esperar por horas o próximo. “Mostrou-se muito contrariado”, mas não tardou a se resignar e recobrar a calma.

Durante o segundo Capítulo Geral, em 1880, padre Barberis – lê-se na ata – não parava de falar, impedindo até a Dom Bosco de exprimir o seu pensamento. O santo não perdeu a estribeira, como outros, mas, “um pouco aborrecido”, acabou por calá-lo com um ditado piemontês que provocou gargalhada geral. Pode ter sido, por exemplo, um *piàntla lì tarluc*, expressão quase intraduzível, cujo sentido depende muito do tom de voz com que é pronunciado: “Pára, boca rota!”.

Uma noite, em Alassio, em fevereiro de 1879, Dom Bosco desabafa com alguns íntimos. Revela os seus sofrimentos: afrontas sofridas, audiências negadas, cartas interceptadas, oposições radicais e secretas de várias partes, palavras duras, mortificantes... Mas de repente pára, reflete um instante e depois diz diante de todos: “Falei demais”. E naquela mesma noite quis se confessar.

Na origem do longo e sofrido contraste que opôs, por uma década, o arcebispo Gastaldi e Dom Bosco, dois homens superiores e antes muito amigos, havia da parte de Dom Bosco erros de cálculo e excessiva confiança no homem. Interpondo-se junto a Pio IX para que dom Gastaldi fosse transferido da diocese de Saluzzo para a arquidiocese de Turim, esperava poder contar muito com a ajuda do bispo. Foi, porém, o início de uma dolorosa via-sacra: “Aquela confiança no homem não foi agradável ao Senhor”, reconhecerá humildemente. Suportou as conseqüências do seu ato com ânimo forte e com heróica obediência, mas a natureza reclamava seus direitos.

O padre Rua testemunha tê-lo visto “chorar pela dor que experimentava ao se encontrar em conflito com o seu superior e de tê-lo ouvido exclamar: ‘Com tanto bem a fazer, fico tão perturbado que não posso fazê-lo’”. Em momentos de angústia

extrema, choro e palavras amargas saídas da sua boca foram sussurradas a si mesmo, mas nunca dirigidas ao seu arcebispo, que respeitava e amava: “Só falta agora que me crave um punhal no coração”; “Um sonoro e forte tapa não poderia me mortificar mais”; “À força de acumular desgostos (...) o pobre estômago se arrebenta”.

São palavras demasiado humanas, mas Dom Bosco nunca ce-deu ao impulso do ressentimento ou da revolta. Seus desabafos só aconteciam em um círculo muito restrito de pessoas. Sofria, calava e continuava a fazer seu bem. Só “uma vez”, testemunha dom Bertagna, com o qual o santo podia se abrir como a um homem de ciência e de conselho, mas também como a um amigo, “me parece [que] tenha falado do arcebispo *com certo ardor*”.

A quem um dia lhe reprovava por não ter usado as mesmas armas do adversário, respondeu pacatamente: “É o Senhor que guiou cada coisa”.

O cônsul argentino em Savona, comendador Gazzolo, se dizia benfeitor dos salesianos. Na realidade defendia apenas os seus próprios interesses. Escreveu ao padre Cagliero, que estava na América do Sul:

O comendador Gazzolo, depois de uma semana de cálculos e de falação, reduziu a sua proposta a 60 mil liras pelos seus 700 metros de terreno... Como você vê, ele pagou 19 mil e, para nos beneficiar, nos vende por 60 mil. Ah! *Rogna, roгна!*

É uma expressão piemontesa, sutilmente irônica, mas bem forte na boca do santo.

Ninguém está isento de erros práticos imprevistos, não-intencionais, inculpáveis, fruto da maior boa vontade. Fazem parte da condição humana, e Dom Bosco não foi imune a eles. De fato, nem sempre as suas apostas davam resultado: ocorria que a confiança posta em certos colaboradores fosse desiludida; ocorria que obras construídas com muita esperança tivessem

de ser abandonadas. Acontecia até que certos projetos, “depois de longas, complicadas e cansativas conversas de fazer perder a cabeça” – são palavras suas –, no fim dessem em nada. E deu em nada, por exemplo, a sua paciente investida de pôr ordem, por desejo expresso de Pio IX, no Instituto dos Irmãozinhos Hospitaleiros de Maria Santíssima Imaculada, chamados *conzettini*, que atravessavam um período de grave dificuldade. Dom Bosco aceitou de bom grado o difícil encargo porque pensava em, de algum modo, incorporar o Instituto à sua obra. Mas o empreendimento malogrou. Não faltou quem quisesse desprestigá-lo junto ao papa, como se vê na carta do cardeal Billio, seu sincero admirador:

Caro e reverendíssimo Dom Bosco (...). Desagrada-me ter de lhe dizer que o Santo Padre não me parece tão bem disposto como no ano passado. Os motivos para isso, se não entendi mal, são principalmente dois: primeiro, o caso dos *conzettini*; segundo, a opinião de que o senhor faz muitas coisas ao mesmo tempo. Tentei tirar do ânimo do Santo Padre toda impressão menos favorável a seu respeito, mas não sei se obtive êxito.

O santo era certamente vítima de insinuações e calúnias, mas é preciso dizer também que a escolha do padre Giuseppe Schiappini como o seu representante não fora a mais acertada. A exemplificação sem dúvida não se completa com esses poucos exemplos. Vale dizer que nenhum santo é um espírito angélico.

Dom Bosco – já o dissemos – foi certamente um grande carismático: lia nos corações, profetizava, mas também podia se enganar. Um dia, um jovem lhe recorda uma predição não verificada. O santo fica sério. Depois, faz uma brincadeira e diz sorrindo: “E mesmo que não se tenha verificado, que importância tem?”, e desviou a conversa.

A bula de beatificação e a de canonização reconhecem o seu extraordinário dom de cura. Mas as curas nem sempre acon-

teciam. O padre Rua pôde afirmar que Dom Bosco “contava certos fatos em que se alcançara o resultado oposto aos desejos de quem lhe implorava a sua bênção”.

O padre Guanella, futuro fundador dos Servos da Caridade e das Filhas de Santa Maria da Providência, já era sacerdote quando se tornou salesiano, mas Deus queria que ele voltasse à diocese. Dom Bosco fez de tudo para mantê-lo consigo: “Quem está ligado em religião, se não quer enganar, precisa renunciar a todo projeto que não seja segundo a matéria dos votos e sempre com o beneplácito do superior”. Essa carta e outras de mesmo teor foram “um grave espinho” no ânimo delicado do padre Guanella, que decidiu por fim deixar Dom Bosco. Dois santos em confronto: o Espírito que os guia dá a um luzes superiores, que não concede ao outro. A história é fecunda em exemplos semelhantes.

Hipérbole publicitária

Notaremos agora que nem mesmo os santos estão isentos de certas anomalias inócuas, de pequenas estranhezas e de santas malícias que tornam a santidade mais humana e mais próxima de nossa natureza.

São Francisco de Assis, às vezes, se fazia acompanhar no canto por um pedaço de madeira, como o fazem as crianças. Santa Catarina de Sena, doce e austera, beijava as crianças pelos caminhos e mandava aos amigos maços de flores feitos por ela. São Filipe Néri adorava uma velha gata de pelo vermelho e um cão chamado Capricho, que dava saltos no ar para exprimir contentamento. E a vida de Dom Bosco oferece aspectos dificilmente redutíveis aos esquemas comuns.

O santo, tão concreto e engajado no real, falando dos seus projetos e das suas obras, cedia ao exagero para despertar o ânimo e a imaginação dos seus ouvintes, para ganhá-los mais facilmente para a sua causa: “Toda a Itália e a Europa política

e religiosa falam do nosso projeto para a Patagônia”.

Ao descrever nas *Memórias do Oratório* a sua habilidade de prestidigitador, devia sorrir disfarçadamente quando afirmava, por exemplo, “ver sair de um pequeno copo mil bolas maiores que ele”, ou “tirar de um saquinho mil ovos eram coisas que causavam alvoroço”.

Santo moderno, compreendeu instintivamente a importância que a publicidade assumiria na nova sociedade e se utilizou generosamente dela por meio de jornais, livros, opúsculos, conferências: “Esse é o único meio de fazer conhecer as boas obras e de mantê-las. O mundo atual se tornou material. Por isso é preciso trabalhar e fazer conhecer o bem que se faz”. Ele adotou até a linguagem e o método da publicidade, sem porém comprometer a sua consciência.

Por estar sempre metido em dívidas e à beira da falência, quando se dirigia aos benfeitores, à opinião pública, considerava não só lícito, mas até obrigatório o uso da linguagem hiperbólica. Dizia: “A hipérbole é uma figura de retórica. Isso quer dizer que não é condenável fazer uso dela”.

Os seus sonhos proféticos devem tê-lo estimulado aos exageros, assim como “essa sua grandiosidade, que o levava sempre de imprevisto aos maiores projetos e à concepção de planos mundiais, que eram postos em ação, sem muito estudo e sem demora”, como afirma F. Orestano.

Temos ainda em Dom Bosco a forte tendência a inflar os números das suas obras e dos seus jovens. “É coisa estrepitosa”, dizia a padre Barberis, aludindo às “vinte” fundações de um único ano, 1878. Na realidade, as vinte fundações são as casas que o catálogo oficial elenca para o ano de 1878, três a mais que as já relacionadas no ano anterior. No relatório de 1880 à Santa Sé, o santo quer assegurar a Leão XIII que os seus cinquenta mil jovens rezam por ele. Poucos anos depois, a cifra sobe a duzentos e cinquenta mil, a trezentos mil... O que se pode dizer?

O padre Ceria comenta: “Dom Bosco não se apegava à exatidão dos números, cedendo às formas modernas de publicidade, então em voga, que divulgam até três vezes mais, para que se entenda ao menos metade da metade”. O padre Stella é mais sutil: “A hipérbole publicitária se explica pela atmosfera de entusiasmo, de astúcia, de esperteza e de malícia, muito familiar e popular que reinava em Valdocco e em vários ambientes nos quais Dom Bosco se movia”.

E ainda é Dom Bosco.

Mas jamais poderemos esquecer que ele permanece sempre como um homem imensamente maior que nós, uma obra-prima do Espírito Santo, que traduziu o Evangelho em ação. Uma existência regulada por leis superiores à nossa experiência comum. Um santo que, em tudo o que diz ou faz, tem em vista unicamente a glória de Deus e a salvação das almas.

Capítulo X

Lágrimas de um santo

A teologia espiritual dedicou muitas páginas à análise e à reflexão do fenômeno das lágrimas na vida dos santos. O pranto, o riso e tantas outras manifestações da natureza humana são uma verdadeira linguagem e exprimem a sua verdade. Indicam o envolvimento da pessoa inteira em uma realidade forte, dentro de experiências particularmente significativas. Na vida das pessoas santas, as lágrimas são geralmente expressão de compunção pelos próprios pecados e pelos pecados dos outros, e muitas vezes evidenciam “o divino alívio do Espírito” – para falar com a espiritualidade do Oriente cristão –, isto é, são lágrimas místicas, doadas a quem recebeu algo da contemplação das luzes inacessíveis de Deus, uma espécie de compreensão particular e profunda do amor de Deus, expressão de um co-

ração que arde totalmente por Ele. São o sinal de um caminho místico para a santidade.

Também para Dom Bosco o testemunho das lágrimas é freqüente e tocante. Perguntamo-nos se podemos falar, e até que ponto, de uma simples característica da sua personalidade muito sensível, ou se se trata de verdadeiras e próprias experiências místicas.

Alma sensível

Duas circunstâncias, entre tantas, nos impressionam no adoléscente João Bosco e nos revelam um ânimo particularmente sensível. São a comoção e a tristeza prolongada, por volta dos 12 anos, pela morte de um melro criado com muito cuidado e repentinamente estraçalhado e devorado pelo gato. Além disso, quando tinha 15 anos, ali pelo final de 1830, o pranto inconsolável, “o coração em pedaços”, que durou muitos dias, pela morte do padre Calosso, tanto que a sua mãe, seriamente preocupada, o manda ficar alguns dias no ambiente sereno da casa dos seus avós, em Capriglio.

Depois de adulto, já ordenado padre, permanece presa fácil da comoção. Nos conflitos e nos grandes desprazeres, a

reação de Dom Bosco é a de se fechar no sofrimento e dar vazão às lágrimas: quando, no Prado Filippi,²⁷ chora diante da incerteza e do abandono em que se encontra acerca do seu futuro; quando é tratado de modo vil por um jovem que tinha sido

censurado por sua conduta, como testemunha o jovem Brovio, que, surpreendido pelo pranto de Dom Bosco, sente forte desejo de vingá-lo; quando, em 1882, diante da enésima tentativa de engano, que se está tramando contra ele e contra os seus primeiros salesianos, durante as incompreensões e os conflitos com o arcebispo Gastaldi, como a descrevem as *Memórias biográficas*; quando, para obter a aprovação e os reconhecimentos necessários da parte da Santa Sé para a Congregação Salesiana nascente, se misturam conflituosamente fadigas, oposições, contradições, humilhações, demoras e desilusões.

Enquanto avança em idade e pouco a pouco se aproxima a partida para o céu, Dom Bosco se torna mais propenso à comoção e ao pranto. Um temperamento muito sensível, plasmado gradualmente pelo sofrimento e pelas duras fadigas da vida. Certamente a presença quase contínua de Mamãe Margarida durante o crescimento e o amadurecimento do filho, com o seu caráter forte e ao mesmo tempo terno, dá uma contribuição notável na conformação da natureza e do coração particularmente sensível de Dom Bosco.

Contudo, é preciso constatar que a facilidade de se comover não é ditada por um temperamento romântico, quase lânguido, de quem tem medo ou se sente um fraco, e por isso sem outra saída senão se desafogar freqüentemente no choro. Ao contrário, João – é o que dizem de modo concorde as biografias – era facilmente inflamável e, ao mesmo tempo, pouco flexível, quase

duro. Tinha um caráter sério, de bom observador, não muito pródigo em palavras, e, ao mesmo tempo, com manifestações impressionantes de coragem no enfrentamento de situações complexas e de dificuldades, e isso desde pequeno.

Um grande dom de Deus

Mas em nosso santo há algo mais. Até agora destacamos a personalidade rica, com uma forte carga de humanidade e, ao mesmo tempo, muito sensível. Mas não é raro encontrar pessoas assim. Dom Bosco não é um frio especulador, muito menos um derrama-lágrimas sentimentalóide. É muito inteligente, apaixonado, voluntarioso e, sobretudo, um santo. O que impressiona e nos leva a nos identificar muito com o misterioso fascínio da sua pessoa é o verdadeiro dom das lágrimas.

Quando a Providência vem ao seu encontro, às vezes de modo extraordinário e imprevisto, ele se recolhe em oração, pensativo, e as lágrimas jorram dos olhos. Às vezes chora celebrando a santa missa, às vezes distribuindo a comunhão, outras vezes simplesmente abençoando o povo ao fim da Eucaristia. Chora ao falar aos jovens depois das orações da noite, durante as famosas boas-noites, ao conferenciar com os seus colaboradores diretos, durante os sermões que encerravam os exercícios espirituais. O pensamento do amor de Deus às vezes o comove até o pranto. Chora ao verberar o pecado, o escândalo, a desgraça que é perder a inocência. Chora ao pensar na ingratidão humana para com o amor do Senhor Jesus, movido pelo temor acerca da salvação eterna de alguém.

Uma testemunha afirma que durante os folguedos carnavalescos exortava a fazer fervorosas comunhões e a ficar em

²⁷ Em março de 1846, depois de ser despejado dos três cômodos que havia alugado do padre Moretta, Dom Bosco consegue um campo nos arredores de Turim, onde pode reunir seus meninos. Não dura muito, no entanto. Dia 5 de abril é o último domingo e Dom Bosco não sabe mais o que fazer. Nesse mesmo dia, Pancrácio Soave oferece-lhe a propriedade de Francisco Pinardi. Ali, finalmente, o oratório encontra um lugar definitivo. [n.e.]

adoração diante do tabernáculo, para reparar tanto mal que se cometia. Enquanto falava, pensando nos insultos que Jesus recebia, chorava e emocionava os presentes. O cardeal Cagliero nos assegura que, enquanto Dom Bosco pregava sobre o amor de Deus, a condenação das almas, o sofrimento de Jesus Cristo na Sexta-feira da Paixão, a santíssima Eucaristia, a boa morte e a esperança do paraíso, ele o via muitas vezes derramar lágrimas de amor, de dor, de júbilo. O mesmo acontecia ao falar da Virgem Maria e da sua imaculada concepção. Outra testemunha o viu prorromper em pranto no Santuário da Consolata, enquanto pregava sobre o Juízo Universal, descrevendo a separação dos réprobos dos eleitos. Comovido até às lágrimas, ao falar da vida eterna, sabia levar à conversão pecadores obstinados que o procuravam depois do sermão para se confessar. É tocante o testemunho inédito do padre Piccolo: “Quando, na noite de Natal, cantava a missa, era totalmente raptado por Deus. Seu único sinal de humanidade era o eflúvio de lágrimas que lhe vinha da ternura pelo Menino Jesus”. E isso aconteceu desde os inícios do Oratório até ao grande pranto, prolongado e irrefreável, enquanto celebrava na Basílica do Sagrado Coração, em Roma, poucos meses antes da morte. Nessa ocasião, se desfez em lágrimas mais de quinze vezes, enquanto o padre que o acolitava se esforçava em vão para reanimá-lo. Ele revia e compreendia o desenrolar-se do projeto de Deus para a sua vida e a dos seus meninos.

Tão grande necessidade de pranto, que contradistingue e retorna freqüentemente na oração e no ministério sacerdotal de Dom Bosco, nos leva a crer que realmente nos encontramos em face de um grande dom de Deus, de uma espécie de fenómeno místico, com riqueza de detalhes, documentado tanto na história da espiritualidade ocidental como na oriental.

*Gementes et flentes in hac lacrimarum valle:*²⁸ assim os medievais resumiram de modo bem feliz toda a existência cristã.

Arrependimento sincero pelos pecados, necessidade de conversão, fadiga de viver no exílio terreno, saudade da eternidade, desejo de amar a Deus, reconhecimento e aceitação dos seus dons, júbilo pela vida de graça na qual se vive imerso, tudo é motivo e fonte de lágrimas e expressão de ternura de um coração em contato contínuo com a presença de Deus.

Em Dom Bosco, tudo isso é ulteriormente ampliado pela paixão e pela profunda necessidade de salvação dos jovens. Ele chora também em nome dos jovens, ao se deter sobre a condição deles: a responsabilidade ainda não-amadurecida acerca da importância da salvação da alma; a dificuldade em aceitar a luta sem quartel contra os males e a separação do pecado; a alegria e reconhecimento ainda pouco desenvolvido pelos dons de Deus, em particular por seu amor que precede, acompanha e salva; a ainda frágil determinação de orientar bem a vida, segundo o projeto de Deus, para “aquele pedaço de paraíso que ajusta tudo”.

Lágrimas de um pai

Nós, pós-modernos, muito afeitos à crítica sofisticada e vinculados ao princípio basilar da suspeita diante de tudo o que não seja detectável pela ciência e pela técnica, sabemos e sustentamos que o dom das lágrimas não é fundamental para viver a fé cristã. É certo, o valor único e primordial continua sendo o mandamento do amor. No fim, o que conta é a fé que atua por meio da caridade. Não obstante, na vida de todos os santos, na de Dom Bosco em particular e no que nos diz respeito, devemos admitir que as lágrimas manifestam um grande dom de Deus e exprimem de forma extraordinária a sinceridade e a intensidade da fonte da qual essas lágrimas jorram. São o sinal da presença e proximidade de Deus e do esforço em empregar toda a existência por sua causa, ou seja, pela construção

do Reino, sobretudo no coração dos jovens.

A educação e o modo de vida social da nossa cultura ativaram mecanismos psicológicos e de comportamento que freiam a intensidade do envolvimento emotivo, em nome da própria imagem e dignidade.

Por outro lado, existe uma corrente cada vez mais forte, devida sobretudo à mídia, que insiste na necessidade de liberar as energias e de envolver o corpo em todas as suas expressões, as lágrimas incluídas, também na oração e na relação religiosa.

As lágrimas de Dom Bosco, além do maravilhamento que nos causam pela grande carga emotiva do seu coração e pelo extraordinário dom místico que o impregna, querem provocar um sério envolvimento de nossa vida. Os falsos pudores infantis frequentemente transformam em estereótipos até as vocações e os maiores ideais.

Há nessas lágrimas o apelo a uma relação com Deus menos burocrática e empregatícia, vivida mais com a paixão do filho do que com o imperativo categórico dos deveres do servo. E há, além disso, um ardor pela salvação dos jovens, mais forte do que qualquer estratégia ou técnica pastoral.

Talvez assim se venha a dar nova credibilidade ao Evangelho, para que voltemos a crer na santidade e sejamos capazes de reacender a fé onde, pela frieza de um sistema, ela se reduziu a uma pálida chama.

Capítulo XI

Como Dom Bosco morre

A era científica e tecnológica na qual vivemos busca de toda maneira exorcizar a realidade da morte, na vã tentativa de isolá-la. W. Nigg, em *La morte dei giusti: dalla paura alla speranza*

²⁸ “Gemendo e chorando neste vale de lágrimas”, parte da Salve-Rainha. [n.e.]

[*A morte dos justos: do medo à esperança*], analisa em profundidade a morte de alguns santos. Na segunda parte do livro aborda o momento culminante dessas mortes tão dessemelhantes e variadas: a morte “comum” de Bento Labre, a morte consumada na solidão de Agostinho, a morte cruenta de Joana d’Arc e de Tomás Morus, a morte dura e tormentosa – parece difícil acreditar – de Catarina de Sena e de Bernadete Soubirous, a morte tranqüila de Bento de Núrsia e, por fim, a morte na alegria de Francisco de Assis. A essa altura, nos vem espontaneamente a pergunta: como morreu Dom Bosco?

Sabe-se que, a partir de fevereiro de 1884, Dom Bosco passa de uma doença a outra. A sua fibra robustíssima se extingue golpe após golpe e as dores físicas atormentam cada vez mais o seu corpo. O calvário se torna cada vez mais doloroso, mas os jovens nada percebem e olham para ele com admiração crescente toda vez que, ao menos rapidamente, conseguem se aproximar dele, ouvi-lo, ser atendido por ele no sacramento da reconciliação.

Com o passar dos dias, ele – como também os seus filhos – percebe sempre mais, como São Paulo, que a sua corrida está terminando, e se prepara para morrer. Entre o fim de 1887 e janeiro de 1888, esse sol de santidade faz a sua preparação mais intensa para o encontro com o Deus sumamente amado. Anotaremos apenas três pontos desse último segmento da vida do santo dos jovens: os *novissima verba* [últimas palavras], o momento da morte e a sua segunda vida.

Nos últimos dias de Dom Bosco, os salesianos da primeira geração o assistiram em turno contínuo, e o mesmo fizeram muitos da segunda geração. Para conservar as palavras do seu amado pai, tiveram o cuidado de recolher dos seus lábios cansados as palavras que dizia de vez em quando. As palavras

dos moribundos estão carregadas do sentido do divino e têm um valor absolutamente único. O Arquivo Salesiano Central conserva esses pensamentos em diversas versões, pois os que os coletaram tinham consciência de estar legando aos pósteros a

mais preciosa das heranças.

Novissima verba

As suas últimas palavras revelam sobretudo os aspectos fundamentais da sua personalidade de padre educador, de pastor e de fundador. O pensamento dominante que emerge, tanto nos momentos de lucidez como nos traços do inconsciente, exprime a sua grande preocupação pela salvação das almas juvenis. Em certo momento, batendo as mãos, grita: “Correi, correi rápido para salvar aqueles jovens!... Maria Santíssima, ajudai-os... Mãe, Mãe!”.

Dom Bosco, como sabemos, à diferença de outros fundadores, começou a sua instituição com religiosos muito jovens. Por isso, ele mostra um certo temor de que não estivessem à altura de continuar a sua obra: “São enrolados!...”, diz. Mas logo prevalecem o otimismo e a confiança em Deus: “Coragem! Avante!... Sempre avante!”.

Ele repete as mesmas palavras, mas o padre Cagliero o tranquiliza: “Fique tranqüilo, Dom Bosco, faremos tudo, tudo o que deseja”.

Todos sabem que o santo tinha os pés bem plantados na terra, mas o seu ímpeto de apóstolo estava sempre fixo em Deus: o pensamento do paraíso foi dominante na sua vida. Voltando-se a quem estivesse perto, repetia sempre: “Vamos nos ver no paraíso!... Mandem rezar por mim...”. E ao padre

Bonetti: “Diga aos jovens que os espero a todos no paraíso”.

O mesmo pensamento, com mais ênfase ainda, o reserva às amadas irmãs: “Escute! Diga às irmãs que, se observarem as Regras, a salvação delas está assegurada”.

As últimas palavras colhidas dos seus lábios são de abandono em Deus e de confiança na Bem-aventurada Virgem: “Jesus e Maria, vos dou o coração e a minha alma... *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum...*”²⁹ Ó, Mãe, Mãe... abri-me as portas do paraíso”.

Diferentemente da sua vida, constelada de acontecimentos extraordinários, a sua morte não apresenta características excepcionais. Mas, como se depreende dos *novissima verba*, sua morte é o extinguir-se sereno de uma vida inteiramente doada a Deus e ao próximo na perspectiva da eterna bem-aventurança.

A morte

A morte de Dom Bosco não foi repentina. Preparada durante longos meses de graves sofrimentos e doenças, foi o apagar-se de uma chama que havia esgotado o seu combustível. Nos últimos dias da doença, quando os médicos não davam mais nenhuma esperança de melhora, se elevava em Valdocco, da parte dos superiores e dos jovens, uma oração incessante a Maria Auxiliadora, pedindo o milagre da cura. Na psicologia coletiva, havia a convicção de que Dom Bosco jamais devesse morrer. Alguns jovens chegaram a oferecer a Deus a própria vida.

Entre as experiências mais tocantes referentes à morte do santo, queremos recordar a do padre Orione, que alimentava – e alimentará por toda a vida – pelo santo dos jovens um afeto e estima ilimitados. Já avançado em anos, há quem o tenha ouvido repetir: “Caminharia sobre brasas para ver Dom Bosco mais uma vez e poder lhe dizer obrigado”. É oportuno lembrar que

o padre Orione foi estudante em Valdocco de outubro de 1886 a 1889.³⁰ Como e por que, depois de ser dirigido por padre Rua, conseguiu passar a se confessar com Dom Bosco, privilégio reservado a pouquíssimos, visto que o santo estava bem fraco, é um mistério. Talvez Dom Bosco visse nesse adolescente predestinado a imagem de Domingos Sávio, e já previsse o seu futuro. Por outro lado, toda vez que o jovem podia se aproximar do pai da sua alma, se sentia transportado para uma região superior, para a órbita do fogo divino daquela grande alma que, no ocaso da vida, brilhava com a sua luz mais intensa. O querido jovem, já plenificado de graça, gravava dentro de si as orientações do santo e as guardava como um tesouro precioso.

No decorrer da sua vida extraordinária, mesmo em face de outras figuras esplêndidas que dele se aproximaram, padre Orione recorreu em pensamento ao “seu” santo, Dom Bosco, e aos seus colaboradores diretos: Rua, Berto, Francesia, Trione e outros, também eles grandes e santos aos seus olhos inocentes. Permanecerão para sempre no seu coração a saudade dorida e a recordação inapagável de Dom Bosco, dos seus colaboradores e do clima de Valdocco, onde se respirava “o ar de Deus”.

Na iminência da morte de Dom Bosco – nota o padre Orione –, a notícia atraía a Valdocco, mesmo das regiões mais longínquas, venerandos salesianos.

Vieram então naqueles dias muitos salesianos da Inglaterra, da Espanha, de lugares remotos. Como poderiam os primeiros filhos, os mais idosos, ficar sem ver Dom Bosco ainda uma vez? Nós que estávamos lá víamos salesianos nunca vistos, muitos salesianos que já tinham cabelos brancos (...). Os nossos superiores mais velhos, padre Rua, padre Cerruti, padre Belmonte, diretor da casa, estavam tomados de profunda dor!... Resignados, sim, mas se via a dor no rosto de todos... Todos rezavam sem parar. O papa enviara a sua bênção; chegavam cartas e telegramas de todas as partes. Muitos,

²⁹ “Em tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito” (Lc 23,46). [n.e.]

não podendo ser recebidos, andavam ao redor e olhavam pelas janelas. Rezava-se continuamente e se acendiam velas e lamparinas no Santuário de Maria Auxiliadora.

Mas Dom Bosco não recuperou a saúde. Eram-lhe sugeridas jaculatórias e lhe diziam: “Dom Bosco, diga: ‘Maria Auxiliadora, obtende-me a graça de retomar as forças, de ser curado!’”. Mas ele não quis repetir essa oração, para se mostrar completamente entregue à vontade de Deus. Dizia, porém: “Senhor, seja feita a vossa vontade”. Os médicos declararam impossível a cura de Dom Bosco. Não obstante, todos a esperavam. Quem ama espera, sempre!

No dia 30 de janeiro, deixou de falar. Fizemos todos nós, os rapazes, passarmos diante dele. Estendido no leito, com as mãos para fora, parecia não entender mais nada. Tinha uma estola roxa nos pés. E alguns lhe beijavam as mãos, outros, os pés, outros choravam, outros lhe beijavam as cobertas. A sua cabeça estava virada para a direita; os cabelos um pouco enrolados... Naquela noite ninguém dormiu. Salesianos de todas as partes estavam lá. Parecia que Dom Bosco tinha chamado a todos. Alguns estavam cansados, cansadíssimos da noite anterior, e alguns se deitavam sobre as mesas, não se dominavam mais, velavam, como filhos amados, ao redor do pai. Estavam cansados porque tinham vindo de longe. Nós também não dormimos na véspera da sua morte. Havia silêncio e paz, e uma só oração... Todos suplicavam... Sentia-se algo de extraordinário. Se eu tivesse a língua de um santo, não poderia exprimir o que sentimos naquela noite. Vejam, queridos clérigos, que já se passaram cinquenta anos e que essa mesma voz, plena de comoção, que lhes fala, lhes diz o que deve ter ocorrido à época, naqueles momentos!... Tínhamos recebido ordem de não nos mover. Todos estavam com o ânimo suspenso: alguns cochilavam, mas todos viviam uma grande expectativa.

Eis que, enquanto soava a ave-maria de 31 de janeiro, Dom Bosco morria. Pela manhã, era costume soar a ave-maria às 5 horas no campanário de Maria Auxiliadora. Naquela manhã, não sei por

³⁰ Cf. nota 20.

que a ave-maria soou às 4 e meia, e às 4 e 45 Dom Bosco morria.

Onde eu estava? O quarto em que eu dormia era contíguo ao quarto de Dom Bosco. Na hora em que o querido Dom Bosco morria, se ouviu um tombo: era um dos salesianos missionários mais velhos que tinha velado toda a noite. Quando foi chamado – repousava sobre uma mesinha –, foi tomado por tal aturdimento, que caiu. Era aquele missionário que caía; era a vida de Dom Bosco que caía! O salesiano tinha se acomodado sobre uma mesa e, ao ouvir que Dom Bosco estava morto, foi tomado por tal sentimento de comoção que caiu da mesa. Aquele barulho foi como um sinal de que Dom Bosco morreria... Dom Bosco morria como morrem os santos, todos os santos...

Quando amanheceu, a notícia se espalhou pelo Oratório e todos perceberam que algo de grande tinha acontecido... Naquele dia, não havia mais pão. Dom Bosco prometera que a Providência não havia de faltar. Os salesianos tinham um senso de resignação muito vivo. Eles vinham até nós, mesmo os mais velhos, que nunca tinham vindo. Já lhes disse outras vezes que depois da morte de Dom Bosco se difundiu por todo o Oratório uma espécie de suave aura de paz, de tranqüilidade. Por todo o Oratório, havia uma suavidade, um sentimento de paz, uma coisa... uma coisa... que sinto até hoje, depois de cinqüenta anos. Um sentimento de paz, uma brisa suave que penetrava todos os corações, todas as pessoas; até mesmo as paredes da casa pareciam ter sido penetradas de paz. Era uma grande coisa, uma coisa extraordinária que nunca mais experimentei... Dom Bosco estava lá: com o seu espírito de pai, de santidade, de mansidão, de paz, tinha penetrado o coração e a atividade de todos e, repito, parecia penetrar as paredes da casa. E o que eu senti todos sentiram. Dom Bosco, com o seu espírito de paz, entrou nas entranhas de todos.

Nas entranhas do padre Orione, sem dúvida, tinha penetrado em medida transbordante. A quem o fazia notar que falava “sempre” de Dom Bosco, respondia com uma imagem forte, mas de reminiscência bíblica: “Que Deus resseque a minha língua, se eu

deixar de bendizer aquele santo homem!” (cf. Sl 137,5-6).

Recordação indelével

A imprensa, mesmo leiga, geralmente usou palavras de elogio sobre a morte de Dom Bosco, mas não faltaram grandes comemorações, que passaram para a história. Aqui recordamos o testemunho do padre Orione, dado aos seus religiosos ao longo da sua vida e mesmo na sua idade tardia. Há nas suas palavras algo de idealização, há a ênfase e o lirismo do seu grande coração. Mas, além de tudo, vive a objetividade de um fato inegável.

Oh! Dom Bosco, como te ouço ainda!... Ouço a tua voz amorosa, terna; vejo a tua figura veneranda, a tua santidade afável, atraente, toda ternura, toda ardente de caridade divina! Dom Bosco!... Oh! Aquelas noites em que falavas! E a serenidade do teu espírito iluminava a minha alma... Quando confortavas os teus pobres filhos, lá nos pés do altar, onde estava Jesus, que abraçava todos no seio da sua caridade divina, imensa!...

Dom Bosco foi um dos modelos da sua vida:

Dom Bosco! Homem de grandes idéias – como grande era a caridade de Cristo que inflamava a sua alma de educador e de apóstolo –, da comunhão freqüente, da terna devoção à Nossa Senhora e do afeto à Igreja, trouxe a vida e a força para si e para os seus.

Dom Bosco! O mais humilde e o mais ativo dos homens que conheci: simples e afetuoso, altivo no querer, ardente de piedade, esperto no saber se valer de tudo, para fazer o bem, e de todos os ramos do conhecimento, para educar. Dom Bosco foi verdadeiramente o sacerdote de Deus, o sacerdote de coração grande, sem limites! Nele, a caridade que animava e acendia a alma de Paulo: *Charitas Christi!* Nele, o espírito de Vicente de Paulo e a doçura de Francisco de Sales. De fé inquebrantável na divina Providência, que veste de plumas os pássaros do céu, foi saudado como apóstolo da juventude.

O padre Orione propunha Dom Bosco aos seus filhos como modelo de vida, citando até mesmo fatos que, aparentemente, não tinham densidade espiritual.

Quando, por exemplo, Dom Bosco, estudante em Chieri, viu que o acrobata afastava as pessoas da igreja, “não foi rezar dentro da igreja para que o acrobata acabasse. É claro que rezou também, mas o enfrentou com desenvoltura”, comentava o padre Orione. E acrescentava:

Assim como Dom Bosco, em todas as coisas, até mesmo nos pés, até mesmo nos sapatos, caminhava para o céu – porque o bem tem a sua bravura, porque o bem é humilde, mas se é preciso se torna um leão –, Dom Bosco subiu até onde estava o acrobata e virou de ponta-cabeça, lançando as pernas e os pés para o alto, de modo a superar a copa da própria árvore. Sempre para o alto, sempre para Deus, até mesmo com os pés, sempre. Até mesmo com os sapatos, sempre para o alto, até mesmo nas coisas que parecem mais comuns e banais!... Esse é Dom Bosco!!!!... E quando vinha até aqui, leram esse episódio, e então pensei comigo mesmo: esse é realmente Dom Bosco! Dom Bosco piedoso, Dom Bosco que se alimenta de Deus. Dom Bosco que compreendeu que a sua missão é não se fechar, não se encerrar, não se dobrar sobre si mesmo, mas combater o mundo com as próprias armas modernas, as armas deste tempo: imprensa com imprensa, escola com escola, propaganda do bem contra propaganda do mal.

A segunda vida de Dom Bosco

A canonização não é apenas a suprema glorificação de um fiel, é também o início da sua segunda vida na história da Igreja e do mundo. De fato, afirma o Vaticano II: “Por essa santidade se promove também na sociedade terrestre um modo mais humano de viver” (LG n. 40).

Na realidade, a segunda vida de Dom Bosco começou logo

depois da sua morte, não porém com a plenitude e a universalidade conferidas pela canonização.

Desde então Dom Bosco vive no culto. A canonização, de fato, desemboca imediatamente no culto. A fórmula da canonização recita:

Em honra da santa e indivisível Trindade (...), decretamos e definimos que o Bem-aventurado João Bosco é santo e no número dos santos o incluímos, estabelecendo que na Igreja universal se honre devotamente a sua memória.

É verdade que não se festejam todos os santos, porque só são festejados os santos canonizados. A veneração dos santos – e portanto a de Dom Bosco – no pensamento da Igreja tem mais importância que o seu exemplo, que nos ajuda a viver em mística comunhão com eles.

Todavia não somente a título de exemplo veneramos a memória dos habitantes do céu, mas mais ainda para corroborar a união de toda a Igreja no Espírito, pelo exercício da caridade fraterna. Porque assim como a comunhão cristã entre os viajores mais nos aproxima de Cristo, assim o consórcio com os santos nos une também a Cristo, do qual (...) promana toda graça e a vida do próprio Povo de Deus” (LG n. 50).

Desde a Páscoa de 1934, Dom Bosco vive na liturgia da Igreja, que celebra a sua memória universal: vive na consciência de todos os que, atraídos pelo seu fascínio e pelo seu carisma, rezam, veneram e o invocam como poderoso intercessor junto a Deus. As festas em sua honra têm ampla ressonância em muitas Igrejas locais. Distinguem-se pela grande procura dos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia, nos quais Dom Bosco tanto insistiu. São uma autêntica passagem do Senhor pelos corações.

Caracterizam-se sobretudo como “encontros festivos da juventude”, que, hoje como ontem, o aclama e invoca como

mestre, guia, amigo e pai. O tributo de amor prestado a Dom Bosco é definitivamente um tributo de amor prestado a Deus. No culto dos santos, toda prova de amor tem como fim Cristo, “coroa de todos os santos”, e, por Ele, Deus (LG 50).

Dom Bosco vive como modelo de vida cristã. Ao canonizá-lo, a Igreja reconheceu oficialmente a exemplaridade da sua existência terrena e o propôs como arquétipo e modelo à imitação dos fiéis.

A imitação dos santos tem grande importância para a Igreja, porque os santos personificam um ideal de vida cristã e indicam às pessoas com que instrumentos esse ideal pode ser atingido. Até mesmo a vida de Dom Bosco é, a seu modo, um quinto evangelho, que estimula o desejo de se aproximar de Deus tanto quanto possível. Foi dito de muitos padres do deserto que a sua vida era “Palavra”. O mesmo se deve dizer de Dom Bosco, cuja existência foi verdadeiramente um sinal tangível das admiráveis transformações que o Espírito Santo opera no coração das pessoas. Uma vida na qual as pessoas de hoje se podem reconhecer, pessoas para as quais não contam as palavras, mas os fatos, o testemunho. Essas pessoas, de fato, como já destacava o filósofo francês J. Maritain, “pedem sinais: têm necessidade de fatos, especialmente de sinais sensíveis da realidade das coisas divinas. Crer em Deus deve significar viver de tal maneira, que a vida não poderia ser vivida se Deus não existisse”.

A santidade de Dom Bosco e a sua fé intacta, que parecia criar as coisas do nada, são uma resposta a esse apelo.

Dom Bosco *vive*, enfim, mais que nunca na sua missão e nas instituições nas quais se encarna. A morte não deteve a maravilhosa expansão das obras de Dom Bosco, mas, de algum modo, faltava para elas o selo de santidade. Na vida de uma família religiosa, a canonização do fundador tem mais importância eclesial que a aprovação das Regras, porque, pela canonização,

o fundador adquire uma autoridade incontestável.

A proclamação da santidade de Dom Bosco representa um acontecimento de extraordinário alcance. Ao reconhecer a iniciativa do Espírito do Senhor na sua missão de fundador, a Igreja a inseriu oficialmente como porção eleita no patrimônio universal do povo de Deus, autenticou a sua validade e implorou e implora a Deus que essa missão, para além das coordenadas de espaço e tempo, prossiga o seu benfazejo caminho na história.

Isso significa, como disse Pio XI, “milhares e milhares de igrejas, capelas, hospitais, escolas, colégios, com milhares, centenas de milhares de almas levadas a Deus, de juventude recolhida em abrigos de segurança e chamada ao banquete da ciência e da primeira educação cristã”. Há certa ênfase nessas palavras, mas hoje elas são realmente verdadeiras.

Segunda parte

Nos caminhos de Deus

Como todos os santos, Dom Bosco é dominado pelo anseio de tender incessantemente aos cumes da santidade, não alcançados por completo neste mundo, em tempo algum.

Todavia, como vimos, ele se situa na constelação dos grandes santos fundadores, ou seja, daqueles em cuja alma irrompe o Espírito do Pai e do Ressuscitado, em vista de uma missão específica na Igreja e no mundo.

Como também já recordamos, o santo dos jovens não poderá nunca se santificar, a não ser cumprindo heroicamente a sua missão de fundador, de conformi-

dade com alguns traços característicos e inconfundíveis: ser sinal e portador do amor de Cristo para com os jovens, especialmente os pobres; ser princípio e fonte de uma fecunda posteridade espiritual (a Família Salesiana); ser iniciador de uma corrente de espiritualidade entre as mais ricas e atuais na Igreja.³¹

Veremos, além disso, e nos limites do possível, alguns traços essenciais e as feições da vivência espiritual salesiana, deixando de lado, obviamente, outros não menos importantes. Daí o esforço para fazer emergir a modalidade, o matiz e aqueles realces da vida evangélica tão próprios e peculiares de Dom Bosco. Em uma palavra, aqueles lampejos da santidade de Deus, que pouco ou muito percebiam os que dele se aproximavam.

Capítulo I

A mística do *Da mihi animas*

As palavras que o rei de Sodoma dirige a Abraão – *Da mihi animas, caetera tolle* [“Entrega-me as pessoas e fica com os bens”, Gn 14,21] –, na interpretação acomodatória que Dom Bosco assume da tradição, soam assim: “Ó Senhor, dá-me almas e toma para ti todas as outras coisas”.

Segundo P. Stella, o termo-chave, nessa versão, “é o vocábulo *animas*, isso é, aquele termo que há séculos, na linguagem cristã,

designava o elemento espiritual do homem, posto no tempo, porém imortal, entre salvação e ruína eterna, entre pecado e graça, entre Jerusalém e Babilônia, entre Deus e Satanás”.

“Se salvares a alma tudo irá bem e gozarás para sempre; mas se errares,

perderás alma e corpo, Deus e o paraíso, serás condenado para sempre”, escreve Dom Bosco.

Temos hoje uma visão mais abrangente do destino do homem e das realidades últimas. Todavia, usando a linguagem do seu tempo, Dom Bosco indica a direção justa, que considera o homem por inteiro. Ele repete a todos que o homem não é feito para a terra, mas é testemunha das tensões e da esperança do futuro que nos espera: podemos escutá-lo com confiança. Procede-se segundo a verdade quando se afirma que as suas mais profundas aspirações, a sua oração mais ardente, é pelas “almas a serem salvas” e asseguradas para o Reino.

Identidade sacerdotal

A expressão *Da mihi animas* constitui seu lema de vida, sua obsessão, sua mística. Em Dom Bosco, a mística é a concentração em Deus Pai, em Cristo e seu Espírito, mas também é consequência direta do seu ser sacerdote, chamado, por destinação essencial, a colaborar com Cristo no mistério da Redenção. Não é possível pensar em Dom Bosco a não ser como sacerdote.

Com efeito, o que vem a ser a sua juventude senão a consciente, desejada e assídua preparação para o sacerdócio? Dizia a si mesmo: “Quero me tornar padre logo para me entreter com os jovens, a fim de ajudá-los”. E o que vem a ser a sua vida senão o remate desse voto feito na juventude?

De Cristo sacerdote, único e atual Mediador entre Deus e os homens, quis ser a imagem mais perfeita possível, a mediação sacramental mais transparente. Jamais arrefeceu nele a consciência da indefectível responsabilidade sacerdotal: sempre padre,

³¹ Cf. Carta *Juvenum Patris*, de João Paulo II.

inteiramente padre e nada mais. Confirma-o João Paulo II:

Dom Bosco foi, antes e acima de tudo, um verdadeiro padre. A nota dominante da sua vida e da sua missão foi o fortíssimo senso da própria identidade de sacerdote, padre católico, segundo

o coração de Deus.

Um padre – repetia o santo – “é sempre padre e tal deve se manifestar em todas as suas palavras”.

O vocábulo “padre” – termo então incômodo, já que as boas mães de Turim ensinavam os seus filhos a não dizer “padre”, palavra demasiado enlameada, mas sim “sacerdote” – é repetido sete vezes no breve período de abertura da audiência, como tradicionalmente se conta, com o ministro Bettino Ricasoli, ocorrida em Florença em dezembro de 1866:

Excelência, saiba que Dom Bosco é padre no altar, padre no confessionário, padre no meio dos seus jovens. E tal como é padre em Turim, assim é padre em Florença, padre na casa do pobre, padre no palácio do rei e dos ministros.

Com razão, escreve o padre Ceria:

O ser sacerdote constituiu em todos os tempos a sua mais íntima satisfação, como também o seu maior título honorífico, que não deixou nunca de antepor ao próprio nome nos livros e nas cartas, coisa então completamente fora de uso.

A altíssima consideração do sacerdócio ministerial o levou a honrar nos outros padres o caráter sacerdotal, qualquer que fosse o seu estado e conduta. Com todos os padres, “dava mostras abundantes de estima e de respeito, e, vindo a saber de algum que não respeitava o seu caráter, se afligia até às lágrimas, e o

seu desejo era o de escondê-lo dos olhos de todos”. Fez isso mais de uma vez, com gestos tão delicados, que iam até ao coração e o transformavam.

Entretanto, a sua obsessão cotidiana, podemos dizer, foram as vocações destinadas à Igreja e à vida religiosa. Em uma carta encontrada recentemente, dirigida ao marquês Michele Benso de Cavour, vigário da cidade de Turim, em 13 de março de 1846, Dom Bosco pede autorização do município para adquirir a casa Pinardi – “uma quantia de 200 francos” – para nela estabelecer o seu Oratório. Define os seus objetivos nestes termos: “1) amor ao trabalho, 2) freqüência aos santos sacramentos, 3) respeito a toda autoridade, 4) fuga das más companhias”. A seguir, acrescenta:

Esses princípios, que nos empenhamos em instilar habilmente no coração dos jovens, produziram efeitos maravilhosos. No espaço de três anos, mais de vinte abraçaram o estado religioso e seis estudam latim para empreender a carreira eclesiástica.

Como se vê, é um número significativo, se pensarmos nos dias arriscados e difíceis do Oratório ambulante e se considerarmos que Dom Bosco se encontra, se pode dizer, no começo do seu ministério.

Padre “substanciado de Cristo e da Igreja”, num tempo em que ainda predominava a idéia de que o padre devia ser um homem isolado – uma espécie de supercristão – fechado no mundo sacral, vivendo só para a igreja e a oração, embora dedicado às obras de caridade e misericórdia, Dom Bosco se revela um precursor, aberto ao sopro histórico do Espírito e às novas realidades emergentes, envolvido na missão que Deus lhe confia entre os jovens pobres e participante e solidário do destino deles.

A convicção profunda de que o padre não se santifica, e não se salva, senão no exercício do seu ministério e da sua missão específica ressuma em determinados enunciados seus, preemp-

tórios e pregnantos: “O lucro do padre são as almas, e nada mais”; “O sacerdote não vai para o inferno ou para o paraíso sozinho, mas acompanhado sempre por almas perdidas ou salvas por ele”; “Quem se torna padre, seja um santo padre!”; “Toda palavra do padre deve ser sal de vida eterna, e isso em todo lugar e com qualquer pessoa”; “Quem quer que se aproxime de um sacerdote deve levar sempre em resposta alguma verdade que lhe traga proveito para a alma”; “O padre não deve ter outros interesses além dos de Jesus Cristo”.

Os “interesses de Jesus Cristo”, Revelador e Adorador do Pai, Redentor da humanidade, são, em síntese, a “glória de Deus” e “a salvação dos homens”. E esses são exatamente os interesses supremos que Dom Bosco perseguiu ao longo de toda a vida. Salvar e santificar as almas é o anseio do seu coração.

O papa João Paulo II o recordou aos membros do Capítulo Geral XXII, em 4 de abril de 1984:

É importante salientar e ter sempre presente que a pedagogia de Dom Bosco teve uma valência, como também uma perspectiva, extremamente “escatológica”: o essencial – como diz repetidamente Jesus no Evangelho – é entrar no Reino dos Céus.

Entrar no Reino é entrar na salvação definitiva. “Salvar a alma” e cooperar na “salvação das almas” são afirmações repetidas muitas vezes por Dom Bosco aos jovens e aos salesianos, às pessoas das classes mais humildes e das mais elevadas: “Recomendo-te a salvação da alma”.

Em um “Projeto de Regulamento”, de 1854, cita a conhecida frase do evangelho de João: *Ut filios Dei qui erant dispersi congregaret in unum*,³² e comenta:

As palavras do santo Evangelho nos dão a conhecer que o Divino Salvador veio do céu à terra para reunir todos os filhos de Deus dispersos pelas várias partes da terra. Parece-me que essas palavras

podem se aplicar literalmente à juventude dos nossos dias.

A imagem do Bom Pastor, que vem para congregar e salvar os filhos de Deus dispersos, estimula Dom Bosco a se entregar pela juventude, especialmente a mais pobre.

O pensamento da salvação das almas – de todas, mas especialmente daquelas que Deus lhe confia – preme o coração de Dom Bosco. De acordo com o padre Stella, essa idéia constitui “o núcleo essencial e irrenunciável, a raiz mais profunda da sua atividade interior, do seu diálogo com Deus, do trabalho sobre si mesmo e da sua operosidade de apóstolo, que sabe ter sido chamado e ter nascido para a salvação da juventude pobre e abandonada”. A frase que Domingos Sávio leu em uma placa no quarto de Dom Bosco, *Da mihi animas, caetera tolle*, é o forte destaque dado a um dos propósitos formulados durante a preparação para a ordenação sacerdotal: “Padecer, trabalhar, se humilhar em tudo e sempre, quando se trata de salvar almas”. Seu coração, verdadeiramente, como disse o padre Viganò, “palpitou sempre ao impulso do *Da mihi animas*”.

Idéia unificadora

Essa era a idéia unificadora de toda a sua vida. Não vivia senão dela e por ela, como prova a sua faina de pedagogo, pastor, catequista, escritor, fundador, e como atestam as suas mais convictas e recorrentes afirmações. Costumava dizer:

Os nossos jovens vêm para o Oratório e os seus pais e benfeitores os confiam a nós com a intenção de que sejam instruídos... Mas o Senhor no-os envia para que nos interessemos pelas suas almas e para que eles encontrem aqui o caminho da eterna salvação. Por isso, todo o restante deve ser considerado por nós como meio, sendo o nosso fim supremo torná-los bons, salvá-los eternamente.

E aos professores não se cansava de repetir: “Lembrem-se

que a escola não é senão um meio para praticar o bem. Eles são como párocos na sua paróquia, missionários no campo do seu apostolado”.

Dizia ainda: “Todas as artes são importantes, mas a arte das artes, o único trabalho que conta, é a salvação da alma”; “Todo gasto, todo cansaço, toda dificuldade, todo sacrifício é pouco, quando contribui para ganhar almas para Deus”. E rezava: “Ó Senhor, podeis nos dar cruces, espinhos, perseguições de todo gênero, contanto que possamos salvar almas, e entre as outras, também a nossa”.

Aos aprendizes de Valdocco, explicava:

A minha afeição [por vós] está fundada no desejo de salvar as vossas almas, que foram todas redimidas pelo sangue precioso de Jesus Cristo. E vós me amais porque procuro vos conduzir pelo caminho da salvação eterna.

Até mesmo no leito de morte, assaltado por pesadelos, foi visto se agitar, bater as mãos e gritar: “Acudi, acudi depressa para salvar estes jovens... Maria Santíssima, ajudai-os!”. Chegou a afirmar: “Se eu me empenhasse com tanta solícitude pelo bem da minha alma, como o faço pelo bem da alma dos outros, estaria certo da sua salvação”.

Como o artista experimenta a tortura de não poder exprimir em termos humanos a intuição fulgurante que carrega dentro de si, do mesmo modo Dom Bosco se lamenta por não poder inculcar o pensamento da salvação da alma tal como o vive e o sente: “Oh, se vo-lo pudesse dizer como o sinto! Mas o argumento é tão importante e sublime que faltam as palavras”.

O seu trabalho, as suas instituições, a fundação da Congregação Salesiana, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, da Associação dos Cooperadores Salesianos, tudo está voltado para

³² “Para reunir os filhos de Deus dispersos” (Jo 11,52). [n.e.]

esta meta suprema: “O único escopo do Oratório é salvar almas”.

O escopo desta Sociedade, se considerado em relação aos seus membros, não é outro senão um convite a querer se unir em espírito entre si, com o fim de trabalhar para a maior glória de Deus e pela salvação das almas, a isso impelidos pelo dito de Santo Agostinho: “*Divinorum divinissimum est in lucrum animarum operari*”.³³

E acrescentava: “Esse é o escopo mais nobre que se possa imaginar”, esse deve ser “o respiro contínuo de cada salesiano”. Com absoluta verdade, padre Rua pôde afirmar nos processos de canonização:

Não deu qualquer passo, não pronunciou palavra, não pôs a mão em empreendimento que não tivesse em vista a salvação da juventude. Deixou que outros acumulassem tesouros, que outros buscassem prazeres e corresse atrás das honras. Dom Bosco realmente não teve vivo interesse por outra coisa senão pelas almas. Afirmou-o com fatos, não só com a palavra: *Da mihi animas, caetera tolle*.

O padre Albera, que conviveu longamente com Dom Bosco, também atesta: “O conceito animador de toda a sua vida era trabalhar pelas almas até à total imolação de si mesmo... Salvar as almas... pode-se dizer que foi a única razão do seu existir”.

Mais incisivamente, porque põe à prova as motivações profundas do agir de Dom Bosco, o padre Rinaldi vê no lema *Da mihi animas* “o segredo do seu amor, a força, o ardor da sua caridade, o amor pelas almas, o amor verdadeiro, porque era o reflexo do amor para com Nosso Senhor Jesus Cristo e porque as próprias almas eram vistas por ele no pensamento, no coração, no sangue precioso de Nosso Senhor”. O padre Rinaldi continua:

(...) O nosso bem-aventurado pai havia conseguido se perder todo em Deus, em Nosso Senhor Jesus Cristo e de lá, daquela admirável

união, se lançou em busca das almas com os mesmos ardores da caridade do Redentor divino, de tal maneira a não mais viver nem mais respirar senão pelas almas.

Expressões sumamente verdadeiras saíram dos lábios do papa Pio XI, com a profundidade grave e solene que lhe era habitual, na audiência concedida a toda a Família Salesiana, em 3 de abril de 1934, na Basílica de São Pedro. Nessa audiência, ele quis salientar a conexão existente entre o fausto evento da canonização e os valores do Ano Santo da Redenção:

Hoje, Dom Bosco nos diz: “Vivei a vida cristã tal como eu a pratiquei e vos ensinei”. Parece-nos, no entanto, que Dom Bosco acrescente para vós, seus filhos, e tão particularmente seus, alguma palavra também mais especificamente diretiva (...). Ensina-vos um primeiro segredo, [que é] o amor a Jesus Cristo, a Jesus Cristo Redentor! Dir-se-ia até mesmo que esse foi um dos pensamentos, um dos sentimentos dominantes de toda a sua vida. Revelou-o com aquela palavra de ordem: *Da mihi animas*. Eis um amor que está presente na meditação contínua e ininterrupta do que são as almas, consideradas não em si mesmas, mas no que significam no pensamento, na obra, no sangue, na morte do divino Redentor. Dom Bosco percebeu o inestimável e inatingível tesouro que são as almas. Donde a sua aspiração, a sua oração: *Da mihi animas!* Ela é uma expressão do amor por seu Redentor, expressão na qual, por felicíssima necessidade de coisas, o amor ao próximo se torna amor pelo divino Redentor, e o amor ao Redentor se torna amor pelas almas redimidas, aquelas almas que, no pensamento e na apreciação de Jesus, se revelam como pagas a preço não excessivamente alto, mesmo se pagas com o seu sangue.

As grandes ordens e institutos religiosos condensaram em frases, que são verdadeiras sínteses, aspectos da vida espiritual paradigmáticos para o seu carisma. Recordemos, por exemplo,

³³ “Das coisas divinas, a mais divina é trabalhar pela salvação das almas.” [n.e.]

Ora et labora (“Reza e trabalha”), dos beneditinos; *Contemplari et contemplata aliis tradere* (“Contemplar e transmitir aos outros as coisas contempladas”), dos dominicanos; *Ad majorem Dei gloriam et ad salutem animarum* (“Para a maior glória de Deus e para a salvação das almas”), da Companhia de Jesus, e outras. Escreveu o padre Viganò:

A minha convicção é de que não existe nenhuma expressão sintética que qualifique melhor o espírito salesiano do que esta, escolhida pelo próprio Dom Bosco: *Da mihi animas, caetera tolle*.

Essa expressão nos indica uma ardente união com Deus, que nos faz penetrar o mistério da vida trinitária, manifestada historicamente nas missões do Filho e do Espírito, qual Amor infinito *ad hominem salutem intentus*.³⁴

Salvação integral

Tamanho cuidado e predileção pelas almas não deve fazer pensar que, para Dom Bosco, o homem se reduzisse à própria alma, e que esta fosse considerada quase como desvinculada do corpo. Não! Seu conceito do homem é muito elevado, inspirado nas páginas bíblicas que falam da Criação. Lê-se em *O jovem instruído* que o homem, “de todas as criaturas visíveis, é a mais perfeita”. Ao criá-lo, Deus o “dotou de alma e de corpo”: de alma, que é “sopro divino”, “espírito da vida”, livre e imortal, na qual se reflete “a imagem e a semelhança” com Deus; e de corpo, que, assim como a alma, é “dom” incomparável de Deus. “Os nossos olhos, os pés, a boca, a língua, as orelhas, as mãos são todos dons do Senhor.” A seu modo, o corpo também reflete o semblante de Deus. Em outro livreto, *Mese di maggio*,³⁵ escreve: “Deus criou o corpo com aquelas lindas qualidades que admiramos nele”.

Dom Bosco exaltou os valores do corpo e os que envolvem o seu caráter de criatura, embora tenha sempre alertado contra

o perigo que o corpo, devido aos estragos do pecado, pode representar para a alma. Em *O jovem instruído* adverte: “A quem vos disser que não convém usar tanto rigor com o nosso corpo, respondi: ‘Quem não quiser sofrer com Jesus Cristo, não poderá gozar com Jesus Cristo’”. Mas quando ele fala da salvação das almas, tem infalivelmente em mira, além da concepção dualista própria da espiritualidade daquele tempo, o jovem todo, que – para provocar Dante Alighieri (1265-1321) – “come e bebe e dorme e veste panos”. Precisamente porque é concreto e histórico, o jovem é e será sempre, à luz da fé, o homem criado por Deus na ordem sobrenatural, caído em Adão, redimido por Cristo, destinado ao céu.

O trabalho de Dom Bosco padre-educador-pastor, voltado para a salvação dos jovens, tem sempre como metas concretas três objetivos práticos, mesclados e indivisíveis.

Primeiro: satisfazer as necessidades materiais e primordiais dos jovens pobres e abandonados a si mesmos, oferecendo-lhes “abrigo, alimento e vestuário”, tornando-os “aptos a ganhar para si honestamente o pão da vida” com um trabalho. Dom Bosco escreve ao conde Solaro della Margherita: “Se eu negar um pedaço de pão a esses jovens periclitantes e perigosos, os exponho a grave risco da alma e do corpo”. Portanto: pão, trabalho, defesa da vida, dignidade humana.

Segundo: acompanhá-los, com uma pedagogia que tem como centro e síntese a caridade pastoral de Cristo, no delicado processo de crescimento e de maturidade humana, cultural e moral; habilitá-los ao exercício da liberdade responsável e a dom de si; e ajudá-los a tomar consciência do seu papel na vida. Dom Bosco assegurava que todo educador que se respeita e que respeita a sua causa “deve estar disposto a enfrentar todo incômodo e fadiga para conseguir o seu fim, que é a educação civil, moral, científica dos seus jovens”.

³⁴ “Voltado para a salvação do ser humano.” [n.e.]

Terceiro: educá-los cristãmente, isto é, levar os jovens a viverem com intensidade sempre crescente a fé e a fazerem experiência do encontro pessoal com Cristo, Homem perfeito, na escuta da Palavra, na oração, nos sacramentos e na dedicação ao próximo. Dom Bosco está convencido de que o jovem carrega sobre os ombros o adulto de amanhã. Uma juventude vivida cristãmente preanuncia o “bom cristão” do futuro. Ele não acredita em uma educação puramente humana: a julga inadequada, insuficiente. “Sem religião é impossível educar a juventude”, esta era a sua máxima. Acreditava que a religião é fator fundamental de progresso e de regeneração social: “Quem quiser regenerar uma cidade ou uma nação não possui outro meio mais poderoso: é preciso que comece por abrir um bom oratório festivo”. Educando para a vida de graça e para a amizade com Cristo, e sem perder de vista as exigências da cidade terrena, Dom Bosco visa à cidade futura e eterna e, para os melhores jovens, aponta as metas altíssimas, a santidade consumada. Se não foi o primeiro a fazer da educação cristã uma fonte de santidade juvenil, é difícil lhe contestar o mérito de haver dado à Igreja modelos de santidade heróica. Pela primeira vez na história da Igreja, como fruto de um método pedagógico, um jovem, Domingos Sávio, foi canonizado como confessor da fé.³⁶

Acrescentemos, como salienta oportunamente P. Braido, que esses três fins, presentes na ação educativa de Dom Bosco, são, na realidade, “um único fim supremo, religioso-moral, sobrenatural, que inclui em si os condicionamentos terrenos individuais e sociais”, e não outra coisa. A mística do *Da mihi animas* une indissolúvelmente promoção humana e promoção sobrenatural, com uma insistência toda particular no aspecto religioso. Esse vínculo intrínseco é reforçado pelo Concílio Vaticano II: “A Igreja (...) deve cuidar de toda a vida do homem,

³⁶ “O mês de maio”, livrinho devocional, publicado em 1858. [n.e.]

também da terrena enquanto conexas com a vocação celeste” (*Gravissimum Educationis*, Proêmio).

Capítulo II

Trabalho colossal

A importância que o nosso tempo dá ao tema do trabalho é demonstrada pela abundante literatura, que procura estudar em profundidade seus aspectos e seus valores em contínuo desenvolvimento. Ainda que desfigurado por certas ideologias, o trabalho constitui um valor central na sociedade e na cultura de hoje. Faz emergir um aspecto da missão do homem no mundo: dominar a natureza, para humanizá-la e colocá-la a serviço da pessoa.

O papa João Paulo II, na Encíclica *Laborem Exercens* e em outras numerosas intervenções, traça as linhas de uma espiritualidade do trabalho, que exalta o seu valor, mas desmistifica qualquer idolatria a respeito. Com efeito, o trabalho não é um fim em si mesmo, não é um absoluto. Ao contrário, como afirma o padre Viganò, é “um modo importante de exprimir a pessoa como co-criadora ou co-redentora sobre a terra e no tempo”:

Para nós, se torna testemunho da tríade espiritual: fé, esperança, caridade. Neste sentido, não é tanto a qualidade do trabalho que engrandece a pessoa, mas as motivações e o coração com que é realizado, ou seja, a medida do amor de caridade que o permeia.

Dom Bosco fez do trabalho a sua bandeira e se santificou trabalhando, e trabalhando muito. Vejamo-lo.

Atividade incessante

Francesco Orestano, filósofo e membro da Academia da Itália, escrevendo sobre Dom Bosco, enfatiza a sua grandeza moral e a sua força de vontade. Depois prossegue nestes termos:

Por mais importantes que sejam as características do homem e da sua obra, não é ainda nisso que reside a originalidade de Dom Bosco. Mas aqui. Necessidades educativas e sociais, profundamente intuídas em perfeita correlação com os novos tempos, fizeram-no descobrir *a grande lei de educar com o trabalho e para o trabalho*. Do trabalho como instrumento educativo, Dom Bosco depreendeu o extraordinário poder de edificação da personalidade humana em todos os sentidos e momentos. Trabalho, via eminente de enobrecimento do espírito: “Não vos recomendo penitências e disciplinas, mas trabalho, trabalho, trabalho”. E até mesmo no leito de morte o recomendava a todos os salesianos, que ele quis ordenados como uma milícia social, não empenhada em práticas ascéticas, mas totalmente penetrada pelas necessidades da vida moderna. Nem ele próprio apreciou o trabalho só como instrumento educativo, mas como conteúdo de vida. Sentiu toda a dignidade do trabalho também nas aplicações manuais mais modestas. Procurou aprender e praticar todas de modo exemplar, e por isso mesmo enobrecê-las. E jamais considerou o trabalho um meio de enriquecimento – pois, como a sua mãe havia retamente

³⁶ Domingos Sávio foi canonizado em 12 de junho de 1954. Antes dele, outros adolescentes e jovens tinham sido canonizados, mas na condição de mártires. [n.e.]

sentenciado, julgava o enriquecer-se uma desdita –, mas somente como plenitude, saúde e santidade de vida.

A citação é pertinente porque dela se infere, com grande clare-

za, o aspecto talvez mais original da pedagogia e da santidade do santo, o da elevação do homem e do cristão por meio do trabalho e com o trabalho. Com uma condição, porém: de que o vocábulo “trabalho” seja tomado na gama de significados que tinha para Dom Bosco, para o qual era, segundo as circunstâncias, sinônimo de atividade manual (artesanal, técnica, profissional), intelectual (escola, estudo, cultura), apostólica (catequese, evangelização, zelo pastoral), sacerdotal (ação litúrgica, sacramentos) e caritativa (nas suas diversas formas). Era também um dever de estado: “Entende-se por trabalho o cumprimento dos deveres do próprio estado”.

Por essa razão, será o contexto a indicar, segundo as circunstâncias, o significado entendido por Dom Bosco quando fala de trabalho.

Escada mística

Dom Bosco intuiu a suprema grandeza, a divina virtude santificadora do trabalho, entendido como atividade apostólica, caritativa e humanizante, e não hesitou em fazer dessa atividade a sua escada mística para se dirigir a Deus.

Não separou o trabalho da oração, conforme observou o cardeal C. Salotti: “Se houve um santo que nos tempos modernos conseguiu unir e personificar tão maravilhosamente em si os dois elementos da tradição beneditina ‘rezar e trabalhar’ foi precisamente Dom Bosco”. A oração, porém, não é o que sobressai nele, não é o seu lema. Afirma C. Colli:

O que aparece para o mundo é o trabalho intenso, desinteressa-

do. Dom Bosco é um santo extremamente concreto. Para dizê-lo com uma expressão um tanto crua, porém verdadeira, não crê em uma piedade que não se exprima na vida, que não se torne ação, caridade factível, que não se traduza em um trabalho incessante por amor a Deus e aos irmãos.

Acrescentemos que no século XIX a oração era ainda uma realidade tão fortemente inserida no costume cristão, que Dom Bosco não achou necessário insistir nela, como provavelmente teria feito em uma situação diversa. Urgia, ao invés, santificar o trabalho e divinizar a ação. Esse foi o seu carisma. A isso se sentia inspirado e induzido. Sabia que a palavra não é persuasiva senão no momento em que se torna ação, e quis que a ação se tornasse palavra e que as suas idéias tivessem mãos.

Era por temperamento o que chamamos “homem de ação”, “o empreendedor de sucesso”, o “gênio da organização”. O trabalho era a sua segunda natureza: “Deus me concedeu a graça que o trabalho e a fadiga, em vez de serem de peso para mim, redundassem sempre em alívio”.

O impulso para agir era poderosamente estimulado pelas novas e imensas necessidades do seu tempo: da condição miserável, de negligência e marginalização, em que era deixada a juventude. Mas o atraía sobretudo o exemplo de Jesus, o divino trabalhador de Nazaré, o amigo das crianças e dos humildes, o apóstolo do Pai continuamente à obra pela nossa salvação: “Meu Pai trabalha sempre, e eu também trabalho” (Jo 5,17); “...tudo o que Jesus fez e ensinou, desde o começo” (At 1,1). É esse o modelo que propõe aos seus filhos quando escreve as Constituições. No segundo artigo lemos: “Jesus Cristo começou a fazer e ensinar; assim os sócios começarão a aperfeiçoar a si mesmos com a prática das virtudes internas e externas”.

Quando Dom Bosco cita a Palavra de Deus, demonstra uma indisfarçável preferência pelos textos que põem em evidência a categoria do fazer, do anúncio, da evangelização. No volumoso epistolário, a alusão às realidades divinas e à oração

é quase contínua, muito embora quase nunca na categoria de tema. São, ao invés, salientadas com cuidado frases deste teor: “*Opus fac evangelistae*” [“Tu, porém, (...) faze o trabalho de um evangelista”, 2Tm 4,5]; “*Tu vero praedica Verbum opportune et importune*” [“Proclama a Palavra, insiste oportuna e inoportunamente”, 2Tm 4,2]; “*Opera Dei revelare et confiteri honorificum est*” [“É honroso revelar e celebrar as obras de Deus”, Tb 12,7].

Não foi, no entanto, um pragmatista, nem elevou a práxis a critério de verdade. Colocou sempre acima de tudo seja a doutrina da fé, seja o magistério, princípios e valores solidamente adquiridos. Dom Bosco foi “o empreendedor de Deus”, o realista que antepõe, por instinto, o prático ao teórico, o vivido ao abstrato, os fatos às palavras, e que não crê na fé sem as obras, nem em um evangelho que não seja incorporado à vida. Só “aquele que age segundo a verdade vem à luz” (Jo 3,21). Só a linguagem dos fatos e das obras lhe parece suficientemente crível. Dizia:

O mundo se tornou material e por isso é preciso trabalhar e tornar conhecido o bem que se faz. Mesmo que alguém realize até milagres rezando dia e noite na sua cela, o mundo não o considera e não acredita mais. O mundo tem necessidade de ver e tocar. O mundo atual quer ver as obras, quer ver o clero trabalhar.

Em uma época na qual se olhava para os religiosos como pessoas ociosas, inúteis para o progresso da sociedade, Dom Bosco fundamentou a sua instituição sobre a grande lei do trabalho, e dizia, não sem humorismo, que a divisa dos seus religiosos seria “mangas arregaçadas”.

Com a coragem e o ardor dos empreendedores que tornaram célebre a cidade de Turim – principalmente no último quarto do século XIX – e sustentado por uma fé inabalável, envia os seus jovens salesianos, formados “no campo” e pouco em teoria, para fundar as obras de caridade: oratórios, abrigos, escolas, colégios, missões.

Em 1878, tem a audácia de escrever a Leão XIII, recém-eleito, para que dirija especial atenção às novas instituições que o Espírito Santo faz surgir na Igreja:

As famílias religiosas recentes são chamadas pela necessidade dos tempos. Com a firmeza na fé e com as suas obras materiais devem combater as idéias de quem vê no homem somente matéria. Tais pessoas geralmente desprezam quem reza e medita, mas serão constringidas a crer nas obras das quais são testemunhas oculares.

Palavras antigas! Mas, se pode dizer, atuais e válidas em escala planetária, tanto é invocada e exigida por toda a parte a *apologia vitae* dos que crêem, o testemunho autenticamente cristão.

As afirmações

As afirmações ousadas que outros santos emitiram em louvor à oração, Dom Bosco as fez em louvor ao trabalho. Escreve o padre Caviglia:

Noventa por cento das palestras feitas aos salesianos são em defesa do trabalho, da temperança, da pobreza. (...) Eis o escândalo de um santo, de um santo, podemos dizer, “americano”; exorta muito mais vezes ao “trabalhemos”, do que ao “rezemos”.

O padre Ceria, por sua vez, observa: “Seria difícil encontrar outro santo que, na medida de Dom Bosco, tenha conjugado e feito conjugar o verbo trabalhar”. O santo quis os seus salesianos alegres, pobres, sóbrios, principalmente muito trabalhadores: “Trabalho, trabalho, trabalho!”; “Este deveria ser o objetivo e a glória dos padres: não se cansar nunca de trabalhar. Quantas almas seriam salvas!”; “Quem não sabe trabalhar não é salesiano”.

Queria que o trabalho tivesse a continuidade da respiração: “Trabalhar sempre (...). Essa deve ser a meta de todo salesiano e o seu suspiro contínuo”. A idéia da fadiga não devia funcionar

como pensamento refreador, mas servir de estímulo para mais realizações: “De nós não se exige dinheiro, mas fadigas”; “É preciso que busquemos trabalhos superiores às nossas forças, e assim, quem sabe?, não se consiga chegar a fazer tudo quanto se pode”.

Causavam-lhe horror a preguiça e o ócio. Chegou a pronunciar esta frase de extremo rigor: “O padre, ou morre de trabalho ou morre pelo vício”.

O que para outros institutos religiosos eram as penitências aflitivas, os longos jejuns, para Dom Bosco era o trabalho: “Meus caros, não vos recomendo penitências e disciplinas, mas trabalho, trabalho, trabalho”.

Quando considerava o grande trabalho realizado pelos seus filhos, se comprazia intimamente: “Quando visito as casas e percebo que há muito o que fazer, fico tranqüilo. Onde há trabalho, o demônio não está presente”; “É verdade, o trabalho vai além das forças, mas ninguém se assusta, e parece que a fadiga é como um segundo nutrimento, depois do alimento material”.

Estava convencido de que “desde São Pedro até nós, os tempos nunca foram tão difíceis”, mas queria que, “em lugar de encher o ar com queixas lamurientas”, se reagisse intensificando o trabalho: “Trabalhar até não poder mais”.

O papa Pio IX lhe havia dito: “Eu avalio que esteja em melhores condições uma casa religiosa onde se reza pouco, mas se trabalha muito, do que uma outra na qual se façam muitas orações e se trabalhe nada ou pouco”. E ainda: “Os noviços, não os ponha na sacristia, para se tornarem ociosos; ponha-os a trabalhar, a trabalhar!”.

É o que Dom Bosco vinha fazendo sempre, suscitando perplexidades e desconfianças em outros religiosos e na própria autoridade eclesiástica.

Era censurado, por exemplo, por sacrificar o “noviciado ascético” e os métodos “tradicionais” da formação, empenhando

incautamente os jovens salesianos em atividades apostólicas dissipadoras e precoces. Mas Dom Bosco se justificava:

A experiência de trinta e três anos nos ensina que essas ocupações assíduas são um baluarte inexpugnável da moralidade. E tenho observado que os mais ocupados e os mais trabalhadores se lembram melhor da sua antiga condição, gozam de muita saúde, se conservam mais virtuosos, e, uma vez sacerdotes, conseguem fruto abundante do sagrado ministério.

A confirmação do valor do seu método lhe vinha também dos misteriosos sonhos que, como cartas vindas do céu, marcam as curvas decisivas da sua existência.

No sonho que teve durante sua visita a Lanzo, em 1876, por exemplo, o guia que o acompanha faz ver o campo interminável da ação salesiana e lhe diz em tom peremptório:

Olha, é preciso que tu faças imprimir estas palavras que serão como o vosso brasão, a vossa palavra de ordem, o vosso distintivo. Anota-o bem: *O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação Salesiana*. Essas palavras, tu as farás explicar; haverá de repeti-las e nela insistirás.

Na tradição salesiana, sempre teve extraordinária importância o sonho dos dez diamantes, ou das dez virtudes, que brilham com luz fulgurante no manto do personagem que representa o “modelo do verdadeiro salesiano”. Dois desses diamantes traziam escrito “trabalho” e “temperança”. Estavam colocados respectivamente sobre o ombro direito e esquerdo, como se definissem a figura do salesiano.

Recordemos, por fim, as palavras, talvez as mais importantes da sua vida, que concluem o seu testamento espiritual:

Quando suceder que um salesiano sucumba ou cesse de viver trabalhando pelas almas, então direis que a nossa Congregação obteve um grande triunfo e sobre ela descerão copiosas as bênçãos do céu.

No leito de morte, recomendou pelo menos duas vezes a dom Cagliero: “Diga a todos os salesianos que trabalhem com zelo e ardor: trabalho, trabalho”.

O testemunho

Mais alto que as palavras, porém, é o testemunho da sua vida. Uma vida, como a definiu Pio XI, “que foi um verdadeiro, próprio e grande martírio: uma vida de trabalho colossal que, só de observá-la, dava a impressão de sufoco”.

Custa a acreditar que um único homem tenha podido trabalhar tanto e atender a tantas coisas a um só tempo. A. Cavaglia escreve que em Dom Bosco parecem atuar, em simultaneidade, várias pessoas:

O educador e o pedagogo, o pai dos órfãos e o que reúne crianças abandonadas, o fundador de congregações religiosas, o propagador do culto a Maria Auxiliadora, o instituidor de uniões leigas espalhadas pelo mundo inteiro, o suscitador da caridade operante, o pregoeiro de missões longínquas, o escritor popular de livros morais e apologias religiosas, o propugnador da imprensa honesta e católica, o criador de oficinas cristãs e de coleções de livros, o homem da piedade religiosa e da caridade e o homem dos negócios humanos e de interesse público: todos juntos, a um só tempo, agem e avançam como se fossem outras tantas pessoas nascidas ou destinadas somente àquilo, e se fundam na única pessoa de um padre sem aparências, que não altera nunca a serenidade do seu aspecto nem a modéstia composta do seu porte com grandes gestos decorativos, nem enriquece o seu vocabulário com a retórica das grandes frases.

Tamanha multiplicidade de aspectos era, porém, unificada, ao nível de profundidade, pela idéia que domina a sua vida: a salvação das almas e a glória de Deus.

A Providência havia dotado Dom Bosco de têmpera para o

trabalho desde os anos difíceis da infância pobre. Sabemos que fez de tudo: foi pastor de rebanhos, trabalhador do campo, criado, alfaiate, ferreiro, garçom de café, confeitoiro, saltimbanco, repetidor, estudante, sacristão, barbeiro. Passou de um patrão a outro, experimentando como “é salgado” o pão dos outros.

Essa experiência deixará nele marca indelével: será sempre sensível aos problemas da juventude pobre e marginalizada e aos das classes trabalhadoras, além de formidável trabalhador e realizador. Em 1878 escrevia à condessa Ugoccioni:

As coisas não andam só a vapor, mas como o telégrafo. Em um ano, com a ajuda de Deus e com a caridade dos nossos benfeitores, pudemos abrir vinte casas. Vede como cresceu a sua família.

Fiel a um antigo propósito seu, na maturidade não concedia ao sono mais que cinco horas por noite. Dom Bertagna depôs nos processos:

Pode-se dizer que Dom Bosco passou metade das noites trabalhando, e por mais de uma vez o ouvi dizer que, quando gozava de mais saúde, diversas vezes passava até duas noites à mesinha, escrevendo. Não obstante isso, de manhã se encontrava na sacristia para rezar a missa e ouvir as confissões por diversas horas.

Nos primeiros tempos do Oratório, em certas ocasiões, confessava também durante muitas horas ao dia.

No auge da sua capacidade de trabalho, escrevia com velocidade surpreendente e de próprio punho até 250 cartas em um dia. Ele costumava dizer: “Faço o trabalho passar sob os meus dedos (...); adquiri uma rapidez que não sei se é possível dizer que seja maior”. Muitas vezes se punha à escrivinha às 2 da tarde e permanecia até às 8, para depois ainda retomar. “Faz vários meses que me ponho à mesinha às 2 horas da tarde e me levanto às 8 para ir jantar.”

A “fadiga mortal” a que o forçavam as preocupações cotidianas

transpira das cartas em desabafos repentinos que não deixam de comover: “O trabalho me faz ficar doido”; “Estou tão cansado que não agüento mais fazê-lo”; “Estou muito cansado”.

E era verdade. Pode-se dizer que não conheceu outro repouso que o do túmulo. Depôs o cardeal Cagliero:

Não me recordo que em toda a sua vida tenha tirado um dia de folga para desporto ou para repousar, e freqüentemente estando nós cansados e alquebrados pelo trabalho, nos dizia: “Coragem, coragem, trabalhemos, trabalhemos sempre, porque lá em cima teremos um repouso eterno”.

Morreu quebrantado pelo excesso de trabalho, mártir – não em sentido metafórico – de uma fadiga que não conheceu pausa. Suas “vigílias e fadigas materiais exageradas e lhe consumiram a vida”, lemos na rápida e curiosa biografia do seu médico assistente. Ele prossegue:

De início inadvertidamente, e depois, por volta de 1880 [oito anos antes da morte], se pode dizer que o seu organismo estava quase reduzido a um laboratório ambulante de patologia, no meio do qual, todavia, brilhava ainda uma mente sempre ativa e sempre ansiosa por alcançar a sua gloriosa meta.

A laboriosidade do “velho padre”, do “filantropo do século XIX”, do “católico intransigentíssimo” pareceu, às pessoas daquele tempo, inacreditável e lendária. Na morte de Dom Bosco, os jornais definiram a sua fadiga e operosidade como “prodigiosa” (*L'illustrazione popolare*), “gigantesca” (*La patrie*), “enorme e no grau máximo” (*La perseveranza*), “fenomenal” (*Il fanfulla*). Neste mesmo jornal se lê: “Se Dom Bosco tivesse sido ministro das finanças, a Itália seria economicamente a primeira nação do mundo”. Nos Processos Apostólicos, o promotor da fé não hesitou em declará-lo um dos maiores apóstolos da Igreja do século XIX:

A multiplicidade e fecundidade das suas obras tem algo prodigioso: o seu zelo pela salvação das almas e pela difusão do Reino de Cristo sobre a terra foi tão intenso e contínuo, que a história, com legítima razão, o proclama apóstolo grandíssimo – *maximum* – do século XIX.

Capítulo III

Trabalho a dois

Santo repleto de Deus, Dom Bosco é contemporaneamente santo pleno de Maria. Com efeito, toda a sua vida, depois de Deus e na dependência de Deus, gira em torno da Virgem. Antes do sonho dos 9 anos, Maria constitui já uma presença viva na sua existência, por mérito da santa mãe terrena: “Meu filho João, quando vieste ao mundo, eu te consagrei à Bem-aventurada Virgem”. No sonho, lhe dirá Jesus: “Eu sou o Filho daquela que a tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia”.

Mas a Virgem não se limita a passar pela mediação de Mamã Margarida. Ela irrompe diretamente na vida do pastorzinho dos Becchi como luz do alto, primeiro no sonho dos 9 anos e depois nos outros sonhos marianos.

Os olhos de Dom Bosco viram a face de Maria. Ele dirá aos seus jovens no famoso sonho do caramanchão de rosas, acontecido em 1847, mas só contado em 1864:

Para que cada um de vós tenha a garantia de que é a Bem-aventurada Virgem que quer a nossa Congregação, vos contarei não já a descrição de um sonho, mas também o que a própria Bem-aventurada Mãe se dignou de me fazer ver. Ela quer que depositemos nela toda a confiança.

Lêem-se, no sonho, frases como: “A Bem-aventurada Virgem me disse”; “Ela então me disse”; “Logo que a Mãe de Deus acabou de falar”.

A devoção a Maria – afirmam testemunhas autorizadas – estava no vértice dos seus pensamentos. Parecia não viver senão para ela: “Como é realmente boa Nossa Senhora! Quanto nos quer bem!”

Dom Bosco foi percebendo com lucidez sempre maior a iniciativa de Deus na sua vida de fundador, mas teve também a certeza de ser em tudo conduzido e guiado pela mão de Maria: “Maria Santíssima é a fundadora e será a sustentação da nossa obra”; “Maria é a mãe e o sustentáculo da Congregação”.

Comenta a respeito o padre Viganò: “A Congregação nasceu e cresceu por intervenção de Maria e será renovada à medida que a Mãe de Deus ocupar novamente o lugar que lhe compete em nosso carisma”.

No Oratório, nada devia ser feito senão em nome de Maria, “a mais santa, a mais amável das criaturas, a grande Mãe de Deus, sempre pura e imaculada”.

Maria é “a onipotência *supplex*” onipresente na sua vida; é a Mestra, a Guia, a Pastora, a Senhora, a Rainha dos seus sonhos; é a sua Pedinte, a sua Taumaturga e muitas outras coisas. Mas será sempre para ele, em tudo e acima de tudo, a Mãe do Salvador e da Igreja, a Imaculada, toda pura e cheia de graça, a Auxiliadora poderosa dos cristãos.

Mãe, Imaculada, Auxiliadora: é essa a Nossa Senhora que

Dom Bosco coloca no vértice da sua pedagogia e da sua ação sacerdotal, apostólica e missionária. É ela quem sustenta o clima espiritual mariano que se vive no Oratório – e também nas outras obras – e se exprime nas formas mais variadas e sinceras

de uma genuína piedade popular. O exemplo partia do santo, que sempre, especialmente nas encruzilhadas mais decisivas da sua vida, se voltava para ela com a familiaridade e a confiança próprias de um filho para com a mãe. Quando beijava a medalha ou uma imagem da Virgem, quem o observasse podia ter a impressão de que beijasse uma pessoa viva.

A devoção de Dom Bosco à Mãe de Deus pode ser vista de diferentes ângulos. Queremos salientar aqui o destaque que a presença de Maria Auxiliadora teve na sua vida. Ele foi, incontestavelmente, o maior apóstolo dessa devoção. Sabemos que Dom Bosco passou por diversas experiências marianas: foi devoto de Nossa Senhora do Castelo (Castelnuovo), de Nossa Senhora das Dores (casa da família Moglia), de Nossa Senhora da Escada, do Santíssimo Rosário, da Imaculada (Chieri), da Consolação (Turim), de Nossa Senhora de Oropa (Biella).

Por razões que, por um lado, se ligam ao início do Oratório, em 8 de dezembro de 1841, e, por outro, ao movimento mariano em honra da Imaculada Conceição, que culminará com a definição dogmática de 1854, as suas preferências apontam logo para o culto da Imaculada. A festa de 8 de dezembro permanece no centro da sua metodologia pastoral e pedagógica. Costumava lembrar aos seus discípulos: “De tudo somos devedores a Maria: todas as nossas maiores obras tiveram o seu princípio no dia da Imaculada”.

Só por volta de 1862, quando já está próximo dos 50 anos, Dom Bosco assume, no culto e na preferência, a devoção a

Maria Auxiliadora, por uma série de razões que não é o caso de considerar aqui. Lembremos apenas as de ordem prática, como se pode perceber na seguinte confidência feita ao então seminarista Albera:

Confessei muito e, a bem da verdade, quase não sei o que disse ou fiz, por causa de uma idéia que me preocupava e que, ao me distrair, me tirava insensivelmente para fora de mim. Eu pensava: a nossa igreja é demasiado pequena, não pode conter todos os jovens (...). Faremos para eles uma outra, mais bela, maior, que seja magnífica. Dar-lhe-emos o título de Maria Auxiliadora.

E as razões de ordem pastoral ou apologética, como as deste testemunho do cardeal Cagliero:

Nossa Senhora quer que a honremos sob o título de Maria Auxiliadora: os tempos correm tão tristes que, de fato, temos necessidade de que a Virgem Santíssima nos ajude a conservar e defender a fé cristã.

Não lhe foram estranhas as aparições da Auxiliadora ocorridas nas proximidades de Spoleto, em março 1862, nem outras contingências históricas e ilustrações celestes.

Auxiliadora, presença viva

Por certo não faltam elementos que mostram a presença de Maria Auxiliadora na vida de Dom Bosco já antes dessa data, mas a preferência determinante pelo seu culto tem um ponto de referência preciso: 1861-1863. Escreve o padre Viganò:

Essa permanecerá a escolha mariana definitiva: o ponto de chegada de um incessante crescimento vocacional e o centro de expansão do seu carisma de fundador. Na Auxiliadora, Dom Bosco reconhece finalmente delineado o semblante da Senhora que deu início à sua vocação e foi e será sempre a sua Inspiradora e Mestra.

Todavia, esse ponto de chegada é ainda um ponto de partida. Estamos nos últimos vinte e cinco anos de vida de Dom Bosco. São os anos da plena maturidade humana e espiritual, que coincidem com a afirmação e a sistematização definitiva da Congregação e com a sua expansão mundial e missionária. São sobretudo os anos nos quais o santo se sente sempre mais implicado e inserido na realidade, freqüentemente dramática, da Igreja e da nova realidade italiana, como sacerdote educador e como apóstolo.

Pois bem, esse grande período da história de Dom Bosco é assinalado por uma presença mais viva, mais comprometida de Maria, a “Mãe amorosíssima” e “a poderosa Imaculada”, como ele não se cansará de dizer, mas agora venerada e sentida, de maneira quase totalizante, na sua função de Auxiliadora, quer dos indivíduos, quer da comunidade cristã: *Maria Auxilium Christianorum*.

Há duas razões fundamentais para a escolha desse título, para além de outros motivos, implícitos e explícitos: a primeira, pela lúcida intuição da atualidade do culto de Maria Auxiliadora na Igreja do seu tempo; a segunda, pelo alcance, dificilmente calculável, que virá a ter na história salesiana a construção e a existência da Basílica de Maria Auxiliadora em Valdocco.

Atualidade do culto de Maria Auxiliadora

Com referência ao primeiro ponto, o próprio Dom Bosco nos informa no texto da introdução – que tirou de A. Nicolas – ao opúsculo *Meraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice*.³⁷ Assim lemos:

O título de *Auxilium Christianorum* atribuído à augusta Mãe do Salvador não é coisa nova na Igreja de Jesus Cristo. Nos próprios livros santos do Antigo Testamento, Maria é chamada Rainha que

está à direita do seu divino Filho, vestida de ouro e circundada de variedades (...). Nesse sentido Maria foi saudada auxílio dos cristãos desde os primeiros tempos do cristianismo.

O recurso a Maria Auxiliadora se impôs em virtude das extraordinárias dificuldades em que a Igreja se debatia então:

Uma razão toda particular pela qual, nestes últimos tempos, a Igreja quer assinalar o título de *Auxilium Christianorum* é a aduzida pelo padre Parisi com as seguintes palavras: “Quase sempre, nas vezes em que o gênero humano se encontrou em crises extraordinárias, se dignou, para delas sair, reconhecer e bendizer uma nova perfeição nesta admirável criatura, Maria Santíssima, que cá embaixo é o mais magnífico reflexo das perfeições do Criador”. A necessidade sentida hoje universalmente de invocar Maria não é particular, mas geral. Já não se trata de tímidos a serem afervorados, de pecadores a serem convertidos, de inocentes a serem preservados. Essas coisas são sempre úteis em todo lugar e a qualquer pessoa. Mas se trata da própria Igreja Católica que é atacada. É atacada nas suas funções, nas suas sagradas instituições, no seu Chefe, na sua doutrina, na sua disciplina; é atacada como Igreja Católica, como centro da verdade, como mestra de todos os fiéis. E é precisamente para ser dignos de uma especial proteção do céu que se recorre a Maria como Mãe comum, como especial Auxiliadora.

Pouco mais adiante, no mesmo opúsculo, Dom Bosco não hesitará em fazer sua esta afirmação:

Uma experiência de dezoito séculos nos faz ver de modo muito claro que Maria continuou do céu, e com o maior sucesso, a sua missão de Mãe da Igreja e Auxiliadora dos cristãos que havia começado na terra.

Sobre esse texto, comenta o padre Viganò:

O título de Mãe da Igreja está evidentemente como fundamento do de Auxiliadora. Título de valor excelentemente eclesial e

da mais viva atualidade na época de Dom Bosco, que via com preocupação as especiais e crescentes dificuldades surgidas para a Igreja: os graves problemas das relações entre fé e política, a queda (depois de mais de um milênio) dos Estados Pontifícios, a situação delicada do papa e das sedes episcopais, a necessidade urgente de um novo tipo de pastoral e de novas relações entre hierarquia e laicato, as incipientes ideologias de massa etc.

Essa dura realidade empenhava o zelo de Dom Bosco pela causa da fé e da Igreja, e reavivava o seu recurso a Maria Auxiliadora. Lemos nas *Memórias biográficas*:

Ao recordar as maravilhas operadas por Nossa Senhora, além da necessidade de um desafogo ao seu imenso afeto pela Mãe de Deus, ele tinha por escopo beneficiar o próximo. Queria reavivar em todo o mundo uma confiança ilimitada naquela que, em meio às angústias, tribulações, erros e perigos, era e sempre teria sido a amorosa, a pronta, a sua poderosa Auxiliadora.

Fortalecido pela confiança em Maria Auxiliadora, depois do famoso sonho sobre o futuro da Igreja e da Europa, em 2 de fevereiro de 1872, Dom Bosco não hesitará em escrever ao papa Pio IX, em nome do céu: “A grande Rainha será o teu auxílio e, como nos tempos passados, assim para o futuro, será sempre *magnum et singulare in Ecclesia praesidium*”.³⁸

Na sua consciência de crente, ele não duvidava absolutamente que a Bem-aventurada Virgem, Mãe espiritual da Igreja, “invocada sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Adjutriz, Medianeira” (LG 62) – expressões caras a ele –, o teria assistido e socorrido com o seu materno auxílio.

Maria edificou a própria casa

Tudo isso, no entanto, não teria feito dele o grande apóstolo

³⁷ *Maravilhas da Mãe de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora*. [n.e.]

de Maria Auxiliadora, se não houvesse passado pela experiência, transbordante de sobrenatural, da construção da Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim, e se essa igreja não se houvesse tornado o coração e o “centro da Congregação”, a “igreja-mãe” da Família Salesiana.

É quase impossível dizer o que o templo de Valdocco significou na vida íntima de Dom Bosco e o que representou e representa na história da Congregação e – por meio dos membros da Família Salesiana – na piedade mariana da Igreja universal.

Diferentemente do que lemos na história de outros santuários célebres, que tiveram a sua origem, o mais das vezes, em estrepitosas aparições de Maria Santíssima – pensemos em Lourdes, em Fátima, em La Salette –, o de Valdocco surge por cálculo de uma pedagogia pastoral sábia e por exigências concretas, embora não faltem intervenções sobrenaturais.

Ao contrário, o que surpreendeu primeiro Dom Bosco, e depois o mundo, é o fato que Maria tenha praticamente construído a sua “casa” contra toda previsão humana: “*Aedificavit sibi domum Maria*”.³⁹

É esse o milagre que o teólogo Margotti não estava disposto a negar:

Dizem que Dom Bosco faz milagres, e eu não creio. Mas aqui há um que não posso negar, e é este suntuoso templo, que custa cerca de 1 milhão – hoje estaremos na ordem dos bilhões – e foi levantado em três anos, apenas com as ofertas espontâneas dos fiéis.

Dom Bosco era guiado pelo alto, mas caminhava com os pés na terra, e, como homem prático que era, havia calculado bem os gastos antes de dar início aos trabalhos. Certificou-se de que teria apoio financeiro de pessoas influentes e abastadas, mas, na hora do acerto de contas, foi deixado sozinho. A verdade é esta: “Quando se tratou de começar os trabalhos, eu não tinha dinheiro algum a ser gasto com esse objetivo”. E aqui segue

um daqueles raciocínios que só os santos sabem fazer: “De um lado, tinha certeza de que aquele edifício era para maior glória de Deus e, de outro, havia falta absoluta dos meios”.

Seria esse um dilema sem saída, porém Dom Bosco media as coisas com parâmetros superiores. Qual foi a sua conclusão? Ei-la:

Percebeu-se então claramente que a Rainha do céu queria, não os corpos morais (os apoios das autoridades etc.), mas sim os corpos reais, isto é, os verdadeiros devotos de Maria. (...) E ela mesma quis tomar a iniciativa e dar a conhecer que, sendo obra sua, ela própria queria edificá-la: “*Aedificavit sibi domum Maria*”.

Os trabalhos começaram do nada. Dom Bosco não se poupava, mas alguém, na sombra, trabalhava com ele e por ele. Esse alguém era Maria Auxiliadora. Com isso, se intensificou esse “trabalho a dois”, entre Dom Bosco e Maria Auxiliadora, esse “fazer as coisas juntos”, essa “misteriosa cooperação” que, se possuía origens que remontam ao primeiro sonho, agora havia se tornado mais forte, mais contínua, e quase irresistível. A construção material do templo se enriquecia a cada dia com fatos extraordinários, que deixavam o próprio Dom Bosco surpreso e quase amedrontado, tanto que sentiu a necessidade de consultar dom Bertagna, o qual, em um precioso testemunho do Processo Ordinário, faz esta afirmação:

Creio ser verdadeiro o fato que Dom Bosco tivesse o dom sobrenatural de curar enfermos. Isso ouvi dele próprio, por ocasião dos exercícios espirituais que fizemos no santuário de Santo Inácio, em Lanzo. Ele contava isso, a fim de receber conselho no sentido de saber se continuava a abençoar os enfermos com as imagens de Maria Auxiliadora e do Salvador. Pois, dizia, surgia um rumor a respeito das muitas curas que aconteciam, e que tinham um ar de prodigiosas, depois das bênçãos distribuídas por ele. E tenho

³⁸ “Grande e especial protetora da Igreja.” [n.e.]

para mim que Dom Bosco dissesse a verdade. Bem ou mal, achei melhor aconselhar Dom Bosco a prosseguir com as bênçãos.

Dom Bosco retomou o seu caminho, mais tranqüilo. Distribuía a bênção de Maria Auxiliadora e exortava os devotos a honrá-la com a santidade da vida e com alguma dádiva para o seu templo. E Maria o escutava: os enfermos saravam, os problemas insolúveis se resolviam, as curas espirituais se multiplicavam. Era evidente que a Auxiliadora concedia crédito ao seu servo fiel.

Sobre esse fenômeno, escreve o santo: “Se eu quisesse expor a multidão dos fatos [extraordinários e milagrosos], deveria fazer com eles não um opúsculo, mas grandes volumes”. Trata-se, obviamente, de um modo hiperbólico de se expressar, mas que se apóia sobre um sólido fundamento. Tem razão o padre Ceria:

Igreja verdadeiramente milagrosa esta de Maria Auxiliadora: milagrosa por ter sido mostrada muito tempo antes ao santo no seu lugar e na sua forma; milagrosa na ereção, porque só meios providenciais permitiram a Dom Bosco, pobre e pai dos pobres, erguê-la; milagrosa pelo rio de graças que não cessou nunca de jorrar, como de uma fonte inexaurível.

Dom Bosco é sincero nestas palavras:

Conduzimos este edifício majestoso, com um gasto surpreendente, sem que alguém tenha feito nunca uma coleta especial. Quem acreditaria nisso? A sexta parte da despesa foi coberta com ofertas de pessoas devotas. O restante, com donativos feitos por graças recebidas.

A consciência popular não tardou em descobrir a maravilhosa aliança entre Maria Auxiliadora e Dom Bosco, a incindível ligação que os unia: Dom Bosco era verdadeiramente o “santo de Maria Auxiliadora” e Maria Auxiliadora era realmente a

³⁹ “Maria edificou para si uma casa.” [n.e.]

“Nossa Senhora de Dom Bosco”. Essa denominação, nascida da intuição de fé dos crentes, passou para a história.

Dom Bosco, na sua humildade, nunca parou de dizer que aquilo não era obra dele e que quem tudo fazia era a Auxiliadora:

Eu não sou o autor das grandes coisas que vedes. É o Senhor, é Maria Santíssima que se dignaram se servir de um pobre padre para realizar tais obras. Não coloquei nada de meu. *Aedificavit sibi domum Maria*. Cada pedra, cada ornamento assinala uma graça.

Maria fez com que [a igreja] fosse erguida à força de milagres.

A partir da existência desse santuário, a Auxiliadora se torna a expressão mariana característica do espírito e do apostolado de Dom Bosco: a sua vocação apostólica lhe aparecerá toda como obra de Maria Auxiliadora e as suas múltiplas e grandes iniciativas, particularmente a Sociedade de São Francisco de Sales, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e a grande Família Salesiana, serão vistas por ele como fundações desejadas e cuidadas pela Auxiliadora.

Afirma o padre Viganò:

Acredito poder afirmar que a existência do santuário se tornou, pela experiência viva de tantas graças concretas, mais significativa de quanto talvez houvesse pensado inicialmente o próprio Dom Bosco. A luz que se irradia do templo de Valdocco transcende as preocupações pastorais locais e a própria história do título, para fazer dele uma realidade, em parte, nova e maior: um lugar privilegiado da presença materna e do socorro de Maria.

A Basílica de Valdocco, portanto, é um santuário – entendido como lugar que oferece, por sua natureza, uma presença incisiva de Deus, de Cristo, como também de Maria – de repercussão não só para a cidade de Turim, mas nacional e mundial, aberto às exigências espirituais e apostólicas da Igreja universal. Raras vezes aconteceu que um título mariano se difundisse com tanta rapidez, entre os católicos, como o de Maria Auxiliadora.

Provam-no os inumeráveis quadros, altares e igrejas dedicados ao seu culto em todo o mundo.

O quadro idealizado por Dom Bosco

A “Nossa Senhora de Dom Bosco” tem a sua expressão clássica no quadro de T. Lorenzone que se encontra no altar maior da basílica. Essa pintura exprime bem o sentimento íntimo do santo e o estado de espírito dos católicos, em luta e necessitados de segurança, de proteção da parte de “Maria, Rainha e Mãe da Igreja”.

Na sua mente, o santo almejava algo ainda mais esplêndido e grandioso. O pintor, quando o ouviu falar do quadro como de algo já contemplado há longo tempo, se espantou com a ousadia do projeto:

No alto, Maria Santíssima entre os coros dos anjos; ao redor dela, mais próximos, os apóstolos; a seguir os coros dos profetas, das virgens e dos confessores. Na terra, os emblemas das grandes vitórias de Maria e os povos das diversas partes do mundo com as mãos elevadas, pedindo a ela ajuda.

A sua concepção da história da salvação o levou a situar a Igreja no coração do mundo. E no coração da Igreja ele contemplava Maria Auxiliadora, o desabrochar da Igreja antes da Igreja, a Mãe onipotente, a vencedora do mal, sempre em dependência de Cristo, seu Filho. O quadro foi reduzido a proporções viáveis, mas a idéia inspiradora permaneceu.

Essa idéia é prenehe de significado eclesial: exprime, por meio da imagem, o modo peculiar de Dom Bosco sentir e viver a sua pertença à Igreja de Cristo. A sua eclesiologia, própria do tempo em que viveu, salienta demasiado unilateralmente, é verdade, o aspecto jurídico-institucional em detrimento da visão que privilegia o mistério de comunhão. Mas a vocação de padre consagrado à salvação das almas e o carisma de fundador, dom de Deus a toda

a Igreja, dão destaque ao seu viver “*cum ecclesia et pro ecclesia*”,⁴⁰ numa perspectiva universal. Nessa ótica, afirma C. Colli, “o anseio plenamente sacerdotal de Dom Bosco pela salvação das almas se liga intimamente e se prolonga em um amor ardente pela Igreja, que é instrumento dessa salvação”. E acrescenta:

Esse amor é solidariedade íntima com a sua vida (com seus anseios e suas alegrias, com suas lutas e seus triunfos), mas que em Dom Bosco é, sobretudo, colaboração factível e criativa com a sua ação: nada de mais congenial a Dom Bosco, homem do concreto e da ação, que traduzir o amor pela Igreja em ações e em obras que respondam às necessidades e exigências dela.

A prova “são as obras acontecidas”.

Capítulo IV

Forte mensagem de castidade

Desde os primeiros anos de sacerdócio, pregando e confessando os fiéis, Dom Bosco não ignorou os diversos aspectos da castidade, virtude satélite da temperança, proposta por Jesus como ideal de vida. Não se pode absolutamente pensar que estivesse despreparado em um campo tão essencial para um padre educador e confessor. Mas o seu interesse foi aos poucos se concentrando, em termos quase exclusivos, sobre a castidade juvenil e sobre a castidade consagrada em vista do Reino, professada pelos salesianos e pelas salesianas. É o que se deduz das palestras aos jovens, das boas-noites, das conferências, das máximas, de certos sonhos cujo simbolismo transparece claramente.

Mas junto com o vocábulo “castidade” ele usa também, com bastante freqüência, o termo “pureza”, que já é, em si, uma palavra polivalente, como precisa o *Grande dizionario della lingua italiana*, de Salvatore Battaglia (vol. XIV, p. 1018):

Pureza, sf. Honestidade, integridade moral; ausência de malícia, genuinidade de sentimentos; retidão. Em especial: castidade, seja

como rejeição ou desapego dos desejos sensuais, seja como abstenção dos prazeres do sexo (que comporta a zelosa conservação da virgindade).⁴¹

A tradição salesiana, sem esquecer a palavra “castidade”, acaba por preferir, com o passar do tempo, o termo “pureza”. O quarto sucessor de Dom Bosco, o padre Pietro Ricaldone, por exemplo, escreveu uma circular intitulada “Santidade é pureza”, em memória da canonização de São João Bosco, em 31 de janeiro de 1935. Também o padre Viganò se exprime nestes termos:

No espírito de Dom Bosco há uma forte mensagem de pureza. A tradição salesiana e o testemunho das origens confirmam-no abundantemente. Trata-se de uma mensagem especial que podemos chamar de “simpatia pela pureza”. Essa simpatia é uma constante da sua vida, um traço característico do seu espírito. “O que nos deve distinguir – são as palavras do santo – entre os outros, o que deve constituir o caráter de nossa Congregação é a virtude da castidade”. Dizia ainda: “O que deve distinguir a nossa Congregação é a castidade, como a pobreza distingue os filhos de São Francisco de Assis, e a obediência, os filhos de Santo Inácio”; “A castidade deve ser o eixo de todas as nossas ações”.

Essas afirmações categóricas de Dom Bosco e do seu sétimo sucessor fazem da castidade um dos pólos luminosos da identidade salesiana.

Mesmo tão circunscrito, o tema oferece muitos pontos para reflexão. Limitamo-nos a destacar apenas três aspectos, típicos de Dom Bosco: a predileção pessoal pela pureza, a força do seu exemplo e da sua mensagem e a relação dialética entre pureza e *amorevolezza*.

Predileção pela pureza

⁴⁰ “Com a Igreja e pela Igreja.” [n.e.]

Antes de avançar nesse assunto, se faz necessário, obviamente, ter consciência da grande diversidade de cultura, de mentalidade e de expressões com que eram consideradas a sensualidade e a sexualidade na época de Dom Bosco e como são consideradas

hoje. Passou-se de uma linguagem velada, reticente e de uma apreciação quase negativa a uma consideração mais positiva, cuidadosa e empenhada – também nos documentos da Igreja – e, além de tudo, mais conforme à mensagem da Revelação.

Somente quem esquece que em nenhum outro âmbito do viver humano tenham, talvez, ocorrido tantas mudanças de costume como na esfera da sexualidade, pode se maravilhar dessa evolução. Os raciocínios de São Bernardino de Sena, por exemplo, em matéria de castidade, seriam inconcebíveis hoje.

Na cultura pós-moderna, estofada de sexo, há quem seja de opinião que não tem mais sentido falar de pureza. Mas a perda da relação harmoniosa entre o corpo e as insuprimíveis aspirações do espírito é uma das causas, não última, da angústia que caracteriza o ser humano de hoje. A verdade é que hoje, mais do que ontem, a castidade não perdeu nada do seu fascínio e do seu brilho.

Em uma das cartas que Giorgio La Pira, docente universitário e homem político, escreve ao amigo Salvatore Quasimodo, Prêmio Nobel de literatura, mas que percorria caminhos bem diferentes, se lê:

Uma coisa eu te recomendo, a mais bela entre as próprias gemas do paraíso: a pureza. É ela a marca das almas cristãs: é o sinal

⁴¹ Dentre os sentidos apontados pelo *Dicionário Houaiss*, estão: “2 *p.metf.* virtude do que não tem maldade nem malícia; candura, sinceridade <ele não faria tal maldade porque é de uma *p. a toda prova*> 3 *p.metf.* estado ou qualidade de quem, esp. no comportamento sexual, tem conduta imaculada, não conhece ou não é dado a libertinagens, perversões, pornografias etc.; virgindade, castidade, inocência”. [n.e.]

palpável da presença de Cristo em nós. É preciso ser puros como a Virgem; o nosso corpo é destinado a ser tabernáculo do Altíssimo.

A Madre Teresa de Calcutá assim reza:

Ó Maria, Mãe de Jesus, dá-me o teu coração, tão belo, tão puro e imaculado, o teu coração tão cheio de amor, a fim de que possamos receber Jesus no Pão de vida, servi-lo como tu o serves escondido nos pobres.

E recomenda Dom Bosco aos seus salesianos: “A virtude que se deve cultivar sumamente e ter sempre diante dos olhos, virtude angélica, virtude mais que todas cara ao Filho de Deus, é a virtude da castidade”.

Percorrendo a vida do santo, não é difícil constatar que, em vista da futura missão juvenil, o Espírito Santo infundiu nele, desde a primeira infância, uma extraordinária atração e uma verdadeira predileção pela castidade e as suas virtudes complementares, como a modéstia, o pudor, a reserva etc. Essa predileção foi crescendo com o tempo, até alcançar uma plenitude resplandecente.

A pureza da primeira idade ele deve certamente muito à educação e à vigilância materna, ao ambiente camponês, de costumes simples e austeros, e ao clima das escolas públicas e, depois, do seminário, nos anos transcorridos na cidadezinha de Chieri, onde os estudantes, em virtude do regulamento escolar de Carlo Felice, eram obrigados a uma prática religiosa quase monástica. Sobre essa experiência, escreve Dom Bosco: “No espaço de quatro anos, em que frequentei aquelas escolas, não me lembro de ter ouvido uma frase ou uma palavra que fosse contrária aos bons costumes ou à religião”.

Como padre em Turim, a partir de 1841, a castidade se torna mais que nunca um ponto focal da sua vida. A sua rica

personalidade de sacerdote enviado aos jovens pobres e abandonados, expostos a todos os perigos e famintos de afeto como de pão, explode na riqueza dos dotes humanos, das capacidades intuitivas e pastorais, da grandeza da sua vida interior, consagrada inteiramente à “glória de Deus e à salvação das almas”.

A preocupação com a educação equilibrada dos jovens à castidade se torna rapidamente um elemento fundamental das suas lides.

Muito embora se mova, como outros educadores, por entre todos os aspectos concernentes à formação à pureza – preservação, prevenção positiva e negativa, recuperação, preparação, recurso às energias da vida de graça –, o que caracteriza o agir de Dom Bosco é a extrema delicadeza com que ele, nas palavras e nos escritos, encara essa matéria. Em um precioso depoimento do cardeal Cagliero, que nos reporta aos inícios do Oratório, lemos:

Nos santos exercícios espirituais que Dom Bosco pregou no Seminário de Giaveno, durante as férias do outono de 1852, ele nos falou da castidade com tanto entusiasmo e santo transporte, que nos arrastou a todos até às lágrimas, e propusemos querer guardar tão bela virtude até à morte.

Naqueles afortunados exercícios – mas, a partir de então, sempre – Dom Bosco descreveu a castidade como “a flor mais bela do paraíso, e digna de ser cultivada nos nossos tenros corações, e lírio puríssimo que com o seu candor imaculado nos teria feito semelhantes aos anjos do céu”. Continua dom Cagliero:

Com essas e outras belas imagens, Dom Bosco nos deixava enamorados por essa bela virtude, enquanto a sua face brilhava de santa alegria. A sua voz argêntea brotava calorosa e persuasiva, e os seus olhos ficaram umedecidos de lágrimas pelo temor de que empanássemos a sua beleza e preciosidade, ainda que fosse apenas com maus pensamentos ou expressões indecorosas.

Dom Bosco não criava do nada. As imagens que lhe são familiares, ele retira da literatura ascética religiosa da época, colorida daquele tanto de romantismo que se respirava no ar, e que as famosas “romanças” de Cagliero evocavam com certo lirismo. Retira dos escritos que idealizam de tal modo a figura de São Luís, a ponto de fazer dele um desencarnado, só comparável aos anjos. No hino em sua honra – que o santo dos jovens insere já na primeira edição de *O jovem instruído* – se podia, de fato, ler que Luís havia sido “*carnis expers spiritus vel angelus cum corpore*” [“um espírito sem corpo, ou também, um anjo com o corpo”].

No Oratório, a festa do santo jovem, patrono da Companhia de São Luís, foi por muito tempo a festa mais solene do ano. Para Dom Bosco, era a festa da castidade, da pureza encarnada em uma esplêndida existência terrena.

Também são importantes na tradição e na consciência salesiana as máximas e pequenos ditos de Dom Bosco. São o fruto de uma experiência que evoluiu e se enriqueceu ao longo dos anos. São também, evidentemente, a expressão de uma grande atração e paixão para com uma virtude que lhe era sumamente cara.

Amai esta virtude, amai-a muito.

É esta a virtude mais fugidia, mais esplêndida e, juntamente, a mais delicada de todas.

É um bálsamo a ser espargido entre todos os povos, a ser promovido em todos os indivíduos; ela é o centro de qualquer virtude.

A virtude da castidade [é] a mãe de todas as virtudes, a virtude angélica; (...) deve ser o eixo de todas as nossas ações.

É a virtude-rainha, que custodia todas as outras.

É a virtude mais agradável ao coração de Maria Virgem. Se houver essa virtude, há tudo; se ela faltar, não existe nada.

É o centro sobre o qual se fundam, se baseiam e se reatam todas as virtudes.

A castidade é a virtude, a meu ver, base de todas que devem servir como fundamento prático de todo o edifício religioso.

Esse elogio da castidade não se contrapõe a afirmações igualmente categóricas acerca de outras virtudes como, por exemplo, a caridade, a obediência e assim por diante. É inegável, porém, como testemunhavam antigos salesianos, que em matéria de castidade, mais que as vias da razão, ele seguia as do sentimento sobrenatural, coisa bem diversa dos sentimentalismos românticos, ou de mau gosto.

A palavra “castidade” aparece freqüentemente nos lábios e sob a pena de Dom Bosco, ao lado de outras, como “modéstia”, “puridade”, “bela virtude”, “virtude angélica”, “pureza” e imagens afins, próprias da literatura religiosa do tempo. Mais tarde, para não chocar a sensibilidade do laicismo liberal-maçônico, faz uso, de boa vontade, dos termos “moralidade” e “bom costume”.

Sabemos que o Oratório de Valdocco nunca foi um paraíso terrestre. Juntamente com jovens ótimos e bons, conviviam com freqüência também caracteres difíceis, rebeldes, enviados pelas autoridades civis ou por benfeitores, “já vítimas das paixões humanas” ou “de hábitos lastimáveis”, como se exprime Dom Bosco.

A crônica do padre Bonetti – estamos em 1862 – refere que o santo, “vendo crescer continuamente a malícia nos jovens”, se persuadiu, alguma vez, “a revelar as pavorosas conseqüências” de semelhantes comportamentos, que pedagogos e médicos da época descreviam de maneira pessimista, como caminho que levava diretamente à tuberculose, doença então mortal.

Evidentemente, embora profundo conhecedor em relação ao que fermenta no espírito e no corpo do jovem em crescimento, Dom Bosco não falava de “crises da adolescência”, de “idade

evolutiva” ou de “puberdade” e, menos ainda, de “sexualidade”, mas delas possuía uma clareza penetrante.

O padre Caviglia, penitente do santo e intérprete agudo do seu espírito, aludindo a si mesmo escreve: “Quem entre os 13 e os 17 anos teve a fortuna (fora, digamos, a graça de Deus) de ser dirigido por ele na consciência, sabe muito bem como entendia e explicava as coisas”. Dom Bosco teria dado a vida para conservar a inocência de um jovem, tanto desejava que ele pudesse percorrer o caminho da virtude sem passar por experiências negativas. Arrebatava-o a inocência conservada por um Domingos Sávio e por tantos outros. Mas era mestre em ajudar os jovens a vencer as sugestões do mal, a se manter puros, a se resgatar com coragem.

Dizem que o pintor flamengo Rubens (1577-1640), quando necessário, pegava o pincel da mão incerta do discípulo e, sobre as linhas hesitantes, fazia passar o sopro da vida. Quantas vezes, no segredo da confissão, sobre as linhas tortas de um jovem, com a sua santidade Dom Bosco fazia perpassar o sopro da vida divina.

O exemplo

Na cultura contemporânea, se dá grande atenção aos modelos de comportamento e às condutas apropriadas, portadoras de valores. Modelo e exemplo são aqui equivalentes. Seguir o exemplo de uma pessoa significativa não quer dizer “se colocar” em uma forma, “copiar” ou, pior, “se suggestionar”. Ao contrário, é ser atraído por quem é portador de valores propositivos e, na medida do possível, tornar esses valores livremente próprios, a partir de um processo de crescimento interno.

Dom Bosco acreditava na eficácia do exemplo e se propunha a dá-lo. Costumava dizer: “Procura sempre praticar com os fatos o que a outros propões com palavras”; “Uma coisa que se

pode fazer por todos, e é de máxima utilidade e um verdadeiro trabalho na vinha do Senhor, é o dar bom exemplo”; “As belas palavras sem exemplo de nada valem”.

O exemplo da sua vida casta, límpida como um dia de primavera, exercia no ambiente do Oratório uma influência notável sobre os jovens e sobre os salesianos. Podia-se verdadeiramente aplicar a ele o que o filósofo francês H. Bergson afirmou dos santos em geral: “Por que os santos têm imitadores? (...) Não têm necessidade de exortar; não têm senão de existir: a sua existência é um apelo”.

Por certo Dom Bosco falou e exortou insistentemente. Porém, mais que as palavras, o seu exemplo foi decisivo. A virtude da castidade não foi, para o santo dos jovens, apenas um privilégio que caiu do céu. Como todos os temperamentos dotados de intensa sensibilidade e, ao mesmo tempo, de forte virilidade, precisou vigiar e controlar a si mesmo, e em certas ocasiões, se empenhar em uma dura luta contra as inclinações perversas da carnalidade.

É o que atesta o padre Rua: “Quanto às tentações contrárias a essa virtude [da castidade], penso que as tenha sofrido, pelo que observei em alguma palavra ouvida dele, no momento em que nos recomendava a temperança no beber”. Esse testemunho é concorde com o do padre Lemoyne: “Que tenha tido tentações contra a pureza, o confidenciou certa vez aos membros do capítulo, entre os quais eu mesmo estava presente, explicando o motivo pelo qual preferia os legumes à carne.

O padre Ubaldi, que se tornará um dia professor de literatura grega na Università di Catania e, depois, na do Sacro Cuore, de Milão, quando jovem era muito vivaz e muito afeiçoado a Dom Bosco. Um dia, na hora da recreação, enquanto o rodeava com outros companheiros, lhe saltou ao pescoço. O santo o afastou, lhe dizendo em tom grave: “E quem pensa que é?”. O jovem ficou desorientado. O padre Ceria, que narra esse fato,

acrescenta: “Encontrei um bilhete em que está escrito: ‘Também Dom Bosco deve se defender dos jovens graciosos’”.

Sendo homem, e por isso exposto ao vento da tentação, Dom Bosco não é diferente de nós. O que, ao invés, foge da norma é a luta vitoriosa que sustenta também nesse fronte, a plena docilidade às sugestões do Espírito e a prática heróica da castidade. À primeira vista, esse heroísmo poderia parecer mais suposto do que demonstrado, tão secreta e pessoal é a virtude da castidade. Quando, todavia, é praticada e vivida de maneira extraordinária, acaba por se impor mesmo externamente, mediante o conjunto de sinais e mensagens que o senso cristão reconhece. Ora, que Dom Bosco tenha conduzido desde a infância, e depois durante toda a existência, uma vida ilibada, é o que afirmam em coro os textos examinados nos processos canônicos.

O santo – assim rezam os textos – havia erigido, em defesa da sua arguta sensibilidade e da sua capacidade emocional de “se fazer amar”, o edifício de uma castidade a toda prova. Atribui-se ao esplendor dessa virtude grande parte do fascínio irresistível que ele exercia entre os jovens. À sua presença, pensamentos e fantasias molestas se dissipavam como a névoa ao sol. Certo dia, tendo percebido que um jovem estava dominado por perturbações incômodas, o tomou, o estreitou fortemente contra si e depois o deixou que se fosse, enquanto no seu rosto brilhava a paz e a alegria. Atesta o padre Cerruti:

A mim me parece poder afirmar que na grande pureza de mente, de coração e de corpo, que ele observou com uma delicadeza mais única do que rara, esteja o segredo da sua grandeza cristã. A sua compostura, o seu olhar, o seu próprio caminhar, as suas palavras, os seus gestos não teriam nunca nem mesmo sombra de qualquer coisa que se pudesse dizer contrária à bela virtude, como ele a chamava.

Seu trato com os jovens era muito delicado, respeitando

sempre a personalidade de cada um. De boa vontade deixava que lhe beijassem a mão, colocando-a às vezes de modo fugidivo sobre a cabeça deles. E aproveitava essas ocasiões para lhes sussurrar uma daquelas suas palavras mágicas, que iam diretamente ao coração. Acontecia até mesmo que, com dois dedos da mão, desse um tapinha, ou também fizesse uma leve carícia. Mas quanta sobrenaturalidade nesse gesto paterno! “Nessas carícias havia um não sei quê de puro, de complacente e paterno, que infundia neles o espírito da sua castidade”, relata o padre Reviglio. Nunca se observaram nele atitudes sensíveis de antipatia ou de preferências. As insinuações malévolas da imprensa adversária não ousaram nunca atacá-lo neste ponto.

Era demasiado evidente que Dom Bosco vivia em uma região superior e que a confiança que concedia aos seus jovens tinha exclusivamente o escopo de fazer o bem. Confirma-o o padre Berto:

Eu tenho vivido ao lado dele e o servi por mais de vinte anos, podendo afirmar que a virtude da modéstia nos olhares, nas palavras e nos gestos foi por ele elevada ao grau mais sublime de perfeição. O segredo adotado por ele para chegar a essa perfeição foi a contínua ocupação de mente, a excessiva fadiga de dia e de noite e uma calma imperturbável. Dele se propagava uma influência vivificante. Eu mesmo posso dizer que, estando próximo a ele, a sua presença afastava de mim todo pensamento impróprio.

A pessoa de Dom Bosco, vivificada pelo Espírito Santo e nutrida com Cristo, “pão que gera os virgens”, emitia luz e energia divinas: quem vivia ao seu lado em íntima familiaridade ficava envolvido.

Castidade – *amorevolezza*

O trinômio razão-religião-*amorevolezza*, sobre o qual Dom

Bosco apóia o Sistema Preventivo, indica cada vez mais na consciência salesiana e na sua tradição viva o espírito salesiano em geral, ou seja, a pastoral, a espiritualidade e a pedagogia, associadas em uma única experiência dinâmica. Observa, a respeito, o padre Braido:

No entanto, é relevante e, em certo sentido, mais característico o significado propriamente pedagógico-metodológico do trinômio. Os três componentes estão constantemente presentes de forma interativa, tanto ao nível de objetivos educacionais, como de processos de formação, conferindo ao Sistema uma sólida unidade metodológica. Se, além disso, se quisesse determinar o elemento unificador nessa perspectiva, seria difícil se subtrair à impressão de que a *amorevolezza* constitua o princípio supremo (como a religião é indubitavelmente o *primum*, do ponto de vista dos conteúdos).

Na cultura italiana, a *amorevolezza* é vocábulo quase insólito. Os dicionários do século XIX o definem, essencialmente, como sendo “o complexo dos atos externos com os quais se demonstra amor”.⁴² O pensamento vai imediatamente ao conjunto de atos sensíveis e também corporais, como o beijo, a carícia, o abraço, os gestos afetuosos, com que os pais manifestam externamente o seu amor para com os próprios filhos. Também para Dom Bosco a *amorevolezza* é um amor manifestado por meio de sinais cheios de bondade, mas de uma bondade que é assumida e transfigurada pelo amor infinito que brota do coração do Pai e do Cristo, Bom Pastor, que doa seu Espírito de amor. Todavia, essa caridade se exprime segundo todos os recursos humanos, controlados pela razão e pela vida de graça, que passam, se não unicamente, ao menos principalmente, pelas vias do coração: “A educação é coisa de coração”. No sentido bíblico, coração não é apenas “o centro radical da pessoa”, mas também “centro de distribuição da vida íntima”, segundo F. Hauss.

Um dos maiores segredos do sucesso de Dom Bosco padre-

-educador-pastor-fundador talvez deva ser buscado precisamente nessa distribuição da sua interioridade. Esta, por outro lado, se manifesta por intermédio da extraordinária variedade de gestos personalizados, visíveis, afetuosos, paternos, e que são percebidos assim pelos interessados.

Ele escreve na Carta de Roma:⁴³

É preciso que os jovens não só sejam amados, mas que eles próprios percebam que são amados (...). Quem quer ser amado é preciso que faça ver que ama (...), e quem é amado obtém tudo, especialmente dos jovens.

A *amorevolezza* cobre a vida de Dom Bosco como as águas dos lagos alpinos cobrem o seu fundo.

Para Dom Bosco, *amorevolezza* se traduz nestas expressões e em muitas outras: familiaridade; confiança que atrai confiança; amizade; aceitação sincera e incondicionada; compreensão; interesse por aquilo que agrada aos jovens, a fim de que eles se interessem pelo que agrada aos educadores; atenção dedicada às suas aspirações e necessidades fundamentais; presença assídua, promotora de crescimento humano e espiritual; longanimidade; paciência sem limites; paternidade amável e sacrificada; espírito de “casa”.

Só nesse contexto é que se pode compreender a importância que a castidade assume no espírito de Dom Bosco. Como, sem a presença de uma castidade desejada, aprovada e desfrutada, se poderia exercitar corretamente e sem perigosos desvios uma *amorevolezza* que tem quase a mesma densidade da existente na família natural, mas que não possui, para a própria defesa, os vínculos derivados da comunhão da carne e do sangue? Quanto mais o salesiano tem de castidade, tanto mais possibilidades terá de abundar em *amorevolezza*. A relação dialética entre uma e outra é constante.

Dom Bosco quer os seus filhos castos de ânimo e de espírito,

nos pensamentos e nas obras. Já na primeira forma das Constituições Salesianas, de 1858, encontramos estas afirmações, depois ligeiramente aperfeiçoadas:

Quem não tem fundada esperança de poder conservar, com o auxílio divino, a virtude da castidade nas palavras nas obras e nos pensamentos, não professe nesta Sociedade, porque muitas vezes se encontraria em perigo. As palavras e os olhares, mesmo indiferentes, são mal acolhidos pelos jovens que já foram vítimas das paixões humanas.

Quando o arcebispo de Turim, dom Luigi Fransoni, que estava exilado em Lião, leu esse artigo, o julgou excessivamente rigoroso. Teria desejado uma formulação mais suavizada. Dom Bosco não afrouxou: o artigo se encontra ainda presente nas Constituições renovadas.⁴⁴

Capítulo V

Ascese da temperança e da mortificação

A rejeição da ascese cristã na atual sociedade hedonista e permissiva, em nome da liberdade absoluta que rejeita qualquer obrigação, da espontaneidade da natureza e de ideologias que a consideram uma neurose alienante, é conseqüência da rejeição de Deus. Se, com efeito, a ascese cristã tem um sentido, uma justificação, uma fecundidade, não pode encontrá-los senão na fidelidade ao mistério da morte e ressurreição de Cristo, dentro do horizonte do pecado e do juízo divino sobre ele. A ascese entra como elemento ineludível no plano da salvação e segue o cristão como a sombra segue o homem.

⁴² Não há um termo em português que traduza literalmente *amorevolezza*. Os dicionários acusam o vocábulo “amorosidade”, que é a qualidade do que é amoroso, terno. Em alguns casos, o termo é traduzido por “carinho”, “afeto”, “amor”. [n.e.]

⁴³ Cf. nota 19.

As suas manifestações exteriores, inseridas nos diversos contextos socioculturais, não são porém unívocas: variam de uma época para outra, como ensina a história. Por essa razão, não é lícito lançar o descrédito sobre as formas de penitência praticadas nos séculos passados ou no estilo rude e espartano de vida vivido por Dom Bosco em pleno século XIX.

Escreve R. Guardini: “O que justifica uma época da história em face de outra não está no fato que esta seja melhor, mas que esta vem ao seu tempo”.

Imutável na sua substância, a ascese deve hoje se adequar, como no passado, ao novo contexto cultural. Isso significa, como explicita o padre Viganò, que deve “tomar em consideração o conceito mais aprofundado do homem, das descobertas adquiridas das ciências antropológicas – especialmente da psicologia –, das características de nossa realidade somática, do valor profundo da sexualidade, do processo de personalização, da situação de pluralismo, da importância da dimensão comunitária, das exigências da socialização”.

Portanto, precisa ser uma ascese que leve em conta a integração harmônica entre alma e corpo, que não é dom de natureza; que abra a pessoa ao amor oblativo e à disponibilidade para com os outros; que seja capaz de enfrentar cristãmente as alienações a que a vida moderna obriga, como o nervosismo, a monotonia do trabalho repetitivo, o estresse da vida moderna, a superficialidade das relações e da convivência; que seja uma ascese do silêncio na “civilização do rumor”, para não perder a si mesmo, para compreender melhor, para não dizer senão o que significa alguma coisa; que saiba disciplinar o uso dos meios de informação, hoje infinitamente desenvolvidos pela internet, comunicação virtual etc.

A Igreja, levando em conta as mudanças culturais em curso, amenizou certas penitências do passado, como o jejum, mas não colocou silenciador sobre o rigor da ascese tradicional, que se

tornou mais urgente em razão das exigências cada vez maiores da caridade. Porque, como bem se exprime P. Plé, “a fecundidade das mortificações não se mede pelo sofrimento das renúncias ou pela intensidade do esforço, mas pela sua eficácia, ou seja, na perspectiva evangélica, pelo progresso na caridade por ela favorecido, tanto por meio da ‘imitação de Cristo’, quanto pelo afastamento daquilo que impede o crescimento na caridade”.

Retomar a experiência ascética de Dom Bosco faz perceber indubitavelmente aspectos já superados pelo tempo e formas de

⁴⁴ Cf. *Constituições e regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*, n. 82. [n.e.]

expressão que não são mais atuais. Quando, todavia, além das contingências da história, se vai às raízes das coisas, ao espírito evangélico que o anima, a certas intuições precursoras lúcidas, que fazem dele um contemporâneo nosso, se deve convir que

também hoje a ascese ensinada e vivida pelo santo tem sempre muito a dizer ao nosso senso cristão. É o que, resumidamente, vamos ver agora.

Temperança

A ascese de Dom Bosco sempre se expressou no binômio indivisível: trabalho e temperança. Esta é a herança deixada aos seus filhos: “Trabalho e temperança farão florescer a Congregação Salesiana”; “São duas armas com que conseguiremos vencer tudo e todos”. São os dois diamantes que dão brilho ao seu semblante simpático e sorridente.

O trabalho, como vimos, constitui já em si mesmo a ascese contínua de Dom Bosco. Mas ele associou sempre, deliberadamente, a ascese do trabalho à ascese ampla e específica da temperança, da mortificação, do sentido austero da vida.

Na vida do cristão, a temperança é, por certo, guarda de si, moderação das inclinações e das paixões, desvelo pelo que é conforme a razão, certa fuga do mundo, porém, mais profundamente, ela vem a ser uma “atitude de fundo”, um “eixo existencial” que comporta a presença de diversas outras virtudes satélites. Diz E. Viganò:

A temperança é a primeira e a principal entre as virtudes moderadoras, que giram como satélites em torno dela: a continência, contra as tendências da luxúria; a humildade, contra as tendências da soberba; a mansidão, contra os ímpetos da ira; a clemência,

contra as inclinações à vingança; a modéstia, contra a vaidade da exibição do corpo; a sobriedade e a abstinência, contra os excessos da bebida e do alimento; a economia e a simplicidade, contra a liberdade do esbanjamento e do luxo; a austeridade no teor de vida, contra as tentações de comodismo.

Essa temperança, ou seja, esse conjunto de virtudes, é vista e vivida por Dom Bosco sobretudo em função da caridade pastoral e pedagógica e do crescimento no amor, que não se limita a amar, mas, coisa bem mais difícil, “saber se fazer amar”. Quem tem prática em educação de jovens sabe por experiência que tipo e quanto de domínio de si é preciso, em todas as dimensões da pessoa, para que triunfem atitudes e comportamentos marcados por bondade, justiça e retidão.

O exemplo de Dom Bosco é paradigmático. É um educador que ama com profundidade e sabe “se fazer amar” praticando, em grau heróico, a temperança: firme nos princípios, os aplica, porém, com moderação e bom senso; harmoniza as exigências da autoridade com as da liberdade e espontaneidade dos jovens, num perfeito equilíbrio; sabe se adaptar às exigências da “mobilidade juvenil”, sem incorrer na permissividade; percebe tudo, mas sabe também dissimular prudentemente e com santa malícia; freia o ímpeto das paixões para guardar intacto o seu coração, que modela e remodela a sua caridade pastoral de Cristo. Fruto de temperança interior são ainda a constante atitude de conversão, o domínio de si, a mansidão e a amabilidade, que conquistam os corações para si.

A temperança cristã é, além disso, a defesa dos grandes valores teológicos da fé, da esperança, da caridade, sobre os quais está fundada. E Dom Bosco lembra isso aos seus filhos: “O demônio tenta, de preferência, os intemperantes”. Queria temperança e moderação em tudo, também no trabalho apostólico, que ele também considerava muito importante: “Trabalhai, trabalhai muito! Mas fazei-o também de maneira que possais trabalhar

por muito tempo”.

Aos missionários, recomendava: “Tende cuidado com a saúde. Trabalhai, mas só o quanto permitirem as próprias forças”.

No pensamento de Dom Bosco e da tradição salesiana, a temperança não é, primariamente, a soma das renúncias (mortificação), mas o “crescimento na práxis da caridade pastoral e pedagógica”. O padre Viganò o afirma com autoridade:

Primeiro, e mais que a mortificação, a temperança é uma disciplina metodológica de educação ao dom de si no amor. Ensina-nos a nos treinar no amar e no se fazer amar, e não primariamente a nos castigar. Não é o momento da poda, mesmo se vai chegar o tempo para fazê-la. É o momento do desenvolvimento do amor: se eu me doar a Deus, devo procurar fazer crescer em mim a capacidade de doação, sabendo frear tudo quanto pode constituir retomada oculta do dom.

Em outras palavras, a temperança está, para Dom Bosco, antes de tudo e sempre, em função da mística do *Da mihi animas*: “Senhor, me faz salvar a juventude com o dom da temperança”. Por isso, não se cansou de repetir: “A Congregação vai durar enquanto os sócios amarem o trabalho e a temperança”.

Sobriedade e abstinência

Essas duas virtudes satélites da temperança – contra os excessos da bebida, do alimento e dos impulsos desordenados –, brilham em Dom Bosco com uma luz particular. A sua sobriedade no uso dos alimentos e das iguarias era proverbial. Como todos os sacerdotes saídos do Colégio Eclesiástico, observava com rigor as abstinências prescritas pela Igreja e jejuava um dia na semana, primeiro aos sábados, depois às sextas-feiras, mas nada se notava nele de excepcional.

Todas as testemunhas concordam em afirmar que não percebiam nele jejuns ou penitências extraordinárias; destaca-

vam, porém, a sobriedade fora do comum e uma temperança habitual. Nos primeiros tempos do Oratório, a mesa era muito frugal, semelhante à dos camponeses e operários. Pão e sopa, um prato de legumes, mas não sempre, um pouco de vinho aguado: era tudo. Atesta dom Bertagna:

Na temperança, o seu procedimento serviu de raro exemplo. Na sua casa, não buscava nunca abundância. Ao contrário, parece que se teria podido permitir para si e para os outros alguma melhoria a mais.

Mais tarde, a comida melhorou, porque nem todos os que se decidiam a “ficar” com ele teriam podido se adaptar à sua mesa. Seu natural bom senso lhe sugeria que o antigo rigor tinha de ser moderado, mas no coração permaneceu sempre uma secreta saudade da antiga práxis. Declarou repetidas vezes:

Pensava que em minha casa todos teriam se contentado com apenas sopa e pão e, quando muito, um prato de legumes. Vejo, porém, que me enganei (...). Mil razões me impeliram pouco a pouco a seguir o exemplo de todas as outras ordens religiosas. Não obstante, ainda agora me parece que se poderia viver como eu vivia nos primeiros tempos do Oratório.

Mesmo se adaptando aos melhoramentos necessários, ele permaneceu fiel ao seu antigo ideal. Até quando a saúde permitiu, sempre se ateu ao alimento comum. Não comia fora das refeições e se mostrava indiferente a tudo, a ponto de ninguém saber quais eram as suas preferências.

Para obter ajuda, tinha de aceitar jantares em sua honra, oferecidos pelos benfeitores. Participava deles com simplicidade, mas, se pode dizer, quase não se dava conta de comer o que lhe era oferecido, atento como estava em manter a atenção dos comensais com respostas ágeis e palavras edificantes.

Depois da doença de Varazze (1871-1872),⁴⁵ que o reduziu a fim de vida, por ordem dos médicos teve de fazer uso diário de um pouco de vinho puro, que a duquesa de Montmorency lhe enviava todos os meses. Bebia-o com tal parcimônia, que uma garrafa lhe servia para toda a semana, enquanto que as remanescentes se acumulavam na cantina e duraram por longo tempo após a sua morte. Oferecia-o com prazer aos amigos e aos benfeitores quando os convidava à sua mesa: “Estejamos alegres: bebamos o vinho ducal!”.

Queria que os seus filhos fossem, como ele, modelos de sobriedade e temperança: “Fugi do ócio e das contendias; grande sobriedade nos alimentos, nas bebidas e no repouso”; “Não vos digo que jejeis; porém, uma coisa vos recomendo: a temperança”. Admoestava ainda: “Quando começarem entre nós as comodidades e a fartura, a nossa Sociedade terá acabado o seu curso”; “No alimento, sobriedade; nunca mais que o necessário, a fim de que, além da saúde do corpo, se possa conservar também a da alma”.

Juntamente com os ascetas de todos os tempos, também ele salientou o nexo indissolúvel existente entre mortificação corporal e oração: “Quem não mortifica o corpo não é tampouco capaz de fazer boas orações”.

A sobriedade e a temperança têm um vasto espaço na sua pedagogia. Dizia com freqüência:

Dai-me um jovem que seja temperante no comer, no beber e no dormir, e vós o vereis virtuoso, assíduo nos seus deveres, sempre pronto quando se trata de fazer o bem e amante de todas as virtudes. Ao contrário, se um jovem for guloso, amante do vinho e dorminhoco, pouco a pouco terá todos os vícios.

Mortificação

Na literatura espiritual contemporânea, a mortificação é um vocábulo que tende a ser absorvido pelo capítulo dedicado à

ascética, considerada quer como esforço metódico voltado para a perfeição, quer como a série dos processos que têm por fim dominar, orientar e corrigir as tendências naturais, por si boas, mas que, abandonadas a si mesmas, impelem o batizado para o mal e para comportamentos desviadores. A ascese, por sua vez, está sempre mais englobada na dialética morte-ressurreição do Mistério Pascal, centro e síntese da existência cristã, no qual o sofrimento supremo da cruz está inextirpavelmente ligado ao supremo gesto de amor: “Ninguém tem maior amor do que aquele que se despoja da vida por aqueles a quem ama” (Jo 15,13).

Lembra F. Ruiz que “a cruz e a ressurreição representam os dois pólos, negativo e positivo, da morte e vida da existência cristã. A exigência evangélica da ‘renúncia total’ (cf. Lc 14,26) é a réplica direta e imediata do amor total”. A morte batismal e a ressurreição são reais. Todavia, como recorda o teólogo F. X. Durrwell, “um resíduo considerável de vetustez, um ‘homem velho’, recobre ainda o ‘homem interior’”.

Daí a necessidade do esforço, da mortificação: “Sempre levamos em nosso corpo o morrer de Jesus” (2Cor 4,10). Outras passagens da Sagrada Escritura falam de abnegação (Lc 9,23), despojamento (Cl 3,9), crucifixão (Gl 5,24), morte (Cl 3,3) etc. Palavras profundas e severas, que no seu contexto preciso significam que a totalidade da existência cristã está assinalada pelo mistério da cruz e pela mortificação necessária, seja ela preventiva, reparadora (mesmo que voluntária) etc.

Contudo, a vida do cristão não se resolve na mortificação. As ciências humanas insistem justamente na promoção das qualidades humanas e das tendências positivas, mais do que na repressão. O Evangelho é uma “alegre mensagem” de salvação.

⁴⁵ Em 6 de dezembro de 1871, enquanto esperava o trem na estação de Varazze, Itália, Dom Bosco cai desmaiado. A doença se agrava, a ponto de pensarem que está no fim. A doença dura dois meses e afeta suas forças definitivamente. [n.e.]

Todavia, a mortificação não é só morte ao pecado e a todas as suas conseqüências, mas também, como demonstra o exemplo dos santos, “renúncia das coisas lícitas, mas inúteis para nós, e cuja preocupação nos absorveria de nossa união com o Senhor”, na expressão do teólogo R. Garrigou-Lagrange. Realidade que a natureza custa a compreender. A mortificação, que não é nunca vontade de sofrer nem fim em si mesma, mas apurada expressão do amor infuso, constitui, na incrível variedade das formas assumidas ao longo das épocas – para além dos desvios patológicos –, um patrimônio imenso da espiritualidade cristã, do corpo místico de Cristo, que é a Igreja, sempre associada ao mistério da morte e ressurreição.

Seria injusto e acrítico julgar certas formas de mortificação absolutamente válidas no passado – suponhamos a forma de vida rude e espartana dos primeiros anos do Oratório – com a mentalidade de hoje. A verdadeira dificuldade consiste em integrar e harmonizar na devida forma morte e ressurreição, sofrimento e amor, natureza e graça. Também nisso Dom Bosco se revela modelo e guia.

Dissemos que ele é um santo alegre e simpático, capaz de amar e de se fazer amar, sempre ativo, sempre no meio da juventude. Mas não podemos esquecer que, assim como a temperança, também a mortificação, que Dom Bosco define “o ABC da perfeição”, ocupa um lugar privilegiado na sua visão pedagógica e pastoral. Quem olhasse Dom Bosco de longe podia até crer que o caminho por ele percorrido fosse um caminho fácil. Não obstante, como escreveu o padre Ceria nas belas páginas de *Don Bosco con Dio*,⁴⁶ a sua estrada foi toda semeada com os espinhos da mortificação. Espinhos na família: a pobreza e a oposição, que primeiro o detiveram, depois lhe tornaram áspero o caminho do sacerdócio, obrigando-o a duras e humilhantes fadigas. Espinhos no momento de fundar o Oratório: era criticado por todos, pelas pessoas, pelos padres, pelas

autoridades municipais, religiosas e políticas. Espinhos, e coisas piores, por causa das *Leituras católicas*. Espinhos por falta de meios: ter sob sua responsabilidade tantos jovens e tantas obras e não possuir meios de subsistência necessários. Espinhos dos seus colaboradores: tantos sacrifícios para formá-los e algumas deserções dolorosas. Adversidades e espinhos vindos da autoridade diocesana: mal-entendidos, oposições, contrariedades. A fundação da Sociedade Salesiana, se pode dizer, foi um calvário.

Há também espinhos de outra natureza, não menos pungentes, devidos a doenças e distúrbios de saúde. Dom Bosco era de constituição saudável e de um vigor físico impressionante. Descendia de camponeses robustos e de antepassados longevos. De outro modo, não é possível explicar a sua resistência ao trabalho e como foi capaz de sobreviver a três doenças mortais. Não obstante, o elenco das enfermidades que o atormentaram ao longo de toda a sua vida é incrivelmente longo: escarros de sangue; mal de olhos persistente, e no fim, perda da visão no olho direito; inchaço das pernas e dos pés – a sua “cruz cotidiana”, como ele a chamava –; cefaléias persistentes; digestões difíceis; febres intermitentes, com erupções cutâneas; por volta do fim da vida, enfraquecimento da espinha, que o levou a ter dificuldades de respiração; e outras ainda. Pio XI definiu a sua existência “um verdadeiro, próprio e grande martírio (...). Um verdadeiro e contínuo martírio nas durezas da vida mortificada, frágil, que parecia fruto de um contínuo jejuar”.

Esse martírio foi aceito por amor de Cristo crucificado e das almas. Ouviram-no dizer: “Se soubesse que uma única jaculatória bastaria para me fazer sarar, não a diria”. Era um martírio dissimulado pela paz imperturbável e pela alegria, que parecia se tornar mais vibrante – segundo depoimentos merecedores de atenção – quanto mais pesadas eram as cruces que o afligiam. Só uma alma profundamente radicada em Deus podia chegar a tanto.

A vida de Dom Bosco é realmente caracterizada por enormes e ininterruptos esforços ascéticos. Mas o seu ascetismo não é do tipo espetacular, clássico de outros santos. É, ao invés, o do cotidiano, das pequenas coisas; é o das mortificações não menos duras e contínuas, impostas pelo cumprimento do próprio dever, do próprio trabalho; é o das situações concretas, da convivência humana. Para “reproduzir” em si os sofrimentos de Nosso Senhor, costumava dizer, “os meios não faltam: o calor, o frio, as doenças, as coisas, as pessoas, os acontecimentos... Sempre há meios para se viver mortificado!”.

Lemos no seu testamento: “Não vos recomendo penitências ou mortificações particulares. Tereis grande mérito (...) se souberdes suportar reciprocamente as penas e os desprazeres da vida com resignação cristã”.

Aos diretores, dá este conselho: “As tuas mortificações estejam na diligência dos teus deveres e no suportar as moléstias dos outros”.

Não subestimava a importância das mortificações voluntárias, mas preferia as impostas pela obediência: “Em vez de fazer obras de penitência, fazei as de obediência”; “Vede, vale mais um jejum feito por obediência do que qualquer mortificação feita por um capricho pessoal”.

Também para Dom Bosco a motivação fundamental da mortificação é, obviamente, a exigência da *sequela Christi* [seguimento de Cristo] e a participação, com consciência de fé, no mistério da sua morte e da sua cruz: “O Senhor nos convida a renegar a nós mesmos e a colocar a cruz sobre as costas”; “Quem não quer sofrer com Jesus Cristo na terra, não poderá gozar com Jesus Cristo no céu”.

Repetia muitas vezes: “Por toda a parte sofremos com amarguras, que são as mortificações dos sentidos. Mas delas sairemos

⁴⁶ *Dom Bosco com Deus*, publicado em 1929, foi por décadas um dos textos fundamentais da espiritualidade salesiana. [n.e.]

vitoriosos lançando um olhar a Jesus Crucificado”.

Era-lhe cara a devoção a Jesus Crucificado. Quando Mãe Margarida, cansada e contrariada, havia decidido voltar para Becchi, Dom Bosco nada disse, mas indicou o crucifixo pendurado na parede. Quando quiseram colocar no índice um dos opúsculos das *Leituras católicas*, sofreu a ponto de morrer. Contemplando o crucifixo, foi ouvido exclamar: “Ó meu Jesus! Tu sabes que escrevi este livro com bons propósitos... Seja feita a tua vontade!”.

Sabia muito bem que a caridade que salva as almas é a caridade que parte da cruz: “Ó Senhor, podeis nos dar também cruzeiros, espinhos e perseguições de todo gênero, contanto que possamos salvar almas e, entre elas, salvar também a nossa”.

Capítulo VI

Vida intensa de fé, esperança e caridade

Somos cristãos por um dom absolutamente livre e gratuito, que o Pai, mediante o Filho, no Espírito Santo, comunica aos homens. O Batismo muda radicalmente o nosso modo de ser e de viver: nos torna participantes da natureza divina, nos incorpora ao mistério de Cristo, dador do seu Espírito, faz de nós filhos e “criaturas novas” (Jo 3,5) e nos dá a capacidade de entrar em relação dialogal com as Pessoas divinas. E para que se torne possível essa “novidade de vida”, o Espírito Santo infunde em nós, juntamente com os outros dons, os dinamismos poderosos da fé, da esperança, da caridade, que pressupõem uma reviravolta de toda a realidade na esfera de Deus.

As virtudes teológicas, mais que meios de união, são consideradas como a própria união com Deus; são graça criada e graça incriada, ação divina e colaboração humana. São, em

termos reais e dinâmicos, a própria santidade. Todo cristão “deve avançar sem hesitação segundo os próprios dons e cargos pelo caminho da fé viva, que excita a esperança e opera pela caridade” (LG n. 41).

Falar da fé, esperança e caridade como de “virtudes” ou “hábitos” com um poder especial é muito limitante, porque estas são, antes, dimensões totalizantes da existência cristã que caminha para Deus, são atitudes fundamentais que não podem ser reduzidas a dimensões parciais. Com efeito, elas envolvem o ser humano todo, envolvem a globalidade da sua orientação fundamental e da sua comunhão com Deus. Crer, para Abraão assim como para Maria, queria dizer se entregar, cheios de fé e de esperança, com todo o ser e com toda a existência, a uma Pessoa sumamente amada e colaborar com o seu amor providente.

Acrescentemos que, na Bíblia, fé, esperança e caridade são sempre apresentadas em “unidade vital”, como “aspectos diversos de uma atitude espiritual complexa, porém única”, como sublinha o biblista J. Duplacy. A caridade não existe sem a fé e a esperança; por sua vez, a fé e a esperança só permanecerão vivas, se forem informadas pela caridade.

É importante praticar atos separados de cada uma das virtudes teológicas. Mais importante, no entanto, é vivê-los “juntos”, sintetizados na caridade. Também nisto, como em outros campos, não esperaremos de Dom Bosco referências explícitas à vida teológica. A própria terminologia lhe é estranha. No entanto, a sua vida de fé, esperança e caridade, a experiência concreta e dinâmica que ele demonstra possuir, atinge níveis muito altos.

Podem ser indicativos a esse respeito o sermão que fez em Trofarello, em 18 de setembro de 1869, e a primeira parte do sonho dos diamantes. No sermão, Dom Bosco desenvolve o tema “Trabalhar com fé, esperança e caridade”, sem imaginar, obviamente, que o Concílio Vaticano II teria feito idêntica recomendação às pessoas dedicadas ao apostolado: “Exercem o

apostolado na fé, esperança e caridade, virtudes que o Espírito Santo derrama nos corações de todos os membros da Igreja” (*Apostolicam Actuositatem*, n. 3).

A esse tema se junta em especial o sonho dos diamantes, do qual, à diferença de outros, possuímos o texto autógrafo. Os diamantes representam as virtudes mais próprias, ainda que nem todas, que brilham no manto do personagem no qual podemos

ver a personificação de Dom Bosco. Cinco estão colocados na parte da frente e delineiam o semblante do salesiano tal como deve aparecer diante do mundo; os outros cinco estão colocados na parte posterior e são destinados a permanecer um tanto

escondidos. Os diamantes que fulguram sobre o peito são os da fé, da esperança e da caridade. Este último está colocado sobre o coração. Sobre os ombros direito e esquerdo sobressaem os diamantes do trabalho e da temperança, e estão articulados com os precedentes. Nesse sonho, que é muito elaborado, Dom Bosco não encontra nada melhor para definir o semblante do salesiano, do que recomençar pela tríade teologal, síntese e substância da vida cristã.

Que ele, como todo santo, tenha preferido e praticado em grau eminente as virtudes teologais, demonstram-no, por exemplo, as biografias dos seus pequenos heróis. De Domingos Sávio, louva “a viveza da fé, a firme esperança, a inflamada caridade”. Precisemos melhor o seu pensamento.

Fé

A fé, dom absolutamente gratuito, é fundamento e raiz da vida e da espiritualidade cristã. Sem a fé, ninguém é agradável a Deus (cf. Hb 3,6). Hoje, se é muito sensível ao conteúdo da fé, expresso no binômio “palavras e obras”, e também ao mistério de salvação, que Deus levou definitivamente a termo na paixão, morte e ressurreição de Cristo. Mas o conteúdo não será nunca separado do ato de fé, que envolve a pessoa inteira e no qual “confluem todas as nossas energias espirituais: intelecto, vontade, sentimento”, como bem expressa o teólogo e bispo W. Kasper. A esse ato de fé sucedem as atitudes fundamentais: o acolhimento

convicto da palavra e do amor de Deus, que impele à ação (Tg 2,17); a confiança certa, carregada da esperança de possuir as coisas que ainda não se vêem (Hb 11,1); a obediência à vontade de Deus (Rm 1,5); o serviço ao homem (Jo 3,16); e o crer na Igreja e com a Igreja, comunidade de crentes.

Mesmo quem tiver apenas um conhecimento sumário de Dom Bosco não tardará a tomar na devida conta a sua fé profunda e sem fendas, ativa e empenhada. A fé, para ele, é realmente o mapa do céu no qual está traçado o desígnio de Deus sobre a sua existência, a visão global do alto sobre a sua missão, os seus projetos, as suas obras, as suas iniciativas ousadas. A fé lhe infunde a consciência íntima da sua identidade cristã e sacerdotal, e o leva a ver, julgar e agir segundo a óptica de Deus Pai, de Cristo e do seu Espírito. A fé é verdadeiramente a razão de toda a sua ação: “A fé é aquela que tudo faz”; sem “o fogo da fé, a obra do homem é nada”.

A fé o levava a avaliar com olhar crítico e discernimento sobrenatural as realidades de cada dia e a enfrentá-las com “vivacidade” e “grandeza de fé”. Assegurava: “Em meio às provas mais duras, se requer uma grande fé em Deus”. Exortava, com São Paulo, a empunhar com coragem, na hora da prova, “o escudo da fé” (cf. Ef 6,16).

Muito embora houvesse mais de um motivo para se consolar com o bem realizado, olhava para o que restava fazer e se lamentava por não ter tido fé suficiente e por não haver feito mais: “Se tivesse tido cem vezes mais fé, teria feito cem vezes mais do que fiz”. Recomendava aos seus jovens que obtivessem para si uma fé maior. Também para os santos, a fé é um caminho nunca percorrido inteiramente.

Não obstante, foi um fiel extraordinário: vivia, agia e rezava “como se visse o invisível” (cf. Hb 11,27). Nas audiências, quando pediam algum conselho, não respondia imediatamente: elevava os olhos ao céu, como quem vai buscando em Deus a luz necessária, e depois dava respostas cheias de fé.

Toda a sua vida – dele se escreveu – foi um exercício de fé vivida: “Pensamentos, afetos, empreendimentos, ousadias, dores, sacrifícios, práticas piedosas, espírito de oração foram todas chamadas se despreendendo da fé”. Embora a sua confiança em Deus fosse sem limites, repetia muitas vezes: “Se a obra é vossa, Senhor, vós a sustentareis; se a obra é minha, fico satisfeito se cair”. Afirmava ainda: “Sigo adiante como a máquina a vapor, à base de puf, puf (isto é, dívidas)”. Mas acrescentava que o fogo da sua locomotiva era “o fogo da fé em Deus”.

O Concílio Vaticano II fez esta afirmação importante:

Só pela luz da fé e meditação da palavra de Deus pode alguém, sempre e por toda a parte, divisar Deus em quem “vivemos e nos movemos e somos” (At 17,28), procurar em todo acontecimento sua vontade, ver Cristo em todos os homens, sejam parentes sejam estranhos, proferir julgamentos corretos sobre o verdadeiro significado e valor das coisas temporais em si mesmas e em relação ao fim do homem” (AA n. 4).

Dom Bosco não podia conhecer essas palavras, porém o senso cristão o guiou a praticá-las de maneira perfeita, sob o influxo do Espírito Santo. Vivia a sua fé na Igreja e com a Igreja: “Tornados membros do sacratíssimo Corpo de Jesus, devemos nos manter estreitamente unidos a ele, mas, concretamente, no crer e no fazer”.

Educava os jovens a lutar contra o inimigo com as armas “invencíveis” da fé. Lemos no movimentado sonho sobre a fé vitoriosa: “Levantai-vos, levantai-vos, filhos! Reavivemos, fortifiquemos nossa fé, elevemos os nossos corações a Deus!”.

Implorava na oração “aquela fé que transporta as montanhas para o lugar dos vales e os vales para o lugar das montanhas”. Obviamente, ele não transportou as montanhas para os vales, mas se deve à sua fé inabalável se, do nada, elevou verdadeiras montanhas para o céu, no sentido mais que metafórico. Recordemos as três grandes igrejas que ele construiu: de Nossa

Senhora Auxiliadora e de São João Evangelista, em Turim, e do Sagrado Coração, em Roma. Pensemos na expansão da sua obra com meios humanamente inadequados. Para defesa da fé, diversas vezes pôs em risco a própria vida e foi somente a vontade decidida de levar a fé entre os mais distantes que o fez enfrentar a desmedida faina das expedições missionárias.

O santo parecia submerso em um acúmulo de afazeres e de atividades, mas a sua fé era a alma de tudo: sabia apreender o invisível no visível; sabia colaborar, como poucos, com o divino Ressuscitado para a difusão do Reino e a salvação das almas. O padre Viganò escreveu:

Dom Bosco percebia quase espontaneamente a espessura histórica da fé cristã. Também como estudioso e como escritor, é um entusiasta dos aspectos concretos da história da salvação. De fato, mais que um pensador, é um narrador de Deus, um narrador da história sagrada, um narrador da vida dos santos e da história da Igreja.

Sempre lutou para que os seus filhos tivessem uma fé “operante” e “dinâmica” como quer São Tiago (cf. Tg 2,17). Foi um incomparável “educador da fé” de gerações de jovens. Sua exortação a “trabalhar com fé” não era apenas uma convicção arraigada na sua alma: era a expressão do seu viver, uma síntese da sua existência e da sua orientação global em Deus.

Esperança

A esperança está intimamente ligada à fé (cf. Hb 11,1).
Afirma F.-X. Durrwell:

Com efeito, o que constitui o objeto da fé, o poder de Deus que em Cristo opera a salvação do mundo, é ao mesmo tempo o motivo de nossa esperança; quem se encaminha na fé não pode deixar de lado a esperança (Tt 1,1).

Os batizados são crentes e são homens que esperam em

Cristo (cf. 1Cor 15,18).

Para Dom Bosco, como para todos os cristãos, porém em grau superior ao agir comum, a esperança brota da sua fé intensa e lhe dá coragem em suas ousadias, em seus empreendimentos e em suas provas. Aos seus filhos, oprimidos pelas fadigas, recomenda: “Quando estamos cansados, quando temos tribulações, elevemos os olhos ao céu; uma grande recompensa nos espera em vida, na morte e na eternidade”. Eis um modo tipicamente seu de pensar e argumentar. A sua mente não se fixa no passado, nem se fecha no átimo presente, mas se alonga, como por instinto, para as realidades últimas.

Sem anseio pelo eterno, não há esperança. O pensamento do paraíso, motivo de esperança, é, como no padre Cafasso, “uma das idéias soberanas” – expressão de P. Stella – de Dom Bosco, uma dominante da sua vida e dos seus escritos biográficos. A expressão muitas vezes repetida “Um pedaço de paraíso ajusta tudo”, do seu mestre de espírito, se tornou também sua.

O homem que parecia inteiramente absorvido pelas atividades terrenas, na realidade gravitava em volta do eterno. Costumava dizer: “Caminhai com os pés sobre a terra” – eis seu realismo – “mas, com o coração, habitai no céu” – eis a sua esperança.

A esperança, mesmo reconhecendo o “já” da salvação, não se descuida do “não ainda”. Não ignora os riscos e as dificuldades encontradas pelo homem decaído e inclinado ao mal, que vive e faz a história. Por isso, lhe infunde a certeza sobrenatural da presença e da ajuda onipotente do Ressuscitado e do seu Espírito. A inteligência da fé, que leva Dom Bosco a perceber com lucidez o mal do mundo, que precisa ser tratado e prevenido, e as imensas possibilidades de bem, que precisam ser desenvolvidas, também estimula vigorosamente o dinamismo da sua esperança, lançando-o à ação. Repetia com freqüência: “Coragem, trabalhem, trabalhem sempre, porque lá em cima teremos um repouso eterno!”.

Dizia ainda: “Toda a nossa confiança seja posta em Deus, e esperemos tudo dele”. Tudo de Deus e de Cristo, “nossa esperança” (cf. 1Tm 1,1), nosso Salvador. A esperança aguarda por “ele em pessoa, mas com toda a sua obra, a história da salvação, a ordem cristã”, como afirma o teólogo G. Thils. Dom Bosco exortava: “Devemos todos pôr em Cristo nossa confiança, crer nele, esperar nele, porque só Ele, com a sua paixão e morte, nos fez filhos de Deus, seus irmãos, herdeiros dos mesmos tesouros do céu”. E quanto o santo não fez pelo advento do Reino! Quanto não fez para elevar, transfigurar, humanizar a ordem do mundo, das pessoas e das coisas!

A esperança é uma atitude onipresente na vida de Dom Bosco, tanto quanto a fé e a caridade. A esperança é a expectativa dos bens futuros, o arremesso para a posse de Deus, a certeza do Deus “diante de si” e, inseparavelmente, a confiança ilimitada no auxílio do Pai e de Jesus. É a voz de encorajamento do Espírito Santo, que o impulsiona a empreendimentos audaciosos, inéditos, não isentos de riscos. A Escritura ensina que a esperança, mesmo que tenha asas, não está livre da escuridão e das tentações, e nem sempre triunfa. A fé implica luta, combate, prova. À marquesa M. Frassati escreve: “Faz algumas semanas que eu vivo de esperança e de aflições”. Também desse ponto de vista, Dom Bosco se revela grande na esperança, porque capaz de “esperar contra toda esperança” e de tentar o humanamente impossível, confiando apenas na força de Deus.

Repetia muitas vezes a frase de São Paulo: “Tudo posso naquele que me dá força” (Fl 4,13). E ainda: “Nada disso existe no paraíso”; “Coragem! A esperança vos sustente quando a paciência pretenderia faltar”; “A paciência deve ser sustentada pela esperança do prêmio”. E, como costumava fazer, levantava a mão direita para o céu, indicando a sua plena confiança no Senhor.

Outra frase de São Paulo é um motivo recorrente para ele: “Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória

que há de ser revelada em nós” (Rm 8,18). Repetimos ainda que a sua esperança era firme e inabalável, porque ancorada ao “já” da Páscoa do Senhor, do Pentecostes, da realidade da Igreja, dos sacramentos, das primícias do Espírito Santo, que nos são dadas em germe, razão não-última da sua incansável atividade.

Entre os frutos mais belos da esperança na vida de Dom Bosco, lembramos alguns: o júbilo que prorrompe, inerente à certeza do “já” da fé; a paciência inalterável nas provas, aliada às exigências do “não ainda”; a sua sensibilidade pedagógica, na qual têm grande importância a confiança nos recursos positivos da personalidade juvenil; a magnanimidade; a sagacidade; a santa malícia. São virtudes típicas de quem crê e espera firmemente que o seu futuro “não engana”.

Em uma palavra como em cem, quando exortava os seus discípulos a “trabalhar com esperança”, Dom Bosco os convidava a contemplar o paraíso, para o qual somos feitos, e a confiar no auxílio onipotente do Pai celeste e de Maria. Mas, ao mesmo tempo, os levava a se empenhar a fundo para combater os germes do mal que infestam o mundo, e a desenvolver, de maneira otimista, os germes do bem, a fim de construir um futuro melhor para a Igreja e para o mundo. Para ele, isso significava “trabalhar com esperança”.

Caridade

A caridade teologal abrange todas as atitudes da existência cristã, tanto no âmbito da pessoa, como da Igreja e do mundo. Antes mesmo de ser norma ética e mandamento do Senhor, a caridade constitui o “dom primeiro e mais necessário” do Pai (LG n. 42), por meio do Filho e do Espírito Santo, derramado generosamente nos nossos corações (cf. Rm 5,5). É uma atitude de amor radical para com Deus, amado sobre todas as coisas, e para com o próximo, amado por amor a Ele. Deus está sempre

em primeiro lugar: “Deus é amor: quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus permanece nele” (1Jo 4,16). Só o seu amor é causa e fonte do nosso amor pelo próximo. O amor de Deus e do Salvador, uma vez experimentado, nos “constrange” (cf. 2Cor 5,14) a amar a todos, bons e maus, amigos e inimigos, e a amá-los “no espaço da pessoa divina (...) na mesma linha do amor de Deus” – segundo o teólogo S. Dianich –, que manda o seu sol sobre os justos e sobre os injustos.

A caridade amável é o traço mais característico de Dom Bosco, a sua recomendação mais insistente. Não podemos nos repetir: as referências sobre a caridade do santo dos Becchi corre em filigrana, se pode dizer, em todas as páginas do quanto temos dito. Também o aspecto da caridade como morte a si mesmo, como dedicação aos outros, sem restrições e antipatias, em união vital com o Cristo crucificado, está sempre subentendido. Aqui lembramos apenas que, se ele se detém de preferência no exercício da caridade para com o próximo, dá sempre a precedência absoluta ao amor de Deus. Afirmava:

Trabalhar com caridade para com Deus. Só Ele é digno de ser amado e servido, remunerador verdadeiro de todas as mínimas coisas que fazemos por ele. Ele nos retribui como um Pai cheio de afeto. *Charitate perpetua dilexi te...* (Jr 31,3).⁴⁷

O olhar de Dom Bosco sobre Deus não está nunca separado da certeza de que Deus nos ama com ternura infinita, como Pai, e da idéia da recompensa que reserva para os seus eleitos. Deus, dizia, é “infinitamente rico e de generosidade infinita”:

Como rico, pode nos dar copiosa recompensa por todas as coisas feitas pelo seu amor; como Pai de generosidade infinita, paga em medida abundante todas as mínimas coisas que façamos por amor.

“Fazer por amor”, “trabalhar por amor” é toda a sua vida, a sua grande recomendação. Prova-o este testemunho autorizado

do cardeal Cagliero, escolhido entre muitos:

O amor divino transparecia da sua face, de toda a pessoa, de todas as palavras que lhe brotavam do coração, quando falava de Deus no púlpito, no confessionário, nas conferências privadas e públicas e nas próprias conversas familiares. Esse amor foi o único anseio, o único suspiro, o mais ardente desejo de toda a sua vida.

Dom Bosco é certamente um grande apaixonado por Deus, mesmo que saiba se ocultar habilmente.

Como modelo prático de vida a ser proposta aos seus filhos, não encontrou nada melhor que a doce bondade de São Francisco de Sales, a delicadeza da sua caridade mansa e paciente. Não importava a ele, filho de humildes camponeses, que Francisco de Sales fosse um santo aristocrático, filho de príncipes. O que mais admirava nele, “doutor da caridade”, era a coragem demonstrada na defesa e promoção da fé, a constante mansidão e doçura. Entre os propósitos da primeira missa, não foi por acaso que escreveu: “A caridade e a doçura de São Francisco de Sales me guiem em todas as coisas”. E quis que dele – imagem viva do Salvador, como foi definido – a sua Congregação recebesse o nome.

Esses são indícios muito fugazes que deixam entrever a que níveis de profundidade Dom Bosco tenha vivido e inculcado nos outros, com o exemplo e com a palavra, as virtudes teológicas da fé, esperança e caridade, elementos constitutivos de toda santidade. Uma fé, a sua, fundamento e base de tudo; uma esperança radicada no triunfo do Senhor; e uma caridade que é amor que se dá e se doa até ao sacrifício, pois participa do amor infinito de Deus.

Capítulo VII

Com Deus na oração

A intensidade da vida teologal dá a medida da intensidade da vida espiritual. Se esta se tornasse debilitada nos discípulos de Cristo, a Igreja, segundo Santa Catarina de Sena, conseqüentemente se tornaria “inteiramente pálida”. A caridade, por sua vez, que une ao Deus vivo em Cristo e no Espírito Santo, como a fé e a esperança, para crescer e frutificar tem necessidade de se nutrir dos elementos e das energias essenciais próprias da vida cristã. Entre tais elementos, o Concílio Vaticano II insiste na “aplicação constante à oração” (LG n. 42). Uma vez que, como escreve a Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares no documento *A dimensão contemplativa da vida religiosa*, “a oração é a respiração indispensável de toda dimensão contemplativa” (n. 5), que o Concílio Vaticano II define como o esforço para “aderir a Deus com a mente e com o coração” (*Perfectae Caritatis*, n. 5).

A dimensão contemplativa se exprime no universo da liturgia, da escuta da Palavra, da oração, e ainda mais.

Consideremos agora a contemplação orante de Dom Bosco: vamos falar sobre a sua oração “formal”, ou “oração-exercício”, que implica a ruptura com toda forma de atividade – rezar assim é não fazer outra coisa –, e a sua oração “difusa”, ou de “atitude”.

Sobre a oração, nestes últimos anos foram escritos um sem-número de livros, que ocupam estantes inteiras das bibliotecas eclesíásticas. Nem todos igualmente transparentes, nem todos pertinentes. Sobre a essência da oração do cristão, apraz fazer própria a densa formulação de G. Gozzelino:

O específico da oração cristã se resume no fato de ser inteiramente trinitária e eclesial, porque cristológica: responder ao Pai, no Espírito e com a Igreja, como filhos no Filho encarnado. Cânon supremo da oração crente é a doxologia conclusiva das orações eucarísticas, proclamada pelo celebrante em nome de toda a as-

⁴⁷ “Em te amo com amor de eternidade.” [n.e.]

a vós, Deus Pai onipotente, na unidade do Espírito Santo, toda honra e toda glória, agora e sempre. Amém”.

Consciente ou não, o cristão que reza não reza senão assim. E dessa forma rezava Dom Bosco. Há, porém, uma pergunta que precede tudo isso.

Dom Bosco podia rezar?

A pergunta não é retórica: provém diretamente do que acabamos de dizer a respeito da sua atividade multiforme e quase contínua, que parecia seqüestrá-lo da oração explícita, que se verifica tão amplamente na vida de todos os santos. Isso provocou escândalo em um tempo em que não eram poucos os que consideravam o trabalho como um tempo roubado da oração.

Efetivamente, a sua causa de beatificação se chocou contra a dificuldade da presença demasiado exígua da oração na sua vida. De fato, a oração explícita é uma modalidade essencial da vida cristã, e uma modalidade exigente. Quer no plano subjetivo e psicológico, como “elevação a Deus” e como “escuta”, “diálogo” ou “conversação” com Ele, quer no plano objetivo, como “adesão” espiritual ao plano salvífico e ao Reino de Deus já presente sobre a terra, a “oração-rezada” exige a suspensão de toda atividade externa, concentração, recolhimento, lugar e tempo adequados. Todas essas coisas, em uma vida dominada

e como que devorada pela ação, como era a de Dom Bosco, pareciam impossíveis.

O santo havia rezado, sem dúvida, mas, se objetava, não o suficiente. Há de se reconhecer que não era fácil julgar Dom

Bosco com o parâmetro tradicional. No seu modo de agir, ele se demonstrava realmente muito diferente dos outros santos. Num dos depoimentos dos Processos lemos:

É notório que o servo de Deus pedia continuamente e por todas as partes para obter os meios com os quais desenvolver as suas obras. Nisso reconheço que o servo de Deus se mostrou bem diverso do agir dos outros santos, pois os outros teriam feito milagres para não receber herança. Assim foi com São Filipe Néri. Dom Bosco teria feito por havê-la, e a teve, para fazer frente às necessidades do Oratório.

A Censura imputou a Dom Bosco as seguintes atitudes:

Para alcançar os seus objetivos, Dom Bosco contava muito com a sua própria sagacidade, iniciativa e atividade, e se utilizava, nas várias direções, de todos os meios humanos. Mais do que a ajuda divina, buscava os apoios humanos com inexplicável solicitude dia e noite, até o extremo das forças (*usque ad extremam fatigationem*), até ao ponto de não ser mais capaz de atender às obrigações da piedade.

Segundo outro censor, a oração não teria tido quase nenhuma relevância na vida de Dom Bosco: “Em tema de oração propriamente dita, à qual todos os fundadores das novas congregações têm atribuído a máxima importância, se pode dizer que nada encontro (*nihil vel fere nihil reperio*)”. E concluía: “Como se pode declarar heróico alguém que foi tão carente na

prática da oração vocal? (*Poteritne heroicus in pietate dici qui adeo deficiens in oratione vocali apparet?*)”.

A situação se agravava pelo fato que Dom Bosco, fosse também por causa de uma persistente enfermidade nos olhos, da qual sofria desde 1843, mas também em vista das excessivas ocupações, havia obtido de Pio IX a dispensa da recitação do breviário: primeiro de viva voz, depois com rescrito regular da Sagrada Penitenciaria, datado de 19 de novembro de 1864.

Nunca, na história dos processos apostólicos, havia acontecido fato semelhante: “*Nunquam de aliis sanctis viris auditum est!*”.

Devemos convir que o ideal de santidade que se impôs à consciência cristã, como se viu, é algo tão puro e elevado que basta uma leve acusação para lhe baixar a auréola. A idéia que se tinha do sacerdote, depois do Concílio de Trento e sob a influência da escola francesa, era preponderantemente, como lembramos, a de homem de culto e de oração. Dom Bosco se afastava, incautamente, do modelo tradicional dos outros santos, mesmo que só dos de Turim, como, por exemplo, Cafasso, seu mestre, e do próprio Murialdo, o qual empregava também quatro horas na preparação, na celebração e na ação de graças da santa Missa.

Em vão se haveriam de buscar em Dom Bosco aquelas manifestações exteriores de oração que se encontram nos santos contemporâneos, como no Cura d’Ars, em Santo Antônio Maria Claret, ambos grandíssimos apóstolos. Dom Bosco, escreve E. Ceria, “não dedicava longo tempo à meditação, como fizeram outros santos”.

Todavia, possuir um modo próprio de oração não é o mesmo que não rezar ou rezar muito pouco. De fato, não foi difícil superar essa dificuldade, depois de se verificar melhor os depoimentos dos textos citados e de considerar a sua oração na globalidade da sua vida. Uma contribuição decisiva para a causa

de Dom Bosco foi a do padre Rinaldi, que, em 29 de setembro de 1926, escrevendo ao cardeal prefeito da Congregação dos Ritos, atestava, entre outras coisas:

E aqui, Eminência, permita-me acrescentar a minha íntima convicção de que o venerável foi realmente um homem de Deus, continuamente unido a Deus na oração. Nos últimos anos, depois das manhãs dedicadas a receber pessoas de toda classe e condição social que de todas as partes acorriam a ele para pedir conselho ou para receber a sua bênção, costumava permanecer todos os dias retirado no quarto das 2 às 3 horas, e os superiores não permitiam que fosse incomodado naquela hora. Mas sendo eu, de 1883 até à morte do servo de Deus, encarregado de uma casa de formação de aspirantes ao sacerdócio, e tendo ele me falado que fosse procurá-lo toda vez que tivesse necessidade, talvez com indiscrição, mas certamente para poder me aproximar com maior comodidade, rompi várias vezes a prescrição e, não só no Oratório, mas em Lanzo, em São Benigno, onde ficava repetidas vezes, em Mathi e na casa de São João Evangelista em Turim, fui mais de uma vez ter com ele precisamente naquela hora para conversar. E àquela hora, em toda a parte e sempre, todas as vezes o surpreendi, recolhido, com as mãos juntas, em meditação.

Dom Bosco, homem de oração

Diferente, quantitativa e qualitativamente, da de outros santos, a oração de Dom Bosco não era, porém, menos verdadeira e profunda, como provam os fatos. Os depoimentos revelaram pouco a pouco em Dom Bosco uma inopinada e engrandecedora atividade de oração. Faltavam as exterioridades, os grandes gestos, mas a oração irrompia por toda a parte.

Segundo o padre Ceria, de Dom Bosco se podia afirmar o que foi destacado na vida de São Bernardo:

Estava sempre ocupado em muitos afazeres. A periferia, naquela

sua vida, não causava aborrecimento ao centro e o centro não causava aborrecimento à periferia. Periferia era a atividade exterior, centro o recolhimento místico interior.

Pode-se dizer, conforme o padre Barberis, “que rezava sempre. Eu o vi centenas de vezes subindo e descendo as escadas sempre em oração. Pelos caminhos também rezava. Nas viagens, quando não corrigia provas, o via sempre em oração”. Aos seus salesianos, Dom Bosco costumava orientar: “No trem não se fique nunca ocioso, mas reze o breviário, recite o terço de Nossa Senhora, ou leia algum bom livro”.

Em qualquer momento que lhe pedissem conselhos espirituais, os tinha sempre prontos, “como naquele momento estivesse saindo da conversa com Deus”.

Embora dispensado da recitação do breviário, na realidade o rezava quase sempre e com grande devoção. Impedido por força maior, o supria, como se deduz desta promessa formal e heróica, “com não praticar ato ou pronunciar palavra que não tivesse em vista a glória de Deus”.

Testemunhas irrepreensíveis dizem que, quando rezava, “tinha algo de anjo”. Depôs o coadjutor Pedro Enria:

Rezava de joelhos, com a cabeça levemente inclinada, e mantinha um ar sorridente. Quem estivesse perto dele também era levado a rezar bem. Vivi com ele durante trinta e cinco anos e sempre o vi rezar assim.

Considerava a oração como a partilha voluntária, da parte de Deus, da sua onipotência com a fraqueza humana e lhe dava uma precedência absoluta: “A oração, eis a primeira coisa”; “Não se começa bem senão do céu”.

A oração era para ele um “*primum*” absolutamente indispensável, porque a oração “obté tudo e triunfa de tudo”. Ela vem a ser o mesmo que é “a água para o peixe, o ar para o pássaro,

a fonte para o cervo, o calor para o corpo”, “para o soldado, a espada”. “A oração faz violência ao coração de Deus.”

Pregando os exercícios aos seus jovens salesianos, recomendava o dito do Apóstolo: “*Sine intermissione orate*” (1Ts 5,17).⁴⁸ Com prazer fazia próprios os altos elogios que a tradição cristã sempre fez da oração; “Os Padres a chamam a corrente de ouro com que nos ligamos ao céu, o pão da alma, a chave do paraíso”. Não é possível empenho cristão sem oração: “Todos aqueles que se entregaram ao serviço do Senhor fizeram constantemente uso da oração”. Também a vigília noturna devia ser ocasião de oração:

Chegada a hora do repouso, se deitar com as mãos juntas sobre o peito. Rezar até que estejamos adormecidos e, toda vez que acordarmos durante a noite, retomar a oração. Recitar jaculatórias, beijar o escapulário, ou o crucifixo, ou a medalha que se carrega na veste. Ter na cela um pouco de água benta: fazer o sinal da santa cruz com fé.

Dir-se-á que se trata de gestos devotos superados pelo tempo. Não obstante, são simplesmente atos radicados na piedade cristã, vivos na vida e na práxis de almas simples até hoje. Por que não deixar ao Espírito a liberdade de inspirar como quer e onde quer?

A sua instituição está fundada sobre a oração: “Dei o nome Oratório a esta casa para indicar bem claramente como a oração é a única potência na qual podemos depositar confiança”.

Em Valdocco se respirava no ar a oração e o espírito de oração. Podia ser lido no semblante dos seus moradores, muitos dos quais formariam a primeira geração salesiana. Escreve o padre Ceria:

Nós chegamos a conhecê-los: homens tão diferentes em talento e cultura, tão desiguais em seus hábitos. Em todos, porém, se destacavam certos traços comuns característicos, que constituíam quase os seus contornos de origem: calma serena no dizer e no

fazer; paternidade bondosa nos modos e expressões; mas particularmente uma piedade, que se percebia ser, no conceito deles, o *ubi consistam*, o fulcro da vida salesiana. Rezavam muito, com grande devoção: dava-se muita importância a que se rezasse e se rezasse bem; parecia que não soubessem dizer quatro palavras em público ou em particular sem que nelas se introduzisse, de algum modo, a oração. Não obstante, (...) esses homens não demonstravam possuir graças extraordinárias de oração. De fato, nós os víamos cumprir, com ingênua simplicidade, apenas as práticas exigidas pelas Regras ou transmitidas pelos nossos costumes.

A oração de Dom Bosco, que é oração de apóstolo e educador, tem, de qualquer maneira, características e originalidades próprias: autêntica e completa na substância, linear e simples nas suas formas, popular nos seus conteúdos, alegre e festiva nas suas expressões, é verdadeiramente uma oração ao alcance de todos e, em especial, das crianças e dos humildes.

É sobretudo a oração dos fiéis de vida ativa e dos apóstolos, sendo intrinsecamente ordenada à ação e vinculada a ela. Sua oração, portanto, não é nunca desinteresse e fuga do mundo e da tarefa de transformá-lo segundo o projeto de Deus, ou dos homens que precisam ser conquistados para Cristo. A expressão de Dom Bosco *Da mihi animas, caetera tolle*, mais do que o seu lema, é sempre a sua mais ardente oração. Uma oração de natureza apostólica, porque toda forma de oração é marcada pela vocação e missão específica.

Como na vida de todo apóstolo autêntico, na de Dom Bosco a oração explícita precede, acompanha – nas formas idôneas – e segue a ação como um fator irrenunciável e necessário.

Precede-o, porque é na oração que Dom Bosco pensa a ação, em Deus e segundo Deus, e a endereça segundo o seu querer e a sua glória: “Nós começamos as nossas obras com a certeza de

⁴⁸ “Orai continuamente!” [n.e.]

que Deus as quer”. Essa certeza era fundada na oração. Antes de assumir a responsabilidade de fundar o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, “as orações comuns e individuais” de todo o mês de maio, feitas por ele e pelos seus colaboradores mais diretos, foram orientadas para esse fim. Pio XI interpretou bem o agir de Dom Bosco quando disse: “É com a oração e com o sacrifício que se prepara a ação”.

Acompanha-o, nas breves pausas de meditação, como pedido de graça e como súplica de auxílio na hora do cansaço e da prova: “Não deixemos o ânimo se abater nos perigos e nas dificuldades; rezemos com confiança e Deus nos dará sua ajuda”. A oração, assegurava, “é uma poderosa colaboração”, e acrescentava: “Se não possuímos absolutamente nada [para fazer esmola], existe a obra das obras: a oração”. São expressões sobre as quais não se pode passar por cima com leviandade: só podem vir de quem vive em união incessante com Deus e que fez da oração o respiro da própria vida.

Segue-o como ação de graças: “Como o Senhor é bom!”; “Deus faz as suas obras com magnificência!”.

A oração de Dom Bosco não vive no limbo das boas intenções: toma corpo no que ele chama “práticas de piedade”. O padre Caviglia escreve:

Dom Bosco não criou nenhuma forma especial de prática ou de oração ou devoção, como a salve-rainha, o rosário, os exercícios, a via-sacra e assim por diante. Ele é indiferente às fórmulas e, em certo sentido, também às formas. É realista e simplificador, e considera a substância.

Mesmo como fundador, não sente a necessidade de impor aos seus discípulos outras práticas comunitárias que não sejam as do “bom cristão” e do “bom padre”, tratando-se de padres.

Do padre exigia, essencialmente, o que se praticava no Colégio Eclesiástico: celebração devota da santa missa, ofício das

horas, meditação, leitura espiritual, além das práticas e devoções do bom cristão. Quais fossem as “práticas do bom cristão” não é difícil dizer. São as orações e os atos de piedade – incluindo também a recitação de fórmulas que não são propriamente oração, como por exemplo, as sete obras de misericórdia corporais e espirituais, os dez mandamentos etc. – apresentados no catecismo da diocese de Turim, que permanece inalterado no tempo de Dom Bosco, ou contidos nos regulamentos de vida propostos por autores espirituais. A isso se juntavam as outras práticas cotidianas, semanais, mensais, anuais, que estavam vivas no tecido cristão, como: a confissão e comunhão freqüentes, as visitas ao santíssimo Sacramento, o retiro mensal da boa morte, os exercícios espirituais anuais, reflorescidos em Turim no início do século XIX.

Nessas práticas devocionais que vicejavam ao lado da ação litúrgica e, freqüentemente dentro da própria liturgia – haja vista a maneira com que se participava da santa missa –, Dom Bosco via o traçado concreto, e podemos dizer também ideal, da vida de oração dos pobres. Era, com efeito, o itinerário de oração proposto pela Igreja, e a Igreja jamais propõe meios inadequados de santidade.

Apontando para os “deveres gerais do bom cristão”, Dom Bosco apontava, portanto, para o alto. Quantitativamente, porque oferecia à iniciativa pessoal a possibilidade de um grande número de “práticas” ou de “exercícios”: basta percorrer *O jovem instruído*, que é o manual de oração proposto pelo santo aos jovens, para se tomar consciência dela. Qualitativamente, porque Dom Bosco sabia inocular nos seus jovens o “gosto” pela oração e o “espírito de nobre precisão” de que falava o papa Pio XI.

Insistia: “As genuflexões e os sinais-da-cruz sejam bem-feitos, para induzir à oração”. Se, em sintonia com o espírito do seu tempo, Dom Bosco enfatiza as práticas devocionais, é também fato que ele não tolera exageros ou intimismos perigosos. O critério que o guia é prático e autenticamente sobrenatural.

Não podemos esquecer que a sua escola de oração produziu jovens santos e heróicos. Não consideramos tampouco um erro o de haver formulado a vida de oração numa visão preponderantemente ascética, como se usava então. Todavia, a *Laus Deo*,⁴⁹ a “dimensão mistagógica da liturgia”, eram sempre as pilastras da vida cristã. O cristão se encontra imerso na oração e na ação litúrgica da Igreja, que ritualiza ao longo do ano os mistérios da vida de Cristo, mistérios-para-nós. É impensável que Dom Bosco não vibrasse com a oração litúrgica, por pobre que fosse, porque imperava o devocionismo. Mas também não é verdade que o devocionismo não produzisse bons frutos. As práticas devotas, dizia Dom Bosco, “são o alimento, o apoio e o bálsamo da virtude”.

Podemos dizer, com absoluta certeza, que ele, tão fiel às disposições da Igreja e do papa, acolheria hoje com entusiasmo as orientações e as linhas de renovação litúrgica propostas pelo Concílio Vaticano II. Não esqueçamos que, a seu modo e no seu tempo, ele apareceu como inovador da liturgia juvenil. Queria-a, de fato, rica em participação e em envolvimento, cheia de espontaneidade e de iniciativa, variada e festiva, aderente à vida e voltada para a eternidade.

As orações breves

Na redação primitiva das Constituições, escritas entre 1858-1859, lemos: “A vida ativa a que tende a nossa Congregação faz com que os seus membros não possam ter comodidade para realizar muitas práticas em comum”. Essa expressão insinua, implicitamente, que são possíveis e recomendáveis muitas outras formas de oração pessoal. Entre elas, Dom Bosco, seguindo o ensinamento do Colégio Eclesiástico, deu sempre grande importância às jaculatórias.

A *oratio iaculatoria*, “furtiva”, é a oração “pura” e “breve” da tradição monástica, que prolonga na jornada a oração do coro.

Os antigos a consideravam o fruto mais belo da *lectio divina* e da *meditatio*. Santo Agostinho fala dela como de “rápidas mensagens que partem para o endereço de Deus”. São Francisco de Sales as define como “breves, porém ardentes impulsos do coração” para Deus, e acrescenta: nelas “consiste a grande obra da devoção”. Na opinião de G. Gozzelino, “é o fato mais realista da oração que se torna verdade no respiro da alma”. Alterna momentos de maior proximidade e mais intensos com outros mais virtuais e implícitos.

Não era outro o modo de pensar de Dom Bosco, o qual via nas jaculatórias como que um concentrado da oração vocal e mental da manhã:

As jaculatórias juntam brevemente a oração vocal e mental (...), partem do coração e vão a Deus. São dardos incendiados que enviam a Deus os afetos do coração e ferem os inimigos da alma: as tentações e os vícios.

Para o santo, em caso de necessidade, elas podiam substituir a meditação que fosse impedida:

Todos os dias cada um, além das orações vocais, fará ao menos meia hora de oração mental, a não ser que seja impedido pelo exercício do sagrado ministério. Nesse caso supri-la-á com a maior frequência possível de jaculatórias e oferecerá a Deus, com maior fervor e afeto, os trabalhos que o impedem de cumprir os exercícios de piedade estabelecidos.

Chamava a essa suplência “meditação dos mercadores”:

Recomendo a oração mental. Quem não puder fazer a meditação metódica por ocasião de viagens ou de algum compromisso ou tarefa que não possa esperar, faça ao menos a meditação que eu digo dos mercadores. Estes pensam na compra das mercadoria,

⁴⁹ “A Deus o louvor.” [n.e.]

na sua venda com lucro, nas eventuais perdas, nas que já teve e em como repará-las, nos lucros obtidos e nos que pode conseguir a mais, e assim por diante.

É o que São Francisco de Sales – com uma imagem mais familiar aos seus destinatários – afirma na *Filotéia*, livro que Dom Bosco não conheceu:

Assim como os que estão presos por um amor humano e natural têm quase continuamente o pensamento voltado para o ser amado, o coração cheio de afeto para com ele, a boca repleta dos seus louvores (...), do mesmo modo os que amam a Deus não podem deixar de pensar nele.

As aspirações, as jaculatórias – oração fácil, essencial, secreta, sempre ao alcance da mão – serviam maravilhosamente, sem dúvida, ao santo dos jovens para manter alerta o pensamento em Deus. O fervor com que prorrompiam do seu coração na idade avançada demonstram o quanto essa forma de oração estava arraigada na sua vida.

Oração-atitude

Os exercícios de piedade e as orações breves (oração-exercício) não representam toda a oração de Dom Bosco. Uma outra forma, predominante ou quase contínua, é a que, sob diversas conotações, apresenta significados afins: oração “geral”, “implícita”, “virtual”, “difusa”. Atualmente se prefere chamá-la “oração de vida”, “oração na situação”, “oração-atitude”. É consciência da presença diante de Deus e atenção a ele nas atividades do dia-a-dia.

É oração verdadeira – louvor, adoração, oferenda etc. – porque é um caminhar com Cristo dentro das realidades humanas e um viver nele, com Ele e por Ele. Verdadeira, diria Leonzio di Grandmaison, em sentido geral, porque “nos une a Deus,

nos torna flexíveis e dóceis às suas inspirações, nos harmoniza com a sua vontade de preferência e de beneplácito, e porque, mesmo supondo certo número de atos positivos, persevera ainda depois, por muito tempo, e informa nossa vida bem além dos poucos momentos consagrados a tais atos”. É o estilo cristão da existência, a liturgia da vida, com a qual os fiéis “se oferecem em serviço de amor a Deus e aos homens, aderindo à ação de Cristo” (Constituição apostólica *Laudis Canticum*, sobre a Liturgia das Horas, n. 8). É a maneira prática de cumprir a palavra do Evangelho: “Orai sempre”.

Desde Orígenes, a tradição cristã aplica essas palavras também à oração explícita, ou das “boas obras”, da “vida digna”. Reza sempre quem reza todos os dias e no tempo de agir só pratica obras boas, conformes à vontade de Deus.

Santo Agostinho afirma: “*Non tantum lingua canta sed etiam assumpto bonorum operum psalterio*” [“Canta a Deus não só com a língua, mas também tomando nas mãos o saltério das boas obras”]. Guiado pelo Espírito, Dom Bosco se movimenta perfeitamente nesse horizonte.

É muito significativo o fato que ele, redigindo as Constituições para os seus salesianos, coloque no capítulo das práticas de piedade dois artigos que se referem mais às boas obras do que à oração propriamente dita:

A vida ativa à qual tende a nossa Congregação faz com que os seus membros não possam ter comodidade para realizar muitas práticas em comum. Procurarão suprir com o bom exemplo recíproco e com o cumprimento perfeito dos deveres gerais dos cristãos.

A compostura da pessoa, a pronúncia clara, devota, distinta das palavras dos ofícios divinos, e a modéstia no falar, ver, caminhar em casa e fora de casa devem ser coisas características dos nossos sócios.

Estamos na linha de pensamento de São Paulo: “Tudo o

que disserdes ou fizerdes, que seja sempre em nome do Senhor Jesus, por ele dando graças a Deus Pai” (Cl 3,17). O Apóstolo é ainda mais claro: “Quer comais, quer bebais, quer façais outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10,31).

A linguagem da oração é usada a propósito do modo cristão de viver. Rezando ou trabalhando, é possível o contato real e a união indestrutível com Deus. Assim pensava Dom Bosco quando exortava – “e o fazia milhares e milhares de vezes”, segundo o cardeal Cagliero – a trabalhar para a “glória de Deus”, aderindo profundamente à vontade dele.

O amor de caridade, vértice da vida teológica, dá consistência e unidade à vida. Trabalho e oração não são senão dois momentos do mesmo amor.

Nesse sentido, mas só nesse sentido, se pode dizer que trabalho é oração. E esse, segundo o padre Ceria, foi o grande segredo de Dom Bosco, o seu traço mais característico: “A diferença específica da piedade salesiana está no saber fazer do trabalho oração”. Pio XI lhe deu solene confirmação:

Esta era, com efeito, uma das suas mais belas características, isto é, a de estar presente a tudo, atarefado em uma confusão contínua, aflito de trabalhos, entre uma multidão de pedidos e consultas, e ter o espírito sempre em outra parte, sempre no alto, onde o sereno estava sempre imperturbado, onde a calma sempre dominava soberana, e de tal modo que nele o trabalho era mesmo oração efetiva, se verificando o grande princípio da vida cristã: *qui laborat orat*.

Não existem santos sem oração extraordinária e tal foi a de Dom Bosco. Uma oração íntima, sentida, sem fendas, escondida sob um semblante sereno e um agir espontâneo que, porém, era preciso saber descobrir.

Foi um trabalhador extraordinário, mas também um grande homem de oração. Rezava muito a sós, silenciosamente, e quase

furtivamente, pois lhe causava repulsa se fazer notar; rezava com os seus jovens “sempre”, até ao ponto em que as suas ocupações lho permitiram; rezava antes de fazer as pregações, antes de exercer o ministério, antes de se aproximar de personagens importantes, antes de enfrentar situações delicadas e difíceis. Rezava mais intensamente na hora das provas duríssimas que atravessaram a sua vida. Como educador, não se cansou de insuflar no ânimo dos jovens o amor pela oração, de uma forma que se tornava agradável, na medida do jovem. Queria-a, porém, sincera, fervorosa, cheia de fé: “As orações devem ser manifestações de fé que convidem os assistentes a louvar a Deus”.

O padre Albera, profundo conhecedor do seu espírito, afirma: “Ele queria que as próprias obras de piedade fossem mais espontâneas do que prescritas”. Quando avistava, ao longo do dia, um bom número de jovens ir à igreja espontaneamente para rezar, exultava: “Esta é para mim a consolação máxima”.

De consciência delicada, sentiu a necessidade de deixar estas linhas no seu testamento espiritual – que não tem nenhum parentesco, por exemplo, com o de São Leonardo Murialdo, muito mais rico, pois o de Dom Bosco é mais simples, familiar, prático e, ao mesmo tempo, afetuoso:

Devo mesmo apresentar as minhas escusas se alguém observou que várias vezes fiz uma preparação ou uma ação de graças à santa missa excessivamente breve. Eu era de certo modo constrangido a isso pela multidão de pessoas que me cercavam na sacristia, tolhendo-me a possibilidade de rezar seja antes, seja depois da santa missa.

Essa humilde confissão fala por si mesma da importância que ele atribuía à oração. Não sem razão a Igreja o propõe, hoje como ontem, como modelo de oração a todos os fiéis que são continuamente tentados, na sua vida de oração, pelo materialismo secular, pelo aparente silêncio de Deus na história, pela

febre da ação pela ação, e pelo sucesso sem alma, sem ideais para propor.

Capítulo VIII

Com Deus na ação

A vida de Dom Bosco é verdadeiramente perpassada pela oração – nas suas diversas expressões – como o leito do rio por suas águas. A sua intensa união com Deus sorve perenemente dessa fonte inexaurível. A mesma afirmação pode ser feita a respeito da sua multiforme atividade: da mais sagrada à mais cotidiana e rotineira, ele soube vivê-la como lugar do seu encontro habitual com Deus, como o leitor pôde constatar até aqui. Parece, no entanto, legítimo, e um dever, mesmo que seja apenas a título de corolário, precisar melhor como é possível imprimir interioridade e significado sobrenatural à ação enquanto tal e averiguar como Dom Bosco o fez.

Partindo do pressuposto que a união com Deus na ação, é, essencialmente, participação, em graus diversos, no próprio agir de Deus Criador e Salvador, podemos distinguir, simplificando, três campos de ação ou três tipos de mediação, dos quais o santo se serviu para entrar e permanecer em comunhão com Deus: a especificamente sacerdotal, a caridade pastoral e as atividades profanas.

Com Deus no ministério

As atividades ministeriais, que Dom Bosco desenvolveu em virtude do caráter sacerdotal e que o configura a Cristo Cabeça e faz dele um colaborador essencial do bispo, para a edificação da Igreja, se distinguem, como salientam os autores, de qualquer outra forma de atividade beneficente. Elas são a continuação e o prolongamento da própria atividade redentora de Cristo, que difunde a sua mensagem de salvação e comunica a

vida divina. Nesse tipo de ação, Dom Bosco opera *in persona Christi* [na pessoa de Cristo], é o seu “instrumento vivo”. Por isso, não só as suas intenções são espirituais, mas é espiritual também a própria estrutura da ação que realiza, no sentido em que prolonga diretamente o agir salvífico e atual de Cristo.

Dessa forma, o agir apostólico facilita em muito a união com Deus. “Basta que o apóstolo, por assim dizer, adira seriamente à sua atividade apostólica, para que penetre na ordem sobrenatural e participe na efusão da graça”, afirma Ch. Bernard. Ou seja, basta que corresponda à “graça especial” do seu sacerdócio para que lhe seja permitido “tender mais adequadamente à perfeição daquele a quem representa, e para que a santidade daquele que se fez por nós Pontífice (...) possa remediar à fraqueza do homem carnal” (*Presbyterorum Ordinis*, n. 12).

Em uma palavra, basta que saia, digamos assim, fora de si (êxtase) e se una intensamente à ação com a qual Cristo ressuscitado continua a realizar a salvação do mundo, para entrar em sintonia com Ele e se tornar progressivamente conforme a Ele.

É o que fazia Dom Bosco, movido pelo seu instinto espiritual. Mesmo com uma visão teológica sobre o sacerdócio muito pobre, sob o impulso do Espírito e com a guia do excepcional formador de sacerdotes que foi padre Cafasso, ele fez da sua identificação mística com Cristo sacerdote a alma da sua alma. Nesse sentido as graves admoestações que os bispos celebrantes lhe dirigiam, à medida que se aproximava das ordens sacras, o ajudaram a se orientar: *“Imitamini quod tractatis”* [“Vivei o que fazeis”]. Estimulava-o o catecismo da diocese, que sugeria, entre os modos de como assistir ao divino sacrifício, o de “se unir aos fins” pelos quais se celebra, de “contemplar a paixão e morte de

Jesus Cristo”, de “se unir a ele espiritualmente”. Ele próprio, desde a primeira edição de *O jovem instruído*, havia indicado um “Modo de assistir com fruto à santa missa”, inspirado em textos antigos e rico em pensamentos simples e tocantes. No

ponto sobre “Advertência inicial”, se lia: “Compreendi bem, ó filhos, que no assistir à santa missa fazeis o mesmo como se vísseis o Divino Salvador sair de Jerusalém e carregar a cruz sobre o Monte Calvário (...), e lá derramar o seu sangue até a última gota” pela nossa salvação. Mas o catecismo sugeria também que durante a missa podiam ser recitadas outras orações. A prática do rosário, já difundida e que a certo ponto Dom Bosco considerou a mais adequada para os seus jovens, se tornou uma constante.

Humilde, nunca rejeitou demonstrações de respeito todas as vezes que eram voltadas a honrar nele a dignidade do sacerdote, imagem viva de Cristo. Um dia, disse a algumas pessoas que o elogiavam: “Estou muito contente que se tenha tanta estima pelo caráter sacerdotal; por mais que se fale bem do sacerdote, nunca se dirá o suficiente”.

Considerou-se sempre e apenas, como teve oportunidade de repetir em diversas circunstâncias, um humilde instrumento nas mãos “sapiéntíssimas e onipotentes” de Deus. Chegou a dizer um dia, como já lembramos: “Eu creio que, se o Senhor houvesse encontrado um instrumento mais vil, mais fraco que eu, teria feito cem vezes mais do que eu fiz”. Como acontece com os santos, quanto mais próximos e unidos a Deus, tanto mais se abismam na humildade.

No exercício das suas funções sacerdotais, Dom Bosco se mostrava um homem completamente abstraído das coisas deste mundo, tanto estava recolhido em Deus. Todos podiam

constatá-lo quando celebrava a santa missa, quando falava de Deus com uma unção que lhe vinha de regiões superiores. Como observa o padre Ceria, permanecia, por exemplo, no confessionário “muitas horas seguidas, inteiramente compenetrado no seu ministério, sem mostras de tédio, sem nunca interromper por razões humanas”. E continua:

Não suspendia sequer quando interesses excepcionais pareciam aconselhar fazê-lo. É inútil discutir: para os santos, não existem negócios terrenos que prevaleçam em confronto com os interesses celestes.

Assim era Dom Bosco. Nele, o exercício do sagrado ministério era realmente ocasião cotidiana para crescer “no amor de Deus e do próximo” (LG n. 41).

Com Deus nas atividades caritativas

Dizer Dom Bosco é dizer caridade: caridade inexaurível no trato com o próximo, caridade inefável ao consolar aflitos e confortar moribundos, caridade heróica na busca dos meios para praticar a caridade.

Prova-o sua vida inteira. Ora, o fato de que ele, nas suas relações de caridade para com todos – tão envolventes e ricas de calor humano – não operasse mais *in persona Christi* e, por isso, não fosse mais o seu prolongamento direto na atividade salvífica e santificadora, não impedia que fizesse da sua caridade uma mediação privilegiada da sua habitual união com Deus. E isso sobretudo por três razões bem conhecidas.

A primeira, porque a caridade é dom do amor infinito de Deus que apela à liberdade de escolha do amor correspondido: “Procurai o amor” (1Cor 14,1); “Vivei no amor” (Ef 5,2).

A segunda advém do fato que toda ação positiva em favor do próximo, toda relação de verdadeiro amor e de troca recíproca

é sempre participação em Cristo na ação mesma de Deus-Trindade, na qual cada Pessoa existe só para se dar e se doando.

A terceira, porque todo exercício de caridade para com o próximo é o cumprimento do grande mandamento de Jesus: “Amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34). As boas obras feitas pelos justos são feitas a Jesus: “Foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40).

O serviço ao próximo que prescindisse de Deus e do seu amor não seria caridade, assim como não o seria um amor de Deus que prescindisse da caridade. É o que afirma o padre Viganò: “O verdadeiro Deus é inconcebível sem o seu inefável amor ao homem; e o verdadeiro próximo é impensável, a não ser como imagem de Deus”. A tradição cristã, de Santo Agostinho a São Gregório, a São Bernardo e aos santos modernos, nunca separou a vida cristã do empenho da caridade. Quando se impõe a escolha entre a oração e um dever certo de caridade, todos afirmam que o dever de caridade é mais urgente, porque é a resposta a uma vontade de Deus mais evidente (cf. Mt 25,31-46). Dom Bosco se movimentou sempre nessa perspectiva. Amava a Deus no próximo e o próximo em Deus. Escreve o padre Rua:

Ele via no seu próximo a obra de Deus, e Deus mesmo no próximo. Via em cada um dos homens um irmão em Jesus Cristo e por isso os amava por amor de Deus. (...) Não era simplesmente simpatia natural. Era o amor de Deus, a caridade de Jesus Cristo que o estimulava a se gastar todo pelo seu próximo.

Estava convencido de que os jovens são a “delícia e a pupila dos olhos de Deus”, e os amava com uma predileção sem limites. E quanto mais estavam próximos ao Salvador por causa da pobreza e do abandono deles, mais estimulavam a sua caridade industriosa.

Mas é preciso dizer também que o próximo – especialmente os jovens – constituiu o sacramento no qual ele se encontrava cotidianamente com o Senhor. Os jovens são a “respiração” do mundo. Dom Bosco respirou a plenos pulmões o “sopro vital”

deles, que lhe dava juventude, audácia, alimento espiritual, alegria, cada vez novos. Entre ele e os seus alunos, houve sempre, de fato, um mútuo dar-se e receber que o deixava repleto de satisfações profundas: “Oh! qual não é a satisfação que se experimenta quando se chega à noite cansado e desprovido de forças, tendo empregado todo o dia para a glória de Deus e a salvação das almas!”.

Com Deus nas atividades profanas

Até mesmo das atividades de caráter predominantemente profano, que abundaram na sua vida – trabalhos manuais, atividades profissionais, escola, imprensa, cultura etc. – Dom Bosco fez lugar do seu encontro com Deus, caminho para se elevar a Ele.

Primeiramente, porque toda atividade que tenha por objeto exclusivo a criatura, contanto que seja honesta, é sempre participação no agir de Deus, na sua benévola vontade escrita nas coisas e reguladora dos eventos. A tradição cristã, desde sempre, vê Deus presente no universo mediante a primeira revelação. Também o empenho profissional, social, técnico, sendo cooperação com a intenção criadora de Deus, em si é bom e pode ser transfigurado e recapitulado no mistério da encarnação e da redenção.

Sabemos que Dom Bosco santificava as atividades profanas orientando-as intencionalmente para Deus. A reta intenção tem uma grande importância na sua espiritualidade, no trabalho santificado. Dizia: “Para santificar o trabalho, basta fazê-lo com reta intenção, com atos de união ao Senhor e a Nossa Senhora, realizando-o da melhor forma que pudeses”.

Às Filhas de Maria Auxiliadora, que lhe pediam: “Fala-nos como é estar sempre na presença de Deus”, ele respondia:

Seria verdadeiramente sublime!... Mas podemos proceder assim: renovar a intenção de fazer tudo para a maior glória de Deus

toda vez que se muda de ocupação. Não é, pois, tão difícil criar o hábito da contínua união com Deus.

Dom Bosco não se contradiz: mesmo onde o seu trabalho parece marcado pelo profano, as suas motivações são elevadas. Os interesses do Reino e das almas dominam tudo. Aos seus salesianos confidenciava:

Os homens do mundo podem dizer que o tempo dos religiosos passou e que os conventos se desmoronam em toda a parte. Nós queremos, a qualquer custo, cooperar com o Senhor na saúde das almas.

E se lamentava porque, em Paris como em Washington, em Londres como em Florença, não se tratasse e discutisse senão a propósito “de exércitos, de guerras, de conquistas, de finanças”. A grandeza das suas intenções dava às coisas um conteúdo novo.

O valor da intenção, diz o teólogo Teilhard de Chardin, “infunde uma alma preciosa em todas as nossas ações”. A reta intenção, isto é, a vontade de servir unicamente a Deus, é “verdadeiramente a chave de ouro que abre o nosso mundo interior à presença de Deus. Exprime com energia o valor substancial da vontade divina”.

A intenção é um elemento muito positivo da vida no Espírito: seremos julgados com base nas intenções do nosso agir. Verdade é que “a oração e a reta intenção não bastam para mudar a qualidade intrínseca de uma ação, de um trabalho ou de um produto, e podem até degenerar em evasão do empenho na práxis”. Mas no seu santo realismo, Dom Bosco não dissociava a boa intenção das boas obras. Às boas intenções, das quais o inferno está calcetado, preferia a obra, mesmo que não fosse demasiado perfeita. Só a boa obra é a demonstração prática e a régua segura para medir o verdadeiro amor de Deus.

A reta intenção não era, porém, o único meio pelo qual Dom

Bosco santificava as atividades profanas. Ele as assumia e vivia sistematicamente como “deveres de estado”, como exigência de uma clara disposição divina da qual não se pode esquivar. Tende-se hoje a colocar o silenciador sobre tudo quanto soa como imposição ou dever. Na época de Dom Bosco, a “espiritualidade do dever” estava no auge. Também no campo profano, a ética kantiana tinha o seu séqüito. Para além de possíveis falsas interpretações, lembramos que se trata de um valor que não perdeu nem a sua importância nem a sua atualidade.

De fato, se considera como certo que a realidade presente, mesmo profana, contém a vontade de Deus. D. Caussade escreve:

A ordem de Deus é a plenitude de todos os nossos momentos. Exprime-se sob mil aparências diversas, que se tornam necessariamente o nosso dever presente, formam, fazem crescer em nós o homem novo até a plenitude que a Sabedoria divina estabeleceu para nós.

Quanto mais o olhar de fé, de esperança e de amor discernir a presença de Deus nas coisas, tanto mais será facilitado o abandono à sua vontade no momento presente, e é isso o que verdadeiramente conta. O pleno abandono à vontade de Deus é a expressão mais alta do seu amor, como afirma G. Gozzelino:

Ama quem faz tudo o que Deus quer, em adesão radical ao querer de Deus. Ama quem o faz porque Deus o quer, sem outra razão como fundamento que esse querer de Deus. Ama quem o faz do melhor modo possível, como exige a excelência de Deus.

Dom Bosco vive nessa óptica e dessa óptica. Com efeito, ele considera o dever cumprido exatamente como mediação segura e fácil para realizar a união prática com Deus.

Daí a sua proverbial e quase contínua insistência junto dos discípulos e jovens sobre o “Deus te vê”, sobre a necessidade de viver e trabalhar à presença e na presença de Deus: “Esse pensamento da presença de Deus [aqui e agora] deve nos acom-

panhar em todo tempo, em todo lugar, em toda ação”. “Cada um execute os deveres do seu ofício na presença de Deus.”

A espiritualidade de Dom Bosco é decididamente, não exclusivamente, uma espiritualidade do dever. O padre Caviglia o afirma com autoridade:

A precisão no dever é, para Dom Bosco, o primeiro artigo de toda santidade, o primeiro postulado da espiritualidade (...). Quem conhece de perto o santo educador sabe que essa concepção estava na base de todo o seu trabalho educativo, tanto no ambiente da vida comum quanto no espiritual.

Teria o santo, que deu tanta importância ao trabalho e à atividade em geral, intuído que também as atividades profanas podem se orientar para Deus a partir de dentro – desde que sejam honestas – em razão da sua consistência e relativa autonomia? São perspectivas modernas que a espiritualidade tradicional não questionava.

Graça de unidade

Se é verdade que quem é guiado só pela “boa intenção” dificilmente consegue evitar uma certa dicotomia ou separação entre vida espiritual de um lado, e vida ativa de outro, precisaremos encontrar algum traço dessa divisão em Dom Bosco.

Santos como Agostinho, Gregório Magno e muitos outros, inclusive o próprio Cafasso, sempre sentiram, na plenitude da sua atividade, uma forte nostalgia dos tempos destinados à oração. Nada semelhante se encontra na vida de Dom Bosco. Quando à noite, com Mamãe Margarida, conserta os rasgões das roupas que os jovens fizeram durante o dia, não lamenta outros trabalhos mais sacerdotais, não se mostra dividido entre oração e ação, não sente a nostalgia de outro lugar. Ao contrário,

aceita o profano e o transforma, unificando-o com a “graça da unidade entre interioridade e operosidade”, que é um único movimento de caridade para com Deus e para com o próximo.

Nessa graça de unidade da vida interior de Dom Bosco, explica o padre Viganò, encontramos o elemento estratégico da interioridade salesiana. Unidade entre o quê? Entre o olhar lançado para Deus – adoração, escuta, oração – e “o empenho de salvação que lança entre os jovens”. O padre Viganò explica:

De modo, porém, que esse empenho não seja uma distração daquele olhar, e que o olhar não seja uma evasão do empenho, de modo que um alimente o outro, que um seja o apoio, o momento de busca e ponto de referência para o outro. É mais fácil dizê-lo que praticá-lo, disso estamos todos convictos. Mas Dom Bosco o viveu assim.

A graça da unidade pode ser considerada o eixo da sua espiritualidade. Uma espiritualidade que não sacrifica a oração à ação e a ação à oração. Todavia, entre uma urgência apostólica, caritativa e humanizante, e uma prolongada oração, o carisma de Dom Bosco o leva a escolher a ação, na qual discerne uma vontade divina precisa. Mas é preciso também dizer que ele está de tal modo unido a Deus no momento da ação, que não lamenta a oração; e está unido a Deus de tal forma na oração, que não lamenta a ação.

Ação e oração são realmente vividos como momentos convergentes de uma intensa vida teológica, cuja expressão suprema é a caridade pastoral. Dom Bosco se mostra à vontade tanto na cidade de Deus como na dos homens, uma vez que, num caso como no outro, vive imerso em Deus.

Como ele agiam outros apóstolos e missionários insignes. Lollemann, por exemplo, contemporâneo do santo dos Becchi, procurava justificar o valor santificante da ação apostólica falando de “união com Deus prática, ativa”. A seu modo, Dom

Bosco achava prático e lógico não dissociar, mas unir a clássica tipologia de Marta e Maria (cf. Lc 10,38-42).

Quando, nas primeiras Constituições das Filhas de Maria Auxiliadora, quer delinear as características que as devem distinguir, escreve: “Nelas devem andar lado a lado a vida ativa e a contemplativa, reproduzindo Marta e Maria, a vida dos apóstolos e a dos anjos”. Nessas palavras está Dom Bosco por inteiro, a sua experiência, o segredo da interioridade apostólica. Nunca Marta sem Maria, nunca Maria sem Marta. Ele jamais confundiu uma com a outra, colocando-as em relação antitética, mas as via compenetradas e entrelaçadas uma na outra, no impulso unificador da caridade apostólica.

Essa graça se revela no santo, em diversos níveis, sem incertezas e perplexidades, sobretudo nos últimos quinquênios da sua vida. É claro que nele também houve progressos, crescimentos, conquistas interiores nem sempre fáceis. Mas são caracterizadas pela síntese vital entre fé e vida, entre ação e contemplação. Reze ou trabalhe, o seu coração vive no fogo da caridade divina, “alma do apostolado” (LG n. 33).

Mostra-o, por exemplo, o fato que, quando terminou os cursos no Colégio Eclesiástico de Turim, aos 29 anos, não é possível descobrir períodos de certa consistência que ele tenha dedicado à retomada espiritual, à recarga, ao *requiescite pusillum* [descansai um pouco] do Evangelho (cf. Mc 6,31). Os próprios exercícios espirituais, que fazia todos os anos, eram para ele quase só uma nova ocasião de distribuir, antes que acumular, porque os passava, na sua maior parte, atendendo a confissões.

Parece, portanto, que o modo de agir de Dom Bosco justifique a legitimidade desta conclusão: por si e nas condições devidas, não é a quantidade de oração que decide a santidade, como não é também a quantidade da ação, mas sim o grau de intensidade da vida teologal da fé, esperança e caridade, determinado pela maior ou menor conformidade com a vontade de

Deus, regra suprema do rezar e do agir. Quando a vontade de Deus chama para rezar, é preciso rezar; quando chama à ação, é preciso agir.

Capítulo IX

Dons superiores

À diferença de santos como Teresa de Ávila e João da Cruz, que descreveram a sua experiência de Deus em páginas entre as mais elevadas da mística cristã, Dom Bosco, por temperamento e por razões absolutamente suas, manteve sobre esse ponto uma reserva total. As suas notas autobiográficas são, segundo o padre Stella, “em grande parte tardias, e rarissimamente – de maneira fugaz – é que se consegue surpreender Dom Bosco a exprimir os próprios sentimentos religiosos íntimos, as motivações do seu agir”. Todavia, será importante apresentar um esboço dos graus e estados mais elevados da sua vida – vida realizada no Espírito –, ainda que venha a ser apenas tocada a superfície de um mistério bem diversamente profundo.

Êxtase da ação

No *Tratado do amor de Deus*, São Francisco de Sales retoma a distinção clássica entre os três tipos de êxtase:

Os êxtases sagrados são de três espécies: um intelectual, outro afetivo e o terceiro operativo. O primeiro é luz, o segundo, fervor, e o terceiro, ação; o primeiro se compõe de admiração, o segundo, de devoção, e o terceiro, de obras.

Os dois primeiros não têm a solidez do terceiro, porque podem ser falsificados e se tornar desviadores.

Quando se vê uma pessoa que na oração tem arroubos pelos quais ela sai e sobe acima de si mesma em Deus e, todavia, não tem ab-

solitamente o êxtase da vida, isto é, não conduz uma vida elevada e apegada a Deus (...), é um verdadeiro sinal de que tais arroubos e tais êxtases não são senão ironias e enganos do espírito maligno.

Infelizmente o santo não se estende na explicação do êxtase da ação, mas exprime claramente o seu pensamento na descrição a seguir, que é considerada clássica. Leiamo-la mantendo o olhar fixo em Dom Bosco.

Não furtar, não mentir, não cometer luxúria, rezar a Deus, não jurar em vão, amar e honrar o pai e a mãe, não matar: isso é viver segundo a razão natural do homem. Mas deixar todos os próprios bens; amar a pobreza, buscá-la, estimá-la como a amiga do coração; considerar os insultos, os desprezos, as humilhações, as perseguições e o martírio como felicidade e bem-aventurança; se conter dentro dos limites da mais absoluta castidade; e, finalmente, viver no mundo nesta existência mortal contra todas as opiniões e máximas do mundo e contra a corrente desta vida, com incessante resignação, renúncia e abnegação de nós mesmos: isso não é viver humanamente, mas sobrenaturalmente, não é viver em nós, mas fora de nós e acima de nós. E visto que ninguém pode sair de tal modo acima de si mesmo sem que o Eterno Pai não o eleve, em consequência, essa espécie de vida deve ser um enlevo contínuo e um perpétuo êxtase de ação e de operação. “Vós estais mortos – dizia o grande Apóstolo aos colossenses (Cl 3,3) – e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”.

Como se vê, o êxtase da ação ou da vida não é senão a existência cristã perfeitamente conforme à lei evangélica, a caridade vivida na sua plenitude, o supremo desapego de si mesmo e a plena absorção em Deus. Por virtude divina, a existência se eleva acima de si mesma e vive na máxima perfeição possível, muito mais além do que possa fazer o cristão comum.

A expressão “êxtase da ação” não se encontra no vocabulário de Dom Bosco. É duvidoso que a tenha encontrado, e se a encontrou, não deixou traços evidentes na sua mente. Não encontramos a palavra, porém, encontramos a coisa. A

descrição do bispo de Genebra do êxtase da ação encontra, de fato, plena aderência na sua vida. É extraordinário que dois dos seus sucessores, o padre Rinaldi e o padre Viganò, tenham visto nessa doutrina de São Francisco de Sales uma expressão típica da espiritualidade de Dom Bosco: seja porque a caridade pastoral, que o anima, o leva continuamente a sair de si e a se identificar com o amor salvífico do Redentor, seja porque a sua vida terrena é realmente a expressão fiel do que afirma São Francisco de Sales sobre o êxtase da ação.

A heróica abnegação de Dom Bosco, o contínuo domínio das paixões, a adesão radical e seguimento de Cristo casto, humilde, pobre; o lento se consumir no trabalho para salvar almas; a constante busca da vontade e da glória de Deus: tudo isso não é senão a vida sobre-humana e estática, à qual o Pai eleva as almas que ama com predileção, porque vivem “totalmente absorvas e como que absorvidas em Deus”. Esse êxtase da vida, por si, não comporta manifestações estáticas, das quais a vida de Dom Bosco não está, todavia, de todo isenta. São reveladoras desse estado de vida: a conduta mais sensível à graça, a atenção mais habitual às inspirações do Espírito, maior docilidade às apropriações do mistério cristão.

Fenômenos estáticos

Os fenômenos estáticos se caracterizam pela forte absorção em Deus e pela suspensão, mais ou menos longa, mais ou me-

nos intensa, dos sentidos externos, que se tornam como que impotentes diante da irrupção do divino. A forte fibra de Dom Bosco o levava a dominar o fogo do amor que lhe ardia dentro e a não deixar transparecer externamente os seus sentimentos.

Mas nos últimos anos, como resulta de testemunhos fidedignos, também ele experimentou os fenômenos estáticos que usualmente acompanham os graus mais elevados da oração. Podiam-se entrever em momentos de profundo recolhimento. Depõe o padre Cerruti no processo informativo:

Quando a dor de cabeça, o peito alquebrado e os olhos semi-apagados não lhe permitiam mais trabalhar, era um espetáculo doloroso e confortante ao mesmo tempo vê-lo passar longas horas sentado no seu pobre sofá, em lugar às vezes semi-escuro, pois os seus olhos não toleravam a luz, mas sempre tranqüilo e sorridente, com o terço na mão, os lábios que articulavam jaculatórias e as mãos que se elevavam de tanto em tanto a manifestar em sua muda linguagem a união e inteira conformidade com a vontade de Deus, já que por excessivo cansaço não podia mais exteriorizar com palavras. Estou intimamente persuadido de que a sua vida, principalmente nos últimos anos, foi uma oração contínua a Deus.

Momentos de verdadeiro e próprio êxtase arrebatavam Dom Bosco quando celebrava a santa missa, ou enquanto se encontrava sozinho na quietude do seu aposento. No inverno de 1878, os dois jovens que o serviam na santa missa na capela ao lado do seu quarto, durante a elevação “viram o celebrante em êxtase e o seu semblante com ar de paraíso: parecia iluminar toda a capelinha”. A narrativa prossegue:

Então, pouco a pouco, os seus pés foram se desprendendo do chão e ele permaneceu suspenso no ar por nada menos que dez minutos. Os dois ajudantes não podiam sequer alcançar a casula. Garrone [um dos dois], fora de si pelo espanto, correu a chamar o padre Berto, mas não o encontrou. Ao voltar, chegou no momento em

que Dom Bosco descia.

Às vezes o seu corpo se transfigurava e se tornava luminoso, como se lê a respeito de muitos santos. O padre Lemoine, por três noites em horas avançadas, viu a face de Dom Bosco se acender gradativamente até assumir uma transparência luminosa: todo o semblante irradiava um esplendor forte e transparente.

Como se dizia, esses fenômenos paramísticos acompanham, usualmente, o estado místico, a contemplação infusa. Teve Dom Bosco esse dom, que é, segundo Leonzio de Grandmaison, “a consciência de entrar, não em virtude de um esforço, mas de um apelo, em contato imediato, sem imagem, sem palavra, mas não sem luz, com a Bondade infinita”?

Não é fácil responder com um “sim” ou com um “não” rápidos, por causa da ausência quase total, da parte de Dom Bosco, da descrição dos seus estados interiores. O padre Ceria acredita nisso e procura prová-lo no capítulo “Dom de oração”, do livro *Dom Bosco com Deus*. O padre Stella, por sua vez, embora mais vago e reticente, chega à mesma conclusão quando escreve:

Se Dom Bosco não nos confia as suas experiências pessoais de “recolhimento” e de estado unitivo e presencial, se também não nos dá uma teoria sobre a oração unitiva e sobre a contemplação, se mostra, contudo, disposto a nos explicar como sendo união e presença amorosa certos estados de vida espiritual encontrados em pessoas com as quais conviveu.

Haja vista, por exemplo, São Domingos Sávio, dotado de “graças”, que Dom Bosco não hesita em definir como especiais, e de fatos “extraordinários” que têm “plena semelhança com fatos registrados na Bíblia e na vida dos santos”. Dom Bosco os associa às graças místicas quando afirma: “A inocência da vida, o amor para com Deus, o desejo das coisas celestes haviam

levado a mente de Domingos a tal estado que se podia dizer habitualmente absorto em Deus”. O que se diz do discípulo vale, com maior razão, para o mestre.

Místico da ação

Na sua atividade multiforme, Dom Bosco foi um místico no sentido estrito da palavra? A mística assim entendida tem uma longa história e não encontra definições sempre unívocas. Simplificando muito, pode-se dizer que objetivamente designa a realidade oculta do mistério cristão; subjetivamente, a experiência, totalmente gratuita e infusa, da vida divina que está em nós.

Tradicionalmente, a vida mística culmina na graça da oração infusa, ou contemplação em sentido estrito. Reconhece-se todavia que a tipologia da vida mística é mais extensa. Fala-se, com efeito, também de “mística apostólica”, que é, segundo Ch. Bernard, “menos conhecida, visto que os místicos ‘apostólicos’ não fizeram a teologia da própria vida interior. [A mística apostólica] tende para a ação e a percepção da presença de Deus no mundo histórico”. Nesse sentido preciso e formal, dizemos que Dom Bosco é um místico, porque a sua vida transcorreu sob um regime habitual dos dons do Espírito Santo, e é um místico da ação apostólica, porque os dons do Espírito Santo, que predominam nele, são aqueles ordenados à ação: dom do conselho, da fortaleza, da piedade e do temor de Deus. A predominância desses dons sobre os outros, que não são excluídos, significa apenas que a graça se adapta à natureza e respeita o seu temperamento e as suas vocações.

À diferença do místico contemplativo, intelectual ou afetivo, que se perde em Deus, presente no íntimo da sua alma, e experimenta o agir divino, Dom Bosco, místico ativo, apreende e experimenta Deus, não só em certos momentos da oração explícita, mas no exercício mesmo da ação apostólica, caritativa, humanizante. O santo o toca e o sente enquanto participa e

colabora na atuação do seu desígnio salvífico.

Ele sabe que a redenção é um acontecimento em curso. Deus continua agindo, a cada instante, no coração do homem e da história: a humanidade vive no hoje de Deus. Dom Bosco não só acredita nessa realidade, mas a experimenta e a vive intensamente. O que os místicos chamam de “toques” divinos, de “visitas” do Verbo, que vai e volta, são para Dom Bosco as grandes perspectivas, os clarões repentinos que o iluminam sobre a vinda do Reino e que o empenham em empreendimentos sempre maiores, humanamente impossíveis.

Porque místico – isto é, fruto da predominância da ação divina –, o agir de Dom Bosco transcende as forças e as capacidades da sua pessoa. As suas obras assombram o mundo e confundem os sábios, porque não existe relação aparente entre causa e efeito. Movido e possuído por Deus, ele vai além do humano.

Existe nele a audácia e a ousadia do santo que, forte da força de Deus, supera a si mesmo. Como Jesus estremece de alegria na oração do júbilo, assim Dom Bosco vibra de consolação mística quando contempla Deus agindo no coração dos jovens e do mundo.

Vimos com quanta humildade ele vive a consciência de não ser mais que mero instrumento, passivo e ativo ao mesmo tempo, nas mãos de Deus e da sua Mãe: “Deus faz tudo; Nossa Senhora faz tudo”. O que “poderia fazer o pobre Dom Bosco se não viesse do céu, todos os momentos, alguma ajuda especial”? Essas e semelhantes expressões são como o manifesto da sua grande alma: dizem muito mais do que pode revelar a sua complacente simplicidade.

A mística da ação passa, naturalmente, pela via-crúcis: vive da caridade crucificada e conhece as “noites dos sentidos e do espírito”. Também vista desse perfil, a vida de Dom Bosco evoca, sob diversos aspectos, a dos grandes místicos da hagiografia cristã.

Terceira parte

Nossas mãos o tocaram

Da vasta sombra projetada pelo “homem” Dom Bosco e pelo “santo” João Bosco – que no entanto constituem uma unidade inseparável – juntamos aqui alguns testemunhos menores, curiosos e interessantes, que, por suas repercussões subjacentes, esclarecem a primeira e a segunda partes deste livro e de certo modo as confirmam.

Hoje já existe uma biblioteca inteira sobre Dom Bosco, embora ainda reste muito a ser explorado. Ao lado da obra dos seus biógrafos – Lemoyne, Amadei, Ceria –, que reuniram enorme quantidade de dados, e ao lado dos estudos elaborados com severo rigor científico pelos mais renomados estudiosos de Dom Bosco, que pesquisam justamente a sua grande história e os seus sucessivos desdobramentos, houve em torno do santo uma tradição menor, quase uma mini-história, confiada a recordações remotas, a páginas quase esquecidas ou de difícil acesso, que, contudo, não deixa de ter o seu valor e utilidade.

Trata-se de testemunhos diretos – entre muitos – que, com todo o respeito pelo livro sagrado, poderiam dizer: “O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam (...), disso damos testemunho” (1Jo 1,1-2).

Marginais, fragmentários talvez, esses testemunhos se colocam ao lado da grande história de Dom Bosco com uma dignidade própria. Possuem o colorido e o

magnetismo dos bons tempos antigos, quando podiam ver de perto o santo. Possuem o mérito especial de transmitir o clima da santidade, da caridade educativa e pastoral, na moldura do dia-a-dia quase banal e, por isso mesmo, muito mais próximo dos pequenos, dos pobres, do povo.

A suspeita de que os testemunhos, fornecidos tardiamente – às vezes muito tardiamente –, não sejam confiáveis é infundada. O cardeal Martini, que na sua infância assistiu à glorificação de Dom Bosco pelas ruas de Turim, escreveu:

Nas lembranças das crianças se formam quadros que, embora não perfeitamente exatos quanto ao rigor histórico, são a imagem que elas trazem em si de uma vivência épica que continua a agir nelas como uma misteriosa mensagem. Foi assim que a figura de Dom Bosco permaneceu em mim.

Limitar a santidade de Dom Bosco ao período final da sua vida seria uma falsa cronologia, como se depreende de documentos de indubitável valor histórico e de testemunhos difusos, quase sempre não registrados, mas transmitidos de boca em boca, especialmente entre as pessoas da região do Piemonte, onde o santo foi mais conhecido.

É curioso, por exemplo, o seguinte testemunho, que demonstra como a fama de santidade de Dom Bosco, na sua maturidade, já se difundira pelas cidadezinhas isoladas da Alta Langa. Este testemunho, reproduzido por Augusto Pregliasco nas colunas do *Unione monregalese*, em 11 de fevereiro de 1988, é um pequeno fragmento da história local vinculado às “missões” que

Dom Bosco pregou em novembro de 1857 em Saliceto Langhe, a convite do pároco, padre Fenoglio.

Há algum tempo lembro de ter falado com amigos da “preciosidade” (ao menos para mim), que conservo cuidadosamente na carteira desde jovem. É um “santinho” em

que se lê: “Escrito por Dom Bosco. Guardar como preciosa relíquia”. São poucas palavras, quase indecifráveis, recortadas da carta escrita de Turim ao pai da minha tia, senhor Martini, secretário da prefeitura de Saliceto, que em 1857 hospedara Dom Bosco por mais de uma semana, durante a sua permanência em nossa cidade. Diz também que Dom Bosco viera para adquirir o castelo, contrato que, infelizmente, não foi levado a termo. A minha tia então pensou em recortar a carta de Dom Bosco e distribuir os “pedaços” entre todos os parentes (como partilha de uma herança taumatúrgica). Seria bom reencontrá-los para recompor o texto, mas os muitos parentes se espalharam até para outros continentes. Seja como for, esta minha “relíquia” sempre ficou comigo e me protegeu nos anos de escola e durante os temores da guerra, além de me trazer conforto nos momentos difíceis.

Precedido pela fama de santidade, o pregador que vinha de Turim não tinha decepcionado.

Capítulo I

Battistin

O padre Battista Francesia, que nasceu em San Giorgio Canavese, em 3 de dezembro de 1838, e morreu em Turim, em 17 de janeiro de 1930, pertence à época dos “Padres da Congregação”, com o padre Rua, o padre Durando, o cardeal Cagliero, o padre Albera e outros. Como eles, assistiu ao surgimento e expansão maravilhosa das obras de Dom Bosco, participou pessoalmente dos eventos heróicos daqueles anos distantes, compartilhou as alegrias e esperanças do fundador, assim como as suas lutas e sofrimentos. Em uma carta de Marselha, de 12 de abril de 1885, Dom Bosco o chama de “pupila

dos meus olhos”. Essa preferência de Dom Bosco remontava à época em que o conhecera quando jovem – na festa de Todos os Santos de 1850 – e se justificava pela delicada situação em que Francesia se encontrava.

Filho de boa família, mas em dificuldades por causa da inconstância do pai, emigrara da cidade de origem, San Giorgio Canavese, para se juntar aos seus familiares na cidade de Turim, em busca de melhores condições de vida. Com 10 anos, o pequeno “Battistin” trabalhava como aprendiz em uma fundição de latão. Turim não era ainda a cidade industrial que se tornaria em seguida; a urbanização ainda era restrita. O escândalo do início do século XX, próprio dos países já industrializados, em que se podiam encontrar crianças, dos 4 aos 7 anos, obrigadas a trabalhar nas fiações e até nas minas, não existia. Mas era normal que nas zonas rurais, assim como nas oficinas artesanais, meninos de 10 ou 12 anos, e até menos, fossem enviados ao campo para realizar trabalhos compatíveis com a sua idade, ou mesmo a algumas oficinas, como aprendizes, com patrões que podiam ser mais ou menos benevolentes, mais ou menos compreensivos, e respeitar as exigências da sua tenra idade.

A Battistin não faltaram maus-tratos, violências físicas e morais:

Por não desejar participar de certos assuntos, fui alvo de gozações e freqüentemente repreendido e maltratado. O apelido de “jesuíta” era o menos ofensivo. Mas o pior foi quando passaram às vias de fato. Com freqüência me davam tapas na nuca, pontapés, e me beliscavam os braços com tanta força, que eu ficava todo roxo. Ai de mim se contasse para a minha mãe! Confesso que eu estava contente e quase virtuosamente feliz com aquelas perseguições e não ligava para elas.

Dom Bosco, depois de ter examinado o seu bom temperamento, lhe propôs que estudasse e o aceitou definitivamente

como interno no Oratório, em 22 de junho de 1852. Desde então, o padre Francesia se dedicou inteiramente ao seu benfeitor. Dirá o padre Rinaldi: “O ensinamento mais sugestivo e mais saudável [do padre Francesia] será o seu grande amor por Dom Bosco”. E afirma, por sua vez, o padre Francesia:

Dom Bosco era o padre que o Senhor destinara para a minha salvação. Por isso fiz a seguinte afirmação a seu respeito em outra época: “Eu o vi, eu o conheci; ele me ama, eu o amo”. Essas palavras de Silvio Pellico exprimem muito bem a minha condição com Dom Bosco.

O padre Francesia, homem sensível, delicado, de espírito quase infantil, bom latinista e poeta talentoso, bastante criativo, se revela delicadamente nos seus inúmeros escritos sobre Dom Bosco e os salesianos falecidos. Reproduziremos aqui apenas alguns trechos extraídos das singelas páginas autobiográficas, conservadas inéditas no Arquivo Central Salesiano e em três exemplares datilografados. Essa, por assim dizer, autobiografia

– muito incompleta, desigual e passível de averiguação – tem origem curiosa. Escreveu-a para se ver livre da tristeza – ou melhor, do *taedium vitae* que se manifesta na velhice – entre as quatro paredes de um confessionário, entre uma confissão e

outra, quando já tinha mais de 70 anos:

A minha vida agora é monótona. Levanto-me às 4 da manhã, às vezes antes. Recito o ofício das horas, depois todo o terço antes da missa. Em seguida vou ao confessionário onde medito, leio, e consegui escrever todo este caderno sempre fechado aqui dentro, com a caneta que providencialmente padre Coppo me deu de presente. Gostaria que tivessem providenciado uma espécie de estante para mim, mas não me fiz entender bem. A pena de ouro supre tudo. Seguro o caderno na mão e com uma desenvoltura admirável escrevo, escrevo, quase melhor do que na escrivania. Quem, ao ler estas páginas, poderia imaginar que foram escritas com o caderno suspenso?

Olá, Dom Bosco!

Como lembramos, o pequeno Francesca – Battistin – deixou San Giorgio para se juntar aos pais em Turim; encontrou trabalho em uma fundição e toda semana levava para casa duas liras, “soma que então era espantosa”. O que nos espanta agora é que meninos tão novos fossem submetidos a trabalhos superiores às suas forças, para ganhar um pedaço de pão. Neles olhará e neles pensará Dom Bosco com predileção. Battistin também teve a sorte de encontrá-lo. Foi assim que aconteceu.

Desde os primeiros dias eu conhecera um vizinho que trabalhava como marceneiro e que, além de ser da minha cidade, era também um parente distante. Na festa de Todos os Santos (1850), eu estava sozinho em casa, a minha mãe fora à sua cidade, e o meu pai saíra,

não sei para onde. Esse meu priminho, enquanto jogávamos pião perto do muro do hospício na Via Giulio, me disse:

– Quer ir até Dom Bosco?

– Pra fazer o quê?

– Hoje estão dando castanhas.

– Mas quem é Dom Bosco?

– É um padre bom que reúne muitos jovens nas festas e ali eles se divertem. Hoje estão dando castanhas, venha comigo.

Acompanhei-o, e pela primeira vez vi o que era um Oratório em festa. Aproximei-me, entre aquela confusão de jovens, a passos largos, como se dizia então, e logo me acostumei, superando os efeitos da tontura. Como me diverti! Mas, no melhor da festa, tocou a sineta. Como por encanto, todos os que estavam ao meu redor se dispersaram. Achei que também tinha de ir embora, então corri para onde foi possível, e por sorte me choquei com Dom Bosco, que procurava deter aquela onda de jovens que ameaçava fugir não sei para onde. Ele logo me disse:

– Veio me dizer duas palavras ao ouvido?

– Sim!

– Mas você sabe o que isso significa?

– É claro, que vou me confessar.

– Muito bem! Você acertou. E como se chama?

– Battistin.

– Agora venha comigo.

Tomou-me pela mão e me levou para a igreja. Coloquei-me sob a janela – ainda era a antiga capela Pinardi – que ficava perto do púlpito e ali permaneci durante as duas vésperas, o sermão e a bênção. Era a primeira vez que assistia tranqüilo e sem medo a uma função religiosa que durou no mínimo duas horas. Quando saí da capela já era noite.

Após a função vi muitos adultos, que depois se tornaram meus amigos, que rodeavam Dom Bosco. Também fui para lá. Uma força misteriosa me atraía para ele e, sem saber explicar e compreender o que se dizia, eu ficava ali olhando e ouvindo. Um pouco depois, aquele pequeno grupo se deslocou juntamente com Dom Bosco e saiu do Oratório rumo à Via Cottolengo daquela época, depois subiu para a Via Cigna sobre a famosa praça do Rondó de Valdocco. Cantavam as músicas mais belas que ouvira na minha cidade e das quais eu gostava muito. A lua estava linda e já lançava os seus raios pálidos e eu pensava na poesia passada do Rosário em Família, nas castanhas, na paz com que terminava aquela tarde e quase para sempre.

Cumprimentei Dom Bosco, dizendo-lhe confusamente: “Olá, Dom Bosco!”, para espanto dos que estavam perto. “O que está dizendo? Você deve tratar Dom Bosco por ‘senhor’.” Mas Dom Bosco não se importou; acariciou o meu rosto, desculpando-me pela ousadia. Depois desse ato de coragem me afastei pulando uma vala, que ficou aberta por mais dez ou doze anos e depois foi coberta como todas as outras.

O pássaro encontrou o seu ninho

A segunda visita de Francesca ao Oratório só ocorre no domingo seguinte à festa da Anunciação.

Depois do almoço, não sei se acompanhado pelo anjo que me falara do Oratório ou sozinho, desci até Valdocco. Era um dia bonito, um esplêndido dia de primavera. Ninguém notou a minha presença. Entrei com certo receio e todo cauteloso, olhando de um lado para outro para ver se encontrava algum conhecido... Aquele dia se celebrava a memória fúnebre de Luigi Rua, irmão de Michele [Miguel Rua].

Essa aventura tão estranha nunca me pareceu fora da ordem da Providência, observando a amizade que me uniu ao padre Rua, depois de ter ido duas ou três vezes ao Oratório. Entrei naquela

confusão, participei do catecismo, que o clérigo Gastini me ministrou durante alguns domingos, mas não me lembro em que consistiu a lembrança fúnebre do piedoso jovem. Voltei para casa tarde, morto de cansaço, como se costuma dizer, mas com a alma satisfeita e desejosa de que o outro domingo chegasse logo. Caminhara tanto com o meu fuzil de madeira e corraera pelos campos de Valdocco, ainda inteiramente descobertos até a fábrica de armamentos, que ao final de tarde os meus sapatos estavam furados. Fui para casa cansado como nunca, mas com uma satisfação imensa.

O pássaro encontrara o seu ninho e havia sido a Providência que o procurara para mim.

A partir de maio de 1851, a freqüência ao Oratório se torna regular.

Todos os domingos e festas eu ia ao Oratório. A minha vida ficara séria, tranqüila e até mesmo devota. Começava a servir na igreja. Confessava-me todos os domingos e sentia um prazer indescritível. Agora Dom Bosco também me conhecia e começava aquela admirável corrente de caridade à qual eu iria permanecer ligado para sempre. Ao saber que eu já estudara dois anos de latim, me perguntou: “E não podemos continuar e terminá-los?”.

Muitas vezes, especialmente durante o ano de 1851, ao encontrar Dom Bosco pelas vielas de San Maurizio, ele me pedia que o acompanhasse até a sua casa, onde almoçávamos juntos. Com quanta caridade me tratou sempre aquele padre amoroso! Dom Bosco era o padre que o Senhor destinara para a minha salvação.

Em junho de 1852, o santo o aceitou como interno.

Pedia que Nossa Senhora me ajudasse

O futuro latinista, discípulo preferido do grande estudioso T. Vallauri, no início teve dificuldades no estudo do latim e

sempre considerou uma graça especial de Nossa Senhora o fato de ter conseguido superá-las.

As minhas primeiras experiências na escola iam bem mal. O latim era um mistério para mim e não conseguia desvendar os seus segredos. Não lembrava os casos, os modos, os tempos verbais, e então misturava tudo. Chorava e rezava. Mas dizia a mim mesmo: “Ai de mim se tiver de desistir dos estudos! Se os outros conseguem, também vou conseguir”. Nas orações, pedia que Nossa Senhora me ajudasse (...) e tinha a impressão de que de um momento para outro seria atingido pelo raio da divina inteligência. Ao me confessar, me acusando de não ter conseguido satisfazer o professor, dizia a Dom Bosco: “Acho que vou receber a graça do céu e então poderei entender latim”. Dom Bosco não me interrompia e depois me consolava falando de outras coisas.

Entre os muitos alunos da Congregação, talvez nenhum teve de fazer tanto esforço para aprender latim. Tive de conquistar terreno palmo a palmo e à custa de pesquisas e trabalhos. Mas o estilo, aquela forma que se podia distinguir quase de imediato, que me trouxe alegrias e tristezas, devo a Nossa Senhora, a quem rezei desde os primeiros dias em que comecei a estudar.

Dom Bosco me salvou

Em 4 de outubro de 1852, Francesia recebeu a veste clerical em Castelnuovo d’Asti do pároco, o padre Cinzano, e foi admitido ao 3º ano ginásial como aluno do padre Rua. Estava no início da adolescência, às voltas com os primeiros problemas internos.

Na festa do Rosário, tomei a veste por determinação de Dom Bosco. E aqui começa a segunda crise que, com a graça de Deus, foi superada justamente por essa disposição providencial. Eu me tornara frívolo, desligado e facilmente indócil às determinações de Dom Bosco. Vou dizer uma coisa que ninguém nunca soube e que jamais disse a ninguém. Não tinha mais nenhuma confiança

nem aquela afeição filial que sempre fora a tábua de salvação em todos os momentos mais difíceis. Oh! Se Dom Bosco tivesse falado comigo naquela época. Eu tinha a pretensão de que ele tomasse a iniciativa de me procurar. Essa ambição equivocada quase pôs em risco a minha vocação. Graças a Deus não deixei de ter Dom Bosco como guia, e ele me salvou.

Na escola de Dom Bosco se rezava, mas também se trabalhava duro. E havia muito trabalho para todos! Com o passar dos anos, Francesia também se viu envolvido em uma infinidade de tarefas que não davam trégua: assistência, escola regular – entre os seus alunos estiveram Domingos Sávio, Michele Magone –, estudo de Filosofia e Teologia e, ao mesmo tempo, juntamente com Anfossi, Durando, Cerruti, exames de admissão à Régia Universidade, seguidos pela frequência irregular e coroados, enfim, com brilhantismo.

Para o pequeno aprendiz de fundidor, a vida universitária, levando em conta a ênfase com que faz menção a ela, foi um acontecimento épico, um dos períodos mais gloriosos da sua vida: “Não fazíamos nada além de estudar das 2 às 9 da noite, e depois íamos comer alguma coisa quase às escondidas”. Não temia os examinadores: “Não sabíamos o que era medo, só pensávamos em fazer provas, certos de que teríamos sucesso”. E eles realmente obtinham êxito: recebiam os aplausos dos jovens do Oratório e eram acolhidos como uma bênção do Senhor por Dom Bosco, que “podia respirar tranqüilo pelas suas escolas”.

Caso encerrado

Com a habitual simplicidade, se referindo àqueles anos felizes, o padre Francesia fala do que define como “grave tentação”, mas que é, antes, um hino à paternidade paciente e compreensiva de Dom Bosco.

Parece-me que nesse ano (?), não tenho certeza, sofri grave tentação e fui motivo de tristeza para Dom Bosco. Era a hora do café e o padre Rua, percebendo que a xícara era pequena para as nossas necessidades, voltava a enchê-la de tempos em tempos com mais leite. Não acho que isso fosse um abuso, mas sem dúvida era uma irregularidade! Alguém que chefiava a cozinha, em vez de avisar a nós e ao padre Rua, responsável inocente desse pouco de desordem, foi falar para Dom Bosco, que ordenou que, depois de cada um receber a sua xícara de café com leite, o bule fosse retirado da mesa.

Embora a novidade causasse surpresa, não me importei. Mas, à noite, Anfossi, Durando e eu fomos estudar juntos no quarto de Dom Bosco porque fazia frio e não havia outro lugar mais adequado. Anfossi então começou a narrar longamente o acontecido, colocando a culpa no padre Sávio, que era o ecônomo, pois não deveria ter agido daquele modo e que, por tantos motivos, não podia nos negar aquele pouquinho de café. Um professor substituto, um certo Buratto, que, quando saiu, acabou por se tornar vigário de Vercelli, dava a impressão de estar doente e que aquilo parecia ser uma crueldade. Contudo, acho que se escandalizou com nossa leviandade. Depois, a contragosto, em vez de estudar, nos pusemos a discorrer pensando que Dom Bosco nos ouviria e nos acalmaria. Imagine! Estávamos um pouco alterados, lamentando aquele inconveniente descaso para conosco, já que éramos superiores e merecíamos um mínimo de delicadeza. Então deixei escapar: “Prefiro ir para casa. Ao menos não temos de agüentar desaforo [*sic!*]”. Essa palavra ofendeu Dom Bosco, que me disse: “E você teria coragem de deixar Dom Bosco?”. Logo lhe pedi desculpas e implorei que tivesse a caridade de esquecer aquela expressão imprudente! Ele me disse que o faria, e o caso foi encerrado.

As notas autobiográficas se desenvolvem ainda com um ritmo agradável, mas apenas por alusões. E nós as encerramos por aqui. Contudo, não podemos deixar de relatar um episódio tocante.

Durante muito tempo, o padre Francesia acalentou um sonho que nunca se realizou: integrar o Conselho Geral da Congregação Salesiana. Mesmo nas eleições de 1886, que lhe pareciam as mais propícias, foi o grande excluído. Sofreu muito, mas teve de se conformar. Nessa ocasião, quem o compreendeu e o consolou foi Dom Bosco.

Depois de reconquistar a serenidade e disposto a qualquer prova, resignado fiquei no Oratório. Dom Bosco havia ido a San Benigno em busca de um pouco de saúde e fui para lá um dia para me reconciliar. Era o famoso ano das eleições (1886). Depois de me ouvir em confissão, Dom Bosco, percebendo que estávamos a sós, me disse:

– Pensei que você seria eleito no Capítulo Superior, mas não foi o que ocorreu...

– O que posso fazer, caro Dom Bosco? O senhor tem uma opinião excessivamente boa de padre Francesia. Os irmãos não vão de acordo comigo. Mesmo assim, eu lhe agradeço e não me queixo da pouca estima. Que remédio! Há quem não goste do meu modo de agir, dos meus olhos, da minha forma de falar ou de tudo. Mas não me queixo.

Esse meu desabafo comoveu o bom padre que, com lágrimas nos olhos, tirou o terço e o dando para mim, disse:

– Fique com ele como lembrança do seu pobre Dom Bosco!

E eu também o beijei com lágrimas nos olhos e a partir daquele dia passei a levar o terço sempre comigo nas minhas peregrinações e espero que estará comigo no tribunal de Deus.

O padre Francesia tinha razão ao repetir que Dom Bosco fora um pai para ele, “sempre pai”.

Capítulo II

Giovanni Roda

Quando, em uma reunião de ex-alunos da época de Dom Bosco, Giovanni Roda, que nasceu em Moncalieri, perto de Turim, em 1842, e faleceu em 1939, contou a sua história, já tinha mais de 90 anos. Mas ainda caminhava ereto, rápido; estava lúcido e era muito simpático.

Na sua longa existência serviu a três reis da Itália. Fora trompetista em Villafranca, além de diretor de banda em um casamento da casa dos Savóias. Podia, pois, se gabar de numerosas condecorações.

Embora muitas lembranças e pequenas glórias tenham se perdido na sombra do tempo, Dom Bosco permaneceu como um ponto luminoso da sua vida. Marco Bongioanni, no seu brilhante ensaio *Don Bosco tra storia ed avventura*, se servindo de um remoto testemunho direto do antigo ex-aluno, confirmado recentemente pela filha, dá voz poética ao seu encontro com Dom Bosco e ao tempo que passou com ele.

Ao lado de Domingos Sávio

Ele mesmo narra o fato.

Encontrava-me em uma das ruelas que circundam Porta Palazzo na região Molassi. Éramos muitos, havia rapazes que trabalhavam para barbeiros, chapeleiros, coureiros, seleiros, comerciantes, gente que era preciso chamar de senhor e madame. Estávamos lá esperando trabalho, porque com 12 ou 13 anos já éramos maiores e precisávamos ganhar o pão.

Porta Pila era uma região estratégica. Na verdade o nome da praça era Emanuele Filiberto di Savoia, mas nenhum turinês nem daquela época nem de hoje jamais a chamou de modo tão solene. As pessoas sempre disseram Porta Pila ou, quando muito, Porta Palazzo, porque, para quem vem do norte de Turim, essa era a entrada para o Palazzo di Città e a Porta Romana.

Ora, com toda aquela confusão de bancas, ambulantes, saltimbancos e jogadores, ali não era o melhor lugar para um padre. Mas Dom Bosco conhecia quase todo mundo, e se fosse preciso, não ligava muito para as conveniências. Eu o encontrei lá, e foi assim que encontrei o meu pai.

Já o vira diversas vezes. Sabia como se chamava, porque já havia interpelado alguns dos meus camaradas (companheiros). Mas acho que nunca me tinha visto. Quando me viu veio ao meu encontro com uma avelã nas mãos e me olhou nos olhos. Tinha aquele sorriso maroto... e os bolsos sempre cheios de avelãs, amêndoas, amendoins e outras coisas. Reabastecia-se nos mercados e depois dava uma volta pelo lugar em busca dos moleques...

Aproximou-se de mim e esmagou a avelã assim, com dois dedos, colocando depois a semente na minha boca.

- O que você está fazendo aqui?
- Estou esperando algum trabalho.
- O que sabe fazer?
- Um pouco de tudo. Aprendo fácil.
- E os seus pais?
- Morreram há muito tempo.

Haviam morrido de cólera logo após o meu nascimento. Eu nasci em 1842, no dia 27 de outubro. Naquele ano começou a epidemia de cólera e fiquei sozinho. Fui criado por uma família amiga, parentes um pouco distantes... Ao saber da minha situação, Dom Bosco ficou pensando por alguns instantes, mastigando e mastigando, depois me segurou pelo braço como eu o vira fazer com outros.

- Você não gostaria de vir comigo?
- Pra fazer o quê?

- Para ficar. Aprender alguma coisa, uma profissão.
- Quero, sim.
- Então venha, não é longe.

Acompanhei-o como um cãozinho. Lembro que já fazia bastante frio, estávamos na metade de novembro de 1854. Dom Bosco morava em um casario, uma espécie de colônia, com uma bonita igreja nova em um canto [a igreja de São Francisco de Sales].

Quando chegamos ao portão, antes de atravessar um pátio, gritou:

– Mãe, venha aqui um pouco. Venha ver quem está comigo.

Falou exatamente desse jeito, fazendo festa como se fosse a chegada de um parente ou de um filho. Depois chamou Domingos. Naquele exato momento conheci Mamãe Margarida e Domingos Sávio, que tinha a minha idade e chegara três ou quatro semanas antes de mim.

Desde então, o Oratório se tornou a minha casa e Dom Bosco passou a ser o meu pai.

Como era boa a vida no Oratório! Quanta felicidade! É impossível esquecer-la. Eu me dei muito bem ali, melhor do que muitos outros, e vou dizer por quê.

Dom Bosco costumava designar algum bom rapaz para ser anjo da guarda de algum outro um pouco levado. E eu devia ser um dos mais levados, pois tive a sorte de ter Domingos para cuidar de mim...

Ficamos tão amigos, que eu sempre o procurava. Acompanhava-o por todos os lugares, brincava com ele, estudava com ele... E Domingos Sávio me ajudava, me dava conselhos, com a condição de que me comportasse direito, que deixasse de fazer

travessuras como em Porta Pila. Éramos como dois irmãos.

A vida logo os separou. Domingos Sávio morreu em 9 de março de 1857, já com fama de santo. Giovanni Roda ingressou na vida de “cidadão honesto e bom cristão”; mas a imagem do amigo e de Dom Bosco ficaram com ele para sempre.

Uma conversa com Pio XI

Quando, em 1933, a Igreja proclamou as virtudes heróicas do seu antigo companheiro, surgiu a idéia de levá-lo a Roma e apresentá-lo ao papa Pio XI, em uma audiência quase particular. Foi assim que Giovanni Roda, com os seus 91 anos, se encontrou, confuso e comovido, de joelhos, aos pés do “papa de Dom Bosco”, que pediu que lhe contasse algo sobre o santo companheiro. E ele o fez com a ternura e a lucidez com que muitas vezes o idoso gosta de lembrar e reviver a antiga juventude.

Sim, Santo Padre, conheci Domingos Sávio. Era meu grande amigo, tínhamos a mesma idade. Ele era tão bom e eu... um pobre órfão. Dom Bosco tinha o costume de designar os melhores para cuidar dos mais desmiolados, e eu devia ser bem travesso, pois na escola, na igreja, no refeitório, em todos os lugares, lá estava Domingos, que me seguia como um anjo da guarda, me ajudava e me corrigia. Tinha tal ascendência sobre nós, que lhe obedecíamos como se fosse um superior. Era um verdadeiro apóstolo. Todos gostávamos dele e lhe devíamos um gesto de bondade.

Um dia durante o recreio – me desculpe, Santo Padre – deixei escapar um palavrão. Dei um tapa na minha boca, mas já o dissera. Os meus colegas tinham ouvido. Domingos se aproximou e me disse:

– Você se esqueceu das nossas promessas de não dizer más palavras? Procure Dom Bosco e conte logo para ele a desgraça que aconteceu com você. Ele é tão bom; você vai ver como vai resolver tudo. Enquanto isso, vou rezar por você.

Não hesitei, fui o mais depressa que pude. Mas onde encontrar Dom Bosco? Estava no parlatório, rodeado de alguns senhores. Esqueci os bons modos e me intrometi na conversa. Dom Bosco, surpreso, me disse:

– Olhe, estou muito ocupado, você não poderia esperar um instante?

Aquelas pessoas pensaram que era algo urgente e se puseram de lado. Então, me levantei na ponta dos pés e disse ao ouvido do bom padre:

– Sávio me pediu que o procurasse... eu blasfemei.

Tremia como vara verde. Dom Bosco não ficou bravo comigo, mas vi no seu rosto uma dor tão grande! Compreendi a gravidade do meu pecado. Aqueles olhos perfuravam o coração.

– Não faça mais isso, meu querido filho, nunca mais faça isso. É uma ofensa a Deus, sabe? O Senhor deixaria de nos abençoar. Vá à igreja e recite tantas vezes o pai-nosso.

O Santo Padre, comovido, sorria.

Corri para a frente do altar, recitei os pai-nossos e saí correndo, leve como se me tivessem tirado um peso das costas. Esqueci o número de pai-nossos, mas nunca me esqueci do olhar de Dom Bosco. Posso assegurar ao senhor, Santo Padre, tive doze filhos e muitos netos, mas em minha casa nunca se blasfemou.

O querido ancião falara tudo de um só fôlego e o papa, que o ouvira com benévolo interesse, se despediu dele com palavras afetuosas:

Cada filho foi um ato de confiança em Deus que se transformou em uma bênção. Que o Senhor o conserve ainda com boa saúde. Esperamos que, assim como usufruí na terra a companhia dos santos, o senhor possa usufruí-la também no paraíso.

A felicidade daquele encontro foi indescritível. “Agora”, dizia

Roda, “posso morrer em paz”.

Faleceu cinco anos depois, em 1939, quase com 100 anos, na sua cidade natal, Racconigi. Na câmara-ardente brilhava ainda a pequena lamparina que, desde tempos imemoriais, ficava acesa diante do quadro de Dom Bosco, seu “pai e mestre”.

Capítulo III

Doutor Albertotti e o seu filho

O médico pessoal de Dom Bosco – e do Oratório – foi o doutor Giovanni Albertotti. Psiquiatra, diretor do manicômio de Turim, foi durante algum tempo assistente na cadeira universitária de patologia e era quase uma celebridade. Mas, com a psicologia e a medicina daquela época, nem sempre trazia grandes benefícios aos seus pacientes. Tinha, no entanto, por Dom Bosco uma admiração sincera, cultivada durante longa amizade. Considerava-o um homem extraordinário, a ponto de, após a sua morte, querer também ele escrever uma breve biografia – tão original quanto discutível – intitulada *Quem era Dom Bosco: biografia físico-psico-patológica*. Não a publicou, deixando a tarefa ao filho Giuseppe, médico oftalmologista. O livro, esquecido durante muito tempo no gravador, foi publicado em Gênova, em 1934, ano da canonização de Dom Bosco, para satisfazer a vontade do pai, mas também para demonstrar a simpatia que o doutor Giuseppe tinha por Dom Bosco, com o qual tinha se encontrado várias vezes, quando ainda era estudante de medicina e o pai o levava, de tempos em tempos, para atender na enfermaria de Valdocco e no próprio quarto do santo. Remontam àquela época as suas lembranças pessoais, que têm todo o sabor dos velhos tempos.

Retirado de circulação, é hoje quase impossível encontrar o livro.

Da mihi animas

Lembro que uma das primeiras vezes em que visitei Dom Bosco ele ainda estava acamado, convalescendo de uma grave doença, e fiquei impressionado com a simplicidade do seu quarto. Uma vez, em uma dessas estadas na casa de Dom Bosco, um pouco mais longa que o habitual, me entediei terrivelmente, porque discorriam [Dom Bosco e o seu pai] de coisas que não me interessavam.

Sobre a mesa, de madeira rústica, havia um monte de sobras de papel, como os que sobram da encadernação. Neles Dom Bosco tinha escrito alguma coisa. Quando lhe perguntei para que serviam aquelas sobras, me respondeu:

– Para que não sejam desperdiçados.

Sobre a cabeceira da cama – uma simples cama de ferro – estava escrito na parede branca em grandes letras maiúsculas: *Da mihi animas, caetera tolle*. Quando quis saber o motivo daquela escrita, disse:

– Dêem-me um menino com menos de 14 anos e eu faço dele aquilo que quiser.

Uma viagem de trem

Um outono – tenho a impressão de que foi o de 1873 –, Dom Bosco ouviu o meu pai dizer que eu iria à praia e se ofereceu para me levar com ele a Alassio e me hospedar no seu colégio. E assim ficou acertado.

Ambos partimos de Turim em segunda classe – ele recebera um bilhete de embarque gratuito com a possibilidade de levar consigo um acompanhante – pela manhã. No caminho, observava que ele estava sempre trabalhando: ora lia, ora escrevia, como podia, e sobretudo corrigia provas tipográficas. A certa altura lhe perguntei:

– Dom Bosco, por que o senhor trabalha tanto?

– Doutorzinho, doutorzinho, a mudança de ocupação já é um descanso.

Sou de madeira

Uma vez por ano, naquela época, Dom Bosco convidava o meu pai e a minha mãe para almoçar – acho que no dia de São João, porque era o onomástico dele e do meu pai. E em 1875, se não me engano, também fui convidado.

Dom Bosco se sentou entre o meu pai e a minha mãe, e eu fiquei perto da minha mãe. Na mesma mesa estavam também cerca de

vinte sacerdotes, entre os quais o então padre Cagliari. Não havia lugar para mau humor, e naturalmente era Dom Bosco quem alegrava a conversa.

Ao final da refeição, Dom Bosco quis que experimentássemos

uma boa garrafa de vinho de Monferrato – me lembro que era vinho tinto – e alguém perto de mim se dispôs a abri-la. Ajustou o saca-rolha e, depois de se levantar e pôr a garrafa entre os joelhos, a segurou com a mão esquerda e inutilmente tentou tirar a rolha com a direita.

Ao ver isso, Dom Bosco se voltou para esse padre [não cita o nome] e lhe disse:

– Deixe-me tentar, pois sou de *Bosch* – ou seja, de madeira, fazendo um trocadilho entre *bosch*, madeira, e o seu sobrenome Bosco [bosque em italiano].

Pegou a garrafa e, sem se levantar da cadeira, a colocou sobre a mesa. Com a mão esquerda a agarrou pelo gargalo, deixando um dedo livre. Com a mão direita, segurou a parte lisa do saca-rolha que permanecera fora da rolha, de modo que os dois punhos ficaram embaixo da haste horizontal do saca-rolha, enquanto a parte superior da mão direita – o polegar e o indicador – ficavam em contato com a parte de baixo do saca-rolha. De repente, girou os dois punhos de modo que, à medida que se levantava o punho de baixo, se levantava, sem perder o contato, o punho direito. Tudo isso sem se alterar, e a rolha saiu facilmente. Aplaudimos e bebemos.

Fala muito bem de mim

Quando o jovem médico foi se despedir de Dom Bosco, pois tinha de deixar a cidade, o santo lhe disse:

– Doutorzinho, sente-se.

Depois, se dirigindo ao padre Berto, pediu:

– Por favor, Berto, dê ao doutorzinho aquele livro.

Deu-me o livro, perguntando se gostava dele. Dei uma olhada no frontispício – se tratava do volume recentemente publicado de Albert du Boys: *Don Bosco et la pieuse Société des Salésiens* –, agradeci e acrescentei que ficaria muito feliz se me escrevesse uma dedicatória, para mostrar que fora um presente dele.

Apanhado de surpresa por esse meu pedido à queima-roupa, Dom Bosco mudou de cor, gesticulou, se esquivou como pôde, até que acrescentou confusamente:

– É o primeiro que tenho, é o primeiro que dou.

Então, pensando melhor, encontrou a resposta certa:

– Fala muito bem de mim.

O padre Berto me persuadiu a não insistir – do contrário eu certamente teria obtido a dedicatória – e, desistindo, agradeci de novo, acrescentando:

– Dom Bosco, eu só queria aproveitar a oportunidade.

Eu me despedi, pensando que, no fundo, o meu pedido feria a sua modéstia, uma vez que o livro já fazia uma apologia dele. Ainda conservo zelosamente o livro comigo e dele retirei os detalhes deste relato.

Esse testemunho é precioso. Capta as peculiaridades de Dom Bosco: o conhecimento excepcional do espírito juvenil, a incansável atividade, o lado alegre da vida e a humildade sincera.

Capítulo IV

O professor Annibale Pastore

O professor Annibale Pastore, que nasceu em Orbassano em 1868 e morreu em Turim em 1956, foi, na sua época, entre

1921 e 1939, um dos professores mais respeitados e queridos do Ateneu de Turim. Vamos lembrar dele aqui, não como filósofo, mas como aluno de Dom Bosco em Valdocco, de 1881 a 1882, de quem conservou sempre a mais indelével lembrança, a ponto de o comemorar todos os anos nas suas aulas na universidade e de falar dele de bom grado no ambiente salesiano.

Os filhos do santo que freqüentaram a universidade de Turim foram sempre objeto de especial benevolência de sua parte.

Venho da miséria

Perto do fim da vida, lembrava os dias passados com Dom Bosco “como o seu paraíso na terra”.

Venho da miséria: Pastore de nome e pastor de fato, que não se cansava de vagar pelas margens do Sangone. A minha mãe não sabia escrever, mas era muito religiosa. Quando vinha me visitar, ouvia Dom Bosco a metros de distância! Meu pai, sabendo do meu amor pelo estudo, queria muito fazer a minha vontade e me levou ao centro educacional de Dom Bosco em Turim, que já tinha alcançado fama mundial. A minha primeira impressão foi a de ser trancafiado em uma prisão. Crescera na liberdade dos campos, e aquela vida regular não parecia apropriada para mim. Mas logo fui conquistado por Dom Bosco; compreendi que era o seu favorito. Quando me via, ele me chamava e me observava com atenção. Não consigo esquecer aquele olhar.

Quem está chorando?

Será que ele conseguiu prever o meu futuro? A minha mãe, de tempos em tempos, vinha me visitar. Trazia-me frutas, ou outras coisas. Um dia, percebi que os meus companheiros me tinham roubado. Comecei a chorar sem parar. Da sacada, Dom Bosco me viu e disse:

– Quem é o menino que está chorando?

Chamou-me, me levou para a sua sala, me colocou sobre os seus

joelhos e me deu uma bela maçã, para me consolar. E tratava a todos dessa maneira, sem fazer distinção nenhuma. Quanto menos alguém merecia, mais era alvo da sua predileção: é inacreditável! Ao saber da minha paixão pelo estudo, me deu muitos livros, dentre os quais *Storia d'Italia* [História da Itália], que ele tinha escrito.

A bandeira da universidade

Dom Bosco se ocupou pessoalmente de mim e me abriu para a vida espiritual, para o mundo interior: sabia nos transmitir as suas certezas e a sua alegria. Falava-nos da vida eterna e do paraíso como se ele tivesse estado lá. Assim, os meus companheiros e eu tínhamos tanta certeza de que iríamos para lá do mesmo modo que alguém vai para a América. Um dia fomos passear na Via Po. Passamos em frente ao prédio da universidade, onde tremulava uma bandeira. Eu fiquei olhando cheio de admiração e de entusiasmo. Quando chegamos em casa, contei a Dom Bosco e ele me perguntou:

– Você gostaria de ir lá?

Diante da minha resposta afirmativa, ele disse:

– Pois bem, você irá, você irá.

Encontraram-me no chão

Vocês poderiam perguntar: então por que deixei o Oratório, o meu paraíso e a minha vida, depois de apenas um ano? Eis o que aconteceu.

Uma noite, enquanto Dom Bosco falava na boa-noite, tive a idéia de me esconder em um confessionário da igreja [de São Francisco], e acabei adormecendo. Acordei mais tarde naquele silêncio, no meio daquela escuridão, com um frio que me dava a sensação de estar num túmulo – estávamos em fevereiro – e fui tomado por um verdadeiro terror. Comecei a gritar desesperadamente, mas os meus gritos ecoavam penosamente por todos os lados sem que

ninguém me ouvisse e viesse em meu socorro. Já dominado pelo terror e pelas convulsões, pulei o balaústre para me agarrar à luz da lâmpada, mas bati com a cabeça na corrente: a lâmpada se pôs a oscilar assustadoramente e, aterrorizado, desfaleci. Pela manhã

me encontraram no chão com a boca espumando, a cabeça ferida, ainda em estado de choque. O meu pai ficou chateado com Dom Bosco e não quis que eu ficasse mais em Valdocco, embora Dom Bosco me procurasse e insistisse para que eu voltasse.

Os Registros do Oratório revelam que o jovem Pastore deixou o Oratório em 24 de fevereiro, para retornar mais tarde. Voltou em 10 de março para concluir o ano letivo. O professor Pastore confidenciou aos mais íntimos que depois disso foi colocado em um instituto, dirigido por uma pessoa de fama duvidosa, no qual, pouco a pouco, acabou perdendo a fé, mas com um desgosto de que não conseguiu se livrar. Pastore tinha o espírito naturalmente religioso: era um leitor assíduo de Santo Agostinho e dos grandes místicos cristãos, mas ficou sempre dividido entre a clareza da sua inteligência e a laceração profunda da alma que não conseguia curar.

Mão no ombro

Dizia e repetia muitas vezes que sentia, de forma quase física, a mão de Dom Bosco, não mais na cabeça, como quando era criança e o santo afundava a mão nos seus cabelos crespos, mas no ombro direito, como a mão de um amigo fiel, cuja presença invisível percebia todos os dias. E Dom Bosco esteve perto dele toda a vida, mas sobretudo nas horas extremas, na pessoa de um

filho seu, tão culto quanto santo, padre Nazareno Camilleri, o qual, por meio de sofridas meditações, fez de tudo para elevá-lo até o sobrenatural.

O tempo passado com o santo lhe deixou duas impressões mais fortes: a primeira, a de ser o seu preferido, o jovem de quem Dom Bosco mais gostava. Provavelmente – acrescentava – essa era a impressão também de todos os outros e cada um no seu íntimo se considerava o preferido de Dom Bosco, tal o carinho com que ele tratava a todos. A segunda, a certeza de que havia outra vida, que está ao nosso alcance e que perdê-la é uma tolice. Bastava ficar mais próximo e falar um pouco com ele para perceber esta segunda realidade, cuja certeza irradiava dele e era transmitida aos outros. “Mesmo depois de todo esse tempo, esse sentimento nunca esmoreceu em mim.”

Capítulo V

Dom Luigi Cassani

Dom Luigi Cassani nasceu em Gravellona Lomellina, em 8 de julho de 1869, e morreu em Novara, em 30 de novembro de 1963. Foi um dos padres mais representativos do clero de Novara, fundador da Sociedade de História de Novara, autor de renomadas publicações, pastor zeloso, muito amado pela sua bondade e um autêntico entusiasta de Dom Bosco.

Quando, em 1957, lembrava diante de um numeroso grupo de ouvintes os quatro anos que tinha passado em Valdocco, entre 1882 e 1886, tinha quase 90 anos. Mas parecia que o tempo havia parado e que aqueles dias distantes, gravados na sua memória, tivessem ocorrido ontem. As lembranças fluíam sem interrupção, nítidas e precisas, de uma mente ainda lúcida: as suas palavras convictas, plenas de afeto, se tornavam, de repente, envolventes e imobilizavam os ouvintes. A transcrição não revela toda a sua eficácia, mas é de uma franqueza que não deixa margem a dúvidas.

Dom Bosco gosta mais de mim

Entrei no Oratório de Valdocco no final de agosto de 1882. Era a primeira semana que estava lá, os primeiros dias de setembro, e ainda estava um pouco triste. Brincava no pátio, justamente onde agora fica a estátua de Dom Bosco. Jogávamos malha quatro ou cinco dos novatos, liderados por um certo Enria, que era como de casa, filho do chefe marceneiro de então. Enria de repente levantou a cabeça e disse:

– Oh! Dom Bosco!

Largou tudo no chão e se pôs a correr em direção a um sacerdote que naquele momento descia os degraus da sacristia e se dirigia para o pátio. Correu para Dom Bosco, os outros também correram e eu fiz o mesmo. Todos nos agarramos às mãos dele; éramos uns cinco ou seis. Ele segurava as nossas mãos e perguntava ora a um ora a outro:

– E você, quando chegou? Como se chama? De que cidade vem? Você chorou, hein?

Fazia perguntas como essas a todos. Quando chegou a minha vez, se deteve, e os seus olhos se encheram de bolinhas, de pontinhos multicores que tremeluziam, uma infinidade de pontos coloridos, um brilho... depois ficou como que absorto. Disse, por fim:

– Muito bem, vão brincar.

Largou primeiro a minha mão e depois a dos outros.

– Continuem o jogo.

Os outros não perceberam nada, mas eu pensei:

– Ele gosta dos outros, e não de mim! Nem ao menos perguntou o meu nome!

Na manhã seguinte estávamos na igreja. Um colega me disse:

– Vou me confessar com Dom Bosco.

– Onde?

– Na sacristia, a confissão com Dom Bosco é na sacristia.

Eu fui também. E quando chegou a minha vez, me aproximei...

– Venha, venha, venha.

Disse-me três ou quatro palavras. Foram suficientes para que eu me considerasse o mais querido. Dom Bosco gosta mais de mim do que dos outros.

As uvas

Cerca de um mês depois, um colega me disse:

– Ontem vi Dom Bosco colhendo as uvas das parreiras das suas janelas. Ainda ficaram alguns cachos; venha comigo, vamos apanhá-los.

Fui com ele. Mas quando cheguei à sala onde hoje fica o altar, o meu companheiro foi logo pegar as uvas; eu não tive coragem. Parei ali e fiquei olhando de um lado para outro. Havia uma cadeira de palha – Dom Bosco era pobre, era pobre! – e um cartaz com as palavras de sempre: *Da mihi animas, caetera tolle*. Fiquei ali olhando, quando ouvi alguns passos atrás de mim. Era Dom Bosco.

– Você sabe ler?

- Sim, eu sei ler e li.
- E você sabe o que significa?
- Sim, sei, mas... não sei o que significa *caetera*.

– Eu vou lhe dizer!

Então me explicou o significado. Enquanto isso, o meu colega chegou com as uvas na mão.

– Ainda encontrou uvas? Mas só pra você?! Dê um pouco para o seu amigo, metade para cada um.

Pegou as uvas, dividiu-as, metade para ele, metade para mim. E acrescentou:

– Muito bem! Comam e depois vão brincar.

Pensei comigo: “Veja só! Em vez de ficar bravo com ele, disse: ‘Muito bem! Ainda encontrou uvas?’, e depois as deu também para mim!”.

Não era um bom pregador

Alguns meses depois, vi Dom Bosco – era um domingo – subir ao púlpito. Não era a primeira vez que o ouvia falar: já o ouvira inúmeras vezes quando vinha nos dar boa-noite. Falava assim..., é isso, de Dom Bosco! Mas eu me perguntava: “Qual será o sermão de Dom Bosco?”.

Na minha cidade – uma cidade próxima de Novara – nas festas solenes convidávamos algum grande orador, e aquele orador levantava a voz, gesticulava amplamente, dava um ou outro murro no parapeito, se impunha pelo seu prestígio, e eu me dizia: “Como é bom esse pregador!”.

Pensava que Dom Bosco iria fazer do mesmo jeito, mas não foi nada disso. Dom Bosco se limitou a dizer: “Pois bem, este ano,

com a graça do Senhor, pudemos abrir uma casa em tal lugar, fizemos isto e aquilo com a bondade dos nossos cooperadores. Agora temos ainda muitas coisas para fazer, mas a Providência não faltará...”, e palavras como essas.

Tinha uma voz retumbante, não forte, mas bonita, clara, límpida. Uma expressão, não sei como dizer, de criança simples. Falou de projetos, de benfeitores, e eu disse comigo mesmo: “Oh! meu Deus! Dom Bosco é muito bom, não há dúvida, mas não é pregador. Eu faria muito melhor!”.

Antes do fim do mês

Uma noite Dom Bosco subiu à cátedra de madeira em que dava a boa-noite e disse:

– Amanhã começam os exercícios espirituais. O padre Cagliero vai fazer a pregação. Vocês vão ver, ele prega muito bem, vai dizer muitas coisas bonitas, se confessem bem, façam a comunhão.

Era assim que ele falava. Depois continuou:

– Porque, vejam bem, antes do fim do mês algum de nós poderia morrer. Portanto, vamos ficar preparados.

Mas eu não fiquei impressionado: não é incomum alguém fazer um alerta para estar preparados. No entanto, ao final dos exercícios espirituais (lembro sempre o sermão do filho pródigo), ouvimos os professores dizerem: “Alguém vai morrer antes do fim do mês”. Nos primeiros dias, essas palavras nos impressionaram um pouco, mas depois não. Então, no último ou penúltimo dia um colega meu brincava sob o pórtico onde estava escrito: “*Non tradas bestiis animas confitentes tibi*”.⁵⁰ Ali alguém havia apoiado duas ou três camas amarradas juntas quase encostadas na parede, unidas. Esse meu colega, para se exhibir, se agarrou nelas e depois olhou para trás; mas o apoio era insuficiente e elas acabaram caindo em cima dele. Nós conseguimos escapar, mas ele morreu. E então nos lembramos. Dom Bosco tinha dito: “Antes do fim do mês!”. Lembro que aquele fato me impressionou muito.

Tomates verdes

Por volta do fim do ano – naquela época o ano letivo geralmente terminava na metade de agosto –, eu estava tão esgotado que não agüentava mais. Um colega tinha conseguido chegar até a horta que ficava no lugar do atual pátio de Domingos Sávio e trouxe de lá tomates frescos. Ele comeu os maduros e deu os outros para mim. Eu os comi com avidez e depois acho que bebi muita água. Não sei o que houve, mas à noite não agüentei e tive de ir me deitar.

O assistente e o professor – que era o padre Saluzzo, um verdadeiro pai, assim como o assistente, o padre Valentini, era uma verdadeira mãe – logo vieram ver o que estava ocorrendo comigo e fizeram com que me levassem à enfermaria. Chamaram o médico, o doutor Albertotti, que sentenciou:

– Está morrendo!

Levaram-me ao quarto dos moribundos e duas pessoas ficaram cuidando de mim. Logo avisaram os meus pais, e de manhã já estavam em Valdocco.

O porteiro Rossi, aquele que Dom Bosco chamava de “Conde Rosso” [“vermelho”, em italiano], foi até o pátio e anunciou a Dom Bosco:

– São os pais daquele rapaz que está morrendo.

– Mas ele não está morrendo! Está curado. Está muito bem. Levem-no para casa, e em outubro [no início do ano letivo] o tragam de volta. Está curado.

E Dom Bosco deu a bênção. Os meus pais fizeram como ele disse. Foram até a enfermaria e me ouviram discutindo com os meus dois assistentes:

– Tragam as minhas roupas que eu preciso ir fazer as provas – as escritas estavam começando naquele dia –. Não quero ser reprovado!

O meu pai e a minha mãe entraram e viram que eu não estava mor-

to, que estava muito bem, que estava até brigando. Trouxeram-me logo as roupas. Eu me vesti e, enquanto fazia isso, outra boa notícia! Entra o conselheiro escolar, o padre Ferraro, e me diz:

– Por determinação de Dom Bosco, você passou de ano sem exames.

Fui para casa radiante.

O gorro de dormir

Depois das férias, voltei a Valdocco, ao meu paraíso terrestre: fui a pessoa mais feliz do mundo naqueles anos. Por volta do Natal, o nosso professor disse:

– Agora faremos a prova bimestral. Os que se saírem melhor terão o direito de jantar com Dom Bosco. E depois, se quiserem, poderão ir até o seu quarto.

Ganhei e fui, com outro colega, jantar com Dom Bosco.

Depois de terminar a sopa, os meus colegas já estavam no pátio brincando. Dom Bosco compreendeu que eu também queria estar com eles. Então nos deu duas ou três avelãs e nos mandou brincar. Fui jantar outras vezes com Dom Bosco, mas aí aproveitei o direito de ir até o quarto dele.

Foi assim: um dia, juntamente com o meu colega, fomos ao quarto de Dom Bosco para bisbilhotar; havia um retrato aqui, outra coisa ali. E, a certa altura, disse ao meu colega:

– Sei imitar Dom Bosco quando vai dormir.

– Prove.

Havia uma escadinha perto da cama, porque Dom Bosco tinha as pernas muito inchadas. Primeiro fingi fazer as orações. Depois, com calma – porque Dom Bosco sempre andava devagar –, subi os três degraus, molhei o dedo na água benta, fiz o sinal-da-cruz e desci.

– Eu faço melhor que você.

– Duvido.

O outro subiu, mas imitando a mim, e não a Dom Bosco. Em vez de molhar os dedos na água benta, pôs a mão embaixo do travesseiro de Dom Bosco, apanhou o seu gorro de dormir – branco – e colocou na cabeça. Antes não o tivesse feito! Como um abutre, pulei em cima dele. Ele era maior que eu! Subi nos degraus e arranquei o gorro das suas mãos. Mas nos atracamos e, bum!, nos chocamos contra a portinhola que nos separava da sala de estudos de Dom Bosco, que estava lá e logo saiu para ver o que estava acontecendo.

– O que aconteceu?

Eu choraminguei – mas o outro também estava chorando –:

– Foi o Albano que pegou o gorro do senhor e colocou na cabeça e eu não quero.

– Dê para ele, quero ver como ele faz.

– Não, não.

Eu desobedeci e com devoção recoloquei o gorro no lugar.

Dom Bosco deu um sorriso:

– Está bem, agora vão brincar no pátio.

Diga caramelo

Vou contar o que aconteceu certa vez. Uma manhã, Dom Bosco me encontrou no pátio com um livro nas mãos e me disse:

– Não se deve estudar no pátio.

E eu lhe respondi:

– Mas esta manhã fui servir a missa – fora a missa do conde Cays, já idoso, e se estendera por muito tempo – e não pude estudar.

⁵⁰ “Não abandones às feras a vida de quem te louva” (Sl 74,19). [n.e.]

O professor Nassò nos disse que hoje fará chamada oral e eu não sei nada.

– Em que parte do grego você está?

Estávamos no fim do terceiro ano e começávamos a estudar grego. Estou nas labiais.

– Nas labiais? Então tente dizer “caramelo”, mas sem encostar os lábios.

E enquanto isso mexia nos bolsos. Continuou:

– Eu lhe dou um caramelo se você disser “caramelo” sem encostar os lábios.

– Cara... ah, eu não consigo!

– Então fica sem a bala. Mas preste atenção: as labiais são assim e assim.

E me explicou tudo em poucas palavras. Os colegas disseram ao professor:

– Cassani não estudou a lição de hoje, mas Dom Bosco a ensinou para ele.

– Vamos ouvir o que Dom Bosco lhe ensinou.

Na época eu tinha boa memória e disse tudo o que Dom Bosco me dissera.

– Muito bem, muito bem! Você merece vinte; ou seja, dez com louvor para Dom Bosco que lhe ensinou e dez para você que conseguiu decorar a explicação.

Tem para todo mundo

Em 1886, Dom Bosco deu diversas palestras para jovens de quarto e quinto ano do ginásio, muito proveitosas, porque quase todos se tornaram salesianos, menos o padre Lino Cassani e algum outro.

Um dia, após a palestra, Dom Bosco disse:

– Esta manhã o padre Berto me deu um saquinho de avelãs [não as comuns, mas aquelas maiores]. Festa – esse era o nome do jovem assistente – me traga aqui o saquinho.

Meu colega, acho que Vallino, segurava a sacola e Dom Bosco, sentado, dava ora a um, ora a outro, dizendo:

– Comam, comam.

E insistia. A certa altura, Festa disse:

– Senhor Dom Bosco, não tem para todo mundo.

Eu estava lá prestando atenção em tudo: “Mas o saquinho de avelãs não se esvaziou nem um pouco!”. Dom Bosco continuava a dizer:

– Comam, comam!

Mas eu não quis comer as que ainda tinha no bolso. “Vou levá-las para casa”, dizia comigo mesmo, “vou mostrar para os meus pais e direi que são avelãs abençoadas por Dom Bosco”, e as deixei dentro das minhas malas.

Um dia depois, o professor de história natural, que era o conde Prospero Balbo, filho do célebre Cesare Balbo, ao entrar na classe, disse:

– Ouvi dizer que ontem Dom Bosco multiplicou as avelãs e que as deu para vocês.

– É verdade, senhor conde.

– Gostaria de ter uma delas.

– Eu ainda tenho algumas, senhor conde! Vou pegá-las.

Estava saindo, mas ele me deteve:

– Vou pedi-las a Dom Bosco. Agradeço.

Fiquei um pouco chateado, pois pretendia dar a ele algumas avelãs, não todas, é claro.

Levei para casa as famosas avelãs e as conservei durante muitos anos com certa veneração. Um dia, não mais as encontrei. Perguntei se o meu pai as havia visto, se sabia de algo.

Respondeu-me:

– Um dia estava me sentindo muito mal, comi as castanhas e fiquei bom.

Disse comigo mesmo: “Mas... podia ter comido só uma ou duas!”. Tanto o meu pai como a minha mãe estavam convencidos de que viveriam muito tempo por terem recebido a bênção de Dom Bosco. A minha mãe viveu 98 anos, o meu pai, apenas 87, porque tinha comido aquelas avelãs.

Esta música é de Dom Bosco

Outra imagem impressa na minha memória é a do professor Dogliani. E Dogliani me faz lembrar de outro episódio. Estávamos na novena de Natal de 1885 e ele ensaiou conosco para aquela ocasião uma música italiana que começa assim: “*Ah, si canti in suon di giubilo!*” [Ah, se cante em som de júbilo!]. Antes de começar os ensaios, nos tinha dito:

– Vejam, esta música foi composta por Dom Bosco nos primeiros anos do Oratório, quando era professor de música. Esta noite ele vem dar a bênção: aprendam bem, pois vamos cantá-la para ele.

Cantamos a música com entusiasmo, e Dom Bosco ficou contente e comovido.

Lembro este belo costume de Dogliani: de tempos em tempos, dava a um de nós a sua batuta, para que marcássemos o tempo e dirigíssemos o coro. Naquela novena de Natal coube a mim marcar o tempo durante o canto da bênção. Tudo saiu bem.

Ao final da função, Dogliani me chamou de lado e me disse:

– Agora venha jantar comigo, na mesa dos superiores.

Quando Dom Bosco dispensou a leitura, fui até ele e lhe perguntei:

– Senhor Dom Bosco, cantamos bem?

Dom Bosco tomou a partitura que Dogliani me dera e exclamou surpreso:

– Ora vejam só!

Os outros que estavam à mesa, o padre Francesia, o padre Durando e outros, também se mostraram admirados. Era uma música escrita por Dom Bosco, um seu autógrafo que Dogliani encontrara entre tantas partituras.

Quem tocava o sino?

Um dia, depois de dar uma palestra, Dom Bosco nos disse o seguinte:

– Há quatro anos tive um sonho que se repetiu várias vezes. Eu estava descendo os degraus da sacristia para atravessar o pátio, quando surgiu diante de mim um jovem com um belo maço de flores acompanhado de outros jovens. Aquele jovem me cumprimentou, mas depois... me virou as costas. Mesmo de costas, ele continuou a chamar outros jovens para que viessem a mim. Deixei que ele continuasse por algum tempo, mas depois o agarrei pelos ombros e o obriguei a se virar: “Mas por que você me dá as costas?”. O jovem respondeu: “Eu sou o sino que chama os outros para a igreja, mas fica do lado de fora”.

Depois Dom Bosco concluiu:

– Aquele jovem está aqui.

Eu era um dos mais curiosos em saber quem era.

– Quem é...?, começa com A, começa com B...?

– Se o jovem me perguntar em segredo, eu lhe digo; do contrário, não.

Foi isso. Muitos perguntaram, mas nenhum era o jovem visto por Dom Bosco. Tudo acabou ali.

No final do ano, o padre Trione nos disse:

– Avisem os seus pais que, a partir do próximo ano, não teremos mais o quinto ginásio aqui em Valdocco. Os que quiserem parar farão o noviciado em San Benigno; os outros deverão tomar outras providências.

Perguntei aos meus pais como faria, e eles responderam:

– Queremos que você termine o ginásio e o colégio primeiro; depois veremos.

Então chegou o dia em que eu devia ir embora para casa: já havia arrumado as malas e estava próximo ao pilar ao lado do qual ficava a cátedra de onde Dom Bosco nos dava a boa-noite. Estava perto da torneira, talvez bebendo, quando ouvi alguém me dizer:

– Dom Bosco está chamando você! Dom Bosco está chamando!

Atendi prontamente ao chamado e fui ao quarto do santo:

– Senhor Dom Bosco, vim me despedir do senhor, porque amanhã vou para casa, os meus pais...

– Está bem, está bem.

– Mas antes, senhor Dom Bosco, quero me confessar – ele havia sido o meu confessor por quatro anos.

Depois de receber a minha confissão como fizera tantas outras vezes, ele me disse:

– Escute: você não vai me perguntar quem era aquele jovem que tocava o sino, mas ficava do lado de fora?

– Será que era eu?

– Sim, era você.

Vocês podem imaginar como fiquei. E ele me explicou:

– Não tenha medo, não tenha medo. Estarei sempre com você, vou ajudá-lo, vou auxiliá-lo, fique tranquilo. Não se esqueça de mim e venha sempre à minha casa, que é também a sua.

Parti comovido. Quando chegou o momento oportuno, entrei

no seminário.

Este é o seu lugar

O que vou contar agora é o último episódio, depois vou deixá-los, peço que me perdoem. Uma tarde do mês de maio, após o almoço, eu estava sentado no meu quarto, cochilando, quando vi Dom Bosco:

– Oh, senhor Dom Bosco!

– Ainda não o nomearam cônego na catedral?

– É claro que não!

– E por que não?

– Não sei.

– Se não o nomearem cônego desta vez, azar deles! Venha comigo.

Eu o segui. Fomos à catedral, onde havia uma bela escada que levava à sala do capítulo. Dom Bosco ia na frente, e eu o seguia. Ele, que – me lembro muito bem – andava muito devagar, porque tinha problemas nas pernas, subiu aquela escada como um juvenzinho e eu, que na época era mesmo muito jovem – agora as minhas pernas pesam como chumbo –, mal conseguia acompanhá-lo. Pensei: “Oh, meu Deus! Se Dom Bosco olhar para trás e me vir nesse estado, o que vai pensar de mim?”. Mas ele não olhou para trás. Abriu a porta da sala e, no banco onde se vestem os cônegos, apanhou um livro, um daqueles enormes breviários que se usavam naqueles tempos, e me disse:

– Este é o seu lugar.

E desaparece. “Dom Bosco me nomeou cônego! Quem sabe o que acontecerá? São sonhos, é verdade, mas com Dom Bosco não se brinca.”

Algumas semanas depois, o bispo me chama:

– Veja só o que escreveram de Roma. Você foi nomeado cônego da catedral, e justamente no dia de Maria Auxiliadora, a quem

você tem tanta devoção. Está contente?

– Muito contente, duplamente contente.

Quando fiz o juramento, estava justamente naquele lugar e o padre Cavigioli abriu aquele breviário na mesma página em que Dom Bosco o abrira!

Dom Bosco já sabia

No dia de São João Batista, como vocês sabem, era costume fazer a festa de Dom Bosco. O padre Francesia tinha feito para aquela ocasião uma bela poesia em homenagem a ele. Eu estava no quarto ano do ginásio e fui incumbido de recitá-la. Quando chegou a minha vez, declamei a poesia, com o papel na mão, mas toda de cor! E depois, todo orgulhoso, desci os degraus do palco e me dirigi a Dom Bosco para lhe entregar o escrito, como era costume. Mas Dom Bosco me disse:

– Não, não, primeiro beije o anel do seu bispo – à direita de Dom Bosco estava o bispo de Novara.

E o bispo:

– Ah, mas o senhor, padre João, o conservará consigo.

– Não, não, este é para Novara.

Então beijei o anel do bispo e desci. Isso para mostrar que Dom Bosco nunca disse que eu me tornaria salesiano.

Mas eu sei que quando o Senhor me chamar, com certeza vai me perguntar também: “Por que não se tornou salesiano?”. E eu poderei dizer: “Mas não desobedeci a Dom Bosco ao não me tornar salesiano, porque ele nunca me pediu que o fizesse”. Mesmo assim, Dom Bosco me perdoará, porque, naquele dia em que tomou a minha mão pela primeira vez e depois a largou, deixou em mim tal impressão que eu o teria acompanhado por toda a vida. Ele viu todos os meus passos.

Acreditem ou não: Dom Bosco viu até mesmo este momento,

viu também vocês!

Essa afirmação é surpreendente e cada um poderá interpretá-la como achar melhor. Contudo, ela nos obriga a perguntar: é possível levar uma existência marcada por alguém que não existe mais? No plano humano, a resposta é um dado freqüente e experimentada por muitos: pode-se viver com “o amigo que se foi e com o que se foi em nós”, como dizem os versos do poeta. No plano da fé, essa realidade é duplamente verdadeira em virtude do mistério da comunhão dos santos, nos quais está expressa de forma mais luminosa a face humana e divina de Cristo e com os quais é sempre possível um encontro de amor atual, permanente, proporcional ao grau de fé e de conhecimento do santo. O padre Cassani não estava errado.

Capítulo VI

Padre Eugenio Ceria

Padre Eugenio Ceria nasceu em Biella, em 4 de dezembro de 1870, e morreu em Turim, em 21 de janeiro de 1957. Foi um humanista brilhante, comentador dos clássicos, diretor de institutos salesianos e, nas últimas décadas da sua vida, teve o seu nome ligado sobretudo aos últimos nove volumes das *Memórias biográficas* (do volume XI ao XIX), aos *Annali della Società Salesiana* [Anais da Sociedade Salesiana – quatro volumes], à publicação do *Epistolario di Don Bosco* [Epistolário de Dom Bosco – quatro volumes] e a inúmeros outros escritos de teor salesiano: biografias, monografias, estudos... Uma produção enorme, como se vê, que só o escrupuloso uso do tempo, a férrea disciplina e o amor a Dom Bosco podem explicar.

Durante anos, acordava às 3 e meia da manhã; às 4 e quinze celebrava a missa na basílica, confessava, fazia a meditação; depois de um frugal desjejum, começava o trabalho, que se

estendia por doze ou treze horas. Todos os que o conheceram se lembram da doce imagem, da atitude contida e reflexiva, do rosto em que se difundia um leve sorriso e da profunda humildade.

Não foi aluno do Oratório. Devido às boas referências recebidas do seminário de Biella, onde o jovem tinha feito os estudos ginasiais, Dom Bosco não hesitou em admiti-lo diretamente ao noviciado de San Benigno, em 1885.

Ali conheceu Dom Bosco e dele se tornou íntimo, como ele mesmo revelou em uma conversa com um grupo de jovens salesianos no mês de março de 1954.

É bastante consolador constatar como há algum tempo, entre confrades jovens e muito jovens, se difunde uma espécie de anseio de conhecer melhor e mais profundamente Dom Bosco. Isso é ótimo, sem dúvida. E não é de admirar que os que têm essa meta se considerem afortunados em poder entrar em contato com os que tiveram a sorte de ouvir e ver Dom Bosco e de falar com ele. Sem dúvida, é bom poder dizer: *Quod audivimus, quod vidimus oculis nostris, quod perspeximus... annuntiamus.*⁵¹ É mesmo muito bom! Então tentarei dizer algo que possa interessar.

Como cheguei até Dom Bosco

Muitos já mencionaram o poder de atração de Dom Bosco. Esse seu poder não se limitava aos mais próximos, mas também aos que estavam distantes, e de várias formas. Pude experimentá-lo.

Um dia – estava no quarto ano do ginásio e conhecia Dom Bosco e os salesianos apenas de ouvir falar –, eu e alguns dos meus colegas procuramos dois sacerdotes: um do lugar e outro de fora, que viera pregar o mês de maio na catedral. Conversavam entre si e gostavam que escutássemos o que diziam. A certa altura o padre da cidade perguntou ao forasteiro:

– Conte-me algo sobre Dom Bosco, sei que o senhor esteve em

Turim – creio que pregara também na igreja de Maria Auxiliadora
–. Conte-nos alguma novidade.

O sacerdote forasteiro se pôs a falar de Dom Bosco com admiração e afeto, depois exclamou:

– Oh! Dom Bosco é tão carinhoso com os seus meninos. Imagine... responde pessoalmente às cartas deles.

Pois bem, eu que só conhecia Dom Bosco de nome, naquele momento fiquei muito impressionado. Aquelas palavras, que parecem até insignificantes, ditas daquele modo, tomaram conta do meu espírito, a ponto de o orientarem inteiramente para o nome de Dom Bosco. A partir daquele momento, descobri em mim o desejo de me libertar de tudo para “ir até Dom Bosco”, como se dizia então. E vejam que eu nunca tinha saído da minha cidade, nunca tinha tido a menor idéia do que significava ficar longe da família. Mas a partir daquele momento passei a ser outra pessoa.

Todos os dias recitava a oração a Nossa Senhora para a vocação, que tinha no *O jovem instruído*, e não sosseguei enquanto não encontrei um jeito de iniciar alguma prática que me levasse a seguir o meu ideal.

Os nossos psicólogos podem dizer o que quiserem sobre o efeito que aquelas palavras insignificantes produziram em mim. Eu contei apenas o que aconteceu comigo. Foi o nome de Dom Bosco que me conquistou por inteiro, justamente naquele momento.

Cuidado com a bela virtude

No ano seguinte, em 1885, depois de concluir o ginásio, Ceria recebeu uma carta do padre Barberis, em nome de Dom Bosco, chamando-o a Turim para fazer os exercícios espirituais em San Benigno, após a Anunciação.

Naquele ano, a festa da Anunciação caía num sábado, por isso era preciso deixar passar o domingo. Na segunda-feira, à hora

marcada, eu estava no Oratório, acompanhado do meu pai, que me deixou ali. E fui a San Benigno. Dom Bosco ficou conosco durante todo o tempo dos exercícios. Ficávamos impressionados em vê-lo ali à mesa, no nosso grande refeitório, no meio dos

superiores que o circundavam. Mas naqueles dias não falou em público, em nenhuma circunstância.

Eis uma outra experiência. O padre Barberis, não sei por que razão, teve a idéia de marcar para mim uma audiência particular com Dom Bosco. Ora, eu sabia que seria uma honra, mas não fiquei muito entusiasmado porque não conhecia muito Dom Bosco. Fiquei contente, sem dúvida, e fui. Dom Bosco fez com que eu me sentasse em um sofá próximo e se sentou na cadeira da sua escrivaninha voltado para mim. Fez-me algumas perguntas, depois – agora vem a melhor parte – fixou em mim os seus olhos penetrantes, assumiu um tom sério e me disse:

– Cuidado com a bela virtude.

Eu ainda não sabia o que significava “bela virtude”, mas adivinhei o que ele queria dizer. Nunca ouvira aquela frase antes. Pois bem! Aquelas palavras ficaram gravadas na minha mente tão profundamente, que posso ouvi-las agora como as ouvi há sessenta e nove anos. Exatamente iguais. Aliás, me permito acrescentar que em cinco circunstâncias da minha vida a lembrança daquele olhar, daquela postura e daquela voz me salvou! Nunca falei dessas coisas em nenhuma circunstância. Vejam bem, é um caso de eficácia da palavra de Dom Bosco, um caso verdadeiramente prodigioso, que ouço ainda hoje – como digo – e, não importa o que ocorra, basta que aquelas palavras voltem à minha mente e tudo fica bem.

Como um herói

O padre Barberis teve a gentileza de lhe proporcionar outro encontro pessoal com Dom Bosco. Faltavam ao padre Ceria dois meses, devido à sua idade, para fazer a profissão com outros companheiros diretamente com Dom Bosco. Isso poderia ser motivo de sofrimento, pensava o professor.

– Vamos tentar falar com Dom Bosco!

E foi o que fez.

Lembro-me sempre que quando estava lá fora, esperando para entrar, tinha consciência da minha sorte em poder falar com um grande santo como Dom Bosco! Chegava a sentir isso e tinha a alma repleta de satisfação. Entrei. Ele me acolheu paternalmente, me fez algumas sugestões e terminou, dizendo:

– Pois bem! Agora continue *sicut gigas ad currendam viam*.⁵²

Vejam só que sutileza. Quando estava saindo, ao abrir a porta ouvi os meus colegas cantarem na igreja (era domingo): *Sicut gigas ad currendam viam*.

Estou feliz...

Tive ainda uma lembrança de Dom Bosco, mas essa me deixou muito desiludido. É provável que vocês já conheçam esse episódio – há alguma alusão a ele em *Dom Bosco com Deus*. Em 1887, nós, os seminaristas, deixamos San Benigno para passar as férias em Lanzo, e naquele ano Dom Bosco também estava presente. Havia ficado lá um mês, mas quase nunca o víamos. Víamos apenas quando o levavam na charrete pela estrada que circunda aquelas colinas. Levavam-no às margens do Stura: ele gostava de ouvir o rio correndo, o ar fresco das montanhas. O padre Viglietti e outros lhe faziam companhia.

Assim, numa manhã, não sei o motivo, eu não estava estudando

⁵¹ “O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos (...) isso anunciamos” (1Jo 1,1). [n.e.]

com os meus colegas. Subi a escadaria do colégio para ir estudar. Ao chegar ao primeiro andar, deparei com Dom Bosco em pé, sozinho, inteiramente absorto. Imaginem! Dei um pulo e corri para lhe beijar a mão. E Dom Bosco olhou para mim e perguntou o meu nome. Eu disse. Então teve uma atitude que também poderia ser interpretada como de grata surpresa. Depois me disse, pausadamente:

– Estou feliz...

Imaginem, eu estava ansioso para saber como terminava a frase, mas naquele instante chegou padre Viglietti, que lhe ofereceu o braço, e Dom Bosco, dócil como uma criança, se deixou levar, não sei para onde. Nunca soube como aquela frase terminaria!...

Dom Bosco tinha o dom de fazer com que todos os que o cercavam se entusiasmassem pela Congregação. Quando veio receber a profissão, havia mais de uma centena de clérigos ao seu redor. O santo estava sentado no centro da capela, porque não podia falar muito alto. E começou assim:

– Vejam: vocês são muitos aqui. Mas se já estivessem em condições de se tornarem diretores, eu saberia aonde enviar vocês a partir de amanhã.

Naquela época era surpreendente ouvir algo assim. Imaginem! Haver lugar para uma centena de diretores?

Ao redor de Dom Bosco

Animava-nos, nos ligava à Congregação, fazia com que gostássemos dele como filhos.

Deixei Lanzo com um companheiro para ir a Valsalice atender ao serviço da sacristia e Dom Bosco também estava lá. Como não fazíamos os exercícios, saíamos à noite, durante a meditação. Dom Bosco costumava ficar sentado no vão de uma janela do corredor. Ficávamos de joelhos ao seu redor, o meu companheiro e eu: havia também um certo padre Gaveski, polonês muito

instruído, e algum outro. Ficávamos ali, de joelhos. Dom Bosco quase nunca dizia algo, porque tinha muita dificuldade em falar. Estávamos em agosto de 1887. Lembro, entre outras coisas, que o padre Gaveski mencionou uma biografia de Dom Bosco, que tinha visto um pouco antes, escrita por um alemão, observando que o biógrafo dizia que Dom Bosco provinha de uma família abastada. Assim que ouviu isso, Dom Bosco disse:

– Não! Não! De uma família pobre! Diga ao autor para corrigir!

O padre Ceria continua:

Ao final dos exercícios, após a bênção e o te-déum, todos saíram da igreja. Eu também estava indo embora, quando se ouviu uma voz:

– Dom Bosco vai falar!

E, de fato, ele estava deixando a sacristia e se encaminhava para a frente. Chegou ao balcão, apoiou as mãos e disse mais ou menos o seguinte:

– Meus caros, vocês fizeram os exercícios, mas espero que ninguém cometa o erro de sair daqui com a consciência confusa.

E depois contou um episódio. Havia um padre em uma cidade muito distante, gravemente doente, no fim da vida. Ao saber que chegara à cidade um sacerdote de muito longe, quis vê-lo. Esse sacerdote atendeu prontamente ao pedido. Assim que pôs os pés no quarto do doente, este exclamou: “Oh, graças a Deus! Eu precisava muito me livrar de uma confusão”. E morreu. Foi o que Dom Bosco contou. O padre Viglietti, não sei com qual fundamento, dizia que o caso acontecera em 1883, com o próprio Dom Bosco em Paris. Não sei... Seja como for, diante do modo como ele falava, dos detalhes que contava, podia muito bem ser Dom Bosco em Paris.

30 de janeiro de 1888

Não quero deixar de falar da visão que tive de Dom Bosco vivo

pela última vez, em 30 de janeiro de 1888. Então, todos estavam convencidos de que Dom Bosco tinha as horas contadas. O padre Barberis tinha sido avisado. Havia três meses e meio nós estávamos em Valsalice, onde tomamos o lugar dos nobres. O padre Barberis, de repente, ordenou que fôssemos vê-lo mais uma vez. Já estava anoitecendo. Descemos a Valdocco, mas não nos deixaram chegar perto da sua cama. Desfilávamos diante da portinhola que ficava na frente do seu leito. Oh! Se eu pudesse descrever a impressão que Dom Bosco deixou em mim naquele momento! Não consigo, mas posso vê-lo, até mesmo ouvi-lo. A cabeça apoiada no travesseiro, mas sem estar largada, como é natural em casos como esses. De modo algum! Dom Bosco estava lúcido, calmo, recolhido. Fiquei muito impressionado. Todos sabem o que aconteceu depois. Só o reví exposto na igreja de São Francisco de Sales e então tive a impressão de que dormia tranquilamente.

Alguém me disse, mais ou menos há três dias: “Encontramos no Arquivo [Salesiano Central] uma carta que dom Cagliero escreveu ao padre Costamagna na Argentina que dizia que o corpo de Dom Bosco exalava um perfume de rosa”. Quis ver com os meus próprios olhos aquela letra feia do padre Cagliero. Dizia exatamente isto: “Inspirava uma fragrância de rosa”. Bem! É um testemunho que tem o seu valor, vindo de quem vem.

Assim termina o relato direto do padre Ceria, mas podemos completar com este outro episódio narrado por ele.

Acredita-se que os salesianos sejam por definição barulhentos. É um exagero. Houve uma época em que se discutiu na Congregação se o recreio moderado da tarde e da noite dos exercícios espirituais devia ser abolido, para fazê-los em silêncio absoluto. O Conselho Superior discutiu o assunto na presença de Dom Bosco. Na hora de votar, houve seis votos a favor dos dois recreios moderados e um só em favor do silêncio rigoroso. Pensou-se que o voto favorável ao silêncio absoluto tivesse sido dado pelo padre Rua. Encontrei no

⁵² “Como um herói que percorre o caminho” (Sl 19,6). [n.e.]

Arquivo uma nota do padre Cartier em que se lê: “O padre Rua me disse que o voto em favor do silêncio completo nos exercícios tinha sido de Dom Bosco”.

O padre Ceria concluía: “Quanto se fala muito, faltam duas virtudes: o espírito de recolhimento vai embora e se perde o espírito de trabalho”.

Capítulo VII

Francesco Piccollo

Francesco Piccollo nasceu em 8 de abril de 1861, em Pecetto Torinese, agradável cidade sobre as colinas da Maddalena, que liga Turim às terras do Chierese.

O fato de ser quase conterrâneo de Dom Bosco marcou a relação que teve depois por toda a vida, não apenas com o ambiente, mas sobretudo com o coração de Dom Bosco e a sua missão.

Foi em Pecetto que Dom Bosco, ainda diácono, ao substituir um sacerdote que chegara atrasado, improvisara com sucesso o sermão sobre Nossa Senhora do Rosário para a festa da padroeira de 1841. O sacerdote que o ajudara a elaborar esse exórdio de oratória admirável fora o teólogo Cinzano, ecônomo em Castelnuovo d’Asti até 1840, depois pároco na mesma cidade até à sua morte, ocorrida em 1870. Foi sempre um grande benfeitor de Dom Bosco.

Por insistência do cardeal Cagliero, o padre Piccollo escreveu cerca de sessenta páginas sobre as suas *Recordações de Dom Bosco*, conservadas no Arquivo Salesiano Central.

Trata-se de páginas inéditas intensas e profundas relativas a Dom Bosco, em algumas passagens redundantes e enfáticas, mas que não incomodam, porque indicam o seu grande amor pelo santo dos jovens. Vamos reproduzir alguns trechos integralmente, embora com pequenos retoques.

Acompanhamento espiritual

O jovem Piccollo, que desejava ardentemente estudar para se tornar sacerdote, foi enviado a Valdocco pelo seu pároco.

Ali escolheu Dom Bosco como confessor e diretor espiritual. No rapaz de temperamento amável e jovial, de espírito puro como um dia de primavera e muito inteligente, o santo viu logo que Deus lhe confiava outro pequeno Domingos Sávio. Daí a sua predileção por esse jovem predestinado e o seu cuidado especial em ajudá-lo a descobrir o projeto de Deus para a sua vida e amadurecê-lo gradualmente. A expressão “acompanhamento espiritual” não é mencionada por Dom Bosco, mas revela a sua essência, o seu método educativo e a sua atividade de padre educador e pastor, como sabemos.

O pequeno Francesco, por sua vez, não tardou em descobrir nele o modelo de sacerdote e de apóstolo que gostaria de se tornar e colaborou generosamente com tudo o que lhe era sugerido e aconselhado.

O padre Piccollo descreve a maneira como o santo dos jovens dirigia espiritualmente os seus penitentes:

Assim que tive a oportunidade, escolhi Dom Bosco como confessor e me encantei com a sua bondade. Ele era breve, simples, e aquelas poucas palavras que dizia, embora dessem a impressão ao penitente de que não tardaria a esquecê-las, atingiam o seu objetivo e atendiam à necessidade da alma.

Nessas poucas palavras, é possível perceber uma descrição exata e precisa de como Dom Bosco confessava e da sua capacidade de conquistar a confiança dos jovens.

Não menos intensas, na sua vida oratoriana, eram as palavras de Dom Bosco nas boas-noites:

O modo paterno e eficaz com que Dom Bosco falava aos jovens

ao dar a boa-noite, as suas palavras, especialmente na ocasião da novena da Imaculada, tinham algo de paradisíaco: eram como um bálsamo para a alma.

O santo o atraía com uma força irresistível e lhe repetia as afetuosas palavras bem conhecidas: “Devemos ser sempre amigos”, enchendo-o assim de uma alegria sempre renovada.

Uma tarde, Dom Bosco previu que um dos jovens morreria. O espírito sensível do jovem ficou muito impressionado. Foi se confessar com Dom Bosco:

Como estava morto de medo de ser eu o destinado a morrer, não pude deixar de manifestar o meu estado de angústia a Dom Bosco, e, soluçando, me atirei nos seus braços, dizendo:

– Dom Bosco, tenho medo de ser eu aquele que deve morrer; me diga se é verdade.

O santo garantiu que não seria ele; antes, que viveria por muito tempo.

Em uma boa-noite especial o santo viu a futura vocação dos seus jovens e permitiu que lhe fizessem perguntas sobre isso. Como muitos outros, Francesco, após a confissão, também lhe perguntou qual seria o seu destino, e Dom Bosco lhe respondeu:

Você só tem dois caminhos: o do mundo, amplo e florido. Se escolher esse, terá muitas honras e riquezas, tudo irá bem diante do mundo, mas no fim do caminho, vi o precipício no qual você deverá cair. O outro caminho é empedrado e estreito, cheio de dificuldades, mas também vi que terminava num jardim maravilhoso: foi o religioso.

Nele você terá muitos sofrimentos. A escolha é sua.

O jovem Piccollo, sem a menor hesitação, respondeu: “Tenho a impressão de que nasci para ser filho de Dom Bosco e

sacerdote”. Em um encontro posterior, Dom Bosco lhe perguntou se continuava decidido a se tornar salesiano. A resposta foi clara. Então, o santo, como se lesse o seu futuro página a página, lhe disse: “Você vai trabalhar muito (...), mas se lembre bem do que lhe digo, você vai sofrer muito, muito mesmo, muito mais do que pode imaginar, mas no fim terá o paraíso”. Os últimos vinte anos de Piccollo foram realmente um duro e contínuo calvário.

Depois de completar o período como aspirante e noviço, Piccollo foi para Lanzo Torinese para fazer os exercícios espirituais, com vistas à profissão religiosa. Quem os pregou foi o próprio Dom Bosco, que deixou no espírito sensível do jovem uma impressão indelével: “Ele era acima de tudo eficaz e prático e eu tinha imenso prazer em ouvi-lo. (...) Dava a impressão de querer transfundir o seu coração nos seus filhos”.

Ao final dos exercícios, em 26 de setembro de 1877, Piccollo emitiu os votos trienais. Dom Bosco ficou contente, mas não muito. Esperava mais. Dissera aos seus colaboradores mais próximos: “Os votos trienais trazem mais prejuízos que benefícios”. De fato, ao final do triênio, não poucos deixavam a Congregação. O padre Piccollo observa:

Dom Bosco me chamou de lado, no pátio, e me disse:

– Por que você fez apenas os votos trienais e não os perpétuos?

Fiquei confuso com essa pergunta e respondi em dialeto:

– Não tive coragem; tive a impressão de que não estava bastante

maduro e não tinha virtudes suficientes.

Dom Bosco sorriu para ele, admirando a sua humildade. Fará os votos perpétuos ao final do triênio em Randazzo, na Sicília.

Começou o seu primeiro apostolado em Ariccia, perto de Roma. No ano seguinte, integrou o pequeno grupo de salesianos enviado a fundar a obra salesiana na Sicília, onde permaneceu durante quase trinta anos: primeiro como professor, depois como diretor na Catania, em San Filippo (1891-1892) e em San Gregorio (1892-1901). Por fim foi inspetor na inspetoria sícula (1901-1907).

Nos passos de Dom Bosco

A predileção do santo dos jovens, em vida, pelo clérigo e depois pelo sacerdote Francesco Piccollo não apenas nunca diminuiu, mas até aumentou, quando a Sicília o mantinha longe dele.

A atividade desenvolvida nos vários ambientes de vida salesiana tem algo de extraordinário. Antes de partir para a Sicília, ao revelar um certo descontentamento a Dom Bosco por lhe haverem confiado a escola das crianças, o santo lhe disse:

Se os meninos forem pequenos, você estará na companhia dos anjos. O que lhe recomendo é que procure torná-los bons e todos os dias conte a eles algum episódio da história sagrada, da vida dos santos ou de Nossa Senhora. Assim, você obterá primeiro o prazer de dar aula de bom grado, terá mais facilidade em obter disciplina e depois o Senhor lhe mostrará o quanto lhe agrada esse sistema de educação cristã.

Piccollo não esqueceu mais essa recomendação de Dom Bosco e Nossa Senhora lhe deu um sinal grandioso da sua benevolência. Num dos dias da novena da Imaculada Conceição, quando dava aula em Randazzo, contou, como sempre fazia nos últimos quinze minutos de aula, uma intervenção mila-

grosa da Virgem Maria, que se pode ler na vida de São Filipe Néri, e prometeu narrar um episódio ainda mais bonito no dia seguinte. Depois garantiu aos seus alunos que Nossa Senhora os protegeria sempre se soubessem pedir a ela.

Após a oração, ordenei que saíssem em fila. Os alunos deviam sair em fila pelo corredor, esperando que eu os acompanhasse até a portaria. Quando os alunos das últimas carteiras saíram, eu também deixei a sala, mas não havia percorrido dois metros quando tudo sacudiu de repente e se ouviu um tremor terrível como o de um terremoto. Os jovens, aterrorizados, gritavam, e eu, me aproximando da porta da minha classe, vi que a escola não mais existia: o pavimento tinha afundado...

O prodígio nunca foi esquecido.

O oratório de São Filipe Néri deve muito à habilidade e ao incansável zelo do padre Piccollo. Dom Bosco que, mesmo distante, acompanhava com vivo interesse as atividades dos seus filhos na ilha do sol, estava inteirado especialmente da atividade oratoriana do seu filho predileto. Poder-se-ia dizer que, por um fenômeno de clarividência, via os jovens oratorianos como se os conhecesse diretamente. “Um dia me disse: conheço os seus jovens. São mais de cem e passam anos e anos sem cometer pecados graves.” Costumava dizer que o oratório de São Filipe Néri “era o primeiro da Congregação, depois do de Turim”. Duas coisas o consolavam: o amor e a devoção a São Domingos Sávio e o fato de “os jovens serem realmente bons”. Afirma o padre Piccollo:

Declaro sem sombra de dúvida que a última vez que conversei com Dom Bosco, para minha admiração, me disse os nomes dos principais jovens do Oratório e falava deles como se os tivesse visto sempre.

Nos seus escritos, o padre Piccollo nos deixou um breve

retrato de Dom Bosco, do qual assinalamos apenas estes três aspectos. O primeiro, sobre a pureza do santo.

Sua pessoa foi e ainda está presente em minha vida circundada de uma pureza virginal absoluta: o esplendor dessa virtude transparecia em cada um de seus gestos, em cada uma das suas palavras. Era um anjo em carne e osso: ao falar, cantava as belezas da pureza como nenhum outro homem é capaz de fazer; ao olhar, tinha tal modéstia, que conseguíamos ver com dificuldade aquelas pupilas maravilhosas cheias de fogo pelo amor de Deus (...). Se, às vezes, ao falar à noite ou ao pregar fora do comum, ficava animado de um zelo e uma força capazes de fazer estremecer, isso ocorria muito raramente quando invectivava contra o mau exemplo.

O segundo, sobre a oração:

A segunda impressão é que ele estava sempre rezando e que a sua união com Deus era contínua. (...) Esse santo amor estava tão presente nele, que quem se aproximava sentia logo a presença de um serafim.

Sabia se elevar a Deus “sem ser cansativo, pesado, mas com uma naturalidade incrível”.

O terceiro aspecto diz respeito a Dom Bosco como doutor da pedagogia cristã. Segundo Piccollo, ele “teve uma missão muito especial na Igreja: a de ser o apóstolo da juventude e o doutor da pedagogia cristã”. A pedagogia de Dom Bosco está tão impregnada do divino, que a partir da sua prática “o Divino Salvador tem certeza de que a pupila dos seus olhos, a juventude que lhe era tão cara, é tratada com amor e carinho (...). Como doutor, aplicou o sistema do carinho na educação e traçou os novos rumos no admirável opúsculo intitulado *O Sistema Preventivo na educação dos jovens*”.

Sempre uma palavra e um sorriso

Ao final do seu relato, Piccollo ainda faz essa afetuosa revelação sobre a extraordinária paternidade de Dom Bosco:

Ele era substancial e absolutamente pai da juventude (...), um dom todo especial, porque parece que o Pai celestial quis circundá-lo de uma aura da sua paternidade divina e dar a ele um coração capaz de abraçar nos movimentos da sua caridade toda a juventude do mundo.

Assim, ele exorta cada salesiano a não negligenciar três pilares do seu talento de sacerdote educador e pastor da juventude. O primeiro:

Dom Bosco nunca ficava indiferente diante de qualquer menino. Se tivesse à sua espera um rei ou um papa e encontrasse um jovem no caminho, Dom Bosco nunca privava aquele jovem de uma boa palavra ou de um sorriso, com a desculpa de que devia encontrar aquela pessoa importante. (...) O salesiano quando tem oportunidade, não deve descuidar nada por qualquer menino, buscando o melhor modo de o ajudar e de o conquistar para Cristo.

O segundo:

No menino que tinha diante de si, Dom Bosco nunca via o menino de hoje, mas o homem de amanhã. Portanto, nele nunca se observou nada que pudesse deixar uma impressão pouco favorável em seguida.

No opúsculo sobre o Sistema Preventivo, o santo via longe, ao escrever “que se observou que os jovens não esquecem os castigos sofridos, e quase sempre conservam a amargura com o desejo de se livrar deles ou até de se vingar”.

E o terceiro:

Dom Bosco tinha muita confiança no sucesso de todos. Com exceção dos que blasfemavam, furtavam ou cometiam atos censuráveis, nunca mandava ninguém embora. Os jovens que hoje

parecem maus porque estudam pouco, ou que são muito vivazes e parecem pouco piedosos, serão talvez os melhores...

Nesse resumo das lembranças do padre Piccollo não falamos das doenças que sofreu nos últimos vinte anos de vida, que imprimiram nele as marcas da paixão de Cristo, suportada com fé e amor. Contudo, mesmo prescindindo desse tema essencial, o perfil do padre Piccollo sobressai como o de um salesiano muito importante pela riqueza das suas qualidades humanas, que todos admiravam, pelo amor por Dom Bosco, pelo zelo apostólico e pelo acurado conhecimento e fidelidade ao carisma salesiano. Morreu em 8 de dezembro de 1930, no dia da Imaculada Conceição, como previra. Suas últimas palavras foram: “Este é o melhor dia da minha vida!”.

Capítulo VIII

Padre Giovanni Vallino

Padre Giovanni Vallino nasceu em Benevagienna, em 7 de outubro de 1871, e morreu em Lanzo Torinese, em 31 de janeiro de 1949. Foi aluno do Oratório de 1882 a 1887. Seu espírito foi plasmado no fascínio daqueles anos em que Dom Bosco comovia o mundo com a sua obra prodigiosa. Foi um dos alunos que viu o bom padre voltar de Paris com a batina cortada pelos admiradores, desejosos de possuir alguma relíquia. Foi o jovem – e essa é uma das suas glórias salesianas – que segurou com as próprias mãos o saquinho de avelãs multiplicadas por Dom Bosco em 3 de janeiro de 1886. Aquele milagre, ocorrido diante dos seus olhos, produziu nele uma impressão indelével: nunca a santidade de Dom Bosco lhe pareceu tão grande e próxima. Mas ele também tinha sido protagonista de um evento, ao mesmo tempo feliz e infeliz, justamente no dia da sua vestição, que recebeu de Dom Bosco em Foglizzo, no dia 20 de outubro de 1887.

Dom Bosco estava, então, no limite das suas forças – dentro

de poucos meses seria levado ao paraíso –, mas não quis privar os seus noviços de Foglizzo da alegria da sua presença. Após a cerimônia da vestição, quis permanecer com eles e honrá-los na hora do jantar. O seminarista Vallino teve a grata tarefa de o servir à mesa. O serviço exigia que os pratos fossem levados do plano inferior ao superior, por meio de uma escada de dois lances bastante íngreme. Em tempos normais, não era problema. Mas naquela noite o jovem vestia, pela primeira vez, uma longa batina que lhe chegava aos pés e que com certeza não facilitava sua função. O servente precisava agir com cautela, porque, com as duas mãos ocupadas por pratos e travessas, não tinha como levantar a batina se fosse preciso. As primeiras tentativas não foram ruins, mas, de repente, o improvisado equilibrista, para não deixar cair tudo o que tinha nas mãos, pisou forte na sua batina, produzindo um grande rasgo! Por força teve de comparecer diante de Dom Bosco naquele estado.

O santo não deixou de notar o embaraço e a humilhação do querido seminarista, que inaugurara do pior modo a roupa nova recebida algumas horas antes. Olhou o rasgo e, sorrindo, pediu-lhe que se aproximasse e o confortou com estas palavras: “Não fique chateado. A irmã que cuida das roupas logo consertará o estrago: tente apenas não rasgar nunca a obediência”. Vallino suspirou aliviado, e nunca mais esqueceu as palavras de Dom Bosco. Como salesiano, se distinguiu, até à morte, pela inabalável resistência ao trabalho, a paixão pela escola, o talento pedagógico e a devoção.

A sua jornada começava às 4 e meia da manhã; recitava o breviário do dia, e depois também o terço; então celebrava a missa, fazia a meditação e em seguida descia para ficar com os jovens, e não os deixava mais. Fez isso durante anos e anos.

Esse método talvez seja contrário às idéias modernas, mas para ele funcionava bem e o mantinha unido a Deus no duro trabalho cotidiano. O problema, tipicamente atual, de conciliar

a dimensão contemplativa e a ativa não existiu para os antigos salesianos. Encontravam a Deus facilmente tanto na oração quanto no trabalho, como lhes ensinara Dom Bosco.

Capítulo IX

Ludovico Costa

Ludovico Costa nasceu em Alpignano, Turim, em 11 de maio de 1871, e morreu em Bollengo, também em Turim, em 2 de fevereiro de 1944. Frequentou o ginásio em Lanzo, de 1884 a 1887, ainda a tempo de ter a sorte de receber diretamente de Dom Bosco, em repetidos contatos pessoais, o genuíno espírito do fundador. E era esse o único orgulho que aflorava da sua profunda humildade.

Estava no último ano, quando os superiores, para premiar as notas excelentes e o bom comportamento, o escolheram para ir a Turim jantar com Dom Bosco. Almoçar ou jantar com Dom Bosco era uma das aspirações mais ambicionadas dos jovens. Dom Bosco também tinha esse costume, que remontava a tempos distantes, porque lhe permitia conhecer melhor os jovens e atraí-los para a sua obra.

Tudo correu bem naquela ceia inesquecível, mas no final aconteceu algo que não parecia se enquadrar com as idéias habituais do jovem hóspede. Ele viu que os superiores que rodeavam Dom Bosco, terminada a ceia, um depois do outro, após um breve cumprimento a Dom Bosco, foram embora, deixando-o completamente só, na pálida luz da sala.

Quem está acostumado à vida salesiana sabe que, tanto depois do almoço como depois do jantar, os salesianos deixam o refeitório rapidamente: precisam cuidar dos jovens, têm as suas próprias atividades e mil outras coisas a fazer. Mas aquela solidão incomodava Dom Bosco que, se pode dizer, até então estivera sempre presente pessoalmente em todos os acontecimentos da casa. Agora se sentia velho e sem forças: restavam-lhe poucos

meses de vida e ele tinha consciência disso. “Tenho pouco tempo para viver”, dizia. “Os superiores da Congregação não querem aceitar esse fato, acreditam que Dom Bosco ainda viverá muito

tempo. Eu não me incomodo de morrer: o que me dá pena são as dívidas do Sagrado Coração.”⁵³ As verdadeiras preocupações de Dom Bosco eram sempre os interesses da Congregação. Ficava angustiado especialmente com as dívidas, que pesavam, afinal, ainda sobre os seus ombros e que gostaria de ver extintas antes de morrer. Mas não agüentava mais.

O jovem Costa, sentindo aquela solidão, chegou mais perto de Dom Bosco. O bom padre o olhou com afeto, depois lhe disse:

Veja, Ludovico, eu já fui tudo: tudo dependia de mim, era uma atividade incessante. Agora são eles que fazem tudo; às vezes se enganam e procuro ajudá-los; mas eles sabem o que fazem, estão maduros.

As palavras do santo acalmaram o jovem.

O fim da vida de Dom Bosco – que muitos demoraram a perceber, como dizia o padre A. Luchelli, mesmo os mais íntimos, que o adoravam – tem momentos comoventes. Essa solidão é uma prova. Contudo, devemos acrescentar que o catequista dos estudantes, o padre Stefano Trione, espírito delicado e sensível, após percorrer brevemente os quartos, subia ao refeitório, onde Dom Bosco, na penumbra, ficava aguardando. Então, o segurava delicadamente pelo antebraço e, servindo de apoio, o levava para o quarto. Ao se aproximar da porta, Dom Bosco tentava entrar, mas o padre Trione o convidava a parar um pouco e respirar o ar fresco da noite. Dom Bosco concordava: apoiava os cotovelos no parapeito, olhava o céu, fixava

longamente a igreja de Maria Auxiliadora e não podia deixar de se lembrar de muitas coisas de outra época. O padre Trione aproveitava o momento para lhe perguntar sobre os primeiros tempos, sobre a história do Oratório, sobre as suas viagens, e Dom Bosco contava esses episódios de bom grado.

Esses relatos, reproduzidos fielmente ao padre Lemoyne, passaram à história, incorporados às *Memórias biográficas*.

Conclusão

O ensaio que oferecemos é necessariamente incompleto e seletivo. Na medida que pode ter estimulado um conhecimento mais meditado e aprofundado da santidade apostólica de Dom Bosco – de absoluta pureza evangélica – terá, todavia, cumprido a sua missão. Esperamos que não deixe nenhum equívoco sobre o modelo de santidade expresso pelo santo. Autêntico e completo na essência, simples no método e na forma, como todas as coisas extremamente simples – como o ouro, por exemplo –, o seu preço é elevado e exigente. É, como o Evangelho, uma boa notícia, uma mensagem de amor, mas que passa pela via-crúcis, pelo martírio da cruz. De outro modo não seria cristão.

O que não deixa de surpreender em Dom Bosco é o fato de que a sua imersão no divino tenha ocorrido em uma existência marcada mais pela atividade externa que pela oração explícita. Aqui, enfatizamos mais uma vez, residem a grandeza e o perigo dessa santidade. Grandeza porque nele oração e ação – em relação dialética regida pela vontade de Deus – eram duas modalidades da sua imensa união com Deus, tanto nos seus momentos de oração como nos de trabalho; eram dois modos

intensos, nunca abandonados, de se referir ao ser e ao agir de Deus-Trindade. Com razão, essa forma de viver a santidade foi definida como a “graça de unidade” em Dom Bosco.

Mas, também existe o perigo, sobretudo no apóstolo, de que a ação se aliene e se banalize na busca da eficácia a qualquer preço. Desse modo, já não teria mais Deus como princípio, conteúdo, acompanhamento e fim da ação. Não seria mais – como foi para Dom Bosco – *scala paradisi*, “contemplação na atividade apostólica”. Os céus se fechariam sobre a sua cabeça.

Em Dom Bosco o homem moderno se reconhece de bom grado, como nos outros gigantes da santidade.

Em tempos difíceis e obscuros, retomando o que já dissemos no início, “as ações e os sofrimentos dos santos devem criar um novo alfabeto para desvelar novamente o segredo da verdade”, como afirma M. Baumgarten.

O alfabeto criado por Dom Bosco é, sem dúvida, sinal e mensagem válidos para o homem do nosso tempo. Sinal e mensagem que, cem anos depois da sua morte, não apenas não se enfraqueceram, mas aumentaram em importância e significado. Da cidade de Turim, nos recorda E. Viganò, o santo dos jovens realmente transmitiu “a todo o mundo uma grande mensagem: uma palavra para os séculos”.

⁵³ A igreja do Sagrado Coração, em Roma, teve suas obras interrompidas por falta de dinheiro. O papa Leão XIII então pediu a Dom Bosco para finalizá-la. Inaugurada em 14 de maio de 1887, o templo foi motivo de grande preocupação para o santo. [n.e.]

Esta obra foi composta pela divisão de
produção da Editora Salesiana e impressa
na gráfica das Escolas Profissionais Salesianas.